**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**Faculdade de Educação**

ANA BEATRIZ GASQUEZ PORELLI

# JOVENS EVANGÉLICOS E SUAS RELAÇÕES COM A ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

Campinas
2024

ANA BEATRIZ GASQUEZ PORELLI

# JOVENS EVANGÉLICOS E SUAS RELAÇÕES COM A ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

*Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Educação, na Área de Educação.*

Orientador: Dirce Djanira Pacheco e Zan

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA ANA BEATRIZ GASQUEZ PORELLLI, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. DIRCE ZAN.

Campinas
2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gustavo Lebre de Marco - CRB 8/7977

P824j

Porelli, Ana Beatriz Gasquez, 1989-
Jovens evangélicos e suas relações com a escola de ensino médio / Ana Beatriz Gasquez Porelli. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Dirce Djanira Pacheco e Zan.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação.

1. Juventude. 2. Ensino médio. 3. Evangelismo. 4. Sociologia educacional. I. Zan, Dirce Djanira Pacheco e. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação. III. Título.

Informações Complementares

**Título em outro idioma:** Evangelicals youth and treir relationships with high school
**Palavras-chave em inglês:**
Youth
High school
Evangelicalism
Educational sociology
**Área de concentração:** Educação
**Titulação:** Doutora em Educação
**Banca examinadora:**
Dirce Djanira Pacheco e Zan [Orientador]
Ronaldo Romulo Machado de Almeida
Ana Carolina Capellini Rigoni
Luís Antonio Groppo
Chantal Victoria Medaets
**Data de defesa:** 27-07-2024
**Programa de Pós-Graduação:** Educação

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0002-5073-7102
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/7607929879814159

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

# JOVENS EVANGÉLICOS E SUAS RELAÇÕES COM A ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

**ANA BEATRIZ GASQUEZ PORELLI**

**COMISSÃO JULGADORA:**

Dirce Djanira Pacheco e Zan

Ronaldo Romulo de Machado Almeida

Ana Carolina Capellini Rigoni

Luís Antonio Groppo

Chantal Victoria Medaets

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

2024

*Nem as religiões, nem os homens são livros abertos.*
*(WEBER, 1982, p.335)*

DEDICATÓRIA

Dedico essa tese a minha menininha, Elza, que veio fazer bagunça no meu trabalho, me deu o título de mãe enquanto eu queria ser doutora e me forneceu lentes para analisar coisas que eu não veria sem a experiência da maternidade.

# AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta tese, que marca o final de uma jornada de sete anos de doutorado, sinto-me profundamente grata a todos que me apoiaram e contribuíram para este trabalho. Vale lembrar que foram anos que atravessamos golpes, um governo sombrio e a pandemia da Covid-19 e, nesse caminho, tive a felicidade de encontrar pessoas queridas e dispostas a "não soltar a mão de ninguém". Por serem muitas pessoas envolvidas, não farei uma lista extensa para não correr o risco de me esquecer de alguém.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Dirce, por sua orientação, paciência e apoio inabalável ao longo deste percurso. Sua sabedoria e incentivo foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Aos integrantes da banca de qualificação e de defesa, professores importantes na minha trajetória e que fizeram toda a diferente na minha formação.

Aos membros dos diversos espaços de trabalho e grupos de estudo dos quais participei, sou grata pelas discussões enriquecedoras, pela troca de conhecimentos e pelo apoio mútuo que compartilhamos. Aos colegas que colaboraram nas produções acadêmicas e publicações ao longo desses anos, agradeço a parceria e pelas oportunidades de crescimento e aprendizado.

A minha filha, Elza, e ao meu esposo, Gabriel, por serem dengo, no sentido mais profundo dessa palavra ancestral: aconchego em meio ao duro cotidiano. Sem o apoio incondicional do Gabriel, esse trabalho não seria possível.

A minha mãe, Adriana, meu padrasto, Osvaldo, pelo apoio desde sempre em todas as minhas empreitadas na vida.

Aos meus amigos próximos, que estiveram ao meu lado em todas as circunstâncias, oferecendo palavras de encorajamento e apoio emocional, especialmente durante a pandemia. Esses anos de incertezas e desafios globais reforçaram a importância da amizade e do apoio comunitário.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Este doutorado é fruto de uma jornada coletiva, e sou imensamente grata por cada contribuição e apoio que recebi ao longo do caminho.

A todos, meu sincero agradecimento.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001".

## RESUMO

Este estudo, desenvolvido em uma perspectiva socioantropológica pautada pela sociologia disposicionalista-contextualista, teve o objetivo de identificar e analisar as relações entre a juventude e a religião evangélica e contribuir para a compreensão dos impactos do pertencimento religioso na relação da juventude com a escola. Foi realizado um acompanhamento etnográfico do Grupo Cristão (GC) (abril/2018 a dezembro/2020), atuante na Escola Técnica Estadual (Etec) localizada na cidade de Campinas - SP, composto por jovens cristãos, em maioria evangélicos. A partir desse contato, foram reconstruídas as trajetórias biográficas de 4 jovens evangélicos estudantes do ensino médio (3 meninas e 1 menino) que atuavam no GC, por meio da realização de entrevistas em profundidade e a construção de seus Retratos Sociológicos (Lahire, 2003). A partir dos Retratos, foi possível identificar que as conversões experimentadas pelos jovens implicaram uma reorganização prática das relações com o tempo e o espaço, redefiniram suas relações com o espaço escolar e regularam o comportamento cotidiano. As experiências cotidianas na escola são importantes balizadores na definição das visões de mundo e posicionamentos dos jovens evangélicos, para além de suas vivências na igreja e em suas famílias, demonstrando assim que a escola segue na disputa pela posição de centralidade na vida desses sujeitos.

## ABSTRACT

This study, developed from a socioanthropological perspective grounded in dispositionalist-contextualist sociology, aimed to identify and analyze the relationships between the youth and evangelical religion to understand the impacts of religious belonging on the youth's relationship with school. An ethnograpy of the Christian Group (GC) (April/2018 to December/2020) was conducted, active in the State Technical School (Etec) located in the city of Campinas - SP, composed mostly of Christian youth, predominantly evangelicals. Through this contact, the biographical trajectories of 4 evangelical high school students (3 girls and 1 boy) were reconstructed by conducting in-depth interviews with these subjects and presenting their Sociological Portraits (Lahire, 2003). From these portraits, it was possible to identify that the conversions experienced by the youth implied a practical reorganization of their relationships with time and space, reshaping their interactions within the school environment and regulating their daily behavior. Daily experiences at school serve as important determinants in shaping the worldviews and stances of evangelical youth, beyond their experiences in church and within their families. This demonstrates that the school still remains in contention for centrality in the lives of these individuals.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfil dos sujeitos entrevistados

Tabela 2. Profissão e escolarização dos responsáveis do grupo familiar dos participantes

Tabela 3. Entrevistas realizadas distribuídas em data, horário e local

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. Localização da escola e de moradia dos sujeitos da pesquisa

Imagem 2. Amanhecer na cidade e jovens estudantes em direção à escola.

Imagem 3. Intervenção feminista no espaço escolar, iniciativa do grêmio estudantil

Imagem 4. Etec vista de cima e sua estrutura

Imagem 5. Momento de louvor do GC reunido no salão nobre.

Imagem 6. Folder convite para reunião do GC

Imagem 7. Vacinação dos jovens (segundo semestre de 2021)

Imagem 8. Autorretrato de Maria

Imagem 9. Localização de moradia de Maria e distância da Etec.

Imagem 10. Mapa de amizades - Maria

Imagem 11. Imagens da cidade fotografadas por Maria e publicada em sua página pessoal do Instagram

Imagem 12. Bíblia fotografada por Maria.

Imagem 13. Círculo de amigos da sala de aula de Maria.

Imagem 14. Memorial da Resistência fotografado por Maria.

Imagem 15. Autorretrato de Rebeca

Imagem 16. Localização de moradia de Rebeca e distância da Etec

Imagem 17. Rebeca vestida de estudante de Hogwarts na Semana Paulo Feire da Etec

Imagem 18. Mapas de amizades – Rebeca

Imagem 19. Formatura de Rebeca.

Imagem 20. Autorretrato de Kaleb

Imagem 21. Localização de moradia de Kaleb e distância da Etec.

Imagem 22. Termo de responsabilidade pela Salvação assinado por Kaleb em 2015.

Imagem 23. Kaleb durante a pregação em evento que reuniu jovens na igreja nova.

Imagem 24. Kaleb com troféu de campeão do JIM 2016.

Imagem 25. Mapa de amizades – Kaleb

Imagem 26. Formatura de Kaleb – Despedida e agradecimento.

Imagem 27. Localização de moradia de Sarah e distância da Etec

Imagem 28. Mapa de amizades - Sarah

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfil dos sujeitos entrevistados

Tabela 2. Profissão e escolarização dos responsáveis do grupo familiar dos participantes

Tabela 3. Entrevistas realizadas distribuídas em data, horário e local

LISTA DE ABREVIAÇÕES E SIGLAS

**CAFin**: Ciência & Arte no Inverno

**Cotil**: Colégio Técnico de Limeira

**Cotuca**: Colégio Técnico de Campinas

**CPS**: Centro Paula Souza

**Etec**: Escola Técnica Estadual

**Etecap**: Escola Técnica Estadual Conselheiro Antônio Prado

**EMpesquisa**: Ensino Médio em Pesquisa (grupo de pesquisa)

**Enem**: Exame Nacional do Ensino Médio

**FEB/UNESP**: Faculdade de Engenharia de Bauru / Universidade Estadual Paulista

**FEBRACE**: Feira Brasileira de Ciências e Engenharia

**GPPES**: Grupo de Pesquisa em Política, Educação E Sociedade

**GC**: Grupo Cristão

**Ideb**: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

**IEQ**: Igreja do Evangelho Quadrangular

**IFSP**: Instituto Federal de São Paulo

**JIM**: Jogos Interescolares Municipais

**Precoltec**: curso pré-vestibulinho para colégio técnico

**PROUNI**: Programa Universidade Para Todos

**RMC**: Região Metropolitana de Campinas

**Sisu**: Sistema de Seleção Unificada

**UPA**: Unidade de Pronto Atendimento

**Unicamp**: Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ..... 17
Objetivos ..... 21
Organização dos Capítulos – Do retrato panorâmico ao foco preciso ..... 21
PARTE I ..... 24
VARIADAS ESCALAS DE OBSERVAÇÃO DOS JOVENS EVANGÉLICOS NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ..... 24
1. EM BUSCA DE UM RETRATO PANORÂMICO ..... 24
1.1. A inserção dos evangélicos no campo religioso brasileiro ..... 24
1.1.1. Religião evangélica na contemporaneidade: o contexto brasileiro ..... 26
1.1.2. Presença pública das religiões ..... 31
1.2. Situando os estudos sobre juventude e religião ..... 34
1.2.1. Relações da juventude brasileira com a religião ..... 36
1.2.2. Juventude, religião e processos educativos ..... 39
2. AJUSTANDO AS LENTES DE OBSERVAÇÃO ..... 43
2.1. Da escolha da escola ao encontro com os sujeitos da pesquisa ..... 43
2.2. Observando contextos ..... 53
2.3. Estudantes evangélicos no Bentão ..... 57
2.3.1. O Grupo Cristão do Bentão ..... 58
2.3.2. Atuações do GC: a influência da religião evangélica ..... 61
2.3.3. GC: “um grupo cristão sem denominação focado em falar de Cristo” ..... 66
PARTE II – FOCO PRECISO: OS RETRATOS SOCIOLÓGICOS ..... 71
1. A CONSTRUÇÃO DOS RETRATOS ..... 71
2. A JOVEM MARIA ..... 77
2.1. Primeiros contatos com Maria ..... 77
2.2. Contexto familiar e primeiras experiências religiosas ..... 78
2.3. A conversão de Maria ..... 81
2.4. Ascetismo escolar: Uma rotina estrategicamente estruturada em torno da escola com foco no futuro ..... 84
2.4.1. Experiências escolares: Trajetória de sucesso no ensino fundamental e médio ..... 89
2.5. Engajamento religioso no ensino médio ..... 93
2.6. Grupos de amizades ..... 95
2.7. Recapitulação dos pontos de análise ..... 99
3. A JOVEM REBECA ..... 102
3.1. Primeiros contatos com Rebeca ..... 103

3.2. Origem familiar e herança protestante ..... 104
3.2.1. Estilo de vida do grupo familiar ..... 109
3.2.2. Relação com os pais ..... 112
3.3. Primeiras experiências escolares ..... 117
3.4. Experiências escolares no Ensino médio no Bentão ..... 121
3.5. Das primeiras experiências religiosas ao engajamento religioso entre amigos ..... 129
3.6. Recapitulação dos pontos de análise ..... 134
4. O JOVEM KALEB MANOEL ..... 138
4.1. Primeiros contatos com Kaleb ..... 139
4.2. Contexto familiar ..... 140
4.2.1. O início do envolvimento da família com a religião evangélica: a conversão dos pais ..... 147
4.3. Experiência religiosa em família à “Top 10 mais cristão da sala” ..... 149
4.4. Experiências escolares: Um aluno bom quando se “esforça” ..... 154
4.4.1. Ensino médio no Bentão ..... 160
4.5. Recapitulação dos pontos de análise ..... 167
5. A JOVEM VITÓRIA SARAH ..... 169
5.1. Primeiros contatos com Sarah ..... 169
5.2. Contexto familiar ..... 171
5.2.1. O núcleo familiar ..... 174
5.2.1.1. Relacionamento com os irmãos: convívio e distinção ..... 180
5.3. Das primeiras experiências religiosas em família à conversão ..... 184
5.4. Primeiras experiências escolares ..... 189
5.5. Ensino médio no Bentão ..... 194
5.6. Círculos de amizades ..... 196
5.7. Recapitulação dos pontos de análise ..... 199
CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 202
REFERÊNCIAS ..... 208
APÊNDICE ..... 213
ANEXO ..... 219

## INTRODUÇÃO

O interesse pela temática da juventude e suas relações com a escola iniciou-se com a pesquisa que realizei no mestrado, entre os anos 2013 a 2015, na Faculdade de Educação Física da Unicamp, sobre os sentidos e significados da educação física para as juventudes do ensino médio[1]. Na dissertação, por meio de um Grupo Focal com jovens da escola pública, busquei apreender a relação que esses sujeitos estabeleciam com a Educação Física nos últimos anos da educação básica, bem como conhecer o que viveram no espaço escolar, suas críticas e opiniões a essa disciplina específica e à escola.

Ao dialogar com os jovens, no Grupo Focal, a religião evangélica surgiu como aspecto identitário importante para alguns participantes e suscitada por eles em diversos momentos da pesquisa. Ao apresentar-se diante do grupo ("eu sou cristã, evangélica, como todos aqui sabem e eu quero que saiba"); ao falar sobre seus vínculos de amizades dentro e fora da escola ("minhas amigas estão a maioria na escola, e a gente se encontra no sábado na igreja também); e com relação às suas práticas corporais ("eu faço balé numa academia evangélica e danço na igreja"). Sendo possível afirmar que, para parte dos pesquisados, as sociabilidades, as ocupações do tempo livre e as formas de gerir seus corpos estavam atreladas em alguma medida ao seu pertencimento religioso.

Isso me chamou a atenção, em um primeiro momento, por também ter vivido experiências com a religião evangélica durante a primeira fase da juventude, quando ainda era estudante do ensino médio. No entanto, para mim a religião se restringia à vida privada. Não era algo que eu "levava" comigo na escola. Talvez por estudar em escola confessional católica ao longo de toda educação básica (1993-2006) com minoria de estudantes evangélicos matriculados. Assim, como à época, também era a religião evangélica no Brasil, a qual ainda não contava com a visibilidade alcançada nos últimos 20 anos.

O segundo aspecto que me chamou a atenção, foram os episódios políticos que aconteceram pouco tempo após realizada a pesquisa de campo do mestrado. Presenciamos, enquanto nação, a ascensão da "onda conservadora"[2] que culminou no golpe institucional que

[1] PORELLI, Ana Beatriz Gasquez. Sentidos e significados da Educação Física para juventude(s). 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

[2]Segundo Almeida (2017), a "onda conservadora" é um fenômeno social e político que se intensificou no Brasil, particularmente a partir da segunda década do século XXI. Este movimento reflete o fortalecimento de valores tradicionais em várias esferas da sociedade, incluindo a política, religião e normas culturais. Essa onda é caracterizada por uma reafirmação das tradições e pelo aumento de discursos moralistas, em reação aos avanços das pautas progressistas, como os direitos LGBTQIA+,

tirou a presidenta Dilma e colocou em evidência atores políticos evangélicos. Assistimos, junto ao impeachment da presidenta, o prelúdio de tempos conservadores, a cada justificativa de voto dos parlamentares em nome da família, de Deus e outros símbolos morais e fundamentalistas. Então, passei a me indagar: Como os jovens percebem isso tudo? Sobretudo, esses jovens que estão nas igrejas evangélicas e buscam manifestar essa identidade religiosa na escola. Eles se reconhecem nesses atores políticos evangélicos?

Em 2016, escrevi um projeto para pesquisa no doutorado sobre os jovens evangélicos. O intuito era pesquisar corpo e juventude na escola de ensino médio. A religião, de certa forma, estava lá, ainda que timidamente. Aprovada no Doutorado, na Linha Educação e Ciências Sociais, no GPPES – Grupo de Pesquisa em Política, Educação e Sociedade, junto à orientadora Dirce Zan que, tendo acompanhado o trabalho de mestrado como banca, ajudou a redefinir os objetivos e reelaboramos todo o projeto em torno da relação dos jovens evangélicos e suas relações com a escola de ensino médio e a religião.

Os pressupostos e os referenciais que serão apresentados mostram que a religião vem ganhando cada vez maior importância na vida dos jovens brasileiros. Apontam ainda que a religião evangélica teve um aumento significativo entre eles[3]. Contudo, prevalece a diversidade de significados sobre o que é "ser religioso" (Novaes, 2016), ou “ser evangélico” para os jovens. Ademais, as convicções, crenças e os modos de vivenciar a religiosidade para os jovens contemporâneos muitas vezes colocam em xeque padrões tradicionalmente defendidos e orientados pela igreja e pela família.

Como atores singulares-plurais (Lahire, 2002), os jovens interagem com uma pluralidade de mundos sociais, e nesses múltiplos contextos (escola, igreja, família, grupos de amigos, trabalho, etc.) entram em contato com princípios de socialização heterogêneos e, às vezes, contraditórios, construindo assim, suas biografias. Nesse sentido, Berger (2017) evidencia que está posto aos indivíduos modernos o desafio de realizar a mediação da tensão entre os discursos religiosos e não-religiosos. Desse modo, este trabalho se propôs a explorar possíveis respostas para as seguintes perguntas: como o jovem evangélico estudante de ensino

questões de gênero e a promoção de uma sociedade mais secular. Almeida (2017) aponta ainda que esse movimento conservador está estreitamente associado à expansão das igrejas evangélicas neopentecostais, que têm desempenhado um papel crucial na disseminação desses valores conservadores, tanto na religião quanto na política. A influência dessas igrejas se manifesta claramente na defesa de uma agenda moral que se opõe a temas como o aborto, a legalização das drogas e o casamento entre pessoas do mesmo sexo, entre outros. (ALMEIDA, 2017).

[3]Em 10 anos (2003 - 2013), diminuiu o número de jovens católicos (65% para 55%) e aumentou os que se declararam evangélicos (22% para 29%) e os que declararam “não ter religião mas acreditar em Deus” (10% para 15%) (NOVAES, 2016).

médio vive a pluralidade do mundo social, bem como sua pluralidade interna? Que disposições esse jovem investe nos diferentes universos que é levado a atravessar? Como sua atuação religiosa interfere em suas relações com a escola de ensino médio e os saberes escolares?

Para refletir sobre essas questões, busquei entender as práticas de jovens que estão relacionadas à escola e à religião evangélica a partir de uma perspectiva sociológica do indivíduo (Lahire, 2004), considerando a trajetória de vida dos e das estudantes evangélicos simultaneamente articulada às dimensões estruturais da sociedade. Desse modo, o estudo foi orientado por referenciais teóricos e metodológicos que privilegiam um olhar para os indivíduos e suas biografias em diálogo com os estudos sobre juventude, ensino médio e religião.

Os estudos de Bernard Lahire, desenvolvidos na sociologia disposicionalista, nos levam a refletir sobre a formação do indivíduo na contemporaneidade, considerando tanto sua singularidade quanto os múltiplos contextos que atravessa. Crítico de Pierre Bourdieu, Lahire busca dialogar com e contra o autor. Ele propõe que, em vez de ver o *habitus* como um conjunto homogêneo e coerente de disposições, devemos reconhecer que os indivíduos acumulam uma variedade de disposições contraditórias ao longo da vida, resultado de suas múltiplas experiências em diferentes contextos sociais.

Lahire (2002) parte do entendimento que todo corpo (individual) mergulhado numa pluralidade de mundos sociais está sujeito a princípios de socialização heterogêneos e, às vezes, contraditórios. Dessa forma, propõe pensar o indivíduo como ator plural a fim de caracterizá-lo como produto da experiência de socialização nos múltiplos e heterogêneos contextos que, no curso de sua trajetória, ou simultaneamente no mesmo período, participou de universos sociais variados, ocupando então posições diferentes (Lahire, 2002).

De acordo com Lahire (2002; 2013), o social se encontra no interior dos atores assim como em seu exterior. Cada indivíduo porta em si competências e disposições para crer, pensar e agir, que são produtos de suas múltiplas experiências socializadoras. A partir da metáfora do "social em estado dobrado" ou "desdobrado", Lahire (2002; 2013), busca elucidar que o mundo social não se apresenta apenas como uma realidade exterior, expressa em estruturas coletivas e institucionais, mas que existe também em um estado dobrado, na forma de disposições e de competências incorporadas no indivíduo. Para o autor, o que é institucional e cientificamente decomposto (a escola, a família, a empresa, o clube esportivo, o partido político ou o sindicato, a igreja, o grupo de pares, etc.) se recompõe (no sentido de um entrecruzamento) de uma certa maneira em cada indivíduo. Portanto, tais estados de dobra e desdobra remetem tanto às realidades estruturais, aos interesses coletivos comuns, às formatações e condicionantes

coletivos quanto às possibilidades infinitas de variações sobre os mesmos temas que constituem os indivíduos em sua história relativamente singular (LAHIRE, 2013).

Assim, esse estudo foi desenvolvido em uma perspectiva socioantropológica pautada pela sociologia disposicionalista-contextualista, proposto para ser apresentado como tese de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. O objetivo foi identificar e analisar as relações entre a juventude e a religião evangélica, buscando contribuir para a compreensão dos impactos do pertencimento religioso na relação da juventude com a escola.

Para tanto, foram reconstruídas as trajetórias biográficas de 4 jovens evangélicos estudantes do ensino médio (3 meninas e 1 menino), por meio da realização de entrevistas em profundidade com esses sujeitos. Simultaneamente, realizado o acompanhamento etnográfico do Grupo Cristão (GC) atuante em uma Escola Técnica Estadual (Etec) localizada na cidade de Campinas - SP, composto por jovens cristãos, no período de abril de 2018 a dezembro de 2020. Para a compreensão das dinâmicas desse Grupo e sua história, foram ainda realizadas entrevistas com os líderes de 2018, com um antigo funcionário da escola e com uma professora.

Dessa forma, por se tratar de uma análise de indivíduos singulares-plurais, num esforço de compreender como a vida religiosa destes se constrói na escola, fora dos cultos ou atividades especificamente religiosas institucionais e, ao mesmo tempo, interfere na relação que estabelecem com essa instituição, buscou-se dar atenção à "multipertença dos atores individuais" (Lahire, 2002). Entendendo que dentre os muitos pertencimentos e contextos que os jovens são levados a atravessar – um deles é religioso e outro é escolar – e que há multiplicidade de perspectivas que podem ser por eles mobilizadas nesses contextos, a investigação sobre o pertencimento religioso dos jovens estudantes de ensino médio aconteceu à escala do indivíduo (Lahire, 2017a), isto é, a partir da apreensão do grau de heterogeneidade das disposições, dos quais os atores individuais são portadores em função de seu percurso biográfico e suas experiências socializadoras.

Para tanto, foi necessário situar os indivíduos estudados no espaço social e apreendê-los no quadro das instituições (familiares, escolares, religiosas, etc.), de modo a encontrar a heterogeneidade incorporada em cada um. Fui provocada a pensar ainda sobre as seguintes questões: Qual o lugar da religião na vida dos jovens? Quais sentidos a escola tem para eles? Até que ponto esses sentidos podem ser permeados pelo seu pertencimento religioso? Como o aspecto não escolar – principalmente as experiências dos jovens em espaços religiosos – pode indicar pistas para (re)pensar as ações da escola de ensino médio? Como os jovens fazem a

mediação da tensão entre os discursos dos saberes escolares e da religião? Quais os efeitos da religião nas diferentes áreas da vida social dos jovens evangélicos?

**Objetivos**

**Objetivo Geral**

- Conhecer e analisar relações que se estabelecem entre juventude, religião evangélica e escola.

**Objetivos Específicos**

- Investigar como o jovem evangélico vive a pluralidade do mundo social, bem como sua pluralidade interna;
- Conhecer quais disposições o jovem evangélico investe nos diferentes universos que é levado a atravessar (escola, igreja, família, grupos de pares, trabalho, ...) e como distribui a sua energia e seu tempo entre esses universos.
- Investigar como a religião do jovem evangélico interfere em suas relações com a escola de ensino médio e os saberes escolares.
- Compreender como o pertencimento à instituição religiosa regula e/ou influencia, e, ainda, amplia/restringe e indica caminhos para "ser jovem".

**Organização dos Capítulos – Do retrato panorâmico ao foco preciso**

Ao me lançar em busca da compreensão do processo de construção biográfica dos jovens evangélicos e suas relações com a religião e a escola, foi necessário compreender as diversas dimensões da vida social do jovem e os grandes universos de socialização que eles atravessam – família, grupos de pares, espaços livres para lazer e esporte, etc. Desse modo, a pesquisa foi construída considerando a variação de escala de observação e análise, variando de maneira sistemática o foco do objeto. Nesse sentido, os estudos de Bernard Lahire, cunhados no âmbito da sociologia disposicionalista-contextualista, se tornaram nossos principais referenciais para observar em variadas escalas o mundo social, desde o mais amplo panorama até à escala dos indivíduos.

Lahire (2017a) alerta que ao passar de uma escala de observação a outra, é forçoso destacar a mudança progressiva da linguagem e do modo de análise. De tal modo que os problemas ou temas de estudo se transformam ou se deformam sob o efeito da variação. Contudo, o trânsito entre as escalas nos permite refletir sobre as modificações dos objetos, bem como colocar os resultados de pesquisa em perspectiva em relação a outros resultados de

pesquisa produzidos a partir de outras escalas de contexto, de outros métodos, de outros modos de escrita científica (LAHIRE, 2017a).

Assim, ao longo da pesquisa, procurei mover as lentes para focalizar o meu objeto de pesquisa, ora mais próximo, ora mais distante, mas sempre com a intenção de chegar à escala do indivíduo. Assim, o trabalho se divide em duas partes, refletindo essas variadas perspectivas e ângulos de visão. A primeira apresenta uma imagem mais panorâmica, contextualizando o terreno da pesquisa, seus elementos e entornos; já a segunda parte, com um olhar mais próximo e imerso, contém o cerne desta pesquisa: os retratos sociológicos.

Na primeira parte, ao mesmo tempo em que lanço luz sobre o tema, enquadro de maneira ampla e por diferentes ângulos os elementos que compõem a temática de investigação e apresento os primeiros flashs capturados.

A fim de produzir efeitos de conhecimento, se fez necessário um sobrevoo nas pesquisas que abarcam abordagens macrossociológicas, para depois vestir os paraquedas e saltar à procura de pontos particulares, equipada com uma objetiva mais refinada. O que se buscou foi, de certo modo, assegurar a maneira pela qual os múltiplos determinantes simultâneos e entrelaçados orientam os comportamentos dos jovens estudantes evangélicos (LAHIRE, 2017a).

Como um observador paraquedista que se aventura nas altitudes e pretende registar o que vê ao longe antes de mergulhar em seu salto, iniciei ajustando amplamente as lentes da objetiva para compor um plano panorâmico da situação cultural, política e econômica que se impõe aos jovens brasileiros na contemporaneidade. Assim, orientada pelas pesquisas que investigam os grupos religiosos juvenis e estudos sobre os jovens e sobre a religião evangélica, realizei um levantamento bibliográfico que contribuísse para a elaboração dos planos seguintes da pesquisa (a construção dos Retratos Sociológicos) e para elencar hipóteses. Ainda de longe, foi possível identificar o ponto ideal para o salto de paraquedas para seguir a pesquisa em terra firme, ancorada ao contexto central do estudo: a escola de ensino médio.

Em seguida, com pés no solo, estabeleci um ajuste no zoom de minhas lentes para capturar quadros mais restritos, como o cotidiano escolar, grupos de amizades, Grupo Cristão, etc. As lentes da etnografia inspiraram a trilhar caminhos que deram pistas para a compreensão de como se cruzam trajetórias individuais e coletivas na escola pública de ensino médio técnico. Assim, já de perto, enquadrei a escola investigada e o GC – espaço privilegiado de socialização da religião cristã que acontece na instituição investigada – lançando feixes de luz sob os sujeitos que viriam a ser escolhidos para os estudos de caso em Retratos Sociológicos. Com isso, retratei

cenários e contextos, construindo hipóteses sobre os efeitos que eles podem produzir nos Retratos.

A segunda parte é o momento em que se fecha o deslocamento da lente do social desdobrado para o social dobrado e vislumbra-se o movimento que se estende entre disposições e contextos (LAHIRE, 2017a). Nesta parte, primeiramente, busco explicar como troco as lentes de amplo campo de visão por de lentes de maior aproximação, com zoom o bastante para que se fechassem os *closes* nos jovens, em escala individual e, em seguida, apresento as biografias sociológicas em forma de retrato sociológico (LAHIRE, 2004). Para cada Retrato tem-se um capítulo com subdivisões que variam de acordo com as nuances encontradas em cada pesquisado. Contudo, a ênfase está nas experiências familiares, escolares e religiosas.

# PARTE I

# VARIADAS ESCALAS DE OBSERVAÇÃO DOS JOVENS EVANGÉLICOS NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

## 1. EM BUSCA DE UM RETRATO PANORÂMICO

Neste capítulo, apresento elementos que compõem um retrato panorâmico do contexto maior em que se insere o estudo aqui proposto, a partir de dados sobre a inserção dos grupos evangélicos no campo religioso brasileiro e o lugar da religião evangélica no Brasil contemporâneo. Em seguida, parto da discussão de secularização recentemente cunhada no âmbito das ciências humanas, para refletir sobre religião pública e seu lugar na vida dos indivíduos contemporâneos. Por fim, discuto sobre as relações que se estabelecem entre juventude e religião visando, nesse contexto, entender o que os estudos sobre a temática nos dizem sobre as possíveis relações dos jovens religiosos com o meio escolar.

### 1.1. A inserção dos evangélicos no campo religioso brasileiro

A designação "evangélico" não teve o mesmo significado no século XIX, XX ou XXI, e como analisa Burity (2020), um nome é parte do que está em jogo. Assim, para compreendermos quem são os evangélicos na contemporaneidade, é necessário levarmos em consideração uma série de aspectos históricos sobre a inserção dos grupos evangélicos no campo religioso brasileiro.

Por longos anos, a religião católica foi a religião dos brasileiros. Durante todo período colonial, o catolicismo se estabeleceu como religião dominante na maioria dos países latino-americanos. No Brasil, após a Proclamação da República em 1889 e a assunção do princípio laico de separação da Igreja e do Estado sancionado pela Constituição de 1891, iniciou-se o processo de secularização. Ou seja, a separação oficial entre Igreja e Estado. O catolicismo permaneceu sendo a religião dos brasileiros, a ponto de não deixar de ter estreita relação brasilidade e catolicismo. Esse vínculo foi fruto tanto de um projeto político – o catolicismo como religião oficial do Império e, posteriormente, da República – e de uma prática cultural em que a cultura católica e a cultura brasileira se fundiram. O status de religião hegemônica do catolicismo perdurou até os anos 1980, quando iniciou o seu declínio e progressivamente decaiu o percentual de brasileiros que se declaram católicos, como veremos adiante (ORO & TADVALD, 2019).

A presença evangélica no Brasil teve início a partir do início do século XIX, com a chegada dos primeiros “protestantes” europeus e americanos, bem como imigrantes pastores alemães, que começaram a desenvolver atividades missionárias estrangeiras no território brasileiro e implantar igrejas consideradas o núcleo das igrejas evangélicas "históricas". Em um primeiro momento, foi introduzido o "evangelismo missionário", que implantou as igrejas Batista, Presbiteriana, Metodista e Adventista. Posteriormente, os imigrantes alemães que chegaram ao sul do país implantaram a igreja Luterana. No entanto, durante os dois séculos que seguiram, a expansão dessas igrejas foi tímida, em decorrência de um ambiente social marcado pela intolerância religiosa (ORO & TADVALD, 2019).

Segundo Burity (2020), os primeiros protestantes passaram a se apresentar como “evangélicos” já nas primeiras décadas do século XIX. O termo foi cunhado por Robert Kalley que, embora fosse presbiteriano, chamou de “igreja evangélica” ao fundar as primeiras igrejas protestantes brasileiras no Rio de Janeiro e em Pernambuco, expressando uma intenção não-denominacionalista. Contudo, em vistas aos fortes intentos denominacionalistas de presbiterianos, metodistas e batistas, a aceitação ao termo genérico atribuído ao conjunto dos protestantes brasileiros não aconteceu livre de polêmicas externas e disputas internas durante todo o primeiro século (BURITY, 2020).

No século XX, outro segmento evangélico se instala com a chegada do pentecostalismo e sua expansão assume outras características. “E, desde 1986, já sob hegemonia pentecostal, “evangélicos” vêm sofrendo uma notável transformação de conteúdo e composição social” (BURITY, 2020, p.197). Paul Freston, historiador do pentecostalismo no Brasil, propõe a metáfora das “três ondas” pentecostais, separadas e consecutivas, para a compreensão da história do pentecostalismo no Brasil. Entre 1910 e 1950, a primeira onda representa a fase em que foram estabelecidas a Assembleia de Deus, a Congregação Cristã e a Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular. Todas essas igrejas eram de origem estrangeira, consideradas pentecostais clássicas, e eram caracterizadas pela ênfase nos dons do Espírito Santo e, sobretudo, pelo uso ritual da glossolalia (FRESTON, 1993).

A segunda onda pentecostal remonta ao surgimento de denominações brasileiras, entre as décadas de 1950 e 1970. Os principais representantes dessa linha atualmente são as igrejas Brasil para Cristo e Deus é Amor. Dentre suas práticas rituais destaca-se a cura, e por isso os templos dessa onda também são conhecidos como "agentes divinos de cura". São elas também que inauguram uma evangelização popular que passa a ocupar grandes espaços públicos e estabelecer a prática evangelizadora nos meios de comunicação radiofônico e televisivo,

seguindo o modelo criado nos Estados Unidos pelos primeiros televangelistas (FRESTON, 1993).

A partir da década de 1970, emerge uma nova forma de ser pentecostal, denominada neopentecostalismo. A igreja precursora dessa nova onda foi a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada em 1977 por Edir Macedo. Outras igrejas importantes desta onda são a Igreja Internacional da Graça de Deus, Renascida em Cristo, Igreja Mundial do Poder de Deus e Sara Nossa Terra. Os templos pentecostais da terceira onda são caracterizados pelo centralismo institucional nas mãos de seus fundadores e por sua base gerencial de estilo empresarial. Do ponto de vista teológico, o neopentecostalismo é central para as teologias da guerra espiritual e da prosperidade, ambas intimamente ligadas (FRESTON, 1993).

Oro e Tadvald (2019) analisam que, do mesmo modo como aconteceu com as igrejas evangélicas históricas, durante a primeira metade do século, a primeira onda pentecostal não alcançou um avanço real em sua inserção na sociedade brasileira. Contudo, os pentecostalismos da segunda e da terceira onda alcançaram uma abrangência significativa que se relaciona também ao novo momento econômico-social que vivia o país ao iniciar um processo de industrialização e urbanização, o que tornou a expansão pentecostal constante e ininterrupta, diferenciada em relação às outras religiões que cresceram em menor escala (espiritismo, correntes afro-religiosas) ou tiveram o número de fiéis reduzidos, como é o caso do catolicismo.

### 1.1.1. Religião evangélica na contemporaneidade: o contexto brasileiro

O último levantamento realizado através do Censo (2010) indicou, sobre a relação dos brasileiros com a religião, que 65% dos brasileiros se declaravam católicos, 20% evangélicos, 8% sem religião, 5% pertencentes a religiões diferentes e 2% kardecistas (IBGE, 2010). Passados 10 anos desse levantamento, segundo o Datafolha (2020)[4], 50% dos brasileiros se declaram católicos, 31% evangélicos, 10% não tem religião, 3% espíritas, 2% umbanda, candomblé ou outras religiões afro-brasileiras, 2% outra, 1% ateu e 0,3% judaica. Mesmo não sendo possível comparar os dois levantamentos, em razão de metodologias distintas que foram

[4]A pesquisa foi realizada em dezembro de 2019, com 2.948 entrevistados em 176 municípios. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos. Sua publicação foi em janeiro de 2020.

utilizadas, é possível inferir que os trânsitos religiosos[5] não estão estagnados e seguem a tendência desde o último decênio do século XX.

Contudo, é ainda preciso levar em conta a complexidade desse campo de investigação quando se trata de análises nacionais amplas. Nesse sentido, Pierucci (2012) questiona a imprecisão do instrumento de pesquisa utilizado no Censo (2010) por registrar apenas a adesão a uma religião, limitando a possibilidade de um quadro sincrético religioso. Mariano (2013) critica a insuficiência do instrumento em abarcar a recente diversificação e complexificação do campo religioso brasileiro a medida em que os questionários não deram conta de categorias que expressassem as religiões dos declarantes evangélicos, principalmente o segmento caracterizado como igreja evangélica não determinada[6].

Por não comporem um grupo homogêneo em relação à instituição, os evangélicos requereriam ser estudados a partir de instrumentos de pesquisa mais precisos para que houvesse maior compreensão sobre sua totalidade distribuídas nas numerosas e difusas denominações. As subdivisões propostas pelo Censo (2010) em evangélicos de origem pentecostal, evangélicos de missão e evangélicos não determinados não deram conta de esclarecer a pluralidade do grupo. Dessa forma, quando o entrevistador apresenta um limite de nomes de igrejas para que o respondente assinalasse qual igreja frequenta, deixou-se ainda de compreender outras possibilidades, como os múltiplos vínculos e desvinculações às instituições que podem coexistir entre os adeptos religiosos (MARIANO, 2013).

Ainda assim, de certo modo, os dados do Censo de 2010 possibilitaram analisar o avanço da diversificação da pertença religiosa e da religiosidade e constatar que ela se mantém predominantemente cristã. 9 em cada 10 brasileiros se definem como cristãos, e como vinha acontecendo desde o censo de 1980, a religião mais tradicional – o catolicismo — permanece

---

[5]O conceito de "trânsito religioso" foi cunhado por Almeida (1996) para caracterizar como os brasileiros transitam entre diferentes práticas e crenças religiosas. O autor analisou como os indivíduos circulam entre diferentes igrejas e religiões, não necessariamente rompem com as crenças anteriores, mas adicionam novos elementos à sua espiritualidade. Nesse sentido, o trânsito envolve a capacidade dos indivíduos de adaptar suas práticas religiosas e combinar elementos de diversas tradições, o que reflete um cenário religioso dinâmico e diversificado. Almeida (1996) analisou ainda como as igrejas, especialmente as neopentecostais, se adaptaram para atrair e manter esses fiéis, oferecendo rituais e práticas que atendem às necessidades espirituais mais imediatas.

[6] O Censo 2010 subdividiu os evangélicos em três segmentos de igrejas: Evangélicas de Missão; Evangélicas de Origem Pentecostal; Evangélica não determinada (IBGE, 2010).

em declínio enquanto se elevou o número de declarantes evangélicos[7] e dos sem religião (PIERUCCI, 2012; MARIANO, 2013). Revelando, portanto, que a filiação religiosa deixa de ser percebida e tratada pelos brasileiros como herança familiar e como tradição religiosa para se tornar

> [...] matéria de livre escolha individual, opção consciente e voluntária, isto é, para ser, cada vez mais encarada como questão de preferência ou opinião pessoal e como experiência privada e subjetiva. (MARIANO, 2013, p.121)

Tais características nos remetem ao que vem sendo formulado por alguns estudiosos da religião como modernidade religiosa. Nesse processo, as religiões e a crença escapam ao controle das grandes igrejas e das instituições religiosas. Os modos dos indivíduos viverem suas religiosidades assumem novas configurações, mais centradas na subjetivação das crenças e na individualização, afetando assim, as formas de experiências, expressão e sociabilidade religiosa (Hervieu-Léger, 2015). Os impactos desse processo não acarretam o declínio, enfraquecimento, ou indiferença às religiões, como se pensava no início da modernidade (Hervieu-Léger, 2015; Berger, 2017). Pelo contrário, conforme afirma Berger (2017), o mundo contemporâneo é tão intensamente religioso quanto outros mundos da história, e repleto de possibilidades de escolhas, religiosas e não religiosas, que caracterizam uma época pluralista. Dessa maneira, a religião "que antes era um destino, dado como certo, agora se tornou uma escolha deliberada" (Berger, 2017, p. 74).

Nesse contexto, tem se revelado duas características antagônicas. Por um lado, há uma maior circulação dos fiéis entre as religiões tradicionais, maior pluralismo, aumento do individualismo nas escolhas e, com isso, crescente tolerância às novas formas do sagrado (ALMEIDA, 2007; FRIGEIRO, 2008; NEGRÃO, 2008). Por outro, a expansão das denominações proselitistas mobilizam estratégias muitas vezes ofensivas e até mesmo agressivas para defender seus interesses por meio da realização de ações organizadas no campo político e social (FISCHAMNN, 2008; SETTON e VALENTE, 2016). As brigas entre os fiéis podem se manifestar de formas violentas, o que reflete uma forte e crescente intolerância religiosa, protagonizada sobretudo por cristãos conservadores (MARIANO, 2004; MIRANDA, 2012).

[7] Em comparação ao Censo de 2000, em 2010, os evangélicos apresentaram um crescimento de 61,4%, o que representa 5 vezes o aumento da população brasileira, que no período cresceu 12,3% em número de habitantes (IBGE, 2010).

As crenças de origem africana têm sido alvo constante de violência[8], visto que seu politeísmo e filosofia holística vão contrárias à moralidade pregada pelo conservadorismo e algumas doutrinas evangélicas. Nos últimos anos, não tem sido incomum que religiões, estilos de vida e pensamentos opostos aos valores morais religiosos dominantes sejam atacados por partidários destes últimos. As mudanças no cenário religioso brasileiro e a presença da religião evangélica na esfera pública não estão dissociadas dos recentes processos de transformações sociais, políticas e econômicas, assim como o aprofundamento do neoliberalismo, do conservadorismo, da intolerância e do fascismo (BURITY, 2020; BURITY, 2018; ALMEIDA, 2018).

Desde os anos 1980, além do ganho expressivo de adeptos, fruto do processo de redemocratização vivido no Brasil, a religião evangélica intensificou ainda sua atuação na esfera pública como forma de conquistar legitimidade. Fazendo-se visível nos espaços públicos, seja via organizações sociais assistencialistas, mídias (rádio, televisão, internet, etc.), eventos de massa, marchas, no aumento exponencial do número de templos ou na ocupação das ruas por religiosos divulgando sua fé. Ademais, detém um número significativo de representantes nas diversas instâncias de representação política (MACHADO & BURITY, 2014; ALMEIDA, 2017), incluindo o então presidente da república Jair Bolsonaro (2018 - 2022) – católico convertido ao pentecostalismo.

Nesse sentido, Monteiro, Silva e Sales (2018) defendem que o desenvolvimento da experiência pública do religioso ocorre em diferentes arenas, citando como exemplos a cerimônia de inauguração, em 2014, do Templo de Salomão, da Igreja Universal do Reino de Deus, em São Paulo, que contou com a presença de autoridades políticas e teve grande repercussão na imprensa; as controvérsias no Supremo Tribunal Federal envolvendo agentes religiosos em debates sobre aborto e uso de células-tronco em pesquisas; e a repercussão midiática do trabalho da pastora transgênero Alexya Salvador. A partir dos casos estudados, os

[8]Conforme vê-se constantemente nos noticiários. Em 2019, mais de 200 terreiros de matriz africana foram depredados e seus frequentadores ameaçados no estado do Rio de Janeiro. In: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/201cgovernador-o-centro-de-umbanda-ja-foi-pro-chao201d-a-violencia-contra-povos-e-comunidades-tradicionais-de-matriz-africana. Podemos visualizar em inúmeras reportagens ações semelhantes em diversos estados do páis: “SP: Terreiro de umbanda é alvo de bomba e praticantes são espancados em Ribeirão Preto” (fevereiro/2020), In: ttps://istoe.com.br/sp-terreiro-de-umbanda-e-alvo-de-bomba-e-praticantes-sao-espancados-em-ribeirao-preto/ ; “Terreiro Vó Benedita é atacado com pedras por fanáticos religiosos em Campinas” (maio/2019) In: https://cartacampinas.com.br/2019/05/terreiro-vo-benedita-e-atacado-com-pedras-por-fanaticos-religiosos-em-campinas/; “Terreiro é atacado por grupo evangélico na Bahia” (maio/2019) In: https://extra.globo.com/noticias/brasil/terreiro-atacado-por-grupo-evangelico-na-bahia-23700413.html.

autores observam que os evangélicos atuam para a expansão de sua presença na vida pública baseada em uma "estratégia triangular", que inclui a esfera religiosa, a busca por visibilidade midiática e certo protagonismo no Legislativo.

A presença dos evangélicos na política partidária, representada pela autodenominada "bancada evangélica", protagonista na defesa das pautas morais conservadoras e diretamente associada às bancadas da 'bala" e do agronegócio, têm provocado uma visão estereotipada dos evangélicos como um grupo religioso unificado, homogêneo e conservador. Como destaca Almeida (2018), fora do *mainstream* conservador evangélico, há muitos fiéis mais tolerantes e menos rigorosos quando o assunto são as relações interpessoais, do que os políticos que se intitulam seus representantes. Segundo o mesmo autor, essa característica não é de exclusividade dos evangélicos, mas estaria associada ao conservadorismo da sociedade brasileira, que nas relações interpessoais pode lidar com flexibilidade, mas impõe rigidez quando se trata de valores morais no espaço público.

Para não correrm o risco de uma associação direta dos evangélicos a esse grupo político e as pautas conservadores, vale lembrar a participação de grupos evangélicos progressistas – que conta com ampla cobertura midiática – em manifestações de resistência em prol da diversidade[9], da reflexão por uma sociedade mais justa e por possibilidades de redefinir os rumos da humanidade. Assim, é mister destacar a pluralidade interna desse imenso grupo chamado de "evangélicos" e as ambiguidades vividas pelos indivíduos adeptos à religião evangélica. Ademais, não perder de vista, como proposto por Oro e Tadvald (2019), o reconhecimento de que a expansão do campo evangélico no Brasil representa tanto o fortalecimento do pluralismo religioso, quanto a disputa pela representação religiosa, principalmente no espaço público.

Dito isso, é necessário refletir sobre as controvérsias das religiões no espaço público. Para tanto, faz necessário nos debruçarmos nos desdobramentos e/ou (re)atualizações da tese da secularização propostos pelas ciências humanas contemporânea, que visam a compreensão da religião nas sociedades cada vez mais diferenciadas, e que podem vir a colaborar para uma leitura interpretativa da construção biográfica do jovem evangélico.

---

[9] "Representantes de 11 religiões convocam ato por Estado laico" (janeiro, 2020) In: https://www.terra.com.br/noticias/representantes-de-11-religioes-convocam-ato-por-estado-laico,f463c8433e341c5bcacc66997525e3da96uuzkl3.html ; "Se em nome de Cristo destroem, em nome de Cristo vamos reconstruir': evangélicos ajudam a reerguer terreiro queimado" (abril, 2018) In: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43879422; "Praticantes de candomblé e evangélicos se unem contra intolerância religiosa" (janeiro, 2014) In: https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-01/praticantes-de-candomble-e-evangelicos-se-unem-contra-intolerancia.

### 1.1.2. Presença pública das religiões

A presença pública das religiões no contexto contemporâneo e as mudanças na articulação entre o religioso e o secular tem desafiado a compreensão sobre o lugar da religião e o que seria uma sociedade secular. Essas relações ocupavam importante espaço na literatura das ciências humanas no marco teórico do secularismo, até recentemente. Ao longo do século XX, firmou-se o entendimento de que as democracias são e devem ser seculares. Ou seja, as democracias devem garantir a separação entre o Estado e a igreja, bem como a neutralidade estatal com relação às religiões. Tal separação solidificou no imaginário ocidental laicizante, "onde se pressupunha uma separação rígida entre religião e política, como meras restrições jurídicas ou político-administrativas – ao modo da elevação do muro de separação" (Burity, 2015, p.108). Mas e quando a realidade não faz jus a esse suposto? Como compreender sistemas democráticos nos quais organizações religiosas atuam na esfera pública e na política?

Tais indagações, têm levado pesquisadores a repensar o quanto a tese weberiana do secularismo carece de atualização e não dá conta de expressar as relações da religião nos sistemas democráticos atuais. Geertz (2001), na obra *O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder*, de certo modo, suscita críticas semelhantes. Para o autor, "os secularistas acolhiam essa suposta realidade como sinal de progresso, modernidade e liberdade de consciência" (Geertz, 2001). De tal modo, o problema da secularização passou a ser o problema de como lidar com a atuação das religiões no espaço público. Uma de suas consequências mais importantes foi o deslocamento da noção de neutralidade estatal, como princípio político da organização do Estado, em direção à necessidade da regulação do religioso (Taylor, 2014).

Casanova (1994), na obra *Public religions in a modern world*, faz a crítica ao paradigma da modernidade e às teorias da secularização que reservaram um papel marginal às tradições religiosas. O autor enfatiza três definições para a noção de secularização que vigoraram nas ciências sociais a partir do modelo weberiano: secularização como a) diferenciação de função entre os domínios do religioso e do secular, resultando em autonomia recíproca entre os dois; b) declínio social da religião; c) confinamento da religião na esfera do privado. A terceira definição, segundo o autor, foi a mais aceita pela sociologia contemporânea. No entanto, para ele, essa diferenciação entre os domínios do secular e do religioso não impediu que grupos religiosos pudessem disputar com instituições laicas espaços de poder, no Estado e na sociedade.

Dessa forma, o mesmo autor observa que a velha teoria da secularização não pode ser mantida e propõe dois posicionamentos. Um deles seria, como proposto por muitos sociólogos, descartar a teoria completamente depois que se revelou uma descrição mitológica não científica do mundo moderno, enquanto a outra seria revisar a teoria de tal maneira que ela possa responder tanto a seus críticos quanto às perguntas que a própria realidade colocou. Assim, o autor propõe um alargamento da abordagem weberiana centrada na secularização para uma em que "público" se torne o lócus dos processos de diferenciação entre secular e religioso, mas também de exposição e visibilidade de credos e cultos, enquanto "religiões públicas" inseridas na sociedade civil.

No campo da antropologia, Asad (2003), crítico das abordagens centradas nos modelos euro-americanos, propõe uma análise comparada das diferentes formações do secular. A partir da desconstrução do "secular" e "religioso" enquanto dimensões dadas e objetivas do processo histórico, o autor busca demonstrar que a diferenciação entre ambos é produto de construções da modernidade, produzida no intuito de institucionalizar esse modo de conceber a organização social.

Em relação à tese da secularização, Connolly (2011) critica o modo como os múltiplos processos de osmose entre zonas públicas e privadas foram traduzidos em uma linha fixa de separação entre o discurso político e a vida religiosa. O autor afirma que ao confinar a "religião" à vida privada, não apenas perdeu-se muito do que se passa no discurso público real, mas também ocultou a profunda importância do ritual, da técnica, da micropolítica e do cultivo de costumes na textura da vida pública.

Assim, seguindo as críticas produzidas por Asad, Foucault e Deleuze, Connolly (2011) procura enfatizar sobre como o ritual e a micropolítica não representam simplesmente crenças ou desejos já existentes, mas também educam os sentidos de maneiras específicas, acentuam alguns modos de conduta e amortecem outros, ajudando a compor bens públicos corporificadas. A micropolítica encontra ampla expressão em igrejas, famílias, universidades, corporações, sindicatos, filmes, novas mídias e especialmente as ressonâncias entre todos esses locais. Ao realizar a leitura dessas realidades, é possível codificar o registro visceral da vida intersubjetiva e a onipresente na era da mídia. "Ignorá-lo é ignorar maneiras profundas pelas quais nossas predisposições à crença, desejo e ação são preparadas e codificadas" (Connolly, 2011).

Nessa direção, para a compreensão do secularismo brasileiro, que passa por um processo de reconfiguração, marcado pela expansão das igrejas evangélicas e sua influência crescente na

esfera pública e na política do país, pesquisadores[10] do campo socioantropológico de estudos da religião passaram nos últimos anos a debater a religião pública como chave de leitura potente para entender a disputa pela legitimidade pública da religião no país. Para Montero (2018), a religião pública é caracterizada como instituição religiosa que, enquanto ator organizado na sociedade civil, reorienta moralmente o poder do Estado com a legitimidade que a autoridade eclesiástica lhe empresta, mas à margem dela. De tal modo, a religião pública contorna a separação de esferas e refere-se a processos históricos de invenção/afirmação da sociedade civil e tenta apreender algo percebido como religioso, mas que atua fora da relação igreja-fiel-instituição (MONTERO, 2018, p.33).

Próxima a essa chave de leitura, Burity (2020), sugere a compreensão da religião como integrante do secular a ser defendida no plano legal em sua diversidade e direito de existência. Contudo, isso deve ocorrer, sem que se renuncie à defesa da secularização, das chamadas liberdades laicas, de uma sociedade com uma pluralidade reconhecida em termos legais e de uma diversidade valorizada socialmente. O autor chama a atenção à responsabilidade de que se invista em análises minuciosas das diferentes situações nas quais líderes, discursos e instituições religiosas estão sendo mobilizadas ou mobilizam seus recursos próprios com vistas a obscurecer o jogo democrático, empobrecendo as possibilidades de defesa de uma sociedade justa e mais acolhedora da pluralidade de formas de existência. E, assim, propõe que o combate coletivo seja ao extremismo que busca calar o outro e alcançar seus objetivos a qualquer custo e não às expressões religiosas.

De certo modo, os autores nos ajudam a pensar a religião que constitui o espaço público e se recompõe de maneiras diversas no interior do indivíduo. Geertz (2001), ainda na obra *O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder*, afirma que o

> [...] movimento das identidades religiosas e das questões religiosas, em direção ao centro da vida social, política e até econômica talvez esteja disseminando e crescendo, tanto em escala quanto em importância. Mas não é um fenômeno unitário, a ser uniformemente descrito. Existem tantas variedades de "experiência religiosa", ou, se quisermos, expressões da experiência religiosa, quantas sempre existiram. Ou talvez mais. (GEERTZ, 2001)

O autor afirma que atualmente "a 'luta religiosa' refere-se quase sempre a ocorrências bastantes externas à processos ao ar livre que acontecem em praça pública [...] não há nada de particularmente privado – encoberto, talvez, ou sub-reptício, mas dificilmente privado" (Geertz, 2001). As fronteiras entre o religioso e o secular, público e o privado, o interior e o exterior,

[10] Camurça (2019); Montero (2018); Burity (2020); Carranza (2020), entre outros.

são produtos construídos na modernidade, cada vez mais insustentáveis. Por serem difusas e borradas, exigem formas outras de fazer pesquisa, se quisermos compreendê-los. Modos esses que, como resultado, diria Geertz (2001), sem a articulação weberiana das convicções religiosas com as ações práticas, a inseparabilidade entre crença e o comportamento tenderia a se perder de vista.

Dessa forma, para compreender as relações dos jovens evangélicos com a escola e com a religião, deslocaremos o foco das instituições para a trajetória biográfica desses sujeitos, de modo a compreender o que esses atores fazem em cena pública em nome da religião e como constroem suas experiências no espaço público, sobretudo na escola.

### 1.2. Situando os estudos sobre juventude e religião

Os estudos sobre juventude no Brasil estão presentes em diversas áreas de conhecimento. Pesquisadores têm demonstrado interesse pelo mundo juvenil e seus desdobramentos, de modo que a juventude está presente no rol de estudos da Sociologia, Antropologia, Educação, Serviço Social e outras. Conforme Zan (2013), esses estudos surgiram no Brasil por volta dos anos 1960 e o foco dos pesquisadores estava em investigar a inserção dos jovens em processos sociais globais e sua potencialidade de atuação como protagonistas de mudanças e transformações sociais mais amplas. No entanto, a autora afirma ter havido uma mudança recente nas pesquisas de juventude, que deslocaram o foco para a ênfase nas particularidades e diversidade da juventude com o objetivo de reconhecer a multiplicidade de identidades e compreender os sentidos das ações e práticas dos jovens a partir da cultura, do consumo e do lazer (ZAN, 2013).

O dossiê Juventude e Contemporaneidade publicado em número especial da Revista Brasileira de Educação, em 1997, ilustrou um novo interesse pelos jovens ao reunir artigos que concentravam esforços em evidenciar os efeitos das mudanças globais na vida dos jovens, bem como as relações entre juventude e temas como educação, trabalho, emprego, políticas públicas, periferias urbanas, pobreza, movimentos sociais, política, condutas de risco e esporte. Desde então os estudos sobre juventude seguem essa perspectiva e tem produzido novos conhecimentos sobre os jovens brasileiros. Tavares e Camurça (2004) caracterizaram esse momento como um alargamento transversal marcado pela pluralidade de "olhares" e de investigações e destacam que foi nesse contexto que se delinearam as interfaces entre juventude e religião.

A intersecção dos estudos da religião com os estudos das juventudes, segundo Rodrigues (2007), reúne dois campos complexos que estabelecem entre si diversas formas de relações e diferenciações internas. Investigações de autores de diferentes campos acadêmicos buscam compreender como os jovens se relacionam com a religião e como são estruturados os grupos religiosos com predominância juvenil. Em buscas nos indexadores por artigos relacionados aos temas é possível observar que a produção nesta temática se ampliou nos últimos dez anos. Há ainda uma predominância dos estudos sobre jovens de religiões cristãs, o que pode nos remeter ao processo recente que o país vive de ascensão de lideranças políticas oriundas dessa matriz religiosa e as intensas manifestações religiosas no espaço público.

O tema juventude e religião chama a atenção, sobretudo porque em um primeiro momento, em vista de tratarmos muitas vezes a religião como algo arcaico ou antiquado, e associarmos a juventude ao estereótipo de moderno, parece não fazer sentido que os jovens assumam uma identificação espontânea com a religião. Ao mesmo tempo, como segunda possibilidade de articulação dos temas, se pensarmos que os jovens lidam de modo radical com as suas filiações, podemos compreender que, ao se identificarem com uma dada instituição religiosa, eles assumam intensamente os discursos, símbolos, representações e códigos religiosos. Uma terceira possibilidade seria pensarmos a constituição dos espaços religiosos e suas disposições em agregar símbolos e roupagens da cultura juvenil, a fim de romper com o formato tradicionalmente construído, e se fazer atrativo às novas gerações. Uma quarta, seria somada às anteriores, a incorporação de princípios religiosos pelos jovens, que como vimos, são amplamente publicizados no espaço público.

É relevante observar que alguns aspectos circundam e ganham relevância nos estudos sobre religião e juventude, em especial no que se refere aos jovens evangélicos. O protagonismo juvenil e os símbolos ligados à juventude são intensamente evidenciados, o que de certo modo esclarece a terceira possibilidade elencada acima. A música tem destaque por estar presente nas vivências religiosas dos jovens e mostra-se importante principalmente quando ligadas à grupos e bandas, como demonstraram os estudos de vários autores (SEMAN, 1994; LEITÃO, 1997; MARIZ, 2005; JUNGBLUT, 2007; SANTOS & FIGUEREDO, 2009; CARDOSO, 2011).

As pesquisas revelaram a conciliação de universos culturais e linguagens como instrumentos para alcançar e envolver o público juvenil. Esse enfoque é amplamente abordado, por exemplo, por Cardoso (2011) e Jungblut (2007) que investigaram movimentos *underground*, composto por jovens rockeiros evangélicos, autodenominados “cristãos descolados”; e também investigado por Santos e Figueredo (2009), os quais se debruçaram em

compreender as linguagens usadas pelo fundador e lideranças da Igreja Bola de Neve Church, cujo público-alvo são jovens surfistas e skatistas.

Outros aspectos que ganham destaque nos estudos para compreensão da relação dos jovens com as instituições religiosas, estão ligados ao sentimento de segurança, de coletividade e proteção que parece estar fortemente associado à busca por filiar-se à uma comunidade religiosa. A partir desses estudos é possível nos aproximarmos da realidade dos grupos de jovens que tem como foco a religião, principalmente, como estão organizados, quais valores pregam e o que motiva as adesões dos jovens.

Mais recentemente, o interesse dessas pesquisas ampliou-se no sentido de problematizar os processos de socialização, as identidades e culturas juvenis, envolvendo diversos temas relacionados à vida dos jovens fora dos espaços religiosos (GOMES, 2015; PRATES & GARBIN, 2017; PEREIRA; 2018; GROPPO E BORGES, 2019). Confirmando a quarta possibilidade, há também um conjunto de pesquisas sobre como as religiões atuam no espaço público nas formações de grupos e organizações de eventos para-eclesiásticos com apelo ao público juvenil, que muito contribuem para a discussão de como a religião se projeta nas cenas urbanas e instrui um modo de vida pública religiosa pautada em valores morais, muitas vezes conservadores (MIRANDA, 2010; GONZALEZ & MARIZ, 2017; GROPPO & BORGES, 2019; GRACINO JR et al. 2019).

Dessa forma, esses estudos têm contribuído para afirmar ainda mais a pluralidade de juventudes, demonstrando que os jovens também se diferenciam em relação à religião. A religião, de certo modo, tem se transformado em "um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira" (Novaes, 2008, p. 263). Portanto, é importante enfatizar as novas configurações das religiões e os novos modos de adesão dos jovens, como forma de contribuir também com o campo de estudos da religião.

### 1.2.1. Relações da juventude brasileira com a religião

Os estudos de Novaes são considerados pioneiros em relacionar juventude e religião. Inicialmente[11], a autora buscou a compreensão das relações dos jovens universitários estudantes do curso de ciências sociais com a religião evangélica. A partir de então, delineou seus interesses investigativos em torno dos marcos geracionais, sincretismos religiosos e as relações da religião nos espaços públicos. Em estudos posteriores, Novaes (1999; 2001; 2003) destacou as manifestações culturais da juventude brasileira — o hip hop e o rap com linguagem de

[11] Novaes (1994; 2000)

contestação somada à linguagem religiosa — tendo como foco o tema da violência urbana. Dessa forma, a pesquisadora ampliou o recorte de seu objeto de estudo e ao mesmo tempo aprofundou os interesses investigativos anteriores. Mais recentemente, Novaes (2008; 2016) dedicou-se também a uma série de estudos de análise de pesquisas nacionais sobre a juventude com o intuito de refletir sobre as características da condição juvenil contemporânea e sobre o atual perfil religioso dos jovens brasileiros, para então levantar questões sobre diversidade religiosa em espaços de formulação e validação de políticas públicas de juventude.

Novaes (2008) analisou a pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira de 2004*, realizada com 3.501 jovens de 15 a 24 anos com diversidades geográficas e diferenças de renda. Na pesquisa, a religião chamou atenção por surgir em diferentes respostas dos jovens e nos mais variados assuntos tratados. Por exemplo, a religião ocupou um lugar surpreendente entre os assuntos que os jovens gostariam de discutir não só com os pais e amigos, mas com a sociedade; 15% (espontaneamente) declararam participar de grupos de jovens, e no topo do ranking estão os "grupos da igreja"; sobre participação em associação e entidades foram destacados os "grupos religiosos"; entre as coisas que mais gostam de fazer houve destaque para a alternativa "ir à missa/ igreja e culto"; e sobre valores que julgam ser mais importantes para a sociedade ideal, entre as respostas, surgiu "temer a Deus". Contudo, quando as questões da pesquisa trataram temas como aborto, política e drogas, as respostas foram plurais e não necessariamente conservadoras ou ligadas a fundamentos religiosos. Em vista ao analisado, a autora elucida que o tema "juventude" é fértil para questionar modelos pré-construídos e paradigmas naturalizados e afirma que

> [...] nos dias atuais surgem constantemente novas possibilidades sincréticas que ao mesmo tempo (re)produzem identidades institucionais e até novos fundamentalismos (...) o desafio de compreender o "quanto", "como" e "quando" o pertencimento, as crenças e as identidades religiosas influenciam opiniões, percepções e práticas sociais dos jovens dessa geração (Novaes, 2008, p. 265)

Em estudos recentes, ao comparar a pesquisa Agenda Juventude Brasil - Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013 com outras realizadas 10 anos antes, Novaes (2016) observou que a maioria dos jovens brasileiros são religiosos. Mesmo os "sem religião", que elevaram seu percentual de declarantes mais que todas as religiões, não negam a religiosidade. Entre as religiões, a que mais elevou o número de declarantes, desde 2003, foi a religião evangélica, que por sua vez apresenta as mais difusas divisões internas. Diante das alterações do cenário religioso, a autora sugere a observação das mudanças nas

estruturas e nos modos de adesão às religiões, desse modo apresenta mais uma vez significativas contribuições ao campo de pesquisa sobre religião e juventude.

Os jovens hoje estão inseridos em um mundo em que a religião é encarada como escolha, subjetivada, individualizada, destradicionalizada e não necessariamente institucionalizada. Segundo Novaes (2016), os jovens da geração dos nascidos entre 15 e 29 anos atrás já cresceram em um ambiente de maior pluralidade religiosa, assistiram a um processo mais geral de diminuição da transferência intergeracional familiar da religião católica no Brasil e outras fontes de referências ganham importância para determinar o pertencimento e/ou o não pertencimento institucional religioso. A autora também chama a atenção à análise de que esses jovens trazem marcas geracionais comuns como convivência em famílias multirreligiosa e vivência em um mundo virtualmente conectado (Novaes, 2016). Logo, muito provavelmente, esses jovens presenciaram (e naturalizaram) "histórias de conversões e de desconversões, de trânsitos e combinações no interior de suas famílias multirreligiosas e ao redor de seus locais de moradia" (Novaes, 2016, p. 335), bem como os usos de rede digital lhes permitem o contato com outros estilos de vida e modificam o modo de "estar no mundo".

Assim, podemos afirmar que há inúmeras variáveis influenciadoras das escolhas individuais dos jovens pela religião evangélica. As convicções, crenças e modos de vivenciar a religiosidade dos jovens contemporâneos podem muitas vezes escapar ao controle da igreja e da família. Desse modo, nos interessa saber como o jovem estudante de ensino médio evangélico se individualiza, como faz escolhas religiosas e não religiosas, baseadas ou não nas crenças de suas famílias, de seus grupos de pares e interesses outros. Enfim, como o jovem constrói sua biografia e como tais escolhas se relacionam com sua experiência escolar.

A medida em que propõe que para compreendermos o que é ""ser religioso" entre jovens de hoje, deve-se levar em conta a condição juvenil atual, as distintas situações vividas pelos jovens e um conjunto de mudanças sociais inter-relacionadas." (Novaes, 2016, p. 233), Novaes (2016) evoca a necessidade de pensarmos os contextos em que cada indivíduo se socializa e, portanto, lança o desafio de relacionar pertencimento religioso e condição juvenil atual. Nessa perspectiva, Novaes (2008; 2016) nos provoca a ampliar o olhar sobre os jovens religiosos, e pensá-los além de suas crenças. Para isso, se faz necessário alargar nossos instrumentos de análise e caminhos de reflexão para compreender melhor os efeitos de escolhas, pertencimentos e experiências religiosas nas diferentes áreas da vida social dos jovens.

### 1.2.2. Juventude, religião e processos educativos

Ao nos comprometermos em pensar o jovem evangélico estudante de ensino médio, parece fazer sentido refletir sobre as relações que estabelecem com a escola. Haja visto que, na última década no Brasil, jovens entre 15 e 17 anos têm experimentado cada vez mais a centralidade da escola em suas vidas (Sposito, Souza E Silva, 2018).

Isso porque, segundo o estudo de Sposito, Souza e Silva (2018) a partir da análise de dados da PNAD (2004-2014), é possível afirmar que a experiência de uma parcela significativa de jovens de 15 a 17 anos está vinculada cada vez mais à instituição escolar. Em 2004, 81,8% dos jovens com idade entre 15 e 17 anos frequentavam a escola, em 2014, uma década depois, o percentual de jovens se ampliou para 84,3%. Contudo, as autoras destacam que apenas 67,2% jovens de 15 a 17 anos estavam no ensino médio, o que seria considerado o nível ideal para a idade. Notou-se ainda que houve um afastamento progressivo dos jovens em relação ao mundo do trabalho e a escola passou a ser o principal vínculo para os jovens dessa faixa etária: de 60% que se dedicava exclusivamente a escola, em 2014, subiu para 67,9%, em 2014. As autoras analisam que esse processo se deu, basicamente, por uma articulação de políticas públicas e sociais que atingiram diretamente a condição desses jovens sujeitos, tais como valorização do salário-mínimo e uma política de pleno emprego, fatores que geraram melhorias dos rendimentos dos pais ou responsáveis adultos e, consequentemente, uma possibilidade dos filhos se dedicarem somente aos estudos. Em meio à análise, as autoras nos provocam a pensar sobre os usos do tempo não escolar por essa geração, uma vez que ainda é desconhecido as ocupações desses sujeitos fora da escola, sobretudo quando estão distantes do controle de adultos.

Assim, ao pensarmos o ensino médio como segmento da educação básica voltado ao público estritamente jovem, faz-se necessário problematizar, para além dos aspectos particulares da escola, as peculiaridades dos sujeitos jovens que nela circulam e os aspectos não escolares por eles vividos. E, como vimos, um dos aspectos não escolares de grande relevância para muitos dos jovens brasileiros é a religião. De certo modo, isso nos remete à proposta de Spósito (2003) de se realizar uma reflexão sociológica da perspectiva não-escolar da escola. A autora evidencia a necessidade de ampliação do olhar em relação aos outros agenciamentos presentes na formação e desenvolvimento das novas gerações, visto que a escola já não detém mais o monopólio cultural e social na formação das novas gerações.

Lahire (2017b), em proposição semelhante, afirma que a sociologia da educação, concebida como sociologia dos modos de socialização – tanto escolares como extraescolares –

e articulada a uma sociologia do conhecimento deveria “apreender as matrizes e os modos de socialização que formaram disposições sociais X ou Y” (LAHIRE, 2017b, p.40). Setton (2005; 2008) corrobora com essa ideia e confere à sociologia da educação a necessidade de ocupar-se por outras matrizes da cultura (mídias, religião, família, etc.), por serem detentoras da dimensão fundamental da formação humana, a socialização. Ao considerar estes espaços como matrizes da cultura, a autora procura enfatizar a importância dos mesmos como portadores de valores morais e identitários, bem como formadores de consciência, com a tarefa de transmissão de ideais que expressam um consenso sobre o mundo. E, portanto, orientadores de

> [...] múltiplas referências de estilos de vida, capazes de forjar, em tensas e intensas relações, um habitus, um modus operandi de pensamento, bem como um sistema de disposições orientador de condutas (SETTON, 2005, p. 345).

Dessa forma, passamos a nos indagar sobre o lugar que os processos educativos e a escolarização dos jovens têm ocupado nos trabalhos sobre a relação entre juventude e religião, bem como o lugar que a juventude ocupa nos trabalhos sobre a relação da escola com a religião.

Em relação à educação, os processos educativos e a escolarização dos jovens, é possível afirmar que a temática foi pouco explorada nos trabalhos sobre juventude e religião. No entanto, mesmo não articulados diretamente à educação formal dos jovens, nos estudos, a escola e a universidade surgem nas falas dos pesquisados como instância relevante de suas vidas. Demonstrando que, de certo modo, para uma parcela da juventude a escola ainda está na disputa pelo processo de socialização da juventude.

Gomes (2015) buscou identificar a rede de influências culturais sobre a sexualidade dos jovens evangélicos. O foco que o autor atribui à escola está no sentido de revelar que a mesma, potencialmente, seria uma das instâncias que organizaria o conhecimento sobre a sexualidade. Contudo, os dados empíricos demonstraram maior impacto das mídias nos percursos sexuais dos sujeitos pesquisados.

No trabalho de Prates e Garbin (2017), a escola surge na fala da entrevistada, uma jovem evangélica assembleiana, para exemplificar seu cotidiano, mas as autoras não discutem sobre essa dimensão da identidade da jovem, explicitada em seu depoimento, focando apenas no lugar da igreja na sua rotina.

> [...] A minha vida é de casa pra escola, de casa pro curso de desenho e depois pra casa direto. […] Durante a semana, não vou pra igreja, porque ficou muito longe de casa. Vou só nas terças, sábados e domingo [...] (Valéria, 16 anos, Canudos – Novo Hamburgo, 2012)" (PRATES & GARBIN, 2017).

Os estudos suscitam que, em prol de viver uma vida em acordo ao pertencimento religioso, os jovens atribuem sentidos à educação e à escola baseados em suas experiências

religiosas. Assim, temos o exemplo de jovens que abandonam os estudos para viverem integralmente dedicados à religião, como é o caso dos jovens da Comunidade Vida no Espírito Santo, estudada por Mariz (2005) e Medeiros & Mariz (2013), que renunciam aos estudos e à profissionalização para viver na comunidade, onde passam a receber uma formação específica para consagração e vida religiosa, desvinculada dos conhecimentos formais/seculares.

Outros exemplos surgem para afirmar que a escola e a universidade são consideradas espaços desafiadores que requerem ao jovem mediar seu pertencimento religioso e vida em uma sociedade plural, e, para tanto, imprimem suas marcas identitárias religiosas e realizam ações proselitistas nesses espaços. O estudo de Miranda (2010) discute a ambígua pertença à comunidade religiosa e à sociedade em que vivem os jovens católicos carismáticos. Nesse sentido, relata as tensões em relação à escolha profissional em detrimento da condenação de cursos de graduação que, segundo as lideranças carismáticas, "põem a fé em perigo" e os investimentos para formar "profissionais do reino"; evangelizar nos espaços das faculdades por meio de grupos de oração e louvor no campus; participação de grupos pré-universitários e congressos para universitários carismáticos.

A pesquisa de Groppo e Borges (2019) apreendeu especificamente a religião como importante forma de sociabilidade e socialização para parte dos jovens universitários, participantes da Aliança Bíblica Universitária (ABU). O trabalho apresentou ainda as práticas formativas da ABU, suas contribuições para inserção de jovens na vida universitária, os sentidos que atribui à filiação religiosa na universidade e suas relações políticas. Em direção semelhante, Scheliga et al (2020) e Teixeira (2023) investigaram a relação entre a religiosidade e a vida universitária, destacando como as filiações religiosas influenciaram a experiência acadêmica.

Scheliga et al (2020) focou na Universidade Federal do Paraná, comparando bacharelado e licenciatura, e revelou que a maioria dos estudantes tinha vínculos com religiões de matriz cristã, especialmente católica e evangélica, com os estudantes de licenciatura participando mais ativamente em suas comunidades de fé. Já Teixeira (2023) explorou como a filiação religiosa podia tanto criar tensões quanto servir de suporte positivo para estudantes durante os primeiros semestres da universidade, observando uma tendência dos alunos em buscar arranjos religiosos mais flexíveis que integrassem dinâmicas culturais e identitárias. Ambos os estudos sublinharam a importância da religião como fator que influenciou tanto a vivência acadêmica quanto as interações sociais e culturais no contexto universitário, embora Scheliga et al (2020) tenha destacado mais a dimensão coletiva da participação religiosa,

enquanto Teixeira (2023) enfatizou a dimensão individual e a flexibilidade das práticas religiosas.

O trabalho de Pereira (2018) merece destaque por estar silenciado o tema educacional. Mesmo as pesquisadas estando em idade escolar obrigatória, se destacam suas fortes relações com o movimento pentecostal e o funk, e parece que a escola já não mais tem sentido para elas. De certo modo, isso pode contribuir para reforçar a tese de Spósito (2003) e de outros autores, sobre a perda da centralidade da escola no processo de socialização dos jovens brasileiros.

Os trabalhos apontam, portanto, que estamos diante de um território fértil e ainda pouco explorado, no que se refere às relações entre experiências religiosas e atuações de jovens estudantes na ressignificação da escola. É possível afirmar, que cada vez mais, a centralidade da vida social e política de muitos dos jovens estudantes está em instituições não escolares e, nesse caso em especial, nos movimentos religiosos.

## 2. AJUSTANDO AS LENTES DE OBSERVAÇÃO

Nesse capítulo, ajusto as lentes de observação em busca de investigar o contexto central do estudo, enquadrando seus elementos mais restritos (cotidiano escolar, grupos de amizades, Grupo Cristão, etc.) que me dessem pistas para o entendimento de como se cruzam trajetórias individuais e coletivas na escola pública de ensino médio, mais especificamente no GC da escola investigada – espaço privilegiado de socialização da religião cristã da Etec pesquisada. Para tanto, lancei mão dos referenciais da antropologia para apreender os 'ritmos' do cotidiano da Etec e reconhecer 'de perto' e 'de dentro' o GC.

### 2.1. Da escolha da escola ao encontro com os sujeitos da pesquisa

Desde o início da escrita do projeto de pesquisa, me interessava realizar os estudos de caso com jovens estudantes evangélicos de escola de ensino médio pública e que todos estivessem matriculados na mesma instituição. Dentre as várias buscas, selecionamos uma Escola Técnica Estadual (Etec), que tem chamado a atenção pela aprovação dos estudantes nos vestibulares e pelo seu Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) que supera as escolas públicas estaduais regulares e inúmeras escolas particulares de todo o estado de São Paulo[12]. Muito desse resultado pode ser explicado por inúmeros fatores, dentre os quais destaco seu orçamento diferenciado, uma política robusta de formação continuada de professores e, ainda, a seleção que fazem dos estudantes ingressantes por meio do vestibulinho.

No início de 2018[13], fiz o contato com uma Etec ligada ao Centro Paula Souza[14] para realização da pesquisa. O contato foi mediado por uma pesquisadora integrante do EmPesquisa

---

[12] O Ideb médio das 100 melhores escolas públicas de São Paulo (6,5) é mais alto do que o Ideb das escolas particulares do estado (6,1) e do que o da média das estaduais, (4,3). Das 100 melhores escolas públicas, apenas 8 delas não são ligadas ao Centro Paula Souza. In: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/09/15/ideb-das-100-melhores-escolas-publicas-de-sp-e-maior-do-que-o-das-particulares-92-sao-tecnicas-de-aplicacao-e-federais.ghtml. A Etec pesquisada teve nota 6,6 no IDEB de 2020, colocando-a na posição de 60ª melhor escola pública do país e 28ª do estado de SP. (Informação retirada do site da escola)

[13] Os primeiros contatos com o GC, aconteceram em maio de 2018, em julho iniciei as entrevistas piloto. Em 2019, passei a acompanhar as reuniões e atividades do GC desde a 1a reunião do ano, e, em seguida, comecei a realizar as entrevistas com os sujeitos. Encerrei as observações do GC em dezembro de 2020. As séries de entrevistas com dois sujeitos foram interrompidas devido a pandemia do novo coronavírus e pretendo retomá-las até março de 2021.

[14] O Centro Paula Souza é uma autarquia do governo do Estado de São Paulo, fundada em 1969. Atualmente o CPS atende 297.000 alunos, sendo 213.000 no âmbito das Escolas Técnicas Estaduais – Etecs, e 84.000 alunos nas Faculdades de Tecnologia – Fatecs. As Etecs oferecem cursos técnicos de nível médio e as Fatecs cursos superiores de tecnologia, 223 Etecs e 73 Fatecs, fazem do CPS a maior instituição pública de ensino profissional da América Latina. Informações disponíveis no site: http://www.desenvolvimentoeconomico.sp.gov.br/programas/centro-paula-souza/

- SP[15] que à época exercia o cargo de orientadora pedagógica na Etec Bento Quirino, que veio a ser escolhida para a pesquisa. Naquele momento fui informada sobre a existência do Grupo Cristão na escola, confirmando ainda mais meu interesse em realizar a pesquisa nessa escola.

Localizada na região central de Campinas-SP, a Etec Bento Quirino oferecia[16] educação profissional em duas modalidades: Ensino Técnico Modular noturno e Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio (ETIM). Meu foco de pesquisa foram os estudantes do técnico integrado ao ensino médio, independente do curso escolhido, que podia ser: Administração; Contabilidade; Logística; Eletrônica; Eletrotécnica; Mecânica; Desenvolvimento de Sistemas.

A Etec Bento Quirino, também conhecida como Bentão[17], é uma das escolas mais antigas da cidade, com 100 anos de existência e cerca de 1.700 alunos oriundos de Campinas e diversas cidades da região, como Valinhos, Vinhedo, Hortolândia, Sumaré, Pedreira, Limeira e Paulínia[18]. Na imagem abaixo (Imagem 1) é possível visualizar a localização da escola em relação ao local de moradia dos sujeitos participantes do estudo de caso da pesquisa, representando essa marcante característica da escola pesquisada.

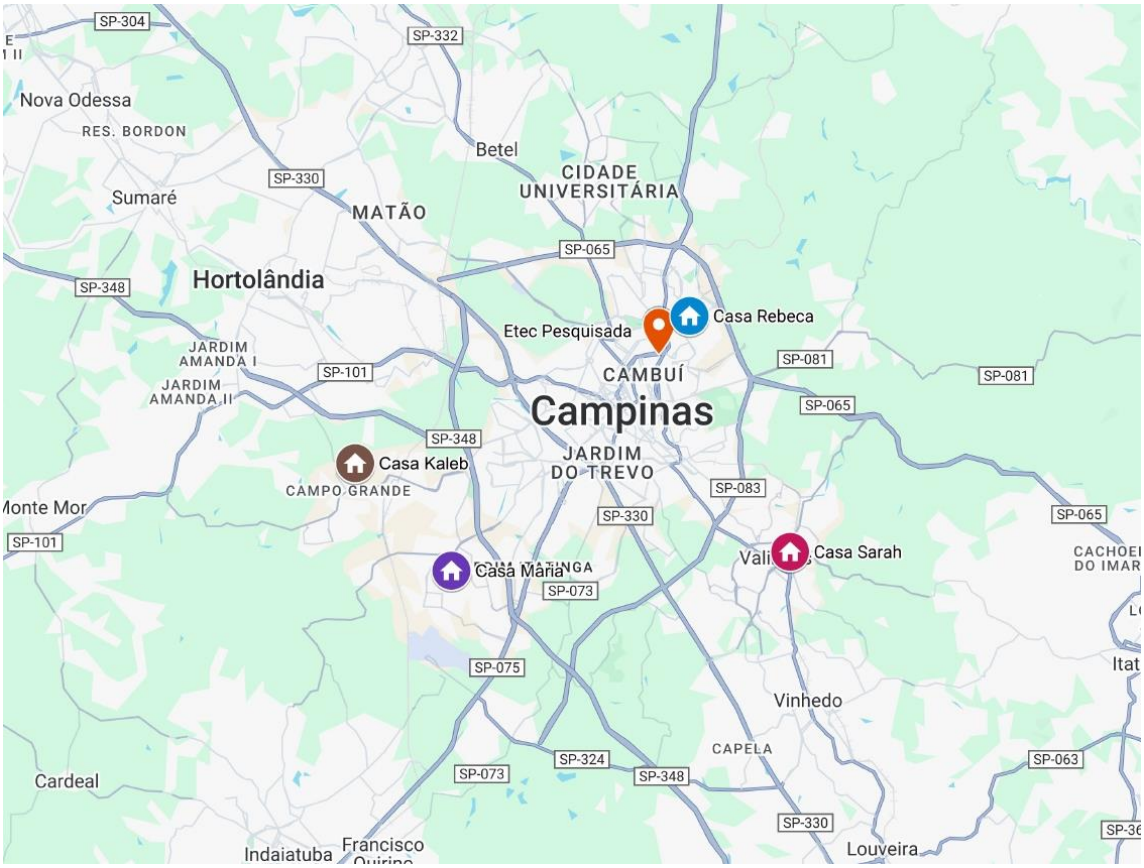
**Imagem 1. Localização da escola e de moradia dos sujeitos da pesquisa**

[15] O EMpesquisa - São Paulo é parte integrante do Grupo Interinstitucional Ensino Médio em Pesquisa (EMpesquisa) que atualmente tem sob sua responsabilidade a produção de um banco de dados nacional que reúne estatísticas e documentos referentes às reformas de Ensino Médio nos diferentes estados. No estado de São Paulo, reúne docentes de diferentes instituições de São Paulo e alunos de pós-graduação que formam o Grupo EMpesquisa - São Paulo, coordenado pelas profas. Dirce Zan e Nora Krawczyk.

[16] Cabe ressaltar que ambas as modalidades são anteriores à Lei 13.415/2017 da Reforma do Ensino Médio. Em 2020, o CPS implementou a Reforma e alterou significativamente o currículo de educação profissional oferecido na rede(PORELLI & CINTRA, 2022).

[17] Vale destacar que essa forma de se referir à Etec Bento Quirino é bastante conhecida na cidade de Campinas. Há anos que a escola é informalmente intitulada pelos estudantes, funcionários e professores, como Bentão. Nas entrevistas, os estudantes sempre se referem à escola dessa forma. Isso também foi observado em todo tempo que estive na escola.

[18] Informação disponível no site da Etec.




Fonte: Adaptado de Google Maps.

O bairro em que a escola está localizada reúne inúmeros comércios, serviços, bares, restaurantes e praças públicas. Por ser a localização, de certo modo, longínqua ao local de moradia da maioria dos estudantes, e o ensino técnico integrado ao ensino médio ocorrer em período integral, muitos estudantes utilizam transporte público municipal e intermunicipal, bem como transporte escolar particular, permanecendo na escola durante todo o período de aula (7h30 às 16h). Esse deslocamento e permanência na escola representam, para muitos deles, o início ao uso do transporte público de forma independente da orientação de seus responsáveis, assim como suas primeiras experiências na cidade, o início de um processo de apropriação e uso do espaço urbano.

Chama a atenção a presença de outras duas escolas de ensino médio próximas à Etec Bento Quirino: uma privada e outra pública estadual de ensino médio regular. As três escolas mobilizam um trânsito intenso de jovens pelo bairro, principalmente entre as 12h e 14h, quando os jovens, em intervalo para almoço, saem de suas escolas e ocupam seus entornos de diferentes formas. É notável a movimentação juvenil nas redondezas das escolas – jovens usando uniformes, mochila nas costas, andando em bandos – imprimindo ao bairro uma configuração diferente daquela vista em outros horários.

**Imagem 2. Amanhecer na cidade e jovens estudantes em direção à escola.**

Fonte: Página pessoal do Instagram de Maria (estudante entrevistada).

A escola ocupa um espaço de um quarteirão. Sua estrutura ampla se mostra bastante privilegiada em relação à maioria das escolas brasileiras[19], mesmo carecendo de inúmeras reformas prediais. A começar pela ausência do excesso de grades e cadeados, muito comuns nas escolas públicas estaduais. Também, diferente de muitas escolas de ensino médio, na Etec os jovens têm autonomia para entrar e sair da escola. Os seguranças garantem a não entrada de público externo sem identificação, mas os alunos não são proibidos ou coagidos a permanecerem o tempo todo na escola. Contudo, a vigilância no interior da escola se dá por meio de câmeras que monitoram os laboratórios, pátios e o interior das salas de aula.

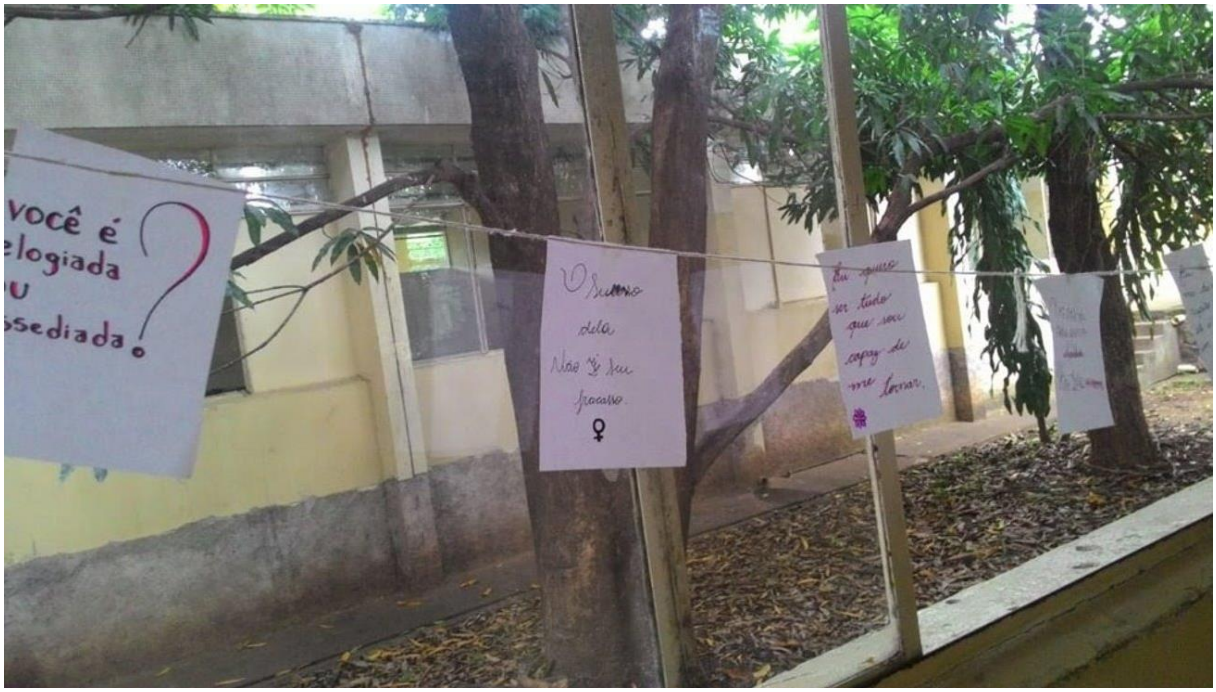
Ao observar a arquitetura da Etec me voltei para o texto de Zan e Possato (2014) que propõe um olhar questionador às estruturas escolares, nos provocando a pergunta: o que a arquitetura da escola diz aos estudantes? Desse modo, além da observação da estrutura predial da escola, passa-se a compreender que a arquitetura da escola exibe esteticamente seu projeto político e sua compreensão de educação. Haja visto que o espaço físico traduz relações de poder existentes, a violência e o controle explícitos na maioria dos prédios escolares da rede pública do estado de São Paulo. De certo modo, é possível verificar que desde a estrutura arquitetônica, a Etec se distingue das outras unidades do estado.

[19] À exemplo de comparação, podemos recorrer aos dois casos de arquiteturas escolares observados por Zan e Possato (2014), titulados pelas autoras como “Escola caixa de aço” e “Escola presídio”, as arquiteturas representam o encontrado na maioria das escolas da rede estadual paulista: estruturas opressivas, arquiteturas escolares que se assemelham à cárceres e expressam as marcas do descaso da gestão escolar e pública com a população e estudantes.

No entanto, é possível compreender, a partir da arquitetura da Etec estudada, um projeto político bastante contraditório e uma compreensão de educação em disputa. O uso de câmeras sugere um ideal de controle contínuo dos estudantes, na lógica da sociedade de controle formulada por Deleuze (1992), em que o "espírito empreendedor" ganha relevância para formação de empregados flexíveis e 'capacitados' segundo os anseios da atual forma de organização produtiva. Ao mesmo tempo, é possível observar um projeto da gestão local que busca educar os estudantes para liberdade, bem como construir e estimular junto aos estudantes um sentido de pertencimento ao espaço escolar.

Desse modo, pude observar intervenções dos estudantes na arquitetura escolar construídas em colaboração com professores, como o projeto de horta e jardim, que além de cultivar e, cotidianamente manter o plantio, os estudantes desenvolveram um sistema de irrigação automático para sua manutenção nos dias de recesso escolar; e como na figura abaixo (Imagem 2), observei iniciativas dos jovens para intervirem no espaço escolar e dar visibilidade às causas que defendem.

**Imagem 3. Intervenção feminista no espaço escolar, iniciativa do grêmio estudantil**




Fonte: Arquivo da pesquisadora.

A estrutura das salas de aula parece comportar adequadamente o número de estudantes, são arejadas e possuem televisores modernos com acesso à internet. Há laboratórios para realização de aulas práticas dos cursos técnicos e das disciplinas de química e física[20]. A escola

[20] Componentes curriculares comuns a todos os cursos de ensino médio.

conta com biblioteca aberta aos estudantes durante todo o período de aula e intervalos; quadras esportivas, que podem ser usadas por eles nos intervalos, além dos horários de aula de educação física; auditório utilizado em palestras e também em eventos organizados pelos estudantes como saraus promovidos pelo grêmio estudantil e reuniões do GC.; espaços de convivência amplos, como pátio com bancos e mesas, áreas verdes com jardim e horta; cantina e refeitório que serve refeições aos estudantes no horário de almoço. Na Imagem 4 abaixo apresentamos a visão panorâmica da escola com marcadores indicando sua estrutura predial.

**Imagem 4. Etec vista de cima e sua estrutura**

Legenda: 1: Portaria principal, em frente à praça; 2: Jardim; 3: Salas de aula; 4: Pátio; em frente à cantina; 5: Horta e espaço verde; 6: Auditório; 7: Refeitório; 8: Ginásio coberto; 9: Laboratórios; 10: Biblioteca; 11: Área esportiva. Fonte: Adaptado de Google Maps.

Ao visitar o site da Etec, e isso se confirmou no cotidiano escolar, fica bastante evidente as relações da escola com o setor produtivo da Região Metropolitana de Campinas (RMC), algo característico das Etecs ligadas ao Centro Paula Souza (CPS), uma vez que têm como princípio fundante a formação de mão de obra qualificada[21]. Com isso, outro aspecto que chama a atenção é a ênfase no empreendedorismo e na inovação, que surgem como palavras de ordem e objetivo último do trabalho desenvolvido com a aprendizagem baseada em projetos. Do mesmo modo, é ressaltado pela escola os projetos e alunos premiados na FEBRACE (Feira Brasileira de Ciências e Engenharia), Prêmio Jovem da Água de Estocolmo (etapa Brasil), Olimpíadas do

[21] Conforme expresso no material comemorativo dos 45 anos da instituição, o Centro Paula Souza tem como missão oferecer ensino para a qualificação de pessoas em constante sintonia com as transformações dos setores de produção. Publicação Institucional disponível em: http://www.portal.cps.sp.gov.br/publicacoes/livro-45-anos/livro_45anos_cps.pdf.

Saber e o Prêmio Benchmarking Brasil. Ao mesmo tempo, a escola cotidianamente divulga os resultados que tem conseguido nos rankings do ENEM e os estudantes aprovados nos vestibulares nas principais universidades públicas do país e região. O Bentão se mantém há alguns anos entre as três primeiras escolas públicas da cidade com melhor nota no ENEM, e todos os anos têm um número significativo de estudantes aprovados nos vestibulares mais concorridos do país, algo amplamente divulgado em toda região de Campinas.

Para o ingresso na Etec, o estudante de 9º ano do ensino fundamental II presta um concorrido processo seletivo: o vestibulinho[22]. Como podemos ver nas entrevistas e no contato com os estudantes, a escolha por essa escola se dá pela oferta da educação profissional, mas também está muito associada ao ensino ofertado com ênfase na preparação para os vestibulares que dão acesso às melhores universidades públicas. Nota-se que a escola atrai uma diversidade de estudantes, no que se refere à origem de classe social, raça, etnia, gênero e local de moradia.

Na escola, pude presenciar uma organização escolar que favorece a autonomia dos jovens na medida em que não há regras rígidas de controle em relação ao tempo de permanência na escola, podendo o estudante sair e entrar na escola nos horários de intervalos. Assim como não há a obrigatoriedade do uso do uniforme e existem espaços na escola que favorecem os encontros e o convívio entre os jovens. Ainda, observa-se um grande estímulo para que existam organizações estudantis, como por exemplo o Grêmio Estudantil que tem participação ativa em tomadas de decisões e organizações de eventos (Sarau; Jogos interclasses; Recepção aos calouros, entre outras). Por meio de relatos dos estudantes e professores, soube que já existiram um grupo feminista e um grupo de teatro. Entretanto é o Grupo Cristão (GC) o que permanece ativo desde o início dos anos 2000.

O GC foi formado por iniciativa dos estudantes, com reuniões semanais e eventos recreativos semestrais divulgando os ideais religiosos cristãos[23]. Os integrantes e suas lideranças sempre foram, na sua maioria, oriundos da religião evangélica com poucos, e às

[22] *Vestibulinho* é o processo seletivo que seleciona candidatos para as Escolas Técnicas Estaduais (Etecs). Podem se candidatar os estudantes que concluíram o ensino fundamental II e não completaram 18 anos. Nos anos em que os pesquisados realizaram o exame de ingresso (2015/2016/2017), os exames ocorreram no mês de dezembro para ingresso no primeiro semestre do ano seguinte. Sendo realizado em um único dia, a prova de múltipla escolha contou com 50 questões de conhecimentos dos conteúdos curriculares do primeiro ao nono ano do ensino fundamental. Foram selecionados os 35 primeiros classificados de cada modalidade. A demanda de inscritos foi variável de acordo com as modalidades, sendo informática o curso mais concorrido, chegando a ter em média 10 estudantes concorrendo por vaga, enquanto no curso de eletrotécnica a concorrência média ficou em torno de 2 a 3 estudantes por vaga. Contando com reserva de vagas (cotas) para os estudantes que cursaram todo o ensino fundamental em escola pública. (Informações disponíveis em https://www.vestibulinhoetec.com.br/, e fornecidas pela coordenação da Etec pesquisada).

[23] O secretário da escola foi um importante informante sobre a fundação do GC.

vezes nenhum integrante de outra religião. Contudo, alegam que prevalecem as leituras da bíblia e evitam discutir doutrinas de igrejas para não causar divergências, por isso o nome dá ênfase ao cristianismo. Evitam conflitos e divergências entre eles.

As observações junto ao GC aconteceram nas reuniões semanais realizadas no interior da escola, em diversos espaços, como o auditório, o jardim, a sala de audiovisual, etc. Assim como em eventos promovidos na escola, pelo próprio Grupo – gincanas; sorvetada[24] –, e fora da escola – evangelismo nos arredores da escola e no Centro da cidade; encontro com outros grupos cristãos, sorvetada no parque. Desse modo, o GC se tornou importante objeto da pesquisa por se tratar de um espaço social construído para e pelos jovens em interação com o espaço escolar e por contribuir para a identificação dos jovens religiosos, tal como almejava desde o início do projeto de pesquisa.

Ao mesmo tempo em que me pareceu um contexto importante a ser estudado, o GC tornou-se um lugar privilegiado para encontrar os sujeitos da pesquisa e conhecê-los em outros momentos de interação. Assim, os estudos de caso envolveram 4 estudantes evangélicos participantes do GC.

A primeira interlocutora com quem tive contato, em 2018, foi a jovem Miriã[25]. Ela se tornou uma importante informante sobre a organização do GC, por ocupar uma das líderes do Grupo. No início de 2019, novos líderes assumiram o Grupo e logo convidei as principais lideranças, Rebeca e Maria, para entrevistas. Em julho de 2019, quando aconteceu a sorvetada do GC no Parque Taquaral, conheci Kaleb. Ele não participava com assiduidade das atividades do GC, mas também fazia parte da liderança. Em seguida, no retorno às aulas no mesmo ano, convidei Sarah e Paulo, que à época eram participantes do GC e em 2020 viriam a assumir sua liderança.

Pelo WhatsApp eram combinados os locais e horários para realização das entrevistas. No primeiro encontro com cada sujeito, eram explicados os objetivos da pesquisa, os procedimentos da série de entrevistas e seus temas, bem como eram explicitados os aspectos legais que envolvem a pesquisa, como o registro e aprovação da pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa CEP-Unicamp[26] e a necessidade da assinatura dos termos (pelo entrevistado e seu

[24] *Sorvetada* é o nome de uma atividade recreativa muito comum em Campinas e região, na qual reúnem-se as pessoas para tomar sorvete, pode envolver a venda de sorvete ou apenas a confraternização. No caso do GC, a sorvetada é sem fins lucrativos, é um momento de confraternização do grupo, além de tomar sorvete também são realizadas gincanas e jogos.
[25] Pseudônimos foram adotados para preservar a identificação dos participantes da pesquisa.
[26] A pesquisa "Jovens evangélicos e a escola de ensino médio", sob responsabilidade de Ana Beatriz Gasquez Porelli e Dirce Zan, foi aprovada pelo CEP/Unicamp,registrada no Número do CAAE (15634819.8.0000.8142).

responsável). Por se tratar de pesquisados menores de idade, eles assinaram o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) e seu responsável autorizou por meio da assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Todos os entrevistados aceitaram prontamente participar da pesquisa e foram autorizados por seus responsáveis a me concederem as entrevistas.

Assim, nos estudos de caso, participaram 3 meninas e 1 menino, com idade entre 16 e 18 anos. Na tabela abaixo (Tabela 1), reunimos alguns dados dos participantes de modo a informar parcialmente o perfil dos sujeitos.

**Tabela 1.** Perfil dos sujeitos entrevistados.

| **Nome** | **Local de moradia/ Distância da ETEC e tempo de deslocamento** | **Curso** | **Igreja que frequenta** | **Escolas Anteriores** |
|---|---|---|---|---|
| Rebeca | Campinas, Jd. Flamboyant - Aprox. 3km da ETEC; 30min. de ônibus ou 10min. de carro | Ensino Técnico em Informática Integrado ao EM | Igreja Presbiteriana Jardim Conceição; Comunidade Presbiteriana Chácara Primavera | Ensino Fundamental e Ensino Infantil - Particular |
| Maria | Campinas, Jd. Ouro Verde - Aprox. 15km da ETEC; 1h10 de ônibus | Técnico em Eletrotécnica Integrado ao EM | Não definida | Ensino Fundamental - Pública Municipal; Ensino Infantil - Particular |
| Sarah | Valinhos, Periferia. Aprox. 20km da ETEC; 1h no transporte escolar | Técnico em Administração Integrado ao EM | Igreja Metodista Videira | Ensino Fundamental e Ensino Infantil - Pública Municipal |
| Kaleb | Campinas, Campo Grande - Aprox. 15km da ETEC; 1h20 de ônibus | Técnico em Eletrônica Integrado ao EM | Igreja do Evangelho Quadrangular | Ensino Fundamental e Ensino Infantil - Pública Municipal |

Fonte: Dados de entrevista.

Os sujeitos são moradores de Campinas e região. Estudantes do segundo e terceiro ano do ensino médio de diferentes cursos técnicos. Todos declaram-se evangélicos, de diferentes denominações evangélicas. Uma participante, no período em que aconteceram as entrevistas, estava à procura de uma igreja para se filiar. A maioria advém de escolas públicas no ensino

fundamental e no ensino infantil, em idade-série regular, indicando uma trajetória escolar linear, sem interrupções por reprovações ou abandono.

Em relação aos grupos familiares dos entrevistados, todos moravam com seus pais. Na tabela abaixo (Tabela 2), reunimos os dados sobre profissão e escolarização dos principais responsáveis pelos sujeitos participantes da pesquisa.

**Tabela 2. Profissão e escolarização dos responsáveis do grupo familiar dos participantes.**

| Nome | Responsável | Profissão | Escolarização |
|---|---|---|---|
| Rebeca | pai | Engenheiro Elétrico | Graduação em Engenharia Elétrica (IES privada) / Especialista na área |
| | mãe | Professora de Ensino Fundamental I - Rede Pública Estadual | Graduação em pedagogia (IES privada) |
| Maria | pai | Técnico em telecomunicações | Ensino técnico |
| | mãe | Dona de casa | Ensino médio (EJA) |
| Sarah | pai | Porteiro | Ensino fundamental incompleto |
| | mãe | Cuidadora de idosos / Porteira | Técnico em enfermagem |
| Kaleb | pai | Pedreiro e pastor | Graduação em Administração (IES privada) |
| | mãe | Dona de casa | Ensino médio |

Fonte: Dados de entrevista.

É interessante notar que a maior parte dos entrevistados estava vivenciando trajetórias escolares bastante distintas às de seus pais, mais lineares e de dedicação exclusiva aos estudos e, conforme visto nas entrevistas, ansiavam o ingresso no ensino superior e seguir em carreiras de maior prestígio social que a de seus pais. Isso nos remeteu às mudanças significativas que aconteceram na relação dos jovens brasileiros com a escola, desde o início dos anos 2000. Dos

dados quantitativos da PNAD (2004-2014) analisados por Sposito, Souza e Silva (2018), dois aspectos chamaram a atenção em comparação ao vivido pelos jovens pesquisados: primeiro, que uma parcela significativa de jovens de 15 a 17 anos progressivamente se afastou do mundo do trabalho e a escola passou a ser seu principal vínculo; segundo, que os jovens com idade entre 18 a 24 anos passaram a vislumbrar a continuação dos estudos após findada a educação básica e, desta forma, acessar o ensino superior. Dos jovens com idade entre 15 e 17 anos, em 2004, 60% se dedicavam exclusivamente à escola, e em 2014, esse percentual subiu para 67,9%. Os níveis de ensino mais acessados pela população jovem de 18 a 24 anos, em 2004, (66,3%) eram o ensino fundamental ou médio. Uma década depois o ensino superior tornou-se predominantemente frequentado pelos sujeitos desse grupo etário (58,5%) (SPOSITO, SOUZA, SILVA, 2018). As autoras avaliaram o primeiro processo como resultado da articulação de políticas públicas e sociais que atingiram diretamente a condição desses jovens sujeitos, tais como valorização do salário-mínimo e uma política de pleno emprego que geraram melhorias dos rendimentos dos pais ou responsáveis adultos e, consequentemente, uma possibilidade dos filhos se dedicarem somente aos estudos. No segundo processo, a massificação do ensino médio, que vinha acontecendo desde os anos de 1990 e a pluralidade de iniciativas que induziram a expansão de vagas no ensino superior, ao longo da primeira década dos anos 2000, seriam as principais causas das mudanças nas expectativas dos jovens em prosseguirem nos estudos para além da educação básica.

Como a pesquisa aconteceu em um período de três anos (2018 – 2021), foi possível acompanhar o movimento da vida escolar dos jovens de encerramento do ensino médio, dúvidas e escolhas sobre o que seguir após o fim desse momento da vida, bem como as frustrações e/ou alegrias em ingressar ou não no ensino superior. Dos entrevistados, Rebeca e Kaleb prestaram os vestibulares em faculdades particulares de Campinas, e por suas notas altas foram contemplados com bolsa integral ofertadas por essas instituições. Rebeca entrou no curso de Psicologia e Kaleb Engenharia de Controle e Automação. Maria está cursando Engenharia Elétrica na UNESP/Bauru. Sarah começou a trabalhar na área do técnico e ingressou em um cursinho popular, no ano seguinte ingresso na Universidade Federal do ABC paulista no curso de Ciência e Tecnologia.

### 2.2. Observando contextos

Durante o período em que estive na escola (abril/2018 - fevereiro/2020), foram realizadas observações do contexto social dos jovens, sobretudo com foco nas relações que

estabeleciam com a escola de ensino médio técnico e com a religião evangélica. Esse momento da pesquisa teve como objetivo estabelecer aproximações junto aos jovens evangélicos estudantes da escola de ensino médio técnico, decifrar códigos e símbolos por eles estabelecidos, dialogar sobre seus interesses, frequentar os momentos de intervalo, ir aos eventos promovidos pela escola e pelos estudantes, acompanhar as atividades do GC que acontecem na escola e consolidar vínculos mais próximos aos sujeitos que viriam a ser os entrevistados posteriormente.

Ciente de que muitas vezes os jovens podem se mostrar inteiramente estranhos a nós, e estar em meio a eles é um desafio, o que pode tornar as aproximações complexas, como um verdadeiro enigma ao mundo adulto. Assim, busquei, como nas palavras de Carrano (2005)

> [...] conseguir os necessários "vistos" e "passaportes" para a viagem que é dialogar e mesmo compartilhar os sentidos culturais que são elaborados nas múltiplas redes sociais da juventude (CARRANO, 2005, p.157).

Desse modo, o caminho metodológico para o desenvolvimento desse momento da pesquisa, em que o objetivo era 'preparar o terreno' para a realização dos estudos de caso, requereu ser etnográfico. A opção por uma pesquisa desse tipo tornou-se relevante na medida em que, interpretando o vivenciado pelos jovens no cotidiano escolar, foi possível decifrar quem eram esses jovens e como acontecia o processo de "ser jovem" e "ser religioso" no tempo e espaço da escola de ensino médio. Ao mesmo tempo, ela possibilitava

> [...] penetrar num determinado universo sociocultural, na busca de decifrar "estranhos" códigos, ler entrelinhas, perceber comportamentos, "pescar" discurso e falas, interpretar significados, enfim, filtrar o dito e o não dito pelos atores sociais no que se refere à problemática de algum estudo (OLIVEIRA E DAOLIO, 2007, p.141).

Ainda que esse método inicialmente tenha sido concebido para estudos de povos primitivos, Magnani (2002) defende que podemos nos tornar etnógrafos de nossa própria sociedade quando tomamos distância em relação a ela. Desse modo, os processos de aproximação e distanciamento e de familiarização e estranhamento conduzem o fazer etnográfico e o caracteriza mesmo acontecendo em espaços urbanos e sociedades que são familiares a nós. Isso porque a etnografia sempre propicia o encontro com o Outro, expressando o princípio da alteridade, para uma interpretação da dinâmica cultural do Outro.

Para a aventura etnográfica na escola, portanto, busquei nos referenciais metodológicos de Clifford Geertz, estabelecer o "fazer etnográfico" a partir de uma "descrição densa". Geertz (1989) assume o conceito de cultura "como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de

significado" (GEERTZ, 1989, p.4). Diante disso, propõe aos que procuram se aventurar na Antropologia a concepção de "descrição densa", para uma prática etnográfica que extrapole uma "forma de método", e assim

> [...]Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendencioso, escrito não com os sinais convencidos do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p.7).

Nesse sentido, busquei me inserir no horizonte de compreensão das dinâmicas culturais vividas pelos jovens evangélicos no cotidiano da escola de ensino médio técnico, em busca de uma etnografia, ou da produção de uma "descrição densa". Dessa forma, foi necessário considerar quatro características para a descrição etnográfica: primeiro, entendê-la como interpretativa; em segundo, compreender que o que ela interpreta é o fluxo do discurso social; em terceiro, que a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o "dito" num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis; e, por fim, que ela é microscópica (GEERTZ, 1989, p.15).

Assim, recorreu-se ao caderno de campo que, como Magnani (1997) afirma, é o único capaz de captar as informações que estão além das entrevistas e do que pode ser obtido por meio do gravador, fotografias, filmagens ou transcrições. O caderno de campo foi, portanto, o companheiro fiel da pesquisadora nas observações etnográficas para registrar anotações, impressões, observações, esboços, desabafos, etc.

Muitas anotações foram feitas também no celular e depois transcritas para o caderno de campo. Durante as reuniões do GC e nas atividades externas do grupo, como as sorvetadas e os evangelismos na rua, o celular se tornou uma ferramenta mais prática que o caderno de brochura para fazer registros e esboçar impressões no tempo dos acontecimentos. Usar o celular com tais funções, de certo modo, ainda me afastava da imagem de pesquisadora observadora que tudo anota e vigia.

No cotidiano das observações, após as reuniões do Grupo, quando os estudantes retornavam para a sala de aula e o pátio da escola ficava vazio, costumava sentar-me para revisar o que fora anotado no celular e, no caderno, transcrevia relatando de modo mais elaborado sobre a reunião e minhas impressões daquele dia. Isso era feito após cada entrevista e cada atividade observada. Por fim, iniciei a digitalização do caderno de campo, transcrevendo para computador o que ficou registrado. Nesse processo último, as cenas escritas eram revividas a cada releitura

com o privilégio do distanciamento temporal que propiciou novos olhares sobre as práticas do GC e outras interpretações.

As observações etnográficas tiveram início em abril de 2018, com visitas à escola todas as sextas-feiras pela manhã. Nesse período, aconteceram os primeiros contatos com o cotidiano escolar, com professores, funcionários e estudantes participantes do GC, bem como as primeiras inserções em eventos organizados pelo GC. No ano seguinte, estive todas as quintas-feiras acompanhando as reuniões do GC, que ocorriam no horário de intervalo para almoço, bem como acompanhei as conversas no grupo de WhatsApp do GC, a organização das atividades de evangelismos e de lazer por eles promovidas.

As entrevistas foram agendadas com intervalo de tempo entre uma e outra de no mínimo uma semana, assim, ao longo dos anos foram sendo realizadas em diversos horários que fossem mais convenientes aos estudantes. Nos dias em que havia reuniões do GC ou entrevistas agendadas, procurava permanecer um período maior circulando pela escola, normalmente eram horários de intervalos ou de aula vaga de algumas turmas, e acabava encontrando os participantes da pesquisa em momentos de descontração com suas turmas de amigos, jogando bola, tocando violão, lanchando junto, etc.

Em 2020, a ideia inicial era retomar apenas por mais um semestre as atividades de campo, encerrar as entrevistas com dois jovens e entrevistar mais outros dois. Contudo, em menos de um mês após o retorno das aulas, houve a suspensão das atividades letivas presenciais devido à pandemia do Covid-19. O contato continuou com o grupo via WhatsApp e, em pouco tempo, o GC se reorganizou para manter suas atividades virtualmente.

Quando o GC intensificou o uso das redes sociais, utilizando-se principalmente do Instagram, o ciberespaço passou a ser um importante campo para a realização da pesquisa. A partir da página do GC no Instagram acompanhei semanalmente as Lives realizadas sempre por dois integrantes do grupo. Pela plataforma do Google Meet participei dos encontros semanais em que ocorreram devocionais virtuais e, ainda, observei e interagi com os pesquisados por meio de seus perfis pessoais do Instagram e do Facebook. Passando, assim, a explorar os terrenos digitais que os jovens circulavam e que o GC atuava.

Além de virtualmente manter o contato com os pesquisados, esse momento propiciou o acesso a conteúdo de natureza biográfica divulgados pelos jovens no Facebook e no Instagram. Nas redes sociais os jovens se expressam, compartilham imagens de si e de outros, manifestam suas opiniões, registram momentos e situações vividas, expõem e reagem a comentários, exibem afinidades estéticas e seguem figuras públicas. Por meio de seus perfis podemos ainda

conhecer as páginas e perfis de *influencers* que são seguidos e/ou compartilhados, e, então, pôde-se identificar certos valores, estilos, linguagens, modos de vida e ideias que são veiculadas no meio juvenil evangélico.

### 2.3. Estudantes evangélicos no Bentão

Ao buscar uma escola para realização da pesquisa com os jovens evangélicos encontramos a Etec Bento Quirino e nela, a existência de um Grupo Cristão (GC). Não contávamos com a possibilidade de haver uma organização juvenil religiosa no interior de uma escola de ensino médio, sem a interferência direta de instituições externas, autogerida por jovens e com maioria evangélica. Ao longo da pesquisa, descobri que os grupos cristãos têm sido uma prática juvenil frequente nas escolas[27]. Nesse sentido, fiquei instigada a ampliar nossos interesses de pesquisa e aterrissar no cotidiano escolar a partir das ações do GC, buscando entender como se configura essa organização juvenil e como interesses religiosos individuais se encontram num coletivo no meio escolar.

As observações etnográficas no GC aconteceram de abril de 2018 a dezembro de 2020. Em 2018, os encontros foram esporádicos. No período, eu trabalhava em tempo parcial e o único dia livre possível da semana para ir a campo era a sexta-feira. Logo, eu participava de algumas reuniões que, por vezes, eram transferidas de quinta-feira para sexta-feira - e participei da sorvetada que aconteceu no final desse mesmo ano. Ainda nesse período, entrevistei dois jovens que à época eram líderes do GC, e o Tio Cris, o secretário da escola, também evangélico, que sempre teve uma relação bastante amigável com o GC – por isso é chamado por eles de tio. As entrevistas com tiveram como foco o GC e foram importantes para elencar aspectos históricos e compreender como o grupo vem se organizando. Em 2019 e 2020, a minha participação pode ser mais intensa. A bolsa de doutorado permitiu que eu pudesse me dedicar exclusivamente à pesquisa, e assim, frequentar as ações do GC, reuniões e eventos dentro e fora da escola promovidas pelo GC, bem como acompanhá-lo nas redes sociais e participar do grupo de WhatsApp. Em 2020, com a pandemia do Covid 19, as interações virtuais ganharam novos sentidos, revelando as possibilidades da etnografia além dos espaços físicos presenciais.

Neste capítulo, pretendo apresentar o GC, descrever suas práticas no cotidiano da escola e discorrer sobre o que é ser jovem evangélico estudante na escola de ensino médio para os

[27] Entrei em contato com organizações de grupos juvenis semelhantes ao GC do Bentão na ocasião do evangelismo coletivo que foi organizado pelo GC e outros 3 GCs de escolas de ensino médio de Campinas.

participantes do GC. Assim, a escrita desse capítulo se fundamenta parte nas entrevistas com sujeitos e, principalmente, nos registros de meu caderno de campo.

### 2.3.1. O Grupo Cristão do Bentão

Desde o início da pesquisa de campo, foi buscada a identificação dos ritmos da escola, conforme preconiza Pereira (2016). Inspirado nos ritmos urbanos de Lefebvre (2004), o autor propõe a interpretação do pulsar dos ritmos e movimentos da escola na relação entre corpo e espaço. Ao analisar as práticas culturais juvenis em uma escola de ensino médio, Pereira (2016) identificou os ritmos que os jovens criam na dinâmica escolar e como muitas vezes esses ritmos se opõem ao ritmo que a escola procura impor aos alunos, baseado em um ideal típico de aluno. Assim, a zoeira ganha destaque na investigação do autor, que registra os modos como ela ocorre e perturba o trabalho docente, uma vez que busca romper com o ritmo disciplinar da escola. Ele também ressalta que a configuração da escola, seja pública e gratuita ou particular e paga; em bairros periféricos pobres ou localizada no centro da cidade, pode influenciar o tratamento dado ao jovem que desafia a ordem escolar. As indisciplinas dos jovens de escolas públicas periféricas costumam ser tratadas como casos de polícia, e os estudantes são estigmatizados como delinquentes. Por outro lado, nas escolas particulares ou localizadas no centro da cidade, os estudantes não são rotulados dessa maneira, seus comportamentos não são expostos publicamente e são justificados como sendo próprios da idade (PEREIRA, 2016).

O ritmo do Grupo contrasta com os ritmos de brincadeira identificados por Pereira (2016) e se adapta facilmente ao ritmo disciplinar esperado pela escola. Isso parece agradar especialmente aos funcionários, que de certa forma monitoram constantemente os comportamentos dos estudantes fora da sala de aula. Essa percepção ficou bastante evidente quando os vigias da escola foram informados sobre a pesquisa em andamento e a proposta de acompanhar semanalmente os encontros do GC. Um vigia reiterou o que outros funcionários já haviam afirmado: " “são meninos de ouro”.

> “Eu fico muito feliz em ver esses meninos. Eles são diferenciados. Têm os [estudantes] que quando saem da escola, saem para namorar por aí, fumar, só fazer coisa errada. Esses alunos aí não. Tem vez até que eles saem pra orar pelas pessoas, falar de Jesus. Eles são meninos de ouro.” (Registro do Caderno de Campo, 26 de abril de 2018)

A orientadora pedagógica foi a primeira referência na escola para a pesquisadora. Foi ela que apresentou os pátios, refeitório, jardim, horta, quadras esportivas, os vários espaços à disposição dos estudantes para seu tempo livre e sem muitas interferências dos adultos. Em pouco tempo na escola, foi possível notar uma relação entre os jovens estudantes e a instituição

distinta de outras já conhecidas. O Bentão possui espaços abertos e com muito verde, espaços que eram ocupados livremente pelos estudantes nos horários de intervalo. Utilizavam os espaços esportivos e tinham liberdade para entrar e sair da escola quando quisessem. Ademais, o uso de uniforme não era obrigatório e alguns grupos de jovens faziam pequenas rodas de violão, o que nos permite de certo modo identificar estilos, gostos e interesses diversos dos jovens. Contudo, logo no início não foi observada nenhuma característica desses grupos que permitisse, de alguma forma, presumir que eram jovens evangélicos.

Na medida em que transitava mais pela escola, a pesquisadora era saudada com muita simpatia por funcionários. Inúmeras foram as manifestações espontâneas e afirmativas sobre o GC e seus participantes, ressaltando o quão eram "responsáveis", "exemplares" e "bons alunos", deixando claro o quanto esse grupo de jovens era bem-quisto pela escola e ocupava um lugar privilegiado em relação a outros. Começamos a ponderar qual seria o motivo desses estudantes terem tamanho prestígio entre os funcionários. Seria devido ao tempo de formação do grupo e a constância de suas atividades? Ou seria o fato de ser um grupo cristão?

O secretário da escola, que é carinhosamente chamado pelos estudantes de Tio Cris e também é evangélico, foi um importante mediador na relação com o grupo. No primeiro contato, foi ele que levou a pesquisadora até o auditório onde estava acontecendo uma reunião do GC. No caminho contou que tinha uma relação bastante amigável com o GC, que ele os acompanha desde sua fundação. Teceu ainda inúmeros elogios aos jovens do grupo e disse que seria muito bem recebida no meio deles, "porque eles são de Deus" (Registro do Caderno de Campo, 26 de abril de 2018).

Nesse dia, no caminho ao encontro do grupo, em algumas vezes se fez necessário aumentar o volume da voz para que funcionário e pesquisadora conseguissem se entender. Existe um barulho alegre produzido pelos jovens que ainda estão no intervalo. Mas, à medida em que se aproximavam do auditório, os ruídos externos diminuíram, mas ainda havia um burburinho. No auditório os jovens já se preparavam para iniciar a reunião. Há um outro ritmo no interior do auditório, diferente dos ritmos dos jovens que estão do lado de fora.

Os ritmos do lado de fora, produzidos pelos jovens que estão no pátio, se assemelham aos outros ritmos da escola descritos na pesquisa de Pereira (2016). Possuem uma dinâmica própria da cultura juvenil e soam muitas vezes como barulho e desorganização no mundo adulto e segundo o ritmo disciplinar que prevalece na escola. Já o ritmo no interior do auditório, de certo modo, reverbera um ritmo de fora da escola, comumente encontrado nas instituições

religiosas e não entra em conflito com o ritmo disciplinar. Expressa, dessa forma, uma organização inteligível aos adultos que o observam.

**Imagem 5. Momento de louvor do GC reunido no salão nobre.**

Fonte: Arquivo da autora.

Entre os professores, quando me apresento, a reação é diferente da dos funcionários. No geral, eles comentam que há muitos estudantes evangélicos na escola, mas não tecem elogios ou fazem alguma distinção desses e dos demais estudantes. Quando entrevistados, alguns se valem da existência do GC na escola para caracterizar a liberdade de crença dos estudantes como fundamental para construção de uma escola laica. A única fala contestadora sobre presença do GC no espaço escolar foi a de uma professora da área das ciências humanas que presenciou um grupo de estudantes feministas tentar se organizar e receber tratamento diferente ao que é dado ao GC.

> [...] o grupo cristão pode pegar o salão nobre de boa. O resto é a maior encheção de saco, por que só grupo cristão pode? A gente fez discussão de gênero no grupo de combate à violência, aí tem lá as cartilhas contra assédio, estávamos lendo a Chimamanda, e as meninas começaram um grupo feminista. Olha só que loco, aí algumas professoras. Professoras, viu? Elas começaram a ficar em pânico das alunas estarem se reunindo e conversando. Então, começaram a falar: “tem um monte de alunas que querem discutir

> textos feministas, alguém, algum professor está junto?". Aí eu pergunto: "O grupo cristão tem um professor junto? Não!". Então, é assim, sem ficar muito claro, mas agora desse jeito está bem claro sem fazer associação, sim, é uma escola que tem bastante intolerância à diversidade religiosa. Muita intolerância! E bastante receosa por parte dos professores dos discursos feministas. (Professora Carol)

Com o relato da professora Carol e as manifestações positivas em relação aos participantes do GC, foi possível observar como, dentro de uma mesma escola, um marcador religioso podia colocar um grupo em lugar de privilégio em relação a outro. Ao mesmo tempo, seus integrantes recebiam tratamento diferenciado por serem associados a um ideal típico de bom aluno e pela identificação entre funcionários e estudantes de mesma religião. No Bentão, ainda que a presença religiosa cristã não se apresentasse por meio de símbolos concretos no espaço escolar e, como metaforicamente afirmava Cunha (2013), não entrasse na escola pelas portas da frente (na forma de Ensino Religioso), foi possível afirmar que talvez ela nem precisasse de portas. Uma vez que ela entra como um "penetra" através dos próprios estudantes que reivindicavam um espaço para a expressão de sua identidade religiosa e encontram acolhimento para fazê-lo.

O "penetra" é alguém que entra em eventos sociais sem ser oficialmente convidado. Mas, geralmente, ele transmite confiança e amabilidade para se misturar entre os convidados genuínos e passar despercebido. Com uma aparência adequada e habilidades desenvoltas, o penetra se esforça para não atrair atenção desnecessária, demonstrando sua capacidade de se adaptar a diferentes situações e ambientes sociais. Assim, ele contornar obstáculos como segurança e lista de convidados para alcançar seu objetivo: desfrutar das comodidades oferecidas no evento.

### 2.3.2. Atuações do GC: a influência da religião evangélica

Segundo relatos obtidos durante a pesquisa de campo, o início do GC do Bentão se deu em 2000 quando um estudante evangélico que levava o violão para escola começou a incluir canções religiosas no repertório musical que reunia os colegas em rodas de música nas aulas vagas e intervalos. Os estilos musicais gospel e popular, sobretudo entre o público juvenil evangélico e católico carismático, passaram a atrair outros jovens da Etec com pertencimento religioso cristão. Além dos momentos musicais, surgiu entre esses estudantes o desejo de se reunir para orar. Para isso, pediram a autorização da direção escolar para usarem uma sala uma vez por semana. Em pouco tempo, foi estabelecida uma liderança e consolidou-se em um grupo autogerido, com reuniões semanais, autodenominado Grupo Cristão (GC) do Bentão.

De 2018 a 2020, observou-se três transições de lideranças. A cada mudança de liderança, mantinham-se as atividades de reuniões semanais, sorvetadas no final de cada semestre, evangelismos. Alguns princípios se perpetuavam, com os líderes prezando por manter boas condutas no cotidiano da escola, atrair novos estudantes ao grupo, preparar novos líderes, não divulgar nomes de igrejas, e focar apenas no cristianismo e no amor. Algumas alterações aconteciam nas abordagens e nos modos de conduzir as reuniões, elaborar as mensagens e proporcionar o momento de louvor, em razão das competências e habilidades do líder. Contudo, as referências dos líderes utilizadas na elaboração das mensagens se centravam principalmente nas experiências vividas em suas igrejas – todas evangélicas – conforme consta nos registros do Caderno de Campo:

> Sarah (líder do GC em 2020) introduz o tema da mensagem - Gratidão - explica que esse tema também foi discutido na mesma semana na célula de jovens que frequenta e, então, resolveu trazer no grupo. (Reunião do GC, em 19 de setembro de 2019)
>
> Rebeca propõe uma dinâmica no grupo, explica que essa foi feita na célula de jovens que ela participa em sua igreja e espera que ninguém conheça para que a "mágica seja surpresa para todos". Na dinâmica, ela usa quatro cadeiras e quatro pessoas, todas se sentam e em seguida deitam o troco sobre o outro de uma forma que depois ela retira as cadeiras todos permanecem na mesma posição, apoiados uns nos outros. Depois ela discutiu sobre o tema Amigos na fé. (Reunião do GC, em 11 de abril de 2019)
>
> Hoje aconteceu o primeiro dia de devocional on-line utilizando o Google Meet, Paulo explicou que o material proposto é o mesmo que está sendo usado nos devocionais das células da igreja dele, Sarah também relatou que já conhece o material e que também utilizam na sua igreja. Se trata de Planos Bíblicos do App da Bíblia Online/NVI - Nova Versão Internacional. Justificaram que ler e discutir juntos seria diferente de quando leram em suas igrejas. (Devocional online, 21 de setembro de 2020)

A elaboração das mensagens e estudos propostos pelos jovens líderes, assim como os modos como lideram e organizam o grupo, refletem as ações educativas investidas pelas igrejas evangélicas por eles frequentadas.

O protestantismo tradicionalmente investiu na formação e preparação de lideranças, delegando aos fiéis a missão evangelizadora, seja através de ações coletivas organizadas ou práticas individuais. Dessa forma, os estudos bíblicos são valorizados nas igrejas evangélicas enfatizando não só conhecimentos sobre a bíblia, mas também a expansão da mensagem e a comunicação do que se aprende.

As chamadas "células", mencionadas pelos líderes do GC, exigem destaque. Célula é o nome atribuído a um tipo de grupo, fruto do projeto de visão celular, o qual vem sendo adotado como principal estratégia de formação de líderes nas igrejas pentecostais e neopentecostais,

tendo em vista a expansão do número de membros (ORO, 2008). Acontecem principalmente durante a semana e não necessariamente no espaço da igreja. Ao invés de reunir os membros em um culto formal no prédio da igreja, os fiéis se reúnem em grupos menores divididos por idades, interesses, afinidades, etc., para estudos bíblicos, momento de louvor e oração, normalmente com material dirigido pela igreja. Na célula, o líder pode ser qualquer fiel, "que é 'desafiado a sonhar com uma igreja cheia', a 'cuidar bem das pessoas'" (GOMES, 2010, p. 78).

Para os evangélicos, a missão de evangelizar não é exclusividade dos dirigentes da igreja, mas de todo aquele que se converte. Não basta que o convertido frequente o templo, é preciso que ele atue, se envolva, evangelize, faça a diferença no mundo e, assim, leve novos membros para a igreja. Além da associação à uma igreja, os evangélicos tendem a atuar de forma comprometida dentro e fora dos espaços religiosos. Com esse intuito, os jovens buscam dar visibilidade ao GC, tornar pública a sua presença a fim de "todos saibam que aqui tem jovens de Deus" (Miriã, 18 anos, Líder do GC em 2018).

Para tanto, nas reuniões, os líderes incentivam os participantes a convidar outros estudantes. O convite, por sua vez, envolve ressaltar o interesse do grupo exclusivamente em torno de práticas cristãs e, ainda, mostrar-se como um modelo de vida para os demais. "A gente tem identidade de cristão, a gente quer mostrar isso. A gente tem que mostrar isso. Para que os outros vejam que somos diferentes" (Miriã, 18 anos, Líder do GC em 2018). Sobretudo entre os líderes, é demandado uns dos outros que condutas e comportamentos entendidos como coerentes com a posição de cristão sejam prezadas no dia a dia da escola. Isso envolve, como exemplos mencionados e observados, não colar nas provas, ter um bom comportamento em sala de aula, respeitar os professores, ter boas relações com os demais estudantes.

Outra maneira encontrada pelo GC de tornar pública sua presença na escola é se reunir pela manhã para orar antes do horário de entrada em frente ao portão da escola. Por volta das 7h20 (dez minutos antes do sinal para entrada), eles fazem um círculo se abraçando e oram pelas aulas do dia e demais pedidos de oração elencados pelos jovens. Diferente das reuniões que acontecem em espaços mais reservados, esse momento se dá aos olhos de todos os estudantes que chegam.

O grupo organiza-se ainda em ações que levam para fora da escola. Ao menos uma vez por semestre, no horário de intervalo, os jovens se dividiam em grupos pequenos e iam às ruas dos arredores da escola para orar pelas pessoas que por lá se encontravam, a maioria trabalhadores do comércio local que estão em seus horários de almoço. Nos pequenos grupos que acompanhei na atividade, ao abordarem as pessoas, se apresentavam como Grupo Cristão

do Bentão e perguntavam se podiam orar por elas. Algumas poucas recusaram; a maior parte aceitava e expunha os problemas de diversas ordens pelos quais queriam a oração. No final do primeiro semestre de 2019, o GC se uniu a outros três grupos cristãos juvenis de escolas de Campinas e realizaram ação semelhante no centro da cidade. Uma série de atividades foram pensadas para chamar a atenção dos passantes: teatro, música, cartazes com a frase "abraço grátis" e por fim, uma mensagem com apelo voltado às pessoas que se sentissem tocadas a mudar de vida e que quisessem uma oração especial.

Dar visibilidade à crença não é um ato neutro, mas inscrito numa lógica cristã de divulgação e revelação. Ocupar os espaços públicos e divulgar princípios religiosos é por si só a realização de um valor evangélico-pentecostal, uma forma de expressão religiosa característica do campo pentecostal. Nesse sentido, estar e fazer pública a fé são elementos estruturantes da religiosidade de seus seguidores (MEYER, 2011). Não obstante, sendo o GC majoritariamente composto por evangélicos, tal lógica orienta em alguma medida o modo do grupo e seus participantes se relacionarem com a escola e com o espaço público.

Ao mesmo tempo, observamos que as referências que os jovens utilizam para construir as dinâmicas que dão corpo ao GC não se limitam àquelas apreendidas nas igrejas. Durante as mensagens era bastante comum que fossem citados vídeos do Youtube, perfis do Instagram, filmes, livros e canções, que todos conheciam e que não necessariamente estão associados ou são divulgados nas igrejas dos jovens, mas que eles acessam principalmente via internet e redes sociais.

> Antes que começasse a entrevista em profundidade com Rebeca (líder do GC em 2019), já com o gravador ligado, conversamos sobre o vídeo que ela compartilhou no grupo do WhatsApp e que estava relacionado com a mensagem que ela desenvolveu na reunião sobre as redes sociais. Nesse momento, eu a questionei sobre como pensou o tema, e ela explicou: "Eu falei um pouco em cima disso tudo. Aí eu falei como rede social é um instrumento muito forte pro ego e tudo mais. E eu comecei falando dessa música que me fez pensar tudo isso. Só que aí, como o grupo foi no jardim, eu não tinha a estrutura pra mostrar a música e tudo mais. Aí eu fiquei de mandar lá no grupo (de WhatsApp) o vídeo que ele mostra a música e explica tudo. A música não é cristã, mas puxa umas ideias legais (...) O canal do Youtube é o Dois Dedos de Teologia, depois você vê lá, é muito bom, sempre tem temas bem profundos." (Registro do Caderno de Campo)

> Durante a Live transmitida no Instagram do GC, em 24 de agosto de 2020, Sarah dá um exemplo sobre a perfeição de Deus, onde surge uma piada interna nos comentários. Não entendi do que se tratava, os jovens se chamavam de "Terra", aí descobri que eles imitavam a Patrícia Ramos (perfil no Instagram: @patriciaramosr) da Igreja Oceans In Move. Me explicaram que ela é "maravilhosa", a "pessoa mais incrível do mundo". Trata-se de uma jovem negra de 21 anos que é blogueira cristã, cantora, modelo, empreendedora e

> humorista que ganhou prêmio de destaque do ano nas redes sociais. “Para com isso, Terra!” É o jargão que ela inventou para se comunicar com os seus milhões de seguidores no Instagram, onde de forma humorada ela dá conselhos de todos os tipos (relacionamento, moda, carreira, empreendedorismo, entre outros), canta e testemunha como prosperou e superou a baixa autoestima. (Registro do Caderno de Campo)

Com isso, é possível observar que são múltiplas as referências sobre religiosidade dos jovens, não estão unicamente vinculadas à igreja que frequentam, mas também podem ser mediadas por uma mídia evangélica acessada virtualmente pelos jovens. Como constata Novaes (2016; 2018), a internet é cada vez mais relevante para formação religiosa das gerações mais novas, uma vez que “no momento histórico o mundo presencial e virtual se imbricam constituindo uma nova realidade” (NOVAES, 2018, p.353). Assim como na segunda e terceira onda pentecostal (FRESTON, 1993) o rádio e a televisão foram fundamentais meios de divulgação e expansão da religião evangélica, nos últimos anos a internet assumiu esse papel, com a diferença de que ela não está limitada à um canal e uma programação, mas apresenta incontáveis possibilidades de escolhas religiosas e não religiosas.

O GC é um espaço religioso construído para e pelos jovens em interação com o espaço escolar e configura uma espécie de laboratório de experiências religiosas juvenis. Há muitos relatos de jovens que anteriormente ao ensino médio não haviam estabelecido vínculos religiosos fortes e o GC teve importância significativa para que eles passassem a se envolver mais e estabelecer compromissos com uma igreja. Há ainda casos mais isolados de conversões de jovens no espaço do GC, como é o caso de Miriã, que ao ingressar no Bentão não pertencia a nenhuma igreja e, após sua conversão frequentando o GC, buscou uma igreja evangélica próxima de sua casa para se batizar e tornou-se líder em 2018.

Na primeira reunião do ano de 2020, (26 jovens presentes, maioria do primeiro ano, 5 católicos (maior número de católicos registrados) e o restante evangélicos), Paulo apresentou o GC e pediu para que cada um se apresentasse, dizendo o nome, o curso e ano, se participa de alguma igreja, se é a primeira vez que está ali e as expectativas em relação ao GC. Nesse momento, registro as motivações de alguns jovens em frequentar o grupo ou procurá-lo pela primeira vez:

> “eu venho no grupo desde o ano passado, quero continuar participando porque aqui a gente encontra amigos que pensam como a gente, que querem louvar a Deus” (Isabela, 17 anos), “participar do grupo é uma forma de buscar pessoas para se identificar e que compartilham da mesma fé que você” (Igor, 16 anos); “eu já ia na igreja, mas foi aqui no grupo que eu passei a ter mais intimidade com Deus” (Paulo, 17 anos); “o grupo dá um suporte pra gente viver o ensino médio” (Sarah, 17 anos), “eu sou o único na minha família que vai na igreja, então, eu achei bem legal que aqui na escola posso encontrar outros cristãos”

> (Miguel, 15 anos); “eu vim porque a escola precisa de Deus” (Ana Luísa, 15 anos); “o pessoal da minha sala de aula só falam de jogos, aí eu soube do GC e acabou que todos meus amigos na escola estão aqui” (Tiago, 16 anos). (Registro do Caderno de Campo, 13 de fevereiro de 2020, auditório da escola, primeira reunião do ano).

### 2.3.3. GC: “um grupo cristão sem denominação focado em falar de Cristo”

Durante a pesquisa de campo, identificou-se apenas duas jovens que eram da igreja católica carismática e que frequentavam assiduamente o GC. Mesmo com maioria evangélica, há, por parte do Grupo, um esforço de não se identificar com uma denominação religiosa em especial. Com todos os jovens com os quais se conversou sobre o GC, e em toda ocasião em que o grupo era apresentado ao público mais amplo da escola, salientava-se que ele não está vinculado a uma denominação evangélica e que seu foco estava no cristianismo, não em “divulgar placa de igreja” (Paulo, 17 anos, Líder do GC 2020).

> A gente não foca, tipo pra nenhum tipo de religião específica. Quando a gente passa dando os recados, a gente fala que é só pra falar sobre amor, amor de Cristo. E a gente não foca em coisas ou pautas para religiões específicas, sabe? Então, tipo o grupo cristão. Ele é para quem quiser vir, então. A maioria é evangélico. Não vou mentir, tipo a maioria é evangélico mesmo, tem alguns católicos. (Sarah, 17 anos, Líder do GC em 2020)

Outro exemplo disso é a imagem abaixo (Imagem 1), um convite para a reunião que circulou no grupo de WhatsApp e em formato impresso nos murais da escola no ano de 2019. Essa mesma imagem e outras semelhantes foram divulgadas outras vezes pelo grupo. Na imagem, lê-se: “Grupo Cristão Um grupo sem denominação focado em falar de Cristo”.

**Imagem 6. Folder convite para reunião do GC**

Legenda: Um grupo sem denominação focado em falar de Cristo.
Fonte: Arquivo da autora.

Esse é um aspecto que chama a nossa atenção uma vez que, segundo Oro e Tadvald (2019), na sociedade brasileira, por longo período histórico considerava-se cristão como sinônimo de católico. Essa equivalência só deixa de existir nas últimas décadas com a expansão do pluralismo religioso em que os evangélicos, especialmente os pentecostais e os neopentecostais, romperam com esse paradigma e um numeroso setor da sociedade passou a se considerar cristão sem ser católico (ORO & TADVALD, 2019).

Quando o GC se afirma como cristão, abre-se a possibilidade de agregar ao grupo diversas vertentes do cristianismo e ao desvincular-se do rol evangélico é possível alcançar um número maior de participantes que se identificam ou simpatizam com a linguagem religiosa cristã. Podemos, assim, pensar que o nome genérico de GC constrói uma pedagogia de si, como

diriam Monteiro, Silva e Sales (2018), para produzir maior visibilidade publicamente e, ao mesmo tempo, evitar divergências internas.

Ao promover-se enquanto grupo com foco em práticas cristãs, distanciado de "placas de igrejas", o GC evita conflitos que poderiam surgir no convívio entre as diversas denominações evangélicas, igreja católica e outras religiões.

> "O grupo cristão não é de nenhuma religião, tem católico, tem batista, presbiteriano, várias denominações. Importante é realmente ir lá, quem realmente acredita em Cristo, sabe? Então é realmente a gente faz tudo na base da palavra, não em base de alguma ideologia de alguma igreja." (Rebeca, 17 anos, Líder do GC em 2019).

Dessa forma, o grupo reconhece a pluralidade de opiniões e práticas que coexistem internamente no cristianismo, e por isso focam em objetivos comuns, que os une. Além disso, durante as observações e entrevistas, a pesquisadora notou um certo desconforto por parte de alguns jovens em se identificar como evangélico, alguns preferem dizer que são cristãos, mesmo pertencendo a uma igreja evangélica, temendo ter sua imagem associada aos grupos políticos conservadores. Rebeca explicou esse mal-estar vivido por ela em entrevista.

> "está tendo muito isso de o evangélico como uma pessoa hiper conservadora. É que como nós temos nosso presidente [Bolsonaro - PL (2019-2022)] que está falando algumas muitas coisas mais nada a ver, uma atrás da outra por sinal, e aí de vez em quando acontece os conflitos assim, sabe? O pessoal chega e fala alguma coisa "porque é coisa de igreja evangélica". Aí quando tem essa abertura, tipo na aula, eu tento meio que tipo falar "olha calma lá, não é bem isso assim". Mas às vezes quando não tem abertura eu deixo quieto, sabe? Tem muitas ideias erradas que as pessoas têm. Porque tem muita ideia errada assim. Então, mas nesses momentos sabe quando alguém chega e fala "não porque todo cristão, por exemplo, vai ser contra isso", ou "porque eles são super conservadores". Não é bem isso é bem diferente porque a gente nunca teve uma posição política, então, não tem como a gente chegar e falar "não porque cristão é necessariamente direita", mesmo que a maioria seja mesmo." (Rebeca, 17 anos, Líder do GC em 2019).

Algo semelhante é observado nas pesquisas recentes de Almeida (2018). O autor relata que tem sido bastante comum que evangélicos não desejem ser associados publicamente à igreja evangélica e nem serem chamado de evangélicos, devido ao desgaste da imagem que se associou aos políticos evangélicos com posicionamentos conservadores e aos escândalos políticos, econômicos e sexuais envolvendo pastores (ALMEIDA, 2018).

Durante todo o período em que o grupo foi acompanhado presencialmente pela pesquisadora, não foi observada nenhuma manifestação de ordem política entre os membros nos espaços de atuação do GC, mesmo considerando a polarização política vivida pelo país naquele momento. Todos pareciam se policiar em não manifestar opiniões pessoais que não

fossem religiosas, com o intuito de evitar divergências. É como se eles reconhecessem que entre os cristãos há temas que podem não ser consenso e, portanto, o mais sensato seria manter o foco apenas nas questões que os une.

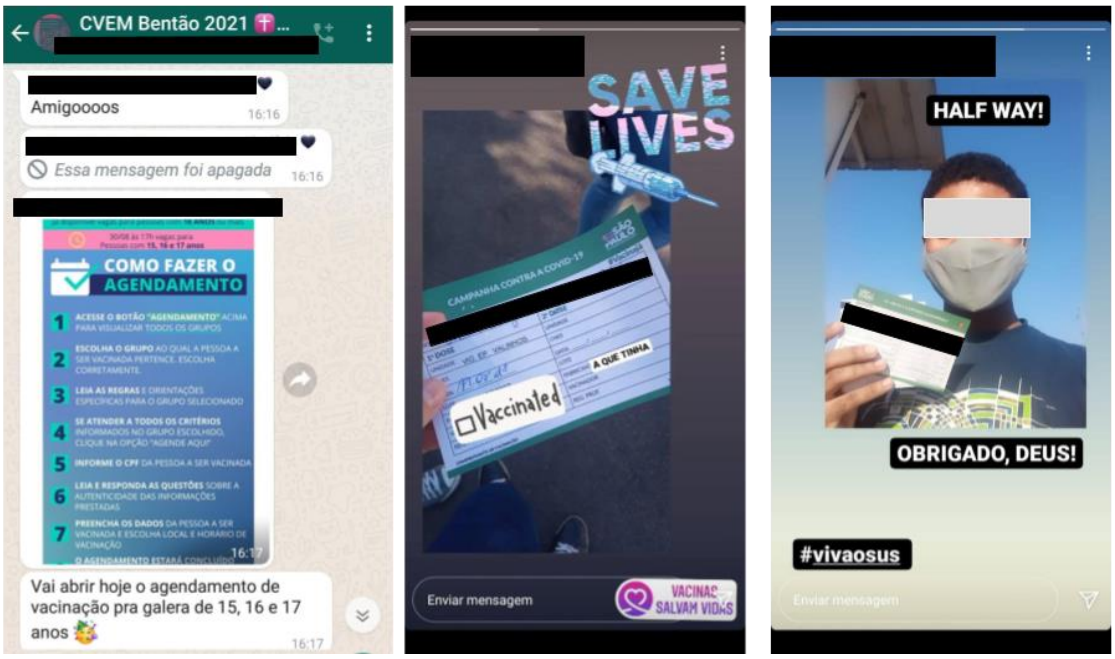
Contudo, foi em meio a pandemia, em 2020, que o grupo se posicionou sobre um tema mais amplo e politicamente sensível. Quando se instalou a pandemia da Covid-19, em 2020, e as aulas foram suspensas, teve início o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e os usos das redes sociais e grupo de WhatsApp foram intensificados pelo GC. Os encontros, ainda que remotamente, seguiam servindo como rede de apoio e de sociabilidade – no sentido simmeliano – conferindo suporte emocional aos jovens que se encontravam muito inseguros com tudo que acontecia naquele momento. Ademais, era muitas vezes o único espaço em que eles desabafavam, comentavam os "perrengues" da vida no isolamento social e as dificuldades em manter uma rotina de estudos.

Quando viralizou a hashtag #AdiaENEM, chamada pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) em maio de 2020 visando o adiamento do cronograma do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) daquele ano, os participantes e liderança utilizaram o grupo de WhatsApp do GC para chamar a atenção ao tema e incentivar as postagens da hashtag nas contas pessoais.

Assim, a tag sobre o adiamento do ENEM se mostrou como tema passível de união em vista da notória sensibilização que houve entre os estudantes, e não à toa ela esteve entre os assuntos mais comentados da internet, diversas vezes (UBES, 2020). Em matéria do El País de 12 de maio de 2020, esse movimento foi retratado como um “choque de consciência sobre privilégios e injustiças do Brasil durante a pandemia”, por terem sido enfatizadas as contradições de se realizar o principal exame de ingresso ao ensino superior no país em um momento em que os jovens estão fragilizados por inúmeros aspectos. O GC, de certo modo, também foi mobilizado por essa onda.

Quando iniciada a vacinação contra Covid-19 dos adolescentes de 15 a 17 anos, a notícia circulou no grupo de WhatsApp com comemoração e agradecimentos a Deus, sendo também divulgado por eles algumas orientações sobre como realizar o agendamento da vacina. Também foi possível observar, nas contas pessoais do Instagram dos participantes, as hashtags #vivaosus, #vacinasalva, conciliada algumas vezes com frases como “Glória à Deus!”, “Obrigado, Deus!”. Conforme mostra a Imagem 2.

**Imagem 7. Vacinação dos jovens (segundo semestre de 2021)**




Fonte: Arquivo da autora.

Essas ações mostram que os integrantes do GC reconhecem a importância da vacinação, da ciência e do Sistema Único de Saúde (SUS) para o enfrentamento da pandemia. É uma indicação de que esses jovens evangélicos não aderiram aos discursos negacionistas que foram inúmeras vezes mobilizados por atores políticos que se dizem representantes dos cristãos e por lideranças evangélicas midiáticas. Isso nos leva à compreensão de que há um pluralismo de opiniões que circulam no meio evangélico, assim como o pertencimento religioso do jovem não necessariamente o limita na crítica e na construção dos seus próprios pensamentos baseados em experiências religiosas e extra religiosas. Tais achados remetem ao estudo de Fernandes (2019) sobre o pertencimento religioso da juventude associada à cultura midiática acessada pelos jovens contemporâneos, que demonstra que cada vez mais há fluidez no exercício da fé, a qual possibilita a promoção de inovações e contestações do campo religioso. Portanto, torna-se urgente para nós, que buscamos compreender as juventudes contemporâneas, apreender a atuação dos jovens com pertencimento à religião evangélica, considerando sua capacidade de contestação crítica e ação em relação ao contexto histórico-social em que vivem.

# PARTE II – FOCO PRECISO: OS RETRATOS SOCIOLÓGICOS

## 1. A CONSTRUÇÃO DOS RETRATOS

Para conseguir os closes mais próximos, os planos que mais fechassem a atenção nos jovens e, então, alcançar nosso objetivo de análise em escala do indivíduo (Lahire, 2017a), foi necessário situar os indivíduos estudados no espaço social e apreendê-los no quadro das instituições (familiares, escolares, religiosas, etc.), de modo a encontrar a heterogeneidade incorporada do indivíduo. Desse modo, busquei reconstruir o percurso biográfico dos jovens, remontar suas histórias de vida, suas certezas, incoerências e mesmo suas contradições, sem ceder à ilusão positivista, como nos alerta Lahire (2017b) de "poder compreender a totalidade de uma "personalidade", em todas as facetas de sua existência" (p.60). Nesse sentido, foram construídos quatro estudos de caso em retratos sociológicos de quatro jovens evangélicos estudantes da Etec Bento Quirino, líderes do GC nos anos 2019 e 2020.

Os estudos de caso em retratos sociológicos, de acordo com Lahire (2004), não são simples ilustrações de contextos teóricos, são estudos de casos de pessoas reais e singulares, acompanhados pela explicitação dos esquemas de interpretação, portanto, buscam mostrar esquemas interpretativos na prática. O Retrato remonta a biografia do indivíduo cruzando múltiplos dados sobre o mesmo ator, abordando aspectos diferentes de sua vida social, evitando, sobretudo, esquecer ou eliminar dados heterogêneos e contraditórios (LAHIRE, 2017b).

Dessa forma, no nosso trabalho, o retrato sociológico tornou-se a principal ferramenta metodológica por exemplificar as modificações de práticas e de preferências culturais em função dos diferentes campos, dos subcampos, de contextos ou de circunstâncias da prática religiosa e escolar na trajetória de vida dos jovens. Foi também a minha escolha metodológica, por permitir que fossem reveladas as variações inter e intraindividuais dos jovens evangélicos estudantes do ensino médio (LAHIRE, 2004; 2006). Isso porque, como Lahire (2006) explicita, os Retratos

> [...] permitem ainda trazer à tona configurações relativamente singulares de propriedades gerais e relacionar o conjunto de informações a determinados contextos familiares, escolares, profissionais ou de amizade, eles puxam vários fios ao mesmo tempo para chegar a uma trama com motivos singulares, e também situam as práticas e as preferências em redes complexas de limitações cruzadas a que os indivíduos estão presos." (LAHIRE, 2006, p.25-26)

Assim, para a construção dos retratos sociológicos, procurei elaborar uma grade de entrevista[28] que me orientasse a acessar microscopicamente essas tramas, às quais os jovens estão inseridos.

Inspirados na proposta de Lahire (2004), os retratos sociológicos foram construídos a partir de uma série de questionamentos científicos, por meio da realização de entrevistas individuais, sucessivas, sobre dimensões da vida social do jovem, apoiadas em temas que evocam as grandes matrizes de socialização: religião; escola; família; grupos de pares e amizades; corpo, lazer-cultura; trabalho e planos para o futuro. Os sete temas serviram como fio condutor para a realização das entrevistas.

É importante salientar que cada entrevista não abrange unicamente a matriz socializadora enfatizada como tema. Por mais que eles possam parecer universos autônomos, quando as práticas são detalhadas, os temas se entrelaçam de tal modo que é impossível, por exemplo, falar de escola e não de família, ou de planos para o futuro, ou amizades; ou, então, falar da religião e não falar de família, assim por diante. Os temas não atuam de forma independente e podem ser considerados complementares entre si, e muitas vezes o próprio entrevistado também suscitou as ligações entre um tema e outro. Contudo, para elaborar a grade de entrevista foi importante dissociar os domínios dos temas para penetrar mais fundo em cada esfera da vida social dos jovens para encontrar as variações intra-individuais dos comportamentos.

Cada entrevista tomou um caráter mais ou menos biográfico para captar as variações intra-individuais em diferentes momentos da vida dos jovens. Assim, elas reconstruíram as trajetórias dos indivíduos em cada domínio. Por exemplo, no que diz respeito ao tema escola, foi reconstruída a trajetória escolar com questões que buscavam conhecer as memórias dos jovens desde a educação infantil, a alfabetização, as escolas em que estudou no ensino fundamental, até a escolha pela escola de ensino médio técnico, o vestibulinho, o ingresso e acolhida na atual escola e a vida escolar hodierna. De mesmo modo, os outros temas remontam às histórias familiares, às memórias da vida religiosa e ao momento de conversão[29], as

[28] Anexo 1.

[29] A conversão para os evangélicos é um momento de ruptura do indivíduo com o *mundo*, no qual ele escolhe viver uma vida baseada nos princípios cristãos. A conversão conforme é pregado no interior das instituições cristãs estaria associada principalmente ao ritual do batismo. O batismo pode ter diferentes significados de acordo com a denominação evangélica mas, em geral, associa-se ao arrependimento para a remissão dos pecados, como cumprimento de um mandamento de Cristo. Em algumas igrejas, o batismo é reservado aos jovens e adultos que já apresentam consciência de suas escolhas pessoais e compreensão dos sentidos desse ritual. Em outras, o batismo ocorre quando ainda se é bebê e após o processo de conversão, o jovem ou adulto, passa por um outro ritual: a profissão

modificações dos vínculos de amizade, as mudanças nos envolvimentos com as práticas corporais e consumo de bens culturais[30] ao longo da vida etc. Nesse sentido, conforme sugerido por Lahire (2004), busquei ainda conhecer relatos e situações vividas pelo ator para evocar as socializações passadas, a fim de que fosse considerado o passado incorporado pelo mesmo, "instituindo como objeto a constituição social e as modalidades de atualização desse passado (incorporado)" (LAHIRE, 2017b, p.40).

Uma parte significativa da grade de entrevista foi composta por questões que suscitavam exemplos e relatos de práticas dos pesquisados em situações diversas, com pessoas distintas ou em diferentes instituições. A fim de que pudesse, posteriormente, reconstruir e apreender algumas maneiras de sentir, pensar, agir e ver do entrevistado (LAHIRE, 2004).

Nas perguntas, era importante apreender os membros de maior relevância no convívio social do entrevistado, em momentos diferentes de sua existência. Para isso, era extremamente importante diferenciar as pessoas com as quais o entrevistado se relaciona e interage, ou se relacionou e interagiu, nos diferentes contextos, nomeando com precisão a natureza dos seus vínculos em cada momento. Em seguida, identificados os membros, eram dirigidas perguntas específicas sobre estes, ao invés de questionar o entrevistado com perguntas genéricas e globais. Por exemplo, ao invés de dizer: "na sua família", direcionava-se uma série de perguntas: "em relação à sua mãe" e/ou "seu pai", e especificando ainda: "em tal momento da vida", ou "na sua infância", ou "quando seu irmão nasceu", de modo que favorecesse o surgimento das dissonâncias, das diferenças, das pequenas contradições (LAHIRE, 2004).

Parte das perguntas na grade de entrevista cumpriram a função de identificar como o jovem distribui seu tempo e sua energia nos universos que é levado a atravessar. Como esses universos podem ser muitas vezes concorrentes ou complementares entre os investimentos sociais dos jovens.

Assim como no estudo de Lahire (2004), o tema grupo de amizades ocupou um lugar particular na grade de entrevistas. Sobretudo, em se tratando de jovens, foi extremante

---

de fé. As denominações evangélicas podem realizar o batismo de formas distintas, algumas utilizam-se do *batismo por efusão*, em que é derramada água sobre a cabeça do bebê ou do novo crente jovem ou adulto, ou o chamado *batismo nas águas*, caracterizado pela imersão total em água. Esse último, é o mais comum nas denominações evangélicas, sobretudo as igrejas de origem pentecostal. Assim, o batismo seria para o cristão um rito marcante para sua conversão, momento de ruptura com a "velha" vida e renascimento para vida em Cristo. Contudo, como veremos, para além desse ato público o indivíduo também pode considerar e intitular outras experiências religiosas pessoais como momento de sua conversão, mesmo muito antes, ou após o batismo, quando o sujeito se sente mobilizado a romper com comportamentos e atitudes e assumir uma postura que julga mais coerente com a vida cristã.

[30] Como, por exemplo, frequentar museus, teatros e cinema; gostos literários e estilo musical, tipo de vestimenta, tipo de lazer, etc.

importante reconstituir os vínculos e apreender a pluralidade de gostos, uma vez que "cada amizade singular pode revelar uma parte – e apenas uma parte – daquilo que o pesquisado é" (Lahire, 2004, p.41) e pode ainda revelar influências contraditórias. Vale ressaltar também a importância da captação das modificações dos vínculos de amizade que segundo Lahire (2004) se apresenta como uma forma de estudar a transformação-reorganização do patrimônio individual de disposições incorporadas. Para tanto, elaborei uma ferramenta que denominei de Mapa de Amizades, com cada entrevistado procurando ilustrar os vínculos de amizades, nomeando os amigos/as e situando-os nos grupos aos quais pertencem e/ou transitam representados dentro de *Círculos*. Durante a construção do Mapa, surgiram relatos importantes das interações, construções dos vínculos, dos interesses incomuns e do convívio com as diferenças, revelando parte sobre os próprios entrevistados e parte sobre os distintos grupos e universos que os jovens transitam.

Ao longo das entrevistas, algumas mudanças aconteciam a partir das respostas dos entrevistados ou das reações que apresentavam frente às questões no momento da entrevista. Por se tratar de casos particulares, as abordagens nem sempre aconteciam da mesma forma, algumas vezes elas foram redefinidas ou elaboradas de outra forma e refeitas em outros momentos para que não ficassem dúvidas sobre a resposta do entrevistado. Além disso, em alguns momentos, também foram realizadas dinâmicas para facilitar o diálogo e ativar a memória do entrevistado, como a construção do Mapa de Amizades, o qual já descreve, e o desenho de um Autorretrato para a introdução do tema Corpo, Cultura-Lazer.

A construção do Autorretrato é uma forma de introdução ao tema do corpo de uma forma descontraída, pedindo ao jovem que faça um desenho de si e em seguida inicia-se a conversa. Porém, mais do que ter uma ilustração, notou-se que, à medida em que os jovens se desenhavam, eles interrompiam o silêncio de ilustrar e narravam o que e como desenhavam, com comentários que tanto permitiram conhecer suas experiências e interações anteriores com atividades artísticas, como ainda notar certos mal-estares vividos em relação ao próprio corpo.

Para a realização das entrevistas, foi fundamental estabelecer uma relação de confiança com os entrevistados. Segundo Lahire (2006), é essa relação que

> [...] permite aos entrevistados, como num confessionário admitir – as vezes de modo brincalhão, como se tentassem obter a cumplicidade ou a clemência do pesquisador – suas "faltas" ou seus "pecados" culturais em certos âmbitos ou em certas ocasiões (LAHIRE, 2006, p.25)

Essa relação foi favorecida pela constante presença da pesquisadora nos encontros do Grupo Cristão e nos espaços escolares, próximo ao que Ferreira e Raimundo (2017) denominam

como youth-friendly, que permite aos jovens interações com pesquisador e com os instrumentos da pesquisa. Dessa forma, as entrevistas buscavam um tom de conversa informal, mais amigável possível e com linguagem clara e acessível.

Para cumprir a grade de entrevistas, foram necessárias em média 4 horas de conversa com cada indivíduo, totalizando ao final 21 horas de entrevistas, em 15 encontros, distribuídas de acordo com a disponibilidade de tempo do entrevistado. O horário e local de realização de cada entrevista foi definido junto ao pesquisado, privilegiando espaços públicos de fácil acesso e que não demandassem grandes deslocamentos do jovem em relação à sua rotina. A maior parte das entrevistas aconteceram na própria escola, em aulas vagas ou horários de intervalos para almoço e aulas vagas que os estudantes tinham disponíveis na escola. Na tabela abaixo (Tabela 3) estão organizadas as entrevistas realizadas com seus respectivos horários, datas e locais.

**Tabela 2.** Entrevistas realizadas distribuídas em data, horário e local.

| Nome | Data | Horário | Local |
|---|---|---|---|
| Maria | 05/06/2019 | 14:30 - 16:00 | Pátio da escola /Aula vaga |
| | 07/08/2019 | 14:30 - 16:00 | Pátio da escola /Aula vaga |
| | 03/10/2019 | 14:30 - 16:00 | Pátio da escola /Aula vaga |
| Rebeca | 24/05/2019 | 16:00 - 17:30 | Pátio da escola / Após a última aula |
| | 14/08/2019 | 12:30 - 13:30 | Pátio da escola/ Horário de almoço |
| | 02/09/2019 | 12:30 - 13:30 | Pátio da escola/ Horário de almoço |
| | 13/11/2019 | 12:30 - 13:30 | Pátio da escola/ Horário de almoço |
| Kaleb | 02/10/2019 | 12:30 - 13:30 | Pátio da escola/ Horário de almoço |
| | 23/10/2019 | 12:30 - 13:30 | Pátio da escola/ Horário de almoço |
| | 27/11/2019 | 14:30 - 15:30 | Sala de aula /Aula vaga |
| | 30/01/2020 | 14:00 - 15:30 | Casa do entrevistado |
| Sarah | 24/05/2019 | 14:00 - 16:00 | Pátio da escola /Aula vaga |
| | 04/10/2019 | 14:00 - 16:00 | Pátio da escola /Aula vaga |
| | 17/03/2021 | 15:00 - 17:30 | Google Meet |
| | 09/04/2021 | 15:00 - 15:30 | Google Meet |

Fonte: Dados de entrevista.

O local para a entrevista deveria ser minimamente privado da circulação de pessoas e sem muitas interferências de ruídos sonoros externos para que as gravações de áudio não fossem

prejudicadas. Seguindo esses dois critérios, quando marcada a entrevista no espaço escolar, em comum acordo com o entrevistado, escolhíamos um local adequado e que estivesse disponível na escola. Assim, as entrevistas aconteceram em diversos ambientes no interior da escola, como no jardim, em alguma sala de aula que estivesse vaga, no refeitório quando não era horário da merenda, no pátio, etc. Apenas três entrevistas não foram realizadas na escola, por acontecerem em período em que os sujeitos já se encontravam de férias. Nesses dois casos, uma foi realizada na casa do entrevistado, e as outras duas foram realizadas via Google Meet.

## 2. A JOVEM MARIA

**Imagem 8. Autorretrato de Maria**

Fonte: Arquivo da autora.

Maria, 17 anos, durante as entrevistas cursava o terceiro ano do técnico em eletrotécnica integrado ao ensino médio da Etec Bento Quirino. Nasceu em Campinas - SP, onde residia com seus pais. Filha única, sempre se dedicou exclusivamente à escola e, portanto, ainda não possuía experiência no mundo do trabalho. Declarava-se evangélica. Já frequentou duas igrejas diferentes, ambas foram a convite de amigos. Durante as entrevistas estava à procura de uma nova igreja. Sua família algumas vezes a acompanhava em visitas a igrejas e demonstrava certa afinidade com o cristianismo. Participava do GC desde quando ingressou na Etec e atuou como líder em 2018 e 2019, durante seu o segundo e terceiro ano do ensino médio.

### 2.1. Primeiros contatos com Maria

Em 2018, nas reuniões em que estive com o GC, sempre observava Maria atuando junto ao grupo. Mas foi apenas durante a *sorvetada* no final deste mesmo ano que eu conversei com ela pela primeira vez. Sabendo que ela estaria na liderança no ano seguinte, trocamos contatos de WhatsApp para que ela me informasse sobre o retorno das atividades do GC no próximo ano letivo.

No início de 2019, nos reencontramos na primeira reunião do GC e a convidei para a realização das entrevistas no final do primeiro semestre. Sem mesmo conhecer os temas da

pesquisa, Maria aceitou prontamente a ideia de participar da série de entrevistas que poderiam durar alguns encontros. Foram realizadas 3 entrevistas, com duração de 1h30 cada, todas no pátio da escola em um horário em que ela tinha aula vaga. As entrevistas foram feitas com uma média de dois meses de intervalo. Inúmeras vezes tivemos que desmarcar porque este horário de aula vaga era também o horário que ela podia se reunir com os colegas para realizar os trabalhos em grupo exigidos pela escola.

Nas entrevistas, ela se mostrou bastante à vontade em falar de si mesma, emitir suas opiniões e narrar momentos vividos. No final das entrevistas, me mandava mensagem de WhatsApp agradecendo e dizendo que gostou do exercício para o qual foi convidada. Desde o início, Maria aceitou responder todas as perguntas e nenhuma pareceu a incomodar. Em algumas perguntas ela se expressou dizendo: “essa pergunta é muito interessante”, “eu ainda estou pensando sobre isso”, “isso é uma coisa que eu discuto muito com as minhas amigas de sala”. Quando conheci algumas amigas mais próximas de Maria, e uma delas também foi entrevistada, entendi que há um certo hábito de fazer confidências e pensar sobre si mesma dentro do seu círculo de amizades.

### 2.2. Contexto familiar e primeiras experiências religiosas

Durante as entrevistas, Maria, se mostrou bastante compreensiva em relação aos pais, sem críticas ou discordâncias. Desse modo, a matriz de socialização familiar não comportava conflitos ou divergências e se mostrava favorável à constituição de disposições fortes e transferíveis a situações extrafamiliares.

Maria vivia em um meio popular. Sua família experimentava, em anos recentes, uma relativa ascensão social. Ela foi socializada quase que exclusivamente em seu núcleo familiar (pai e mãe) e não conheceu durante toda sua infância nenhum coletivo, além de seus colegas de escola, que só passou a frequentar aos seis anos de idade. Ela explicou que seus pais nunca mantiveram muito contato com o restante da família. Sua mãe nunca trabalhou fora e só começou a sair mais de casa e ter algumas poucas amigas depois que ela foi para escola de ensino fundamental, aos seis anos de idade.

A mãe de Maria teve a infância e início da juventude marcada pela violência familiar. De origem humilde, nasceu na zona rural de Santa Bárbara d’Oeste (município que compõe a região metropolitana de Campinas), onde viveu com a mãe, o pai e o irmão até por volta dos oito anos de idade, quando sua mãe (avó materna de Maria, portanto), não suportando as agressões e bebedeira do marido, se mudou para Campinas. A avó materna se casou outra vez

e teve mais dois filhos. As condições financeiras ficaram relativamente melhores, mas o padrasto assediava sexualmente a enteada. Com catorze anos de idade, a mãe de Maria denunciou o padrasto a uma assistente social. No entanto, sua mãe, avó de Maria, permanecendo casada com o agressor, ordenou que a filha retirasse a queixa temendo uma violência doméstica maior. Aos dezesseis anos, ela começou a namorar com aquele que viria a ser o pai de Maria, e encontrou no casamento uma saída para a situação. O casamento aconteceu após quatro meses de namoro, e logo ela engravidaria de Maria.

O pai de Maria viveu um contexto distinto ao da mãe. Nascido em Campinas, é filho primogênito de uma família de três irmãos e pertencente às camadas populares. Maria contou que sua avó paterna sempre foi uma mulher muito forte. Certa vez, não aguentando mais as bebedeiras do marido e diante da primeira vez em que ele ameaçou agredi-la fisicamente, ela pegou uma panela com óleo quente que estava no fogão e ameaçou jogá-la nele caso não saísse de casa. Depois disso, a avó paterna passou a sustentar sozinha os filhos que ainda eram crianças, com seu salário de cabeleireira.

Quando os pais de Maria se conheceram, ambos cursavam o ensino médio. Ele trabalhava fazendo diversos tipos de serviços, de garçom à eletricista. Quando se casaram, a mãe de Maria abandonou os estudos. 14 anos depois, cursando a EJA (Educação de Jovens e Adultos), concluiu o ensino médio. O pai de Maria não interrompeu os estudos. Na sequência, ingressou no curso técnico em telecomunicações. Depois disso, começou a trabalhar nesta área, onde permaneceu por 16 anos. No momento da entrevista, ele estava há 3 anos em outra área, trabalhando com investimentos no mercado financeiro. A divergência de contextos vividos pelos pais de Maria, levou o casal a também apresentar gostos diferentes.

Maria herdou os gostos culturais do pai, os quais fortaleciam a relação pai e filha. Eles apreciavam os mesmos tipos de restaurantes (“é sempre assim, eu e meu pai gostamos de ir no japonês, ou experimentar uma coisa nova, tipo o Guaco (comida mexicana). Minha mãe, não, ela fala: ‘não como isso, não’. Ela prefere comida mesmo, tipo prato executivo, sabe?”), gostavam do mesmo estilo musical (pop rock internacional), iam juntos a shows, gostavam de viajar, discutiam sobre profissão, conversavam sobre o dia a dia na escola e sobre política enquanto assistiam juntos ao jornal televisivo, ou quando viam alguma matéria na internet.

> Ele [o pai] está sempre vendo lá o que está acontecendo, e as vezes comenta lá o que aconteceu, alguma das burradas do nosso presidente, né. E aí fala: ‘como é que pode alguém falar umas coisas dessas?’. Aí a gente dá bastante risada por causa disso, tipo de nervoso mesmo.

Maria contava que esta relação mais próxima entre eles era recente, desde que o pai começou a trabalhar em casa, em 2017. Durante a infância, eles pouco se viam. Ela se recordou que ele trabalhava em São Paulo – SP e por isso, ao acordar, ele já havia saído para o trabalho e quando ia dormir, algumas vezes ele ainda não havia retornado.

> A gente se via pouco em casa. Meu pai trabalhava muito naquela época e em São Paulo. Então, na maioria das vezes, eu ia dormir e ele não tinha chegado em casa, e eu acordava e ele já tinha saído para o trabalho. Hoje, nós somos mais próximos.

Durante as entrevistas, Maria não fazia críticas ao pai, mas ressaltou diversas vezes a resistência que ele tinha em relação à religião ("às vezes ele até vai comigo, mas ele não se entrega, ele não gosta da instituição principalmente"). Ela explicou que a família dele era católica não praticante e por isso ele sempre declarava sua adesão ao catolicismo, mas de uns anos até o momento da entrevista, ele passou a se identificar como "sem religião", mas que acredita em Deus cristão.

> Meu pai ele também era católico, ele veio tipo a não ser mais católico em dois mil e quatorze, quinze, dezesseis, por aí. Eu não sei por que, mas ele começou a falar que era sem religião. Mas ele acredita em Deus, Jesus, como eu disse às vezes ele vai comigo visitar uma igreja. Mas ele é sem religião.

Em relação à mãe, o relacionamento delas foi caracterizada por Maria como "a única amizade verdadeira", por ser mais íntima e confidente. Oposta ao pai, a mãe sempre valorizou muito a espiritualidade, mesmo sem frequentar algum templo. A família da mãe era profundamente católica e devota aos santos, e transmitiu essa religião à filha. Contudo, ela viveu situações que a levou a desacreditar dos santos católicos e a ter certa aversão à religião católica e, depois se aproximar da religião evangélica.

> [...] teve um episódio lá tipo ela fez um pedido pra uma santa assim e tipo não aconteceu. E depois ela foi orar e pediu pra Deus. E as coisas começaram a acontecer. Minha mãe também teve vários problemas tipo de pedofilia, né, com o padrasto que era muito católico, devoto mesmo, muitas coisas assim. Então ela sempre teve Deus e sempre foi assim sozinha. Ela orava pra Deus, ela parou de acreditar tipo em santos sozinha. Ninguém foi lá assim e disse 'não é assim', sei lá, 'olha, isso não funciona'. Então sozinha ela foi reparando isso. Mesmo sem saber que era evangélica ou não ela orava. aí começou a ouvir pregações também.

Com isso, sua mãe abandonou o catolicismo, mas não deixou de ter práticas religiosas cristãs não católicas no âmbito de sua vida privada e, de certo modo, transmitiu essa religiosidade à filha.

Maria identificava aspectos na educação recebida por sua mãe que ela considerava como sendo baseada em princípios cristãos ("ela sempre deu essa educação assim pra mim, mesmo

sem me levar pra uma igreja. Eu considero uma educação cristã"). A mãe lia histórias bíblicas para filha e adquiria materiais educativos com conteúdo religioso ("A minha mãe comprava revistinha de colorir da bíblia, e acho que minha vó deu uma bíblia dessas tipo infantil e ela lia muito pra mim").

Chamou a atenção que, com o tempo, a mãe de Maria passou a acessar via rádio mensagens evangélicas, mesmo sem nunca frequentar nenhum templo evangélico. Apenas acompanhando assiduamente aos programas de rádio de igrejas evangélicas, ela se converteu à essa religião, e decidiu se batizar. O batismo aconteceu em um templo em São Paulo, em uma das igrejas que acompanhava a transmissão de rádio. Ela contou que inúmeras vezes Deus revelava coisas para a mãe dela por meio de sonhos e isso foi muito decisivo para a conversão da mãe, e depois a sua também, como veremos.

> A minha mãe ela queria se batizar e ela estava orando e aí foi lá em São Paulo se batizar. Minha mãe acho que acompanhou, não sei onde ela conheceu essa igreja, mas ela estava acompanhando um programa na rádio e ela estava pedindo pra Deus realmente mostrar se realmente ela tinha que batizar. E um dia depois ela sonhou que ela está vestida de noiva. E ela falou assim 'nossa realmente tenho que me batizar'. E ela tinha colocado na rádio, na Paz e Vida, dia vinte e cinco de dezembro e aí falaram que ia ter o último batismo do ano. E essa rádio ela acompanhava menos e tipo assim ela abriu e nesse dia tava falando. Aí ela foi lá e falou assim que ela nunca sentiu uma paz tão grande, quando ela se batizou foi realmente um dia muito diferente pra ela.

### 2.3. A conversão de Maria

Quando questionei Maria sobre sua conversão à religião evangélica, ela disse: "nunca fui uma menina de fazer coisas erradas, nada, nunca fui desse jeito assim". No entanto, teve um período da vida de Maria, pouco antes de sua conversão, que ela caracterizou como de rebeldia e muita desobediência aos seus pais.

Em 2016, por volta dos 14 anos, uma amiga que morava perto de sua casa a chamou para visitar o culto de jovens da Igreja do Evangelho Quadrangular que ficava na esquina de sua casa. Elas começaram a ir todos os sábados à noite e conhecer os jovens de lá e sair com eles depois dos cultos. Nesses encontros, Maria começou a se relacionar com o baterista da igreja, de 22 anos, principalmente por meio de mensagens de celular.

Isso começou a interferir na relação dela com os pais, que começaram a desconfiar da filha e ela começou a mentir para os pais sobre onde ia e com quem estava, algo que até então nunca havia feito. Nessa época, sua mãe começou a sonhar que a filha era um bebê que estava sujo e por mais que ela lavasse, ele permanecia sujo. Então, seu pai rastreou as mensagens de

seu celular e descobriu as mensagens trocadas com o baterista. Maria explicou que ficou um clima muito ruim em sua casa e sentiu muita tristeza por ter magoado seus pais daquela forma.

Chamou a atenção que, para Maria, o fato de ter o celular invadido pelos pais não a chateava. O seu pesar diante dessa situação se dava exclusivamente por ter magoado os dois. A partir desse momento, ela contou que decidiu que nunca mais magoaria os pais ("vi que fiz muito mal aos meus pais e foi aí que conheci Deus na minha vida, pedi pra Ele que nunca mais eu fizesse isso"). Decidida a mudar, Maria resolveu que queria encontrar uma nova igreja para frequentar.

> [...] tipo começar do zero mesmo, sabe? Eu não queria mais aquilo pra mim. Eu queria encontrar pessoas crentes de verdade. Eu terminei tudo e me distanciei das pessoas de lá. Queria muito uma coisa nova pra minha vida. Aí deu tudo super certo.

Era final de 2016, na mesma época ela estava se preparando para os vestibulinhos das escolas técnicas e cursava um curso preparatório indicado por um professor da escola de ensino fundamental ("quando estava no nono ano lá na sua na minha escola de aí a opção o professor comentou com a gente, a gente foi atrás de fazer um curso de pré-vestibulinho"). O cursinho era localizado no centro de Campinas, famoso por ser "campeão das aprovações" nas melhores escolas técnicas da região. O cursinho dividia espaço físico e gestão com uma escola de ensino médio e um curso preparatório pré-vestibular de uma grande rede de ensino privado. Aos finais de semana, uma igreja evangélica – Igreja Leme – ocupava o prédio escolar para a realização de seus cultos. Contudo, para além das atividades de culto, a igreja promovia proselitismos com foco nos estudantes da escola.

> Nossa, aí eu não lembro direito não, mas eu sei que no prédio, pera, ah, lembrei. O prédio do Precoltec cedia lugar pro [Igreja] Leme, que não tinha espaço próprio. Isso, foi antes de eu começar, ficava lá as reuniões. Então, eles tinham esse programa de levar os jovens, era uma forma de evangelismo, né? Eles tinham essa estratégia.

No semestre que Maria estava no cursinho pré-vestibulinho, a igreja havia mudado sua sede para outro lugar, mas o público-alvo – os jovens – se mantinha, assim como o vínculo à instituição de ensino. Portanto, os membros continuavam promovendo ações evangelizadoras como encontros, oficinas de teatro e atividades recreativas para os jovens. Dessas atividades, Maria participou de um churrasco de despedida do cursinho.

O churrasco foi um dia inteiro de recreação em uma chácara com piscina, jogos e brincadeiras, organizado pela igreja. Nessa ocasião, Maria fez amizades com ex-estudantes do cursinho pertencente à igreja que estavam colaborando como monitores das atividades do

churrasco e, no momento, estudavam no Bentão. Ela foi convidada para ir à igreja Leme, no ano seguinte, ela começou a frequentar a igreja e se batizou pouco tempo depois. Ao ingressar no Bentão, ela já tinha sabia que encontraria lá o GC e seus amigos da igreja envolvidos no Grupo.

> Entrevista com Maria sobre o GC:
>
> Maria: (...) então, o que aconteceu foi que nesse churrasco iam alguns monitores que eram do Leme, e aí lá eles conversaram com a gente, né. Aí no final, assim, quando tinha chegado no Precoltec pra ir embora, um deles que era o Vitor Hugo, que a gente chama de Virtu, ele veio conversar comigo: 'Nossa, tem o Leme e não sei o quê…'. E aí nesse período aí, eu já estava querendo sair da minha outra igreja, que eu ia que era quadrangular. E ele convidou para ir na dele. Então, foi em novembro que eu fui no Leme pela primeira vez, aí o Virtu estudava aqui e aqui tinha o grupo cristão. Então, ele já falou comigo sobre o grupo, como que era, então assim... ele era muito animado. E aí foi através dele que conheci o grupo. Através do Leme, então, foi que conheci o grupo.
>
> Pesquisadora: Então, você praticamente entrou no Bentão já sabendo que tinha o GC?
>
> Maria: Já!

No GC, havia vários estudantes membros dessa igreja, mas a liderança não era composta exclusivamente de seus frequentadores. Contudo, existiu o grupo de teatro promovido pela mesma igreja no espaço físico do Bentão aos sábados. O grupo de teatro era chamado "Estação Aberta" e trabalhava com teatro de improviso e jogos teatrais, sendo dirigido por estudantes e não estudantes da Etec, todos membros da igreja Leme. Maria participava do grupo no seu primeiro ano de ensino médio.

As primeiras experiências religiosas de Maria estão imbricadas com a relação afetiva materna. A mãe, ainda que vivesse uma religiosidade cristã evangélica não fixa em uma instituição em alguma medida transmitiu a filha valores cristãos. A primeira experiência que Maria teve com uma igreja foi sob influência de amigos em busca de ocupação do tempo livre. Nota-se que a conversão de Maria pode ser considerada um importante marco em sua vida, que significou talvez a primeira experiência de ruptura biográfica por ela vivida. A partir de uma série de acontecimentos sob diferentes influências, da família e de amigos, Maria passou a ter uma ação reflexiva sobre seus comportamentos, atitudes e práticas e a buscar em alguma medida uma hipercorreção de si.

## 2.4. Ascetismo escolar: Uma rotina estrategicamente estruturada em torno da escola com foco no futuro

O ascetismo escolar é um conceito que descreve uma abordagem disciplinada e rigorosa em relação aos estudos e ao desempenho acadêmico. Essa ideia remete à prática de autocontrole, renúncia a prazeres imediatos e dedicação intensa aos estudos como meio de alcançar metas educacionais e profissionais (BORDIEU, 1998). Ao narrar sobre o seu cotidiano, Maria mostrou-se muito disciplinada, dedicada e estratégica em relação aos seus objetivos acadêmicos. Ficou evidente as características de disposições para pensar e agir estrategicamente com foco no futuro que poderia ser conquistado através da escola, portanto o ascetismo escolar é marcante em seu caso.

No momento das entrevistas, a rotina de Maria era estruturada em torno da escola. Ela acordava por volta das 5h20 da manhã, às 6h o pai a levava até o ponto de ônibus. Depois de dois ônibus e uma caminhada curta, ela chegava à escola às 7h. O bairro que Maria e sua família residiam estava localizado na região do Ouro Verde[31], o distrito mais populoso de Campinas e que se destaca por concentrar uma população mais jovem que a média da cidade.

**Imagem 9. Localização de moradia de Maria e distância da Etec.**

[31] "O Distrito Ouro Verde é um distrito localizado no município de Campinas, no estado de São Paulo. Foi criado por meio de um plebiscito em 2015 e está situado a uma distância de 14 km do centro da cidade. O distrito é delimitado pela Rodovia dos Bandeirantes e pela Rodovia Santos Dumont (SP-75), que o separa do restante do município de Campinas, enquanto o Rio Capivari o separa do distrito do Campo Grande, também criado em 2015. O povoamento da região teve início na década de 1950. Atualmente, Ouro Verde é o distrito mais populoso de Campinas, contando com aproximadamente 240 mil habitantes distribuídos em 140 bairros. A população dessa região se destaca por ser mais jovem em comparação com a média da cidade. O distrito possui dois terminais de ônibus, o Terminal Ouro Verde (T.O.V.) e o Terminal Vida Nova (T.V.N.), que transportam diariamente cerca de 180 mil passageiros. Além disso, conta com alguns Conjuntos Habitacionais Populares e abriga um dos principais centros médicos da cidade, o Complexo Hospitalar Ouro Verde (C.H.O.V.), inaugurado em 2008. O complexo atende aproximadamente 18 mil pacientes por mês em seu pronto-socorro e realiza cerca de 300 cirurgias. O distrito também possui 12 centros de saúde espalhados por toda a sua extensão, bem como os bosques do DIC I e DIC V, o Parque Dom Bosco na região do Vida Nova e uma diversificada rede de serviços, incluindo hotéis, bancos, supermercados, o Shopping Spazzio Ouro Verde e instituições de ensino. Vale ressaltar que o Distrito Industrial e o Aeroporto de Viracopos, o maior aeroporto de cargas da América Latina, também estão localizados em Ouro Verde." In: https://guiaouroverde.com.br/distrito-ouro-verde-campinas/ . Acesso em 29 de maio de 2024.

Fonte: Adaptado do Google Maps.

Ao chegar na escola, ela encontrava o GC para oração antes da primeira aula. Ela explicou que o seu curso contava com um conjunto de 17 disciplinas, distribuídas em 8 aulas por dia. Sendo 5 aulas durante a manhã, com intervalo de 20 minutos entre a terceira e a quarta aula, e 3 aulas à tarde que encerravam às 16h e iniciavam após o intervalo de almoço (12h - 13h30). Depois que almoçava, alguns dias ela se encontrava com o GC (12h50 - 13h30), na segunda para o devocional, às quintas para as reuniões e, às sextas, para a reunião dos líderes. Maria costumava almoçar no refeitório da escola, eram raras as vezes que ela saía nesse intervalo.

> Sair é complicado, raramente saio, sempre perde muito tempo. Prefiro ficar por aqui mesmo, a comida do refeitório não é aquela coisa, mas não é ruim. E sempre tem alguma coisa, ou do GC ou do TCC. Melhor ficar por aqui.

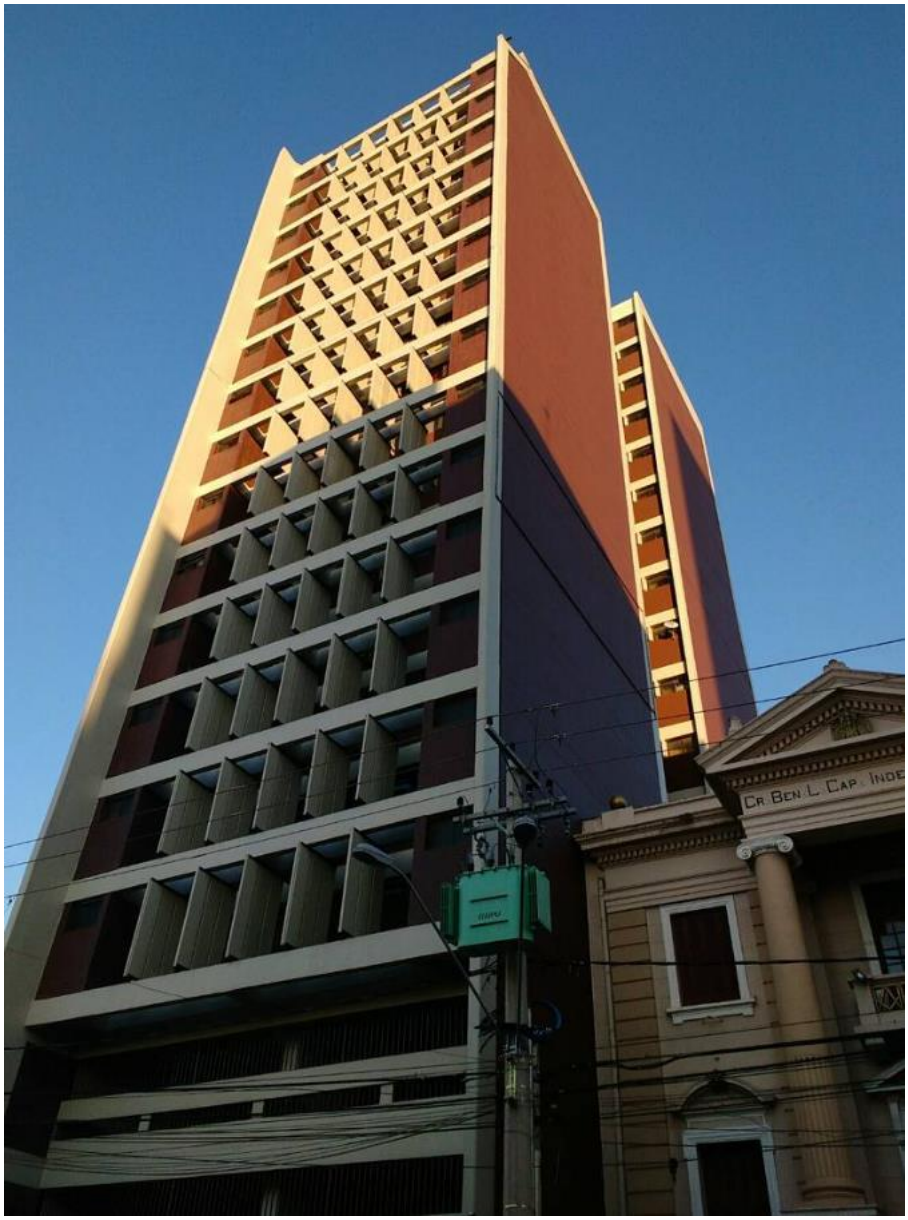
Ela chegava em casa por volta das 17h. À noite, fazia a lição de casa e duas vezes por semana fazia curso de inglês (19h - 20h30) em uma escola de idiomas particular próxima à sua casa, paga pelos pais. Ela costumava dormir por volta das 22h, mas antes lia a bíblia, meditava e orava. Raramente saía à noite durante a semana. No tempo livre em casa, ela costumava ler, assistir vídeos no Youtube, tocar violão e ouvir música. Não gostava de assistir televisão e nem séries (“acho bem perda de tempo televisão, séries também, não gosto”).

Nas sextas-feiras à tarde, Maria saía mais cedo da escola (15h). Estando no centro da cidade, ia aos sebos “garimpar” livros, ou às exposições do Museu de Arte Contemporânea de Campinas (MAC). Na maioria das vezes ela realizava tais atividades sozinha, e eventualmente na companhia do seu grupo de amigos da sala de aula. Maria contou que esse tipo de lazer começou a fazer parte da sua rotina depois que começou a estudar na Etec e a frequentar o centro da cidade. Os deslocamentos de seu local de moradia para o centro da cidade se davam com muitos vais e vens entre mundos distintos, e ela poeticamente exprimiu por meio de fotografias esse mundo outro que acessava.

As fotografias das observações que Maria fazia da cidade estavam disponíveis para acesso em suas redes sociais. Em algumas publicações, ela comentava com um amigo sobre as edições usadas, demonstrando certa afinidade por essa linguagem artística. Ficou evidente no acervo fotográfico, que ela acumulava no Instagram, seu olhar sensível para os objetos que poderiam ser pouco percebidos pelos demais transeuntes da cidade. Além das disposições estéticas, foi possível notar que, para dominar minimamente os códigos de edição fotográfica e poder apresentar um material bem apresentável, havia um certo engajamento para aprender sobre o assunto e autonomia para pesquisar e fazer videoaulas de fotografia e edição de fotos pelo YouTube.

**Imagem 10. Imagens da cidade fotografadas por Maria e publicada em sua página pessoal do Instagram[32].**

[32] As qualidades e cores das imagens sofreram alterações ao serem copiadas.




Fonte: Página pessoal do Instagram de Maria.

No final de semana, Maria se permitia acordar mais tarde, mas relatava que não conseguia acordar mais tarde do que 7h30. No sábado, ela não estudava, tirava o dia para "ficar à toa". Pela manhã, ajudava a mãe nos afazeres domésticos, principalmente organizando seu quarto. Depois, saía com os pais. Normalmente iam ao shopping, passeavam e almoçavam. Quando chegava, ficava no seu quarto ouvindo música, lendo e assistindo vídeos no Youtube. No domingo, ela fazia a lição de casa e organizava a sua semana. Almoçava com os pais e ficava junto com eles, normalmente conversando e ouvindo música com o pai. À noite, algumas vezes, visitavam alguma igreja. Se era longe, os pais a acompanhavam. Quando não iam, ela procurava assistir a uma pregação no Youtube.

Na gestão de sua rotina, parece que Maria atualizava disposições ascéticas e planificadoras, que como veremos, de certo modo foram apreendidas primeiramente com sua mãe e reforçadas nas escolas que frequentou. Ela buscava demonstrar em diversos momentos que a gestão do seu tempo e as atividades que realizava eram consideradas em alguma medida relacionadas à construção de um currículo profissional de sucesso idealizado por ela.

> Na minha previsão, eu consigo terminar o curso [de inglês] daqui dois meses, se eu fizer no meio de semana. E no ano passado, eu fiz no sábado, não gostei muito. Eu acho que duas aulas na semana, aproveita mais o curso, por ficar mais em contato com o inglês, que tudo em um dia só.

### 2.4.1. Experiências escolares: Trajetória de sucesso no ensino fundamental e médio

Maria não frequentou a educação infantil. Em 2004, aos quatro anos, sua mãe a matriculou em uma escola particular confessional Batista, mas a adaptação foi muito difícil ("eu queria muito ir pra escola, eu até pedi pra minha mãe, mas depois, as crianças me batiam, todo dia eu chorava porque alguém me mordia"). Assim, a mãe preferiu que ela permanecesse em casa e só iniciou a escolarização aos seis anos de idade, no primeiro ano do fundamental. À época, ainda não vigorava a obrigatoriedade da educação escolar para crianças a partir dos quatro anos de idade, positivada pela lei federal nº 12.793/13.

Durante todo o ensino fundamental, Maria estudou na mesma escola, próxima à sua residência. Uma escola municipal pequena, com apenas sete salas de aula – sendo o Fundamental I no horário matutino, e o Fundamental II, no vespertino – mas reconhecida por encaminhar seus estudantes às escolas técnicas. Ela relatou que lá sempre teve bons professores. Em especial, a professora do primeiro ano, eleita por Maria como uma excelente professora por ter uma boa didática. Como consequência, Maria aprendeu a ler e fazer contas no primeiro ano, assim como seus colegas de sala ("No primeiro ano eu já sabia ler e fazer conta, todo mundo da turma aprendeu, a professora tinha uma boa didática"). Questionei o que seria para ela "uma boa didática", e ela respondeu que seria "uma professora assim, bem-organizada, que você vê que sabe o que está falando e tem o domínio da sala".

Na fase escolar inicial, a mãe de Maria sempre a acompanhava as lições de casa. Ela organizava os horários da filha para que ela tivesse momentos de leitura e atividades escolares, mesmo que não houvesse lições obrigatórias no dia ("Quando não tinha tarefa ela pegava assim um quadrinho que a gente tinha e ela passava o que tava no caderno). Com isso, ela ressaltou que aprendeu com a mãe a como se organizar e a se preparar para as provas ("Aí eu acostumei fazer isso pra estudar, mesmo quando não tem tarefa, eu pego e reviso o conteúdo que foi dado"). Chamou a atenção como a mãe valorizava o momento das lições de casa para manter a

filha ocupada e longe da televisão, por considerar “bobagem” os programas de televisão (“minha mãe fazia isso porque ela nunca gostou de televisão, ela também sempre achou bobagem”). Maria interiorizou uma relação legitima com os produtos culturais: ela não assistia os canais abertos de televisão e menosprezava as comédias românticas e todas as séries dos *streamings* (“eu detesto a TV aberta, não assisto. [...] odeio comédia romântica[...] não perco tempo com séries”).

Quando Maria estava aprendendo a escrever e fazendo suas lições de casa na companhia de sua mãe, surgiam os primeiros traços disposicionais para a hipercorreção de si e sua gênese em alguma medida era revelada. Ela se lembrou que queria muito escrever certo e, diante da dificuldade, ela ficava brava. Mas persistia até fazer o certo.

> Uma vez queria muito escrever a palavra morango, quando a minha mãe falou que estava errado, eu ficava muito mal. Não porque ela falasse brava ou alguma coisa assim. Mas essa coisa de estar errado, pra mim era muito complicado. Ainda é, na verdade. Mas eu não queria errar.

Essa disposição se reatualizou em outras situações, como quando tirou sua primeira nota B em matemática (“O primeiro B que eu tirei em matemática, eu chorei muito”) e na juventude, diante das preocupações em passar no vestibular e com isso agradar seus pais.

> Esses dias atrás, eu chorei muito pensando no vestibular. Eu tento pensar que tudo bem se eu não passar, porque ninguém está me cobrando, meus pais estão de boa. Mas é mais forte do que eu, eu quero muito passar e honrar meus pais.

Na escola de ensino fundamental, Maria se destacou por ser boa aluna em todas as disciplinas. Seu maior interesse estava na área de exatas, ao mesmo tempo em que ela era muito interessada pelas artes e uma leitora assídua. Ela se recordou que o interesse pelos livros começou no sexto ano do ensino fundamental, ao ler a obra *Éramos Seis* de Maria José Dupré. Ela se lembrou de ter se emocionado muito com a leitura, e um aspecto marcante para ela foi o livro utilizar eventos históricos reais como pano de fundo, situando a narrativa no período específico da Revolução Constituinte.

A partir daí, ela seguiu se interessando por outras leituras. Além da bíblia, ela apreciava livros de distopia (“Eu leio a Bíblia, tô lendo alguns livros do técnico e eu também gosto muito de livros de distopias. Como Admirável Mundo Novo, 1984, Fahrenheit 451”). No oitavo ano do ensino médio, quando a professora utilizou um trecho da obra Admirável Mundo Novo em uma prova, ela ficou muito interessada com o estilo da leitura. Dois anos depois, no ensino médio, ela encontrou o livro em um sebo e começou a ler. Depois que encerrou a leitura, começou a buscar outros livros do mesmo gênero. Como veremos, indicações literárias e

debates sobre os livros eram práticas mobilizadas pelo grupo de amigos da sala de aula do ensino médio de Maria, e essas interações a motivava a ler sempre.

> O primeiro livro que eu li de distopia foi Admirável Mundo Novo. Esse livro eu queria ler ele desde 2015, por aí. É porque numa prova do fundamental tinha uma passagem desse texto e eu falei nossa que legal isso aqui, só que aí eu sempre procurei aí até que eu achei esse livro e eu achei ele muito interessante assim. O autor também ele é muito bom. Porque ele, gente, realmente pensa assim sobre a nossa situação assim atual. sabe, assim tanto do mundo como da gente mesmo e várias coisas que, assim, sei lá, o livro foi escrito em 1930, por aí e, assim, o que ele falava lá, tipo, e eles trazem coisas que são muito verdades tanto as da mídia, da influência, da manipulação ou pra onde o ser humano realmente caminha, assim, daquela relação de ter relação com várias pessoas, não ter casamento, ter a destruição da família. E assim é muito verdade, né? Como que o autor observou isso naquela época e conseguiu passar isso?

Aos nove anos de idade, ela fez aulas de desenho e mesmo sendo por um curto período impactou positivamente sua relação com as artes visuais.

> Foi quando tinha nove anos que era um professor que trabalhou na escola e aí uma amiga tinha uma irmã que disse que ele ia dar aula de desenho lá. Aí a gente comprou alguns materiais pra poder fazer um pouquinho, mas foi tipo, sei lá, dois meses. Foi uma vez por semana. Era papel e grafite. Aí a gente comprou alguns lápis grafite, 2B, 2D, HB, papel Canson. Pra pode começar a parte de luz e sombra, né? E quando começou a parte de, sei lá, anatomia, acho, aí acabou, ele teve que mudar da escola. Mas em casa eu ficava desenhando as coisas que ele ensinou, tentando fazer sobreado, essas coisas.

No sexto ano, na aula de geografia, Maria desenhou uma planta de casa para o trabalho que foi proposto para turma e se destacou por seus traçados. Diante do trabalho apresentado, o professor a elogiou e a incentivou a pensar a respeito da área de engenharia civil, sugerindo que no ensino médio ela procurasse um curso técnico nessa área.

> Desde 2003, quando eu tava no sexto ano, eu tinha um professor de geografia e a gente teve que fazer uma plante de casa, alguma coisa assim, e falou assim ‘nossa ficou muito bom, você sabia que tem técnico na área de arquitetura, engenharia civil?’, e fui procurar e eu gostei muito dessa área. Então, eu fiquei do meu sexto ano até o meu nono ainda querendo engenharia civil. Eu queria o curso de edificações, só que só tinha no Cotil em Limeira.

Em seguida, Maria começou a pesquisar sobre a sugestão do professor, o que levou ela a descobrir, nos murais da escola, que existia o ensino técnico integrado ao ensino médio em edificações no Cotil (Colégio Técnico de Limeira - Unicamp). Assim, ela começou a planejar fazer esse curso no ensino médio. Contudo, até o ingresso no ensino médio, muita coisa mudou. Maria descobriu outras afinidades e, ainda que ela estivesse almejando um curso específico, com o tempo se tornou ainda mais relevante para ela a importância de ingressar em uma escola técnica visando um ensino médio considerado de melhor qualidade. Por isso, além de prestar

vestibulinho para o curso de técnico em edificações, ela prestou também para outros cursos em outras escolas.

Uma certa forma de hedonismo foi expressa por Maria ao narrar sobre quando começou a cursar o Ensino Fundamental II à tarde. Pelas manhãs e aos sábados, ela desenvolvia diversas práticas corporais e artísticas oferecidas pelo Programa Mais Educação no espaço da escola. No programa, Maria fez ballet, futsal, hip hop e teatro. No Ensino Médio, tais práticas não cabiam mais na sua rotina. Na educação física só havia vôlei ou caminhada, e ela preferia caminhar enquanto conversava com as amigas. Ela relatou também que sua prática favorita era o *hip hop*, que ainda gostava, mas não dançava mais se não fosse para "louvar a Deus" ("dançar foi uma das coisas que eu deixei de fazer depois que me converti, eu comecei a ver que não convinha mais").

No nono ano, Maria ingressou no Precoltec, um cursinho pré-vestibulinho, localizado no centro de Campinas, reconhecido pela aprovação dos estudantes nas escolas técnicas da região. No trajeto de ônibus para o cursinho, conheceu uma estudante de Eletrotécnica do Bentão. Todos os dias ela a ouvia contar sobre o curso e isso começou a chamar a sua atenção. Ela visitou a Bentotec, uma feira tradicional de mostra de projetos desenvolvidos pelos alunos da escola aberta ao público em geral, e se entusiasmou ainda mais com a possibilidade de cursar o técnico em Eletrotécnica. No mesmo ano, foram selecionados os três melhores estudantes da escola para fazer uma visita à Unicamp, no CAFin – Ciência e Arte no Inverno[33] –, e Maria estava entre eles. Ao visitar a Unicamp, a Faculdade de Engenharia Elétrica lhe interessou mais do que a de Faculdade de Engenharia Civil. Então, ela decidiu se inscrever para os dois cursos técnicos (Eletrotécnica e Edificações).

Na seleção para o curso Técnico em Eletrotécnica, no Bentão, ela foi aprovada em segundo lugar da lista geral, já para o Técnico em Edificações, no Cotil, ela ficou em segundo lugar na lista da segunda chamada. A matrícula da Etec começou antes da segunda chamada do Cotil e não era garantido que ela seria chamada. Então, Maria optou pelo curso que já estava certo. Nessa trajetória em concorrer ao ensino técnico foram reveladas disposições de autonomia moduladas às disposições ascéticas. No ensino médio, Maria manteve atualizadas

[33] "O programa CAFin é destinado aos estudantes do 8º e 9º ano do ensino fundamental da Rede Municipal de Campinas. O programa possui duração de 1 semana e acontece no mês de julho, durante as férias escolares de inverno. O CAFin possibilita a participação de estudantes do Ensino Fundamental em atividades práticas (oficinas) relacionadas aos desafios atuais da ciência e da arte dentro do ambiente de pesquisa, sob a supervisão de professores/pesquisadores da Unicamp." In: https://www.prp.unicamp.br/iniciacao-cientifica/cafin/orientacoes/estudantes/, acesso em 10 de maio de 2024.

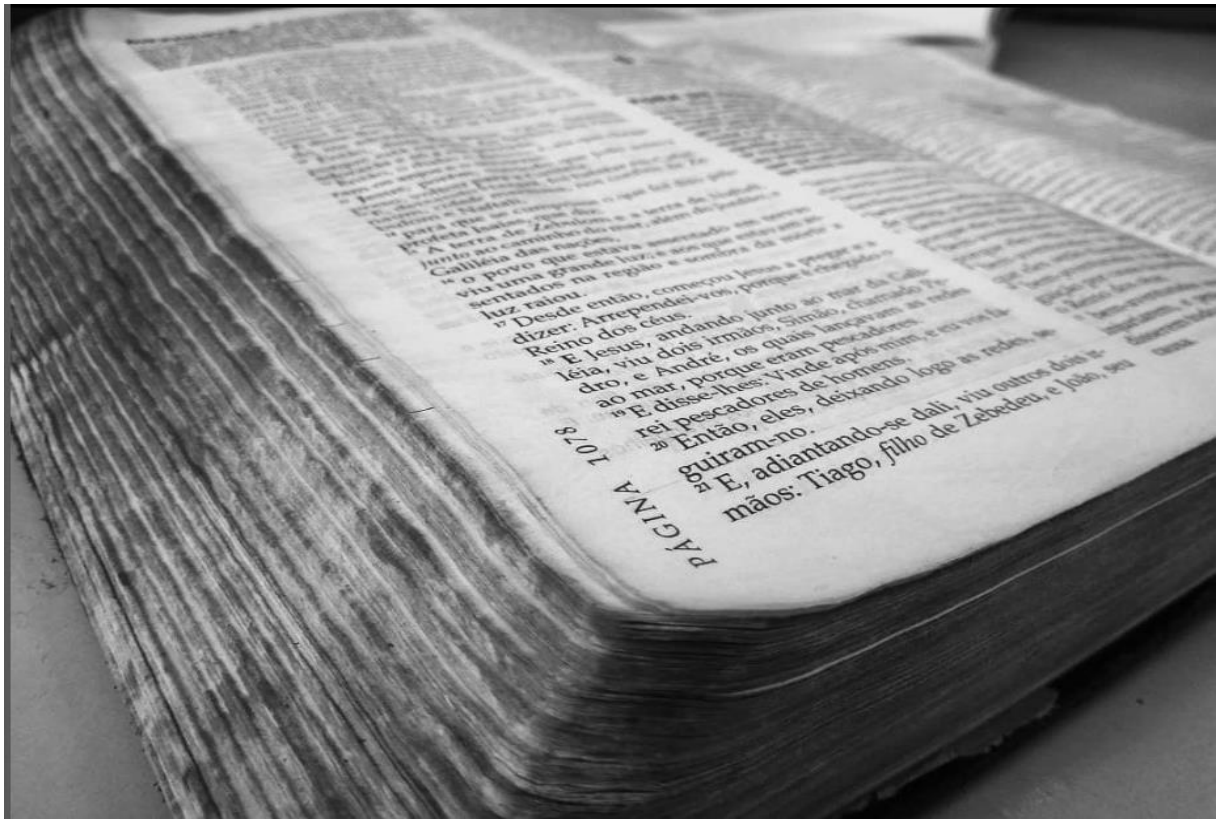
tais disposições, buscando sempre ser uma boa aluna, com as melhores notas, organizada e com foco nos vestibulares.

As disposições foram atualizadas à medida que ela se destacava como boa aluna e ela pesquisava sobre cursos superiores que lhe interessavam, e a escola possibilitava isso. No último ano do ensino médio, Maria teve o seu projeto de TCC premiado na FEBRACE - Feira Brasileira de Ciências e Engenharia, e foi aprovada em seu primeiro vestibular na Faculdade de Engenharia de Bauru - FEB/Unesp.

### 2.5. Engajamento religioso no ensino médio

Após sua conversão e ingresso na Etec, a atuação de Maria no GC favoreceu a gênese da disposição ao engajamento religioso que estava associada, de certo modo, ao ascetismo religioso. Como parte de seu compromisso com o GC, ela se empenhava em desenvolver todas as funções que lhe eram solicitadas, como quando era pedido que alguém orasse ou lesse uma passagem bíblica. De certo modo, Maria buscava alcançar um capital religioso no qual ela era desprovida em relação aos seus colegas crentes há mais tempo.

**Imagem 11. Bíblia fotografada por Maria.**




Fonte: Página pessoal do Instagram de Maria.

Notei que Maria passou por um processo em que o ascetismo escolar foi atualizado em ascetismo religioso. Ela abriu mão e adotou muitas práticas religiosas desde sua conversão, como por exemplo, deixar de dançar, não ir a festas que teriam bebidas, dar preferência a ouvir louvores, orar por longas horas, ler mais a bíblia, etc.

Ela também contou que nunca mais havia namorado, ou se relacionado amorosamente com alguém por entender que sendo cristã era errado manter um relacionamento sem propósito. Isso porque ela racionalizava sobre os efeitos das escolhas que um relacionamento poderia ter em seus estudos.

> Ficar eu acho errado, também não fico. O cristão tem que ter propósito num relacionamento, seria errado eu querer namorar agora. Agora, eu não quero, eu tenho outros planos. Se eu passar na faculdade, sei lá, em São Carlos, ou lá, em Bauru. Eu não quero manter um relacionamento a distância. Então, eu penso muito no que pode me atrapalhar e aí eu já evito.

A organização e o planejamento que Maria usava para lidar com as questões escolares foram transferidas para o âmbito religioso. Desse modo, Maria buscou conhecer a fundo a bíblia e compreender as razões teológicas por meio de leitura da bíblia e de outros livros religiosos, bem como através de canais do YouTube. Ela enfatizava esses conhecimentos sempre que possível e os tornava públicos. Por vezes, adotava uma postura austera para demonstrar suas convicções religiosas entre os seus colegas de sala. Quando questionada sobre situações em que a religião de alguma entrou em debate em sala de aula, ela expôs que se viu em uma posição de ter que defender a bíblia. Entre os colegas que eram cristãos na turma, ninguém mais se posicionou.

> Às vezes, porque tem outra menina na sala, tem várias pessoas que são evangélicas na minha sala, mas nenhuma delas vem no grupo, mas leva aí pelo cristianismo né, vai na igreja, e frequência. E tem alguns pouquíssimos alunos que são ateus. Sei lá um ou dois, na minha sala. Então, às vezes, tem alguma coisa 'Não, mas será que é realmente isso aí? não, mas porque aconteceu mesmo isso?'. E esses que são cristãos não tem respostas pra isso, aí eu falo assim 'não, não é bem assim que funciona', 'tem alguma coisa por trás disso daí'. Em relação a bíblia, 'o quanto que eu posso confiar na bíblia, ou que tem por trás disso, qual o trabalho feito?' Essa é uma questão teológica e não são só coisas aleatórias que juntaram e formaram um livro. Então é... eu venho dar esses toques e dizer não é bem assim que funciona, tem outras coisas além disso. Então, estude antes de você falar. Então, é mais nessas questões.

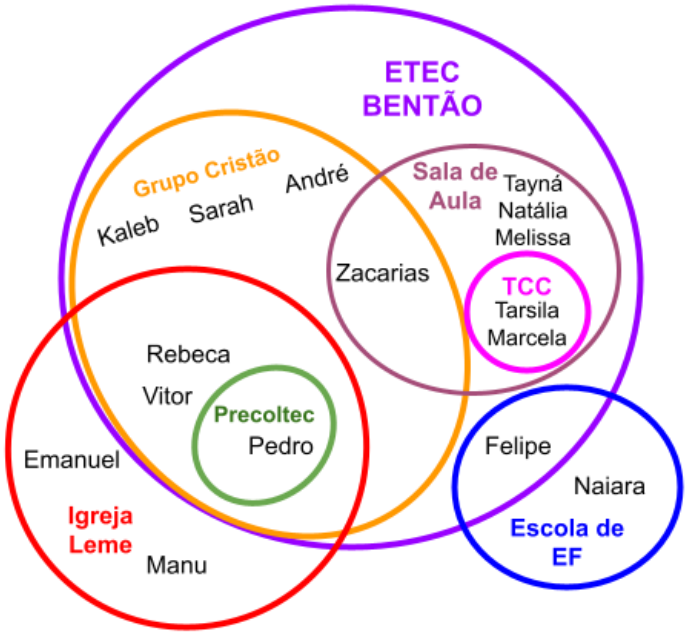
Maria se empenhava ainda em encontrar uma igreja para se fixar. Contudo, ela se mostrou bastante seletiva em sua busca e, por isso, passou o ano de 2019 visitando várias igrejas. Ela demonstrou ter percebido certa dificuldade em tal busca, pois nenhuma correspondia às suas criteriosas expectativas.

> Eu fui na igreja do André, a Amor Ágape, eu achei bem interessante que lá eles têm projetos sociais com dependentes químicos, é bem legal. Mas achei meio gritaria demais. É, assim, uma igreja bem pentecostal, sabe?
>
> A Rebeca e o Rafa me chamaram pra ir na Chácara Primavera com eles. Lá tem bastante gente que era da Leme, é bem legal. Assim, tem vários estudos, como é meio Presbiteriana, ela é mais acadêmica assim. Só que eu achei lá, assim, sei lá, é tudo muito chique. Não gostei disso.

## 2.6. Grupos de amizades

No ensino médio, os grupos de amizades de Maria foram reordenados a partir de suas novas vivências escolares e religiosas. Nota-se que houve, uma tendência a homogeneização no círculo de amigos. Uma vez que os círculos em torno da religião – GC, Igreja Leme, Precoltec – somam um número grande amigos, todos evangélicos. No entanto, conforme aprofundamos no entendimento dos indivíduos que compõem cada grupo, percebemos como as disposições podem ser transferíveis entre os grupos, bem como entrar em desuso, se formar ou atualizar.

**Imagem 12. Mapa de amizades – Maria**




Fonte: Arquivo da autora

Observamos que a disposição à autonomia perpassava todos os grupos; as disposições ao engajamento religioso e ascetismo religioso foram marcantes no Círculo do GC, das igrejas

e do Precoltec. Chamou a atenção que ela comentou que nesse Círculo era muito comum as discussões sobre religião e o papel da igreja, e que em alguns momentos as opiniões não eram unânimes devido a alguns jovens se mostrarem favoráveis ao governo conservador da época, o qual ela se opunha. Isso demonstra que os jovens estavam atentos às pautas político-religiosas e se inseriam de forma não totalmente passiva nas instituições, questionavam a finalidade das arrecadações financeiras feitas nas igrejas e as relações dos evangélicos com a política.

> A gente sempre conversa muito sobre as imposições da religião, no caso, sei lá, a parte do Governo que tem a câmara lá que a galera é evangélica e fica impondo as coisas e tanto a parte também de a igreja ficar realmente tirando dinheiro das pessoas, né? [...] Nem sempre todo mundo concorda com tudo, a gente tipo debate, tem gente que apoia o presidente [Bolsonaro - PL], é meio absurdo, mas gente convive na boa.

O Círculo da Sala de Aula, era o grupo com pessoas mais diversas do convívio de Maria. Nesse grupo, apenas ela e outras duas pessoas eram evangélicas – sendo um amigo engajado e participante do GC e outra amiga não engajada –, uma amiga é ateia e as demais católicas não-praticantes.

**Imagem 13. Círculo de amigos da sala de aula de Maria.**

Fonte: Página pessoal do Instagram de Maria.

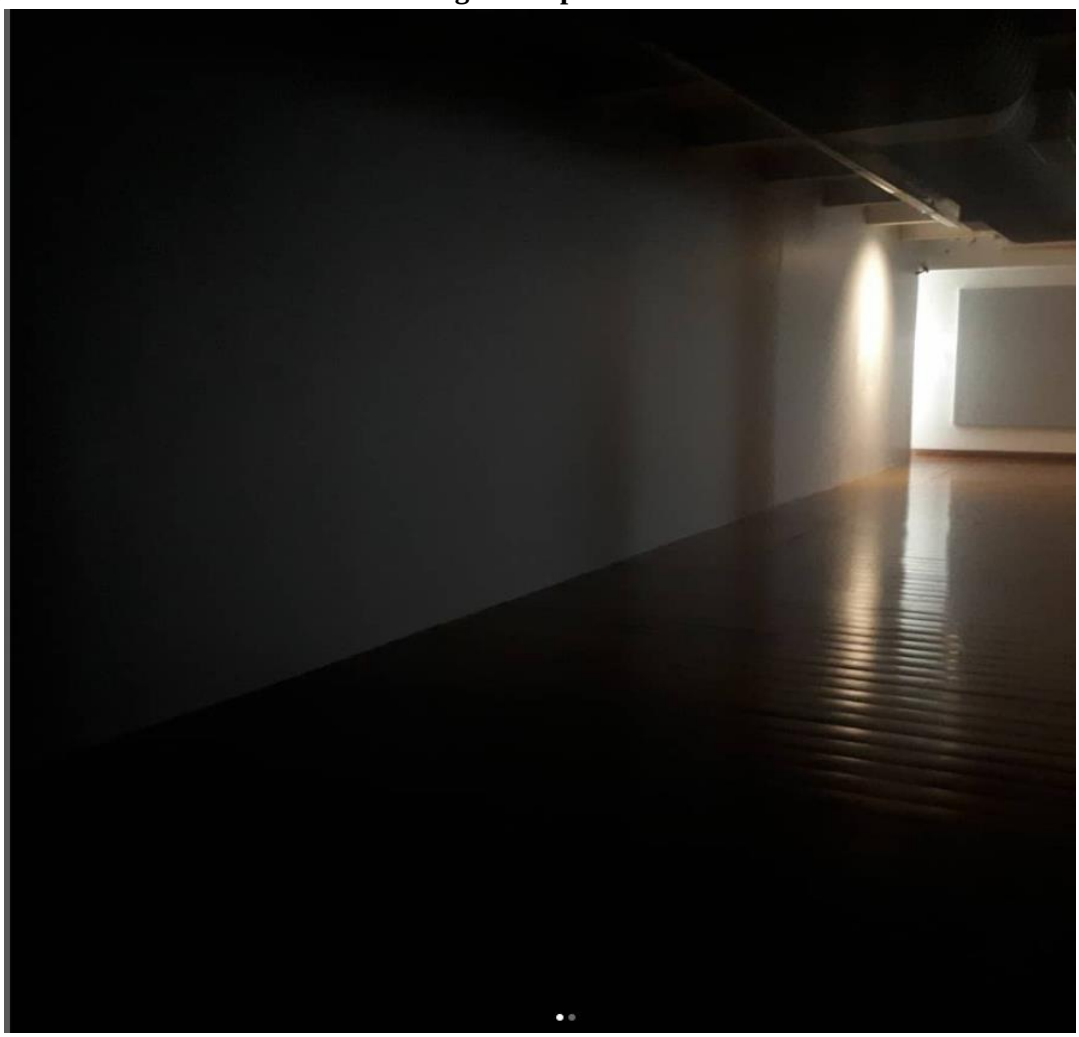
O Círculo refletia o gosto de Maria pelos produtos culturais legítimos. As discussões e debates desse grupo eram em torno principalmente de obras literárias distópicas e das obras selecionadas pela professora de literatura (“a gente meio que debate os livros antes da professora fazer em sala”).

> É muito legal que a gente meio que debate os livros antes da professora fazer em sala. A Mel meio que puxa isso porque ela vai fazer letras. Agora eu estou lendo ‘Minha vida de menina’, a gente vai ter um debate. A gente tem um tempo pra ler, pra gente responder umas questões e depois tem o debate. Então, o nosso grupo, entre a gente a gente debateu. Ah, não é assim, nossa, que incrível. Mas é legalzinho, assim, porque ele é um diário. E tem uma coisa, ele pode realmente ter sido escrito pela autora quando ela era jovem ou ela escreveu depois, mas esqueci, qual o ano mesmo que foi escrito. Os pontos

> interessantes é que se passa em Diamantina, em Minas Gerais. Então fala sobre essa parte da mineração e também a parte que teve abolição da escravatura, então, fala o que aconteceu com esses negros que estavam escravizados lá. Ah, também sobre várias coisas sobre a mulher, né? A posição dela, como é que ela enxerga.

Junto aos amigos desse Círculo, ela desenvolvia práticas de leitura, trocava indicações de documentários e filmes, dividia o gosto pela fotografia e artes em geral. Chegaram até a irem juntos a São Paulo – SP, onde visitaram exposições e museus ("a gente meio que se organizou uma vez e fomos pra São Paulo, passamos o dia lá, andamos na [Avenida] Paulista, fomos ao Masp, no Ibirapuera e no museu em frente ao Ibirapuera, o MAM? Foi bem legal. Fomos também no Memorial da Resistência"). No Instagram, ela compartilhou fotografias dos lugares que circularam nesse passeio.

**Imagem 14. Memorial da Resistência fotografado por Maria.**



Fonte: Página pessoal do Instagram de Maria.

Nesse grupo, Maria entrou em contato com pontos de vistas diversos que a levam a relativizar preceitos religiosos e experenciar a tolerância. Ela destacou que uma dessas amigas é evangélica e homossexual e estava vivendo um processo de ruptura com a religião e com a família. Isso, de certo modo, pareceu refletir sobre sua opinião no que diz respeito à homossexualidade, quando eu a questionei.

> Acho que elas são felizes na vida delas, sabe? Não está errado. E sobre adoção por casais homossexuais. Sou a favor disso acontecer porque não é porque eles são um casal gay que tipo assim, está errado, ou se são duas mulheres, dois pais ou duas mães, não é diferente se é um homem e uma mulher. Então, isso vai além, né? Porque é relacionado ao amor e sobre afetividade. Então assim, eu acredito que essa criança não vai ser influenciada a ser gay, e se ela for, não vai ser porque os pais eram. Porque tem muitos aspectos e que não tá dentro disso, então, eu concordo sim e não sou contra isso não. Acho ótimo que tem famílias que estão felizes do jeito que elas forem.

### 2.7. Recapitulação dos pontos de análise

- A socialização em um ambiente familiar com pais de origens e experiências muito distintas, contribuiu para construção das disposições sociais e religiosas de Maria. Enquanto o pai representava uma figura de distanciamento em relação à religião institucional, a mãe, por sua vez, foi uma figura central na orientação religiosa da filha.
- A conversão de Maria à religião evangélica representou um ponto de virada significativo em sua vida, que a levou a refletir profundamente sobre suas ações.
- A influência dos amigos e o ambiente evangelizador de um cursinho pré-vestibular desempenharam um papel crucial na transição de Maria para uma nova comunidade religiosa. A partir dessas novas conexões, ela encontrou um novo sentido de pertencimento e uma oportunidade para reconstruir sua identidade e valores. A conversão, assim, pode ser vista como uma forma de ela hipercorrigir sua conduta, buscando alinhar-se com os princípios cristãos que, em parte, foram transmitidos por sua mãe.
- A experiência de Maria exemplifica como a conversão religiosa pode ser uma resposta a crises pessoais e familiares, servindo como uma forma de reorganização da identidade e das relações sociais.
- A rotina de Maria é um exemplo claro de "ascetismo escolar", uma prática marcada pela autodisciplina rigorosa e foco estratégico nos estudos para alcançar metas futuras. Ela demonstra um comprometimento intenso com sua educação,

estruturando seu cotidiano em torno da escola e das atividades acadêmicas, com o objetivo de construir um futuro profissional bem-sucedido.

- A gestão de tempo de Maria e suas escolhas refletem uma abordagem ascética, onde prazeres imediatos são frequentemente sacrificados em prol de objetivos de longo prazo. Essa abordagem foi influenciada tanto por sua mãe quanto pelas instituições educacionais que frequentou, reforçando disposições que favorecem o sucesso acadêmico e profissional.
- Desde cedo, Maria demonstrou uma disposição forte para o aprendizado, influenciada principalmente por sua mãe, que enfatizou a importância da organização e do estudo. Essa orientação materna estabeleceu uma base sólida para a formação de Maria, que desde os primeiros anos de escola se destacou como uma aluna exemplar.
- A busca por excelência acadêmica se manifestou em várias etapas da sua educação. No ensino fundamental, Maria era uma aluna aplicada, interessada tanto em disciplinas exatas quanto em artes e literatura.
- No ensino médio, Maria direcionou seus interesses para áreas mais específicas, como engenharia, motivada por influências de professores e pelo contato com outras estudantes e instituições.
- Em suma, a experiência escolar de Maria é marcada por uma constante busca pela excelência, um forte senso de autodisciplina, e uma capacidade de planejar e executar ações visando o sucesso futuro, tanto acadêmico quanto profissional.
- O engajamento religioso de Maria durante o ensino médio, mostra como sua conversão influenciou sua vida pessoal e acadêmica. Após ingressar na Etec, Maria passou a se envolver ativamente no GC, utilizando as mesmas habilidades de organização e planejamento que aplicava nos estudos para aprofundar sua fé e práticas religiosas.
- Seu engajamento se manifestou em várias formas, como sua dedicação à leitura da Bíblia, longas horas de oração, e a decisão de evitar atividades que considerava incompatíveis com sua fé, como festas e relacionamentos amorosos sem propósito definido. Maria também buscou aprofundar seu conhecimento teológico, utilizando recursos como livros e canais do YouTube.
- Maria selecionava com rigor uma igreja para se fixar, demonstrando um alto nível de exigência quanto ao que esperava de uma comunidade religiosa. Essa seletividade

reflete a seriedade com que ela encarava seu compromisso espiritual, buscando um ambiente que correspondesse plenamente às suas expectativas.

- Ela em alguma medida transferiu suas disposições ascéticas e organizacionais do âmbito escolar para o religioso, evidenciando um compromisso profundo e estruturado com sua fé durante o ensino médio.
- Os grupos de amizades de Maria no ensino médio foram reconfigurados devido às suas experiências religiosas e acadêmicas. Ela se inseriu em círculos sociais que, em grande parte, eram compostos por amigos evangélicos, refletindo sua nova identidade religiosa. Esses grupos, como o GC, a igreja e o Precoltec, compartilham disposições comuns ao engajamento religioso e ao ascetismo, com debates frequentes sobre religião e política.
- Apesar dessa homogeneidade religiosa, Maria também fazia parte de um círculo de amigos na sala de aula, mais diverso em termos de crenças e práticas culturais. Nesse grupo, ela interagia com pessoas de diferentes orientações religiosas e não religiosas, e compartilhava interesses em literatura, artes e discussões intelectuais. Essa diversidade de perspectivas contribuiu para que Maria desenvolvesse uma postura mais tolerante e reflexiva, especialmente em questões como homossexualidade e adoção por casais do mesmo sexo.
- Ela manteve uma forte conexão com seus valores religiosos em certos grupos, mas também mostrou flexibilidade e abertura em contextos mais diversos, o que lhe permitiu relativizar alguns preceitos religiosos e cultivar a tolerância em relação a diferentes pontos de vista.

## 3. A JOVEM REBECA

> **Entrevista com Rebeca (Tema central: Corpo).** Enquanto desenha seu autorretrato ela conta que sua amiga lhe ensinou a desenhar rostos para presentear o namorado e comenta sobre o desenho:
> **Rebeca:** Eu queria fazer um desenho pro Rafa [namorado]. Aí eu falei assim: "ah, quero desenhar, me ensina?!". Aí ela [Gabi] me ensinou, aprendi bem no dia. Ficou fofinho assim. Parecendo desenho sabe de criança, mas ficou fofinho. Nossa! Fiquei com o rosto muito redondo. (risos) Não ficou bem parecido. Mas aparentemente está OK.
> **Pesquisadora:** Quer por uma cor?
> **Rebeca:** É, aceito. Acho que combina, né? Uma corzinha. Pode ser um rosa. Pronto! Agora, agora, parece mais eu.
> **Pesquisadora:** O rosa está bem no tom. Claro, se fosse no início das entrevistas seria azul, depois ia ser verde. Agora, tinha mesmo que ser rosa.
> **Rebeca:** Mudando de cor, como muda de humor. Momento rosa bebê. Um bebê bem crescido já (risos).

**Imagem 15. Autorretrato de Rebeca**

Fonte. Dados da Entrevista.

Rebeca, durante as entrevistas, era estudante do curso Técnico em Informática integrado ao ensino médio da Etec Bento Quirino. Nasceu em São Paulo - SP, e aos 7 meses de idade mudou-se para Campinas - SP, para a mesma casa onde morava com seus pais e a irmã até aquele momento. O bairro de sua residência estava a uma distância de cerca de 3km da escola, sendo a entrevistada que residia mais próximo da Etec. Em alguns horários livres, trabalhava

como babá e dava aulas de reforço escolar para crianças. Seus clientes eram filhos de amigas de sua mãe e de membros da igreja.

Primogênita, era a terceira geração de sua família a declarar-se evangélica. Frequentava duas igrejas Presbiterianas: uma delas, de pequeno porte e mais tradicional, localizada próxima de sua casa, em que ela ia com os pais e com a irmã (chamaremos de igreja 1). A outra, localizada no bairro Chácara Primavera, de porte médio, com público mais jovem, aonde ela ia com os amigos e com o namorado (chamaremos de igreja 2). Em 2019, ano em que a entrevistei, Rebeca desempenhava a função de líder de adolescentes em uma das igrejas e era líder do GC no Bentão.

Os principais espaços em que ela transitava eram a escola e as igrejas. Nestes espaços, veremos que Rebeca se movia construindo sua biografia a partir de combinações pouco contraditórias, e com tendência a uma certa homogeneidade. Nestes espaços, ela fazia escolhas individuais com relativa autonomia, vivendo, pela primeira vez, experiências de maior liberdade e independência, ainda que algumas vezes sob a forte tutela da família, principalmente de sua mãe. Sob menor influência familiar, na escola e na Igreja 2, Rebeca experienciava a sociabilidade e um relacionamento amoroso, e, ainda, ocupava posições de liderança.

### 3.1. Primeiros contatos com Rebeca

Em 2018, fui apresentada à Rebeca na segunda reunião em que participei do GC. À época, ela auxiliava a liderança do Grupo e se preparava para assumir sua liderança no ano seguinte. Notei que ela não havia entendido exatamente o que eu estava fazendo no Grupo, mas independente disso, foi muito receptiva e se mostrou interessada em me apresentar aos demais. Me convidou ainda para sentar-se ao seu lado na reunião e compartilhou sua bíblia comigo para que eu pudesse acompanhar o que estava sendo lido durante a mensagem.

A partir daquela reunião, passei a observar a presença constante de Rebeca no GC e sua atuação, sempre ativa e na companhia do namorado, que naquele ano era formando da escola e compunha a liderança do grupo. Outro aspecto que me chamava a atenção, é que de uma semana para outra ela adotava uma nova cor fantasia nos cabelos e sempre vestia camisetas de filmes de ficção e fantasia (Principalmente Star Wars e Harry Potter).

Durante a *sorvetada* do Grupo, no final deste mesmo ano, conversei com ela pela primeira vez com mais tempo, podendo, novamente, me apresentar e explicar sobre a pesquisa. Ela contou que no ano seguinte estaria na liderança do grupo e confirmou, rindo muito, que de

fato ela imaginou que eu fosse uma colega de alguém que estava indo só para frequentar o Grupo ou que eu fosse estudante nova na escola.

No início de 2019, no retorno das reuniões do GC, combinamos de iniciar as entrevistas nos horários de suas aulas vagas às sextas-feiras, ou nos intervalos de almoço. Foram realizadas 4 entrevistas, somando aproximadamente 4h30min. Todas foram realizadas no pátio da escola, sendo uma na aula vaga e três em horários de almoço, com o intervalo médio de um mês entre elas. Inúmeras vezes tivemos que desmarcar a entrevista, pois no horário de aula vaga (duas últimas aulas do dia) sua mãe passava para buscá-la mais cedo, ou no horário de almoço, quando não havia atividades do GC, quando algumas vezes o namorado combinava de encontrá-la para almoçarem juntos.

Ainda durante a pesquisa, Rebeca me adicionou no Facebook e pude acompanhar suas postagens. Semanalmente, ela usava as redes sociais para postar vídeos, matérias e fotos pessoais com reflexões, muitas vezes relacionadas às mensagens que ela elaborava para o GC. Nas quintas-feiras, ela também costumava postar utilizando o #tbt. Isto contribuiu como motivador para algumas conversas que tivemos, como quando ela postou uma foto de infância ao lado do avô sentados em um banco de madeira de igreja. Então, logo no início da entrevista sobre o tema *família*, eu comentei que havia visto a foto. Durante as entrevistas, o fato de ter acessado o arquivo pessoal de fotos dela contribuiu para que eu pudesse visualizar lugares e pessoas que ela citava.

Além dos momentos de entrevistas e atividades do GC, era comum, antes ou depois das atividades do Grupo, conversar com a Rebeca na escola. Ela me contava sobre suas ideias de atividades a serem propostas para o coletivo e perguntava a minha opinião sobre como havia sido a mensagem quando ministrada por ela.

Foi na ocasião do evangelismo organizado por grupos cristãos de escolas de Campinas, no primeiro semestre de 2019, que eu me aproximei mais dela e conheci seu namorado. Após o evento, comemos em um restaurante e ficamos andando pelo centro da cidade enquanto conversávamos. Essa aproximação com a Rebeca facilitou para que, nas entrevistas, fosse estabelecida uma relação de confiança. Ela se mostrou bastante à vontade em falar de si mesma e narrar com muita sinceridade inúmeras situações vividas que expressam o que e como pensa.

### 3.2. Origem familiar e herança protestante

É preciso olhar para a origem da família de Rebeca e suas relações com a Igreja Presbiteriana e dar à socialização familiar uma importância distinta na construção de

disposições escolares e disposições religiosas fortes, já que o protestantismo é considerado por ela como uma herança familiar. Nas entrevistas, Rebeca designa a si mesma como "cristã de berço". O pertencimento religioso protestante teve início com seus avós e ela é a terceira geração a se declarar evangélica.

Ambos os lados da família, materno e paterno, migraram da Bahia[34] para São Paulo - SP por volta dos anos 1950, o que nos remete ao período de maior migração nordestina para a capital do estado de São Paulo em decorrência do flagelo das estiagens[35]. No entanto, diferente de muitas famílias migrantes evangélicas que se instalaram na capital paulista[36], a conversão de seus avôs aconteceu quando ainda residiam no nordeste brasileiro e o pertencimento religioso se firmou em uma igreja classificada como igreja evangélica tradicional ou protestante histórica.

No caso dos avós paternos, Rebeca desconhece os detalhes sobre a conversão ao protestantismo e as circunstâncias que os levaram a migrar para o sudeste. Contudo, ela supõe que, no Nordeste, a família paterna já vivia uma boa condição socioeconômica, com certa estabilidade financeira e algum nível de estudo formal. O avô foi policial militar e a avó foi professora.

> [...] Ela foi professora e já foi miss de alguma cidade do interior que ela morou lá do Nordeste. Ela gosta disso, sempre fala 'porque eu, quando eu fui miss, não sei o que lá… lá no interior do nordeste' (risos) ela tem orgulho desse tempo de miss dela. [...] eu não sei como ela chegou a ser professora. Eu imagino que ela estudou. Eu acho que ela teve sim um estudo. E meu vô eu imagino que ele tenha, porque ele chegou a ser policial militar. Então eu não sei como que era antigamente isso. Hoje tem concurso e tudo mais assim. Devia ter alguma exigência de informação, então ele eu sei que teve, mas o pai da minha mãe eu sei que não teve muita coisa não.

---

[34] "[...] os estados de Sergipe e Bahia não faziam parte da região Nordeste, pois se encontravam na região Leste junto com os estados a Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e o Distrito Federal. A incorporação de Sergipe e da Bahia à região atual ocorreu somente em 1969 através da reformulação da divisão regional do país, porém, apesar de 1969 ser a data oficial, a incorporação já havia sido considerada anteriormente pela Sudene (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) para sua atuação. Entretanto, mesmo antes de fazerem parte da região geográfica do Nordeste, os estados possuíam parte dos seus territórios no Polígono das Secas" (FERRARI, 2005, p. 15).

[35] De acordo com Ferrari (2005) a década de 1950 – segundo período do governo Vargas –, foi o momento em que a migração superou todos os números do êxodo nordestino registrados até o momento (FERRARI, 2005). Vale lembrar que este é, também, o início de um momento marcante para a igreja evangélica no país, quando uma nova religiosidade entra em cena e tem-se a "primeira onda pentecostal" (FRESTON, 1993) que iria, em alguma medida, influenciar até as vertentes protestantes históricas mais tradicionais, nas palavras de Almeida (2004), causar uma certa "pentecostalização do protestantismo histórico" (ALMEIDA, 2004).

[36] Almeida (2004), observou que a migração incidia sobre a mudança religiosa, uma vez que a conversão religiosa ocorria no processo de deslocamento espacial. Em geral, os nordestinos eram católicos em suas localizações de origem e, no sudeste, se tornaram evangélicos, principalmente em igrejas pentecostais, onde encontravam acolhimento, suporte emocional e, de certo modo, até suporte financeiro, para se estabelecerem e construírem laços na nova realidade (ALMEIDA, 2004).

Na capital paulista, o avô paterno se tornou comerciante e a avó se dedicava exclusivamente à educação dos três filhos, nascidos e criados em São Paulo. Alguns aspectos narrados por Rebeca sobre a infância e a juventude de seu pai revelam que a família vivia um contexto socioeconômico privilegiado. Primogênito, assim como seus irmãos, o pai cursou curso técnico e ensino superior, e teve as primeiras experiências laborais apenas após a conclusão dos estudos, no âmbito da área cursada. As práticas de lazer do pai eram majoritariamente vinculadas às atividades religiosas e à participação no coral e banda da igreja. Na juventude, ele teve acesso e descobriu a paixão pelas revistas em quadrinhos e ficções cinematográficas da época – Star Wars e Star Trek – que se perpetuou até a vida adulta.

Essa paixão pela cultura geek/nerd foi transmitida à filha. O principal assunto das conversas do pai com a filha era sobre tecnologia, filmes e livros de ficção. Ela também herdou do pai o gosto pela música clássica, e juntos iam a concertos, ópera e teatros, não tão apreciados pela mãe e pela irmã.

> A gente tem muitas coisas tipo assim, em comum em questão de gostos. Então tipo, sei lá, meu pai é muito nerd. Nerd de gostar de Star Wars, Senhor dos Anéis, Star Trek, de gostar dessas coisas e eu gosto muito disso também. Então, tipo, eu gosto muito disso nele e a gente conversa bastante sobre isso. [...] Então eu vou com ele nessas coisas, sabe. Então, quando ele vê alguma coisa assim. Fica sabendo, sei lá o pessoal do coral que ele participa fala alguma coisa, ou ele pesquisa na internet. Tipo, da Sinfônica de Campinas, sei lá. Vai ter apresentação no Taquaral. A gente vai. A gente já foi no teatro de Paulínia várias vezes pra ver Orquestra, ver ópera, já lá. Nisso vai eu e ele assim que dá. Minha mãe e a minha irmã não gostam. Ai eu gosto. Gosto porque gosto muito do teatro, né? Então eu vou lá com ele.

Diferentemente, a mãe viveu a infância e juventude em um contexto popular. A família materna migrou para o sudeste sob condições de maior pobreza, vulnerabilizada pela seca e pela fome. Na nova cidade, a família enfrentou inúmeros desafios para sobreviver. Ainda assim, era rede de apoio para outros parentes que chegavam no Sudeste.

> No Nordeste [meu avô], trabalhou na roça, não teve muita educação, tipo escolar assim. E aí ele morou lá, aí teve todos os filhos menos a minha mãe lá. Aí meu vô veio pra cá. Aí que eles pegaram pau de arara, sabe? Pra São Paulo, e aí ele falou pra minha vó: 'Olha, quando eu tiver dinheiro vocês vem pra cá com meus seis filhos', é seis filhos que tinha na época. Três mulheres e três homens. Minha mãe não era nascida ainda. Tinha só os seis mais velhos. Aí, logo depois minha vó veio pra cá com todos os filhos. [...] E assim vira e mexe recebia parente lá na casa do meu vô que estava vindo pra São Paulo arriscar a vida também mas meu avô não recebia nada. Vira e mexe minha mãe tinha tio, prima, tia, gente que ela nem sabia quem era na casa dela e a casa não era muito grande, vivia uns cinco no mesmo quarto, assim, então minha mãe tem muitas histórias assim, sabe? Minha mãe chegou a perder três irmãos já, um deles ela não conheceu que foi que nasceu antes dela e morreu

> de meses, uma morreu de anemia, aqui em São Paulo já e o outro morreu em dois mil e quinze por suicídio. Então minha mãe batalhou muito.

A mãe de Rebeca, nascida em São Paulo, desde muito nova trabalhou em várias funções para ajudar no sustento da família, ao mesmo tempo em que estudava. Rebeca demonstrou profunda admiração pela história de superação da mãe. Várias vezes enfatizou o quanto a mãe "viveu muita coisa".

> Minha mãe trabalhou tipo desde pequena, tipo assim ajudando em loja, cuidando de criança. [...] em uma doceria, meu vô tinha uma doceria na porta da casa dele, né? Então já fez de tudo. Ajudava empacotando figurinha, ajudando meu avô com foto. Meu vô já foi fotógrafo também. Ele comprou uma câmera e fazia foto de família, dos vizinhos, do pessoal da igreja. E cuidando de criança, minha mãe cuidou muito de criança e tals. Mas todos os seis filhos trabalhavam pra sustentar na casa, era assim. Tinha que ser. Minha vó também trabalhava lá em várias coisas, meu vô também corria muito.

Em razão das experiências da mãe e demais familiares, Rebeca se sentia compelida a valorizar o que tinha ("eu escuto essas histórias, eu fico, 'caraca!', eu não vou reclamar de nada, não") e, ainda, de alguma forma, compelida a se ocupar com alguns trabalhos, como babá e professora de reforço escolar para crianças.

Portanto, as origens familiares dos pais de Rebeca, que anos mais tarde se conheceram na igreja em São Paulo e constituíram família, divergiam em relação aos contextos por eles vividos, mas o meio protestante favoreceu para unir o casal em torno de princípios comuns. Em alguma medida estas divergências estruturaram disposições, gostos e valores posteriormente transmitidos à filha.

A pesquisada narrou com orgulho as histórias da conversão de seu avô materno que, segundo ela, foi o responsável pela propagação da fé cristã às gerações seguintes e colaborou com a fundação de inúmeras igrejas na região da grande São Paulo e sul de Minas Gerais.

> Deixa eu contar. Como ele se converteu eu acho muito boa a história. Ele [o avô] conheceu a minha vó. Meu vô não era da igreja, e aí um dos caras da igreja da minha avó falou "ah, seu João como vai ser? Aí a dona Ginéia é de igreja você não é". Aí, ele: " – Não, desde que ela passe minhas roupas, deixe eu ir no bailinho, tá tudo bem". Aí o cara ali falou: " – Tudo bem, então, mas e quando Deus vier te buscar?". Ele: " – Eu me resolvo na hora com Deus". Olha o jeitinho do meu avô. Aí um dia meu vô tava, numa chácara da família da minha vó e ele tava num quarto com o cara jogando cartas e ele ganhou do cara. O cara ficou fulo da vida pegou a peixeira e ele foi matar meu vô. Aí meu vô falou: "– Meu Deus!", e sei lá como, meu avô conseguiu conter o cara. O cara era muito maior que ele e tal. Quando ele conta, é engraçado, mas ele fala que viu mesmo a morte ali. E aí meu avô falou que daquela hora caiu a ficha de que não tem como resolver com Deus antes de morrer porque eu não sei quando que eu vou morrer e aí ele se converteu assim e aí meu vô, nossa, ele é muito firme na igreja até hoje. Depois disso ele até se tornou meio que

> um pastor. Ele é muito firme, conhece muito a bíblia, já leu inteira muitas vezes. Muito bonitinho, volta e meia ele fala que tá terminando de novo.

Mesmo com baixa escolaridade, o avô de Rebeca se tornou um assíduo leitor da bíblia depois de sua conversão ao protestantismo. Possivelmente, isso contribuiu para que ele transmitisse aos filhos, além da religião, a valorização da cultura escrita e a importância da educação escolar. Ainda que a contribuição dos filhos para o sustento de toda a família fosse necessária, seu avô materno incentivava e buscava meios para que os filhos seguissem estudando. De tal modo, todos os filhos alcançaram maior grau de escolaridade que ele e acessaram o ensino superior.

> Todos estudaram. Fizeram ensino médio, graduação, tudo. Aqui em São Paulo mesmo. Meu vô sempre fala que o maior orgulho dele é ver os filhos e os netos todos formados, estudando. Meu vô sempre incentivou bastante sabe? Queria que trabalhassem porque senão iam todo mundo meio que morrer de fome. Mas ele fazia o possível assim pra que eles pudessem estudar. Mesmo que escola pública a vida inteira assim. Mas ele queria muito que todos eles fossem mais. Tivesse o que ele nunca teve no Nordeste. Ele sabe ler assim, mas tipo, nunca teve mais que isso. Sabe lê só, sabe? Num vai muito além disso. Mesmo assim ele lê muito a bíblia, leu inteira várias vezes.

A valorização da cultura escrita na família de Rebeca pareceu estar atrelada à atuação religiosa missionária do avô, que se empenhava na missão de fundar igrejas. Com pouca instrução formal, mas contando com um certo autodidatismo para aprender e transmitir o que sabia. Seu avô, juntamente com a família, se instalava em uma cidade pequena, ainda sem igreja evangélica. Por um período, lá atuava em prol de constituir uma comunidade de fé local que tivesse condições de acolher um pastor formado e instituído pela representação nacional da Igreja Presbiteriana, para iniciar uma igreja. Nesta função, a família realizava todas as atividades cotidianas de uma igreja e formavam líderes que dariam continuidade à igreja fundada. Em seguida, se mudavam para outro local e começavam tudo novamente.

> Como tinha um monte de filho. Um monte de gente pra trabalhar na igreja. Tocar um louvor, dar uma aula. Essas coisas. Faziam tudo. Minha mãe fala que tipo ela mesma deu muita aula em igreja, em escola bíblica, às vezes alfabetizava mesmo, tinha que ensinar quem não sabia ler. Minha mãe conta que meu avô chegou a ser pastor. Pôs várias igrejas pra começar. Até ele sossegar. Quando a igreja estava andando, aí meu vô falava: 'Agora vamos pra outra'. Ele só parou mesmo e se firmou em São Paulo quando o meu tio foi fazer o técnico. Ele queria que os filhos estudassem e daí não dava mais.

Rebeca descreveu o avô como alguém visionário, perspicaz, temente aos princípios de sua fé e muito engajado na missão evangelizadora e na missão de garantir que os filhos tivessem educação formal. Valores, atitudes e comportamentos religiosos e escolares estão imbricados e possivelmente são determinantes na constituição de disposições que atravessam em alguma

medida as gerações dessa família e chegam em Rebeca. A partir dessas descrições, observou-se ainda que o investimento na ascensão social pela escola era uma marca da família materna. De certo modo, para encontrar o seu lugar nessa configuração familiar, Rebeca gradualmente incorporou tais disposições. Ao longo de sua trajetória escolar, como veremos, seguiu disciplinada, muitas vezes rígida consigo mesma, valorizando o empenho dos pais que lhe proporcionavam o conforto para se dedicar exclusivamente aos estudos, diferente da realidade vivida pela mãe.

Na juventude, quando ela se envolveu autonomamente com a religião e passou a se interessar mais proficuamente pelos assuntos religiosos, recuperou os valores históricos de pertencimento religioso da família e neles encontrou referências para viver suas próprias experiências. Assim, ela viveu em alguma medida o protestantismo enquanto herança, mesmo crendo que a profissão da fé cristã seja escolha individual. Nesse sentido, veremos que o legado religioso familiar influencia fortemente o modo de Rebeca se engajar religiosamente, fazer escolhas e viver a juventude.

### 3.2.1. Estilo de vida do grupo familiar

Os pais de Rebeca se mudaram de São Paulo - SP para Campinas-SP quando ela tinha 7 meses de idade e se instalaram na mesma casa em que residiam até o momento da entrevista. Com mais ou menos 5 anos de casados e ambos com pouco mais de 30 anos de idade, o motivo da mudança da família foi o novo emprego de seu pai como engenheiro eletricista na CPFL Paulista[37], onde até o ano de 2019 (momento da entrevista), atuava como técnico na mesma área. Sua mãe, à época da mudança, já era professora dos anos iniciais do ensino fundamental na rede estadual de ensino de São Paulo, e se transferiu para acompanhar o marido na nova cidade. Dois anos e meio depois, o casal teve outra filha.

Em São Paulo, seus pais se conheceram e se casaram na Igreja Presbiteriana, igreja também frequentada por seus avós maternos e paternos. Ao se mudarem com Rebeca para a nova cidade, procuraram se filiar à comunidade de fé de mesma denominação mais próxima de sua casa, onde permaneciam até o momento das entrevistas participando ativamente – a mãe atuava na área de ensino bíblico e o pai participava do coral.

O bairro de sua residência estava localizado em uma região predominantemente residencial, entre bairros tradicionais e nobres de Campinas (Taquaral, Cambuí e Mansões Santo Antônio), com fácil acesso ao centro da cidade e com oferta de linhas de ônibus urbanos,

[37] CPFL (Companhia Sul Paulista de Energia) é a concessionária de energia elétrica que atende a cidade de Campinas, entre outras do mesmo estado.

a 3 quilômetros da Etec e próximo de outras escolas, bem como dos principais shoppings da cidade e de áreas de lazer. O trajeto de sua casa à escola levava em torno de 10 a 20 minutos, sendo a entrevistada que tinha mais fácil acesso à escola.

**Imagem 16. Localização de moradia de Rebeca e distância da Etec**

Fonte: Adaptado do Google Maps.

Apesar das facilidades com transporte público oferecidas pela região de moradia, a família de Rebeca optava principalmente pela comodidade e segurança do uso do carro próprio. A família possuía dois carros, os pais se revezavam no transporte das filhas para a escola e demais atividades extracurriculares que realizavam. Apenas nos dias em que Rebeca tinha alguma janela na grade horária e podia ir embora mais cedo ela voltava para casa de ônibus.

Na infância, os coletivos com os quais Rebeca teve contato – escola, igreja e práticas esportivas – eram todos próximos de sua casa e/ou frequentadas por pessoas do mesmo bairro com condições financeiras e familiares muito semelhantes às suas. Sendo assim, era possível observar uma certa tendência à homogeneização na socialização e grupos que Rebeca frequentou até o momento de ingressou na Etec. Além disso, a mãe costumava acompanhar a filha em todas estas atividades.

> [...] eu fiz ginástica rítmica, balé e natação, um monte de coisa. Já fiz em clubes [um público e um privado] e já fiz com a escola. Natação tinha um patrocínio, um convênio sei lá, que tinha com a escola, o balé também. Ginástica eu fiz no Taquaral, lá tem esporte de graça, eu fiz a rítmica e a artística. Então, onde que eu via que tinha alguma coisa tava indo. Minha mãe ia junto. Ficava lá esperando, ajudava quando tinha apresentação, competição,

> essas coisas. Ela levava lanche, ajudava a arrumar o cabelo de todo mundo, essas coisas.

Apesar da mãe dar autonomia à filha para escolher as atividades extras que desejava participar, de certo modo ela buscava conhecer de perto o que acontecia nesses espaços e quem o frequentava. De forma semelhante, durante o ensino fundamental, a mãe também se inteirava da vida escolar e dos convívios da filha nesse lugar.

> Assim, ela ficava de olho, tipo, 'que tá acontecendo?', 'preciso saber como é lá, quem são os professores'. Ela ia na reunião pra conversar mesmo com outras pessoas, assim, mesmo sem precisar, mas só pra conversar assim. Vai lá, tipo, pra querer saber como tá a vida escolar, sei lá, conhecer as mães das minhas colegas. Aí ela chegava em casa contando 'conheci a mãe da fulana, ela é bacana, a do ciclano não' (riso). Essas coisas assim.

Os relatos de Rebeca sobre o estilo de vida de sua família indicavam uma condição financeira estável. Ela e sua irmã não precisavam trabalhar para ajudar financeiramente em casa, sempre frequentaram escolas e cursos de idiomas privados. No momento da entrevista, a irmã cursava o primeiro ano do ensino médio em escola particular e estava concluindo o curso de inglês. O mesmo curso foi interrompido por Rebeca após ingressar na Etec e perceber que estava sobrecarregada de atividades. Sua família pagava por serviços de saúde privados – Rebeca fazia terapia e por um longo período fez acompanhamento com fonoaudióloga utilizando plano de saúde; investia em bens culturais, lazer e turismo – durante a infância das filhas, a família foi associada a um clube esportivo privado; além de passeios semanais à restaurantes e shoppings. A família fazia viagens a cidades turísticas na região de Campinas e, ao menos uma vez ao ano, adquiria um pacote de viagem para o período de férias. Desde o nascimento de Rebeca até por volta de 2013, a família contou com empregada doméstica: "aí começou ficar muito caro e a gente tá mais velha e dá pra ajudar mais".

Estes dados, nos levam a situar a família de Rebeca, segundo alguns autores, como pertencente à classe média mais estabelecida. Não obstante, nota-se em seu patrimônio individual de disposições, atitudes e comportamentos advindas de tal contexto socioeconômico que detém certo capital cultural e econômico.

Ao ingressar na escola pública ela, entrou em contato com jovens de realidades diferentes à dela, pertencentes às camadas populares. Tal fator era comentado por ela como positivo para a sua formação.

> Foi legal porque eu conheci muita gente nova, só que foi meio complicado porque foi todo o processo de fazer amizade de novo e tudo. Foi muito legal por ser muita gente diferente, assim, porque a escola particular teve sempre a mesma galera que morava perto de mim, uma galera que tinha uma vida parecida com a minha na questão financeira. Assim, que podia pagar escola e

> era uma uma galera conhecida desde pequenininho e cresceu comigo. Então era cômodo pra mim, né?! Aí eu cheguei aqui, vi gente que mora longe. Gente com situações familiares e financeiras com a vida muito diferentes da minha. Então, foi muito mais difícil fazer amizade. Mas que foram amizades, que tipo, foram amizades mesmo que eu percebi que foi mais legal de fazer, porque é uma galera muito diferente, sabe? Tinha tipo uma realidade e uma vida muito diferente da minha, diferente das [amizades] que eu tinha antes.

Ao mesmo tempo que Rebeca reconheceu viver uma situação de privilégio em relação a vários colegas da escola e via isso como positivo para sua formação pessoal, ocupar esta posição parecia lhe gerar certo incômodo. Ela tinha receio que seus colegas a julgassem como uma "menina que tem tudo na mão". Por conta disso, como forma de justificar o estilo de vida familiar, ora ela enfatizava as origens humildes de seus avós e exaltava o mérito familiar, ora destacava as estratégias da mãe para "fazer coisas gastando pouco".

Ela explicava que os passeios à restaurantes, as viagens e as festas eram planejados e organizados com antecedência pela mãe, que se preocupava muito em fazer tudo com baixo orçamento e envolver as filhas nessas escolhas familiares. Aos finais de semanas, iam a restaurantes baratos e nas viagens se hospedavam em locais econômicos e simples. Para sua festa de 15 anos, e de sua irmã – que aconteceu em 2019, mesmo ano das entrevistas –, serviços como de decoração, buffet, maquiagem e fotografia, foram sem custo ou de baixo custo, oferecidos por amigos e irmãos da fé que deram desconto ou presentearam a aniversariante. Demonstrando ainda, que a família estava vinculada a uma rede de solidariedade fortalecida pelo pertencimento religioso.

> Como minha família é grande, e meus pais têm muitos amigos, grande parte da igreja, a maioria das coisas assim, saiu de graça ou abaixo, tipo, o buffet, é uma amiga do meu pai, então fez com desconto; fotografia é da família, eu ganhei um ensaio fotográfico e as fotos da festa saíram com desconto; a moça que fala lá que eu esqueci como chama, cerimonialista, foi minha prima que fez, foi de graça. Então assim, a decoração, a moça do buffet que fez com a amiga da minha mãe, do meu pai, quer dizer, ela quem ajudou a gente a montar, então saiu muito abaixo do preço, que a gente não pagou alguém pra montar. A gente só foi comprando algumas coisas que precisava, que não tinha no buffet. Então, tipo, saiu bem abaixo do preço, então, conseguimos fazer uma festa um pouquinho maior, assim, sabe?

### 3.2.2. Relação com os pais

Ao longo das entrevistas, Rebeca se mostrou reflexiva sobre os porquês de seus pais agirem como agem, ao mesmo tempo em que era crítica em relação a algumas atitudes e tomadas de decisões deles. Diante das divergências, algumas vezes ela buscava evitar conflitos por entender que era "o jeito que eles pensam e que não vai mudar", outras vezes, ela recorria a algumas estratégias para convencê-los.

Como dito anteriormente, Rebeca herdou os gostos do pai e esse aspecto contribuíam para que pai e filha se aproximassem, dialogassem sobre interesses incomuns e vivenciassem momentos de lazer juntos. No entanto, apesar da relação amistosa, ela expôs que tinha dificuldades em manter com o pai conversas mais íntimas e profundas. Isso se evidenciou na juventude, especificamente quando ela passou a ter crises de ansiedade mais intensas e, então, percebeu o pai insensível ao seu problema. Em contrapartida, com a mãe e a irmã as afinidades aumentaram.

> Meu pai ele ainda acha que é muito é coisa de louca assim, sabe? 'Não, quê? Psicólogo não, isso é coisa de louco', sabe? E, gente, tipo, não, pô, tô chorando, tô tendo uma crise, 'ah não, mas é frescura, respira fundo, vai dar tudo certo'. Não, não é tão assim pai. Às vezes, às vezes é de boa intenção, sabe? Quando ele chega assim, fala, 'ó, chega calma, viu? Vai dar tudo certo'. Eu sei que é de boa intenção, só que tipo ele não entende o que está acontecendo. A minha irmã e minha mãe também, não entendem muito, só que elas ainda têm um pouco mais sensibilidade com isto, ó. Tipo eu tenho mais confiança, eu confio muito nelas pra contar algumas coisas assim. Tipo, realmente por essa falta de sensibilidade que ele tem, então algumas coisas, às vezes eu fico meio assim de contar até algumas coisas meio bobas. Mas a minha mãe é alguém tipo que com ela eu tenho mais liberdade, tipo, isso de eu querer conversar sobre experiência de vida e tals.

Na infância, mãe e filha permaneciam bastante tempo juntas. No período em que não estava no trabalho, a mãe ficava em casa com as filhas ou as acompanhavam nas inúmeras atividades extracurriculares e esportivas nas quais se envolviam (curso de inglês, ballet, ginástica, luta, etc). Ao ingressar na Etec, a rotina de Rebeca mudou e ela passou a ficar menos tempo com a mãe, ainda assim, cotidianamente faziam tarefas ligadas aos cuidados domésticos e, nesses momentos, elas conversavam e firmavam laços de confiança, estabelecendo uma relação distinta à que ela tinha com o pai ("Então, a gente faz muita coisa, tipo, simples, ah, vamos lá, no mercado, quando ela me busca, ou arrumando a casa [...]Então essa relação é tipo uma coisa mais de realmente conversar sobre a vida com ela, sobre coisas que a gente tá vivendo e tudo mais.).

Ao mesmo tempo em que a relação com a mãe se mostrou ser mais próxima e de maior confiança, surgiam mais conflitos entre elas. Com frequência, ao longo das entrevistas, ela falou de como precisou argumentar com a mãe para convencê-la de suas vontades e decisões, fosse em relação ao seu próprio corpo, à organização do seu dia a dia e ou ao seu futuro profissional.

Rebeca divergia da mãe em relação aos padrões estéticos e cuidados relacionados ao corpo. Para aderir ao estilo "cabelo fantasia", por exemplo, foi necessário uma série de negociações com a mãe, assim como ela enfrentava constantemente a insistência da mãe sobre ela ter que se depilar, mesmo que ela considerasse desnecessário esse tipo de cuidado corporal.

O assunto sobre o cabelo surgiu quando eu não pude deixar de notar e comentar com ela que naquela semana era a terceira vez que nos encontrávamos e nas três vezes ela estava com cabelo de cor diferente. Perguntei desde quando ela usava esse visual e ela explicou que foi no primeiro ano do ensino médio, depois de três anos tentando convencer a mãe.

> Eu super queria pintar o cabelo faz tempo. Vai lá, desde os doze ou treze? Acho que é isso. Nossa, eu queria muito, fiquei anos pedindo pra minha mãe deixar. Tive que convencer ela. Ela não deixava, 'estraga o cabelo', 'a tinta faz mal'. Aí, ela tem uma amiga cabeleireira que a gente vai e eu pedi pra ela explicar pra ela que as tintas são boas, e que tipo se eu não gostasse, ou cansasse da cor, sei lá, era só cortar. Aí que eu pintei só as pontinhas. Tudo ela não deixa ainda. Tipo, dá trabalho mesmo, a cor às vezes não pega direito, sabe. Aí pode ficar esquisito (risos). Eu pintei de um azul que desbotou muito rápido, daí eu joguei um rosa escuro e aí que ficou um rosa bebê, não deu certo (risos). Eu não ligo, tipo minha mãe às vezes dá uma olhada assim, mas tipo ela já nem comenta mais, e eu finjo que eu não vi ela meio que olhando.

Na grade de entrevista 5, com o tema do Corpo, Rebeca disse que algo que mudaria em seu corpo seriam os pelos, em razão de já ter usado diversos métodos depilatórios e todos lhe causaram alergias e irritações na pele. Ainda assim, ela afirmou não se incomodar quando não estava depilada e o que a incomodava eram as opiniões alheias.

> O que irrita nisso são as pessoas ficarem julgando isso. Ou até a minha mãe que tem mais controle sobre mim, 'é feio, parece um homem, é um urso?'. Tipo, mas é normal! Se tô com calor, não! Vou colocar shorts mesmo assim. É mais uma coisa que me irrita assim.

Em seguida, ela apresentou um ponto de vista crítico em relação à cobrança exacerbada sobre o corpo da mulher estar sempre depilado.

> Aí, vão falar que é pela higiene. Tá, mas a higiene do cara não é afetada pelo pelo dele, né? Tá tudo certo com ele, né? Eu fico muito incomodada com isso. Bem 'P' da vida mesmo. Eu acho inútil perder várias horas se depilando pra nada, só pra me dar alergia, e pior com uma coisa que é meio que só pra agradar os outros. Meo, me deixa com os meus pelos! Tá tudo bem.

Então, eu a questionei se essa mudança no corpo, que ela disse que faria, seria para atender as expectativas dos outros ou se realmente era algo que a incomodava pessoalmente. Isso para entender melhor o que poderia estar por trás dessa preocupação dela e sua não acomodação a essa estética.

> Rebeca: Tipo, isso não me incomoda em nada, eu pensei nos pelos porque eu não queria ter, por que meio que seria mais fácil se não tivesse e pronto (risos), do que meio que, sei lá, lutar pra mudar esse padrão de beleza besta que inventaram.
>
> Pesquisadora: E tem algum lugar que você frequenta e você sente que te julgam por estar com a perna sem depilar?

> Rebeca: Não, não tem. Acho que não. É, na escola com certeza não tem isso de te julgarem, é bem de boa, super de boa na verdade. Nossa, aqui é o lugar que eu acho que você mais pode vir como quiser que ninguém liga mesmo. Não julgam se você quer ser a patricinha ou mais de boas.
>
> Pesquisadora: E nas igrejas?
>
> Rebeca: Na Chácara, o pessoal é tranquilo também, cabeça bem aberta assim, não rola de ninguém te julgar por aparência. Acho que lá eles acolhem bem todo muito. Na do Jardim Conceição é mais tradicional, tem lá quem vai meio que ficar olhando, sabe? Mas aí eu nem vou de shorts lá, em culto assim, não. Minha mãe me mata se eu for de shorts lá, sem depilar, então, vish.
>
> Pesquisadora: Então, a sua mãe pega no seu pé sobre isso?
>
> Rebeca: Super! Nossa, demais mesmo.

Nesse momento da entrevista, ficou evidente que a principal agente de críticas era a mãe. Ela usou a situação que estava vivendo naquele dia para exemplificar como administra essa divergência que ela sabia que tinha em relação à mãe. Rebeca foi à escola de calça comprida para que a mãe não visse que ela não havia se depilado, então, ao chegar na escola vestiu shorts pois fazia calor.

> Pesquisadora: Mas aí depois você vai pôr a calça na hora da saída? Ela vem te buscar?
>
> Rebeca: Vem sim. Eu tô pensando, se manter na temperatura como tá eu vou ver se eu coloco calça. Mas vou ver. Senão vou deixar assim mesmo e ficar ouvindo minha mãe ficar falando o caminho todo. Porque, olha, num dá! Tá calor!

Assim, Rebeca parecia divergir de sua mãe no modo de pensar sobre o corpo da mulher ao mesmo tempo que ela entendia ser legítimo que sua mãe tivesse certo controle sobre o seu corpo, conforme pontuou no início desse diálogo.

Não obstante, em alguma medida ela também buscava ter o respaldo da mãe em relação ao seu destino profissional. Na primeira entrevista, Rebeca compartilhou o desejo de seguir no ensino superior na área de informática ou cursar algo relacionado com tecnologia e paralelamente fazer graduação em psicologia por *hobbie*, não como profissão. Na penúltima entrevista, ela estava decidida a ser psicóloga e para isso ela sentia que precisava convencer a mãe (“a minha mãe não aceita muito bem quando eu falo em fazer psicologia, ela acha que eu tinha que fazer engenharia porque eu me dou bem com exatas”). Na última entrevista, ela narrou sobre as estratégias que usou para convencer a mãe de sua escolha profissional e que deram certo ao final. Depois de conseguir bolsa para cursar a graduação desejada, ela ainda mobilizou um pastor amigo para que ele convencesse a mãe em seu favor.

> Foi tipo assim, veio o pessoal da [faculdade] Metrocamp aqui na escola pra falar do vestibular pra concorrer bolsa e eu me inscrevi. Eu queria muito fazer uma [universidade] pública, mas na Unicamp não tem psicologia, já começa por aí que ia ter que ser em alguma particular. Aí, eu nem falei pra ela que a minha opção era psicologia. Só fui e fiz a prova. Eu passei. Me ligaram falando que pela minha nota, eu não vou pagar nada pelo curso que eu quero, e tipo, é muito pertinho de casa. Aí que eu falei pra ela, 'mãe, eu passei e vai ser de graça', ela fez uma cara, mano, ela não curtiu muito não, 'mas, Rebeca, você vai fazer psicologia, Rebeca?'. Aí, eu mandei mensagem pro meu pastor que é psicólogo, e mano, ele é uma benção. Cara, ele é um fofo assim. Aí, falei, 'por favor, explica pra minha mãe que se eu for psicóloga, eu não vou morrer de fome. Sei lá, fala pra ela que eu vou conseguir pagar minhas contas'. Foi, tipo, o último recurso. Ele foi, foi, se encontrou com ela e foi explicando sobre a profissão que tipo tem vários campos de atuação e que tipo, vai ser benção na minha vida se eu estiver feliz trabalhando nisso, Deus vai abrir as portas e vai dar tudo certo, eu vou sobreviver (risos). Aí conseguiu super convencer ela. Nossa, e eu tô muito feliz.

Além da preocupação com a escolha profissional da filha, Rebeca relatou que a mãe se importava muito com o fato de a filha não ter experiência de trabalho. Quanto questionei sobre haver ou não cobrança dos pais em relação aos estudos, ela explicou que, para a mãe, mais do que se preocupar com os estudos, para ela a filha deveria começar logo a trabalhar, como foi com ela. Nesse sentido, quando Rebeca tinha 14 anos, mesma idade que a mãe começou a trabalhar, ela queria que a filha tivesse um emprego e ganhasse seu próprio dinheiro. Por isso, algumas vezes Rebeca trabalhou como babá e deu aula de reforço escolar para filhos de amigas da mãe.

Contudo, ela explicou que apesar de ter trabalhado, ela divergia da mãe no modo como pensava sobre o trabalho. Rebeca tinha incorporada disposições da classe média, que se permitia em alguma medida gozar do tempo livre, cuidar da saúde física e mental, enquanto a mãe se pautava pelo esforço e trabalho duro. Para conseguir se manter sem trabalhar, pois não era de modo algum interesse dela, Rebeca teve que argumentar com a mãe que o trabalho não cabia em sua rotina de estudante de um curso de período integral.

> Ah, e tipo, eu acho que a minha mãe não cobra tanto assim da vida escolar, tipo, ela quer que a gente tenha uma nota boa pra passar tudo mais, só que eu acho a cobrança maior dela ela vai numa questão tipo de trabalho mesmo. Tipo, ela tinha esse entendimento. Ela queria que eu começasse a trabalhar já. Só que eu fiquei, 'mãe!', fico até às quatro aqui na escola, que horas vou fazer as minhas coisas? Que tempo que eu vou trabalhar, sabe? Então, ela não dá tanto foco assim pros estudos, ela quer que tenha uma nota boa, tipo, pra passar assim, só que ela, tipo, ela acha, que tem que trabalhar, tem que arranjar emprego, tem que começar cuidar da sua vida, entende? Então acho que é mais isso assim.
>
> Pesquisadora: – E como foi essa negociação de não trabalhar?

> Rebeca: Ah, eu falei assim, ‘mãe, eu chego às quatro em casa’. Quatro, não, eu saio daqui quatro horas, aí o horário que eu chego depende dela ou do ônibus assim, quem for me levar pra casa. Então tipo, chego em casa umas quatro e meia, cinco horas na média assim e aí eu tenho que fazer lição, eu tenho que cuidar das coisas que ela tem pra cuidar. Humanamente impossível. Eu tenho que também que fazer algum esporte, porque é importante, né? Pra saúde física, saúde mental. Então, assim, eu não ia ter tempo pra trabalhar, sabe? Então, eu falei, mãe, olha, não tô dando conta nem do curso de inglês, como que eu vou ter tempo pra trabalhar? Tanto é que né, eu acabei parando de fazer o cursinho de inglês. E eu parei na metade do primeiro ano, por causa que não estava dando mais, assim, porque tinha muita lição do cursinho de inglês pra fazer em casa. E aí eu falei, ‘ah mãe, tem como esse monte de coisa não, não vai dar’. E aí ela começou a ver que eu tava realmente com muita coisa em casa, que eu levava muita tarefa, ficava até tarde na escola e aí acho que caiu a ficha de que ‘OK a Rebeca precisa de um tempo assim’. Mas é isso, é mais um sentido que ela acha que eu tinha que ter uma experiência pra assim ter esse contato de trabalhar e tal, mas não no sentido de uma ajuda financeira. Mas também seria um pouquinho dos dois, vai. Em casa, graças a Deus a gente tem condição, tipo, não tem problema de dinheiro. Então, tipo, não precisa que mais alguém trabalhe, mas por exemplo, seria pra eu sustentar as coisas que eu quero, sabe? E pra, tipo, pra eu ter meu próprio dinheiro e ver como é ganhar o próprio dinheiro. Ela quer que eu tenha meu dinheiro tanto pra eu parar de encher o saco pedindo dinheiro pras minhas coisas, quanto pra eu ter experiência de trabalho assim. Mas por mim, eu nunca senti falta do tipo, preciso de mais grana, não, não. Eu não sou muito de gastar comprando coisa, mas eu fico gastando mais pra sair, assim, sabe? Mas, tipo, eu não saio também pra lugar muito caro, assim. Então, tipo, pra mim, sempre tem dado assim com a mesada que eles dão. Tem horas que realmente fica mais a pressão de nossa, pô, ter meu próprio dinheiro, mas é mais por causa que ela coloca na cabeça. Mas eu nunca senti, tipo, nossa, necessidade, assim, dessa independência

### 3.3. Primeiras experiências escolares

Rebeca considerava-se uma boa aluna baseada em nunca ter tido notas vermelhas, mesmo que no ensino médio ela fosse uma “aluna R”, se referindo a menção R, correspondente a Regular. Ela contou que desde o início da escolarização os pais a acompanhavam nas tarefas de casa e “naturalmente” ela foi aprendendo a estudar (“sempre tinha aquela coisa de ficar bem próximo, então, desde pequena eu fui aprendendo a estudar, tipo tentando manter bem as notas e quando eu fui crescendo isso foi ficando comigo já”).

Os primeiros anos escolares de Rebeca foram em duas escolas particulares, uma de ensino infantil e outra de ensino fundamental, localizadas no seu bairro de moradia, ambas de pequeno porte, com poucos alunos por sala e frequentadas por pessoas, segundo a entrevistada, com condições financeiras e familiares semelhantes as dela. A escola de ensino fundamental, seguia um sistema de ensino apostilado e, apesar de não ser considerada uma escola religiosa, Rebeca afirmou que a direção seguia princípios cristãos e era frequentada por uma maioria cristã.

No primeiro ano do ensino fundamental, Rebeca já estava alfabetizada. Aprendeu a ler em casa com sua mãe que lia cotidianamente com as filhas livros infantis de histórias da bíblia, bem como disponibilizava a elas revistinhas do *Smilinguido*[38] e do *Nosso Amiguinho*[39], entre outras também religiosas, para que lessem sozinhas e realizassem atividades educativas. Ela também sempre presenciou os pais lerem em casa materiais de seus interesses pessoais diversos e foi incentivada a buscar revistas que lhe interessava quando iam à banca de revistas.

> Meus pais leem. Minha mãe lê muito a bíblia, lê os materiais pra dar aula na igreja. E, tipo, como ela é professora, ela tá sempre lendo alguma coisa, pra preparar aula, ou de algum curso que ela tá fazendo. Meu pai ama livro de história, livro técnico, livro de mecânica também, porque ele é não é mecânico, mas ele ama mexer nos carros dentro de casa. Ele tem um fusquinha que a gente brinca que é nosso irmão caçula e que tipo, é filho mesmo, acho que é o mais mimado. Então, ele tá sempre ali futricando no fusca, pega os livros pra ficar lendo e ficar futricando no carro assim. Antigamente, a gente ia muito em banca, uma perto de casa, aí ele comprava as revistas de carro dele, aquela Quatro Rodas e a gente escolhia a que a gente queria. (...) Gibi da Mônica era o meu preferido. Às vezes *Recreio*, eu gostava que tinha umas coisas meio *nerd*. Minha irmã pegava fascículo sobre cachorro, animais, essas coisas.

Por conta disso, enquanto a professora estava ensinando os colegas a ler, Rebeca achava a escola desinteressante. Nesses momentos, ela permanecia lendo as revistas em quadrinhos da Turma da Mônica (“Então, toda aula eu ficava só lendo, porque também era chato as aulas.

---

[38] Smilinguido, criado em 1982, é um personagem inspirado em uma formiga que nas tirinhas, ao estilo Histórias em Quadrinho, vive situações com a sua turma de formigas que têm como desfecho uma lição de moral baseada em versículos bíblicos. Além das revistas e livros com histórias e devocionais para o público infantil, a marca Smilinguido tem diversos artigos de papelaria, material escolar, copos, canecas, camisetas, brinquedos, etc. A marca não está vinculada à uma igreja específica, segundo o site: “A Turma do Smilingüido foi criada para ser um meio de comunicação da mensagem Cristã. Seu objetivo é transmitir a experiência da vida com Jesus através de desenhos e histórias, não como imposição, mas como convite para qualquer pessoa que deseja se aproximar de Deus. Através de identificação, vivência e testemunho, os personagens querem ser uma ponte para comunicar a Bíblia, seus valores e conceitos, e produzir reflexão e inspiração nas pessoas.”. In: https://smilinguido.com.br/ acesso em 30 de junho de 2023.

[39] O Nosso Amiguinho é uma revista de História em Quadrinhos para crianças. Os personagens são crianças, que formam uma turma de amigos que vivem situações hodiernas que o desfecho permite apresentar lições morais. Conforme informações do site encyclopedia.adventist.org/, sua primeira edição foi lançada em 1952, como uma revista educacional mensal para crianças. Publicada primeiramente pela Casa Publicadora Brasileira (CPB) da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. Em 2002, passou a ser uma marca própria, lançando além de uma publicação mensal, CDs, vídeos, livros para colorir (bíblicos ou não), apostilas, cartões e outros produtos licenciados. “Hoje, a Nosso Amiguinho se destaca pela ênfase no apoio escolar ao seu leitor, que se fortalece a cada ano. Ademais, suas páginas contêm conceitos bíblicos e histórias de valores cívicos e morais, úteis para a formação de cidadãos responsáveis, dispostos a cumprir seus deveres e a viver bem na comunidade, onde quer que estejam. A tiragem atual da revista é de 60.000 exemplares.” In: encyclopedia.adventist.org/ acesso em 30 de junho de 2023.

Porque eu já sabia ler e aí eu fui pegando mais gosto por isso e aí em casa os livrinhos que minha mãe trazia tipo livrinho de igreja assim eu lia bastante").

Rebeca se lembrou que teve dificuldades em fazer amizades nos primeiros anos escolares ("eu lembro que demorou pra eu ter mesmo amigo na escola, acho que só lá pelo sexto ou sétimo ano que eu fiz amigos"). De certo modo, ela não se sentia pertencente à escola e algumas ações, como por exemplo o "dia do brinquedo", contribuíam para que ela não construísse laços de amizade com as meninas de sala.

> Cara, eu lembro que eu não me dava bem com as meninas, eu tinha só uma amiga menina. Eu me interessava mais em brincar mais com os meninos, porque as meninas tinham muitos brinquedos caros que eu não tinha, que minha mãe meio que nunca que ia comprar pra mim. Aí eu preferia brincar com os meninos, mas era muito essa coisa de 'será que o menino pode brincar com menina?'. Então eu não tinha muito amigos e as amigas que eu fazia quando me irritavam eu batia nela. Pouco violenta (risos). Então eu só lembro muito disso. E eu tinha só uma amiga só que era colada assim. Não desgrudava dela pra nada.

Aos 12 anos de idade, ela começou a ter contato com livros de fantasia infanto-juvenis, os quais de certo modo se relacionavam com os gostos pela ficção aprendidos com o pai. Com isso, começou a se identificar e interagir com outros colegas que estavam vivendo o encantamento pelo mesmo gênero literário. Então, vivenciou pela primeira vez o pertencimento a um grupo de amigos com interesse incomum e a paixão pela leitura se intensificou.

> Tipo, Harry Potter, eu fiquei apaixonada pelo mundo assim, meu, a magia, e Hogwarts, assim, sabe? Tudo isso seria tipo conseguir sair um pouco de tudo que é real aqui e focar numa aventura de alguém e todo negócio de tentar salvar o mundo e todos os conflitos deles. Eu curto muito isso, porque é muito surreal. E foi muito legal que aí eu fiz amizade com gente que também tava curtindo isso, sabe?

Compreendendo que algumas pessoas religiosas possam interpretar obras de ficção (como Harry Potter) de forma negativa e considerar o seu teor contrário aos princípios evangélicos, questionei Rebeca se alguma vez ela havia sido criticada ou recebido alguma advertência em razão do seu gosto pela saga. Ela recordou um episódio em que sua mãe foi abordada pela tia, que expressou preocupação com o conteúdo de "feitiçaria" da série ("minha mãe disse que ela chegou tipo assim nela: 'você sabia que sua filha tá vendo coisa de feitiçaria?'. Ai, minha mãe falou, 'ó, Rebeca, só pra você saber, mas nem liga, viu'"). No entanto, a mãe de Rebeca tratou o assunto com tranquilidade, minimizando a importância das críticas e aconselhando Rebeca a não dar muita atenção a tais comentários. Ela destacou a importância de não se deixar abalar por opiniões negativas e de manter-se fiel aos seus interesses literários, mesmo diante de críticas externas.

Na família ela sempre foi incentivada a se envolver com livros do mesmo gênero, demonstrando que a leitura era um valor em sua configuração familiar (“na família o pessoal costuma presentear com livros”). A partir de então ela passou a ganhar e herdar livros dos familiares também leitores e a ser identificada como alguém que gostava de livros.

> Muitos livros que eu tenho, é porque minha prima ela entende que livro parado em estante não é livro bom. Então, livro bom é livro que passa de mão em mão. Então, ela me deu, estão em casa ainda porque a minha irmã gosta de ler, mas depois vamos passar pra outras pessoas. Mas tem muito livro realmente que eu ganhei porque o pessoal sabe que eu gosto. Tipo eu tenho Senhor dos Anéis em casa que eu não parei pra ler ainda. Mas era do meu primo. Um dia eu paro para ler.

Ainda no ensino fundamental, Rebeca disse ter descoberto uma grande paixão pela matemática. A origem dessa afinidade com a matéria estava relacionada ao modo como o professor ensinava – nas palavras dela, “com paixão” –, e foi decisiva para que mais tarde ela passasse a se identificar como “alguém de exatas” e optasse pelo curso de informática no técnico integrado ao médio.

> Foi no estudo fundamental que eu tinha um professor meu, que saudades dele. Ele explicava a matemática, só que não era só como mostrar como faz. Ele ficava tipo mostrando que ele gostava daquilo, você via que ele tinha paixão. E aí ele conseguia mostrar a matéria não é nenhum bicho de sete cabeças, mas tá tudo ligadinho[...] eu comecei a me interessar pela matéria. Não vou dizer que eu vá muito bem assim, algumas coisas da matemática sim, outras nem tanto. Mas eu gosto bastante assim de aprender e de entender como que é aquilo, sabe?

A escola em que cursou o ensino fundamental não ofertava o ensino médio, mas Rebeca relatou que o destino dos seus colegas – assim como foi o de sua irmã – certamente seriam as instituições particulares de grande porte com foco na preparação para os vestibulares (“todo mundo lá se forma junto, depois vai pro Objetivo, pro Anglo, pro Oficina, (...), só eu mesmo que prestei o vestibulinho. Minha mãe que sugeriu, a escola nunca falou nada disso”). A escolha por um curso de ensino médio técnico, não foi sugestão da escola, tão pouco era algo relevante para o seu público. Mas a mãe sugeriu e insistiu que ela prestasse os vestibulinhos das escolas técnicas.

O argumento da mãe se baseou em sua própria experiência e na do pai de Rebeca que cursaram o ensino médio com ensino técnico. Mesmo que depois ambos tenham cursado o ensino superior, a mãe considerava relevante a filha ter a experiência nesse tipo de ensino. Uma vez que o curso ajudaria a filha a definir uma área de atuação profissional e porque “ficaria mais bonito no currículo”. Demonstrando assim a grande preocupação da mãe com a estabilidade futura da filha.

Rebeca fez a escolha pelo curso técnico de informática integrado ao médio porque desde pequena ela se interessava por tecnologia e gostava de mexer nos computadores de sua casa, e gostaria de experimentar essa área. Além disso, ela se identificava com o campo das ciências exatas.

> Ó, então, é mais que eu escolhi porque dentro de todas as opções que eu tinha visto técnico era a que eu mais se encaixava comigo, que desde pequena, não que eu conhecia muito de informática, mas que eu sempre gostava de mexer, de tecnologia. Teve alguns problemas nos computadores, tanto de ficar mexendo e pra tentar arrumar, causar outros problemas. Aí eu sempre vi que esse ramo que eu ia ir, ou ia querer experimentar pelo menos.

Ela prestou o vestibulinho para três escolas técnicas diferentes da cidade de Campinas. Rebeca relatou que esse período da vida dela foi muito difícil. Ela se sentiu sob muita pressão e começou a ter crises de ansiedade. Das escolas que ela prestou o vestibulinho, apenas o Bentão foi o que ela passou e foi chamada, por isso a opção por essa escola. De todo modo, ela espiritualizou o seu ingresso na Etec, por ter passado e a partir daí ter encontrado pessoas que fortaleceram o seu engajado religioso, como veremos adiante.

> Foi muito assim por Deus porque no Cotuca eu fui muito mal, no IFSP, tipo, eu fui mais ou menos, só que eles fecharam metade das vagas e, assim, então, eu não consegui pegar. E no Bentão eu passei assim de primeira, foi realmente Deus que me colocou aqui e assim que eu cheguei aqui eu conheci o grupo cristão, uma igreja que tinha aqui que cuidava do grupo de teatro, a Igreja Leme e a partir daí eu comecei a ficar bem mais próxima de tudo isso de igreja, tudo, de Deus

### 3.4. Experiências escolares no Ensino médio no Bentão

O ingresso ao ensino médio marcou a vida de Rebeca como o princípio de maior liberdade e independência, ainda que permanecesse sob a forte tutela da família, principalmente de sua mãe. Na escola, sob menor influência familiar, ela experienciou a sociabilidade e um relacionamento amoroso, e, ainda, ocupou posições de liderança. Foi quando pela primeira vez ela utilizou o transporte público e andou em vias públicas que não fossem a do seu bairro, bem como conviveu com pessoas com realidades distintas da sua.

Ao longo das entrevistas, Rebeca considerou o Bentão uma escola pública diferenciada das demais estaduais. Ela relatou gostar muito do curso, da classe e dos professores, mas ponderou que existem problemas, principalmente, em relação à estrutura do curso técnico. Como anteriormente ela estudou em escola particular, ela notou algumas diferenças entre as duas no que diz respeito à autonomia que elas dão aos alunos.

> Eu gosto muito mais daqui [da Etec], a começar porque a escola particular ela é muito mais regrada. Não é regrada a palavra, mas tipo assim tem mais essas coisas de, tem uniforme, não pode usar o que você quer, não pode ficar matando aula, tem controle pra entrar na sala, tanto que aqui no Bentão não vai ter ninguém pegando no seu pé pra essas coisas. Na particular, não tem toda a liberdade que eu tenho aqui hoje. Então, quando eu cheguei aqui e ter toda essa liberdade, pô, sai no almoço, as aulas eram muito mais tranquilas assim. Foi um choque porque antes era tudo muito regrado. Você não podia ficar fora da sala, que senão passava monitor e te botava pra dentro.

Apesar de ter sido um "choque" inicial para ela, este foi o ponto principal que ela mais gostou do Bentão – a liberdade. Rapidamente se adaptou ao novo formato de escola e se integrou facilmente. Isso porque na primeira semana de aula a direção escolar junto com o grêmio estudantil promoveram uma série de atividades integrativas e Rebeca disse ter se envolvido muito.

De modo geral, Rebeca demonstrou apetências para as participações coletivas ("eu gosto muito de tudo que envolve muita gente, é mais forte do que eu. Eu me empolgo mesmo [risos]"). Na escola, ela costumava participar das diversas atividades extracurriculares que eram oferecidas, além do GC. Ela participava de aulas de Aikido promovidas no contraturno escolar. Relatou não participar do grêmio estudantil porque poderia acontecer conflito de horário com o GC, que era sua prioridade. Contudo, ela se dizia atenta às pautas em discussão dos estudantes e sempre participava das atividades promovidas pela entidade.

Quando os saraus eram organizados pelo grêmio estudantil, nas quintas-feiras, a reunião do GC acontecia na quarta-feira para liberar os alunos para a atividade. Rebeca participava. Raramente vi outros membros do GC envolvidos. Assim, como também observei que ela se envolveu significativamente com as propostas na Semana Paulo Freire, inclusive desfilou fantasiada de estudante de Hogwarts, exibindo a vestimenta completa semelhante aos personagens da saga de filmes do Harry Potter, e com isso chamando muita atenção dos demais estudantes. No mesmo dia, ela usou as redes sociais para registrar o momento na escola exibindo uma arma lançadora de dardos de brinquedo que compunha a fantasia de outro colega de sala, e comentou: "Já que não pode magia fora de Hogwarts".

**Imagem 17. Rebeca vestida de estudante de Hogwarts na Semana Paulo Feire da Etec**

Fonte: Página pessoal do Facebook da entrevistada.

Nessa época, Rebeca permaneceu sendo uma assídua leitora de obras de ficção fantástica, como exemplificado pela série Harry Potter. O interesse dela com esse gênero literário estava no modo como as narrativas incorporam elementos fantasiosos e o fato delas proporcionarem uma experiência que se distancia da realidade cotidiana. Contudo, no momento das entrevistas, ela relatou que recentemente havia ampliado seu repertório de leitura para incluir textos de natureza religiosa.

Ela descreveu sua apreciação pela leitura de textos religiosos, destacando a maneira como esses temas são abordados. Ela mencionou que, os livros traziam elementos da bíblia e os apresentavam sob pontos de vista que ela nunca havia pensado antes. Compartilhou sua experiência recente com a leitura do livro "Cartas de um Diabo a seu Aprendiz", enfatizando como cada capítulo a levava a refletir sobre questões que nunca havia ponderado anteriormente. Ela expressou que essa leitura parecia uma conversa com alguém mais experiente no assunto, que a guiava e explicava de maneira dinâmica.

Rebeca caracterizou As aulas de literatura no ensino médio como ‘fascinantes’ (“a professora envolve a sala toda, eu gosto demais dos debates, eu fiquei assim muito envolvida”). Ela se sentia motivada a ler os livros indicados pela professora. Contou com entusiasmo que faziam debates sobre as obras literárias que estavam nas listas dos principais vestibulares, como

“Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “O Cortiço” e “Quarto de Despejo”, das quais gostou bastante.

Ela enfatizou que o livro que mais lhe chamou a atenção foi “Coração, Cabeça e Estômago” por sua representação vívida da realidade e pela divisão simbólica da vida do protagonista em três aspectos: coração, cabeça e estômago. Ela explicou que essa divisão retratava as diferentes influências e motivações que guiavam a vida do personagem, tornando a leitura muito envolvente (“esse não dava vontade de parar de ler”). Ao mesmo tempo, a leitura lhe fez pensar sobre a vida do cristão e suas escolhas, e a partir disto ela construiu uma mensagem para o GC em torno da obra.

Quando questionei Rebeca sobre ela manifestar sua identidade cristã no meio escolar, ela respondeu que fora do GC raramente manifestava abertamente que era evangélica. Mas que seus colegas sabiam e, alguns professores possivelmente também soubessem que ela era evangélica devido aos seus posicionamentos em debates e discussões sociais em sala de aula. Ela explicou que sua opinião geralmente refletia valores conservadores embasados em preceitos bíblicos, o que poderia ser interpretado pelos colegas e professores como uma manifestação de sua fé.

> Acho que na aula eu nunca tive muita oportunidade de falar porque eu tenho vergonha assim de falar na aula. Mas eu tenho com certeza que alguns [professores], eles sabem, pelo meu posicionamento em algumas coisas, alguns debates, às vezes a maneira que eu tenho tipo de falar algumas coisas, acho que isso dá pra parecer sim com o seu evangelho. Como por exemplo às vezes em debate de alguma de sociologia que aí puxa pra algumas questões mais sociais assim. A opinião que eu expresso é muito mais baseada no que a Bíblia diz, ela é um pouco mais conservadora. E aí eu vejo que nisso dá pra perceber que muitas coisas às vezes se for ver parece realmente dá pra ver que eu sou cristã, entende?

Rebeca citou exemplos de debates em sala de aula, como o tema do aborto, no qual expressou sua objeção à prática, destacando sua crença na santidade da vida desde a concepção. Ela ressaltou que, embora reconhecesse as complexidades envolvidas na questão da legalização do aborto, permaneceu firme em sua posição contrária à prática, a qual chamou de “ato do aborto". Da mesma forma, ao discutir questões como a prostituição, Rebeca reiterou sua postura ética, argumentando contra a comercialização do corpo humano. No entanto, ao me explicar sobre o que pensava sobre o tema "aborto", ela de fato se mostrou favorável à sua legalização, reconhecendo que a não legalização do aborto leva muitas mulheres à óbito e não impede que os abortos aconteçam, mas impede que sejam oferecidos apoio psicológico e cuidados de saúde pública às mulheres. Nesse sentido, Rebeca se mostrou favorável à legalização do aborto,

destacando a sua importância enquanto medida de saúde pública para providenciar assistência e orientações adequadas às mulheres para evitar que abortos aconteçam e quando acontecerem sejam evitadas mortes.

> Não sou a favor do ato do aborto. Assim, eu me posicionei que eu não era à favor porque é uma vida que você está matando. É uma questão bem polêmica assim. Mas, eu deixei bem claro a minha posição que eu não era do lado à favor do aborto, mas que eu, assim, sobre a legalização, é meio complicado porque envolve saúde e aí é outra situação. Mas eu deixei muito claro que eu não apoiava o ato do aborto. Que nem na discussão de sociologia ou filosofia, sobre a prostituição, deixei bem claro que eu não apoiava porque todo a venda do corpo humano vai conseguir dinheiro, sabe? Mesmo que seja o seu corpo, tipo, mesmo que você não queira aquilo é uma vida que está lá dentro de você, sabe? É como você estar matando realmente alguém, então, eu não concordo com o ato, mas concordaria assim como medida de saúde pública. É, porque, legalizando ou não o aborto, eles vão continuar tipo fazendo. Então se legalizar não vai pelo menos matar a vida da mulher também, entende? E aí é até possível criar algum mecanismo de apoio pra ela pensar duas vezes antes daquilo. Tipo dando apoio psicológico antes daquilo, porque às vezes é muito tipo no nervosismo na situação, porque não vai arrumar um lugar legal pra fazer, porque não teve nenhum apoio psicológico. Então, eu vejo que as vezes legalizando pode criar esse apoio pra ela antes, com todo esse cuidado antes pra cuidar da vida da mulher primeiro.

Ela mencionou que também surgiram outros debates relacionados a questões religiosas em outras aulas, todas em disciplinas da área de humanidades. Em sociologia, ela citou que foi tema de aula as diferentes concepções contemporâneas de família e de certo modo ela considerou suas concepções em conflito com o apresentado pela professora. Nesse sentido, o tema, segundo ela, contrastou com a visão de família que ela tinha baseada na família cristã e nos preceitos bíblicos.

> Na conversa sobre a questão de família, muitas vezes tem esse confronto entre a família cristã, sabe? No que a igreja fala quanto à família e que a gente vê, ou que dizem que a família é por aí. Família cristã é conforme os moldes da Bíblia mesmo, sabe? Realmente ser homem, mulher, tudo mais.

Chamou a atenção que quando o tema da família foi introduzido, Rebeca expressou sua hesitação em compartilhar suas opiniões na sala de aula, temendo causar conflitos. Ela preferiu não confrontar abertamente outras perspectivas, optando por evitar possíveis confrontos. Ela explicou que, em situações similares, preferia não entrar em confronto direto para evitar conflitos na sala de aula.

Ainda sobre as situações em que a religião surgiu como tema em sala de aula, Rebeca se lembrou quando estudaram em história sobre o tema da Reforma Protestante. Ela mencionou que já estava familiarizada com o assunto, o que tornou as discussões mais tranquilas para ela.

No convívio escolar, Rebeca relatou já ter sido confrontada com situações em que alguém a interpelou devido à sua identidade como evangélica cristã. Questionei se alguma vez alguém já a havia manifestado expectativa por comportamento devido à sua identidade evangélica. Ela ponderou sobre a possibilidade de, em algumas situações, ser esperado dela um tipo diferente de comportamento, baseado em estereótipos religiosos. Por exemplo, durante conversas informais em sala de aula, colegas ocasionalmente faziam brincadeiras sobre sua fé, sugerindo que, por ser evangélica, deveria agir de maneira específica, como se fosse obrigada a seguir estritamente as regras da escola ("já aconteceu de estar conversando aí o pessoal na zoeira fala, se comporta que você é crente"). No entanto, Rebeca ressaltou que tais situações geralmente se limitavam a brincadeiras leves e não resultavam em cobranças sérias ou significativas em relação ao seu comportamento como evangélica.

Rebeca observou que, embora geralmente houvesse respeito mútuo entre os alunos, ocasionalmente ela se deparava com comentários que refletiam certas ideias equivocadas sobre sua identidade cristã. Ela destacou que, embora não houvesse preconceito explícito em relação ao cristianismo, era comum que as pessoas associassem erroneamente os evangélicos a um estereótipo de indivíduo intolerante e moralista, pronto para criticar as escolhas alheias ("é comum acharem que evangélico é aquela pessoa chata que vai chegar e colocar o dedo na sua cara e falar que você é errado, sei lá, por você ter pintado o seu cabelo, entende? Ou qualquer outra coisa. E não é bem isso, aí às vezes as pessoas falam algumas ideias nesse nível nas aulas"). Ademais, demonstrou viver um grande mal-estar em relação às associações que frequentemente eram feitas dos evangélicos a uma postura hiper conservadora e retrógrada em consequência do contexto político.

> Está tendo muito isso de o evangelho como uma pessoa hiper conservadora, tipo com pensamentos bem assim ultrapassados, sabe? Mais conservadores mesmo. É que temos o nosso presidente que estava falando algumas coisas mais nada a ver e de vez em quando acontece os conflitos, assim, sabe? O pessoal chega e fala alguma coisa, 'não, porque isso é coisa de igreja evangélica', e isso, eu fico, tipo, 'não é bem isso', assim.

Nessas situações, ela procurava aproveitar como oportunidades para esclarecer equívocos quando possível. Em particular, ela mencionou que durante as discussões em sala de aula, tentava intervir quando percebia abertura para diálogo, explicando que nem todos os cristãos compartilhavam das mesmas posições políticas ou sociais.

> Aí quando que tem essa abertura na aula eu tento falar tipo 'olha calma, não é bem isso. Assim, mas às vezes quando não tem abertura deixou quieto, sabe? Mas, quando tem abertura tipo eu tento. Porque tem muita ideia errada assim. Então, mas nesses momentos sabe quando alguém chega e fala 'não porque,

> todo cristão', por exemplo, vai ser contra isso, porque eles são super conservadores, e todos, são assim. É difícil explicar que a gente nunca teve uma posição política fechada, tipo, não tem como a gente chegar e falar que não é porque é cristão que é necessariamente direita. Mesmo que tenha uma maioria seja mesmo. Ou que todos são hiper conservadores e machistas e que acha que mulher não pode se abrilhantar e não pode ter voz. Não, calma lá. Não, isso é totalmente contra até os princípios bíblicos, sabe? Fala muito sobre a mulher ter voz na bíblia. Então tipo eu tento ir meio que quebrando essas coisas assim. Mas principalmente questão de feminismo mesmo que tem muito muito conflito assim e que tem muita gente acha que a gente fala que mulher não tem que ter voz só que é bem oposto disso.

Rebeca observou que em certos círculos de amizade na escola, havia uma tendência à discriminação com base em sua identidade cristã. Por exemplo, amigos que evitaram discutir certos assuntos ou convidá-la para certos eventos porque presumiam que suas crenças religiosas a impediriam de participar. Embora a escola como instituição não tenha sido um local de discriminação, Rebeca percebeu que entre seus amigos mais próximos não cristãos, havia uma relutância em envolvê-la em certas conversas ou eventos, presumindo sua posição oposta em questões específicas, como relacionamentos e comportamento social. Essas experiências ilustram uma expectativa prévia de comportamento associada à identidade religiosa de Rebeca, influenciando as interações sociais e as dinâmicas de amizade.

> Assim dentro da escola tipo como instituição assim nunca. Mas tem alguns amigos meus que estão mais próximos meus na sala, eles não são cristãos, eles não são nada, mas tipo, eles acreditam em Deus. E aí eles, vira e mexe, vão pra festas e tipo assim, eu não ia querer ir. Mas por exemplo, essa questão de algumas conversas eles não iam falar comigo porque sabem que pra gente ter algum conselho cristão. Então, por exemplo, sei lá, vou falar alguma coisa de questão de relacionamento. Não devo fazer sexo casamento com namorado, por exemplo, uma das colegas falou uma vez na discussão que não queria conversar perto de mim sobre isso porque sabia que eu ia ser oposta essa ideia. E aí eu fiquei tipo 'eu não sou sua amiga também?' Minha opinião também não vale? Mas é porque já sabe o que esperar de mim, entende? Então, por exemplo você joga uma piada que é um pouco mais pesada, 'Ah, a Rebeca vai de certa forma recriminar', só que tipo às vezes eu não ia mas tipo nessa questão ou ai vamos sair amanhã mas a gente vai pra alguma festa e ela não vai querer ir pra quela festa, sabe? Então tipo esse tipo de situação e tudo mais que acontece sabe? Tipo não sei se tipo não chegaram a me chamar. Eu não ia querer? Pode ser que não ia querer ir, mas convida, pô? Mas é bem realmente isso, porque já esperam de mim esse tipo de comportamento.

Entretanto, Rebeca se lembrou que também experimentou interações mais profundas debatendo sobre religião na escola com colegas não-cristãos, como quando discutiu abertamente sua fé com um amigo umbandista durante uma conversa. Nesse diálogo, ambos compartilharam seus pontos de vista religiosos e trocaram conselhos sobre questões pessoais e espirituais. Ela observou que, em muitos casos, seus colegas recorreram a ela em busca de

orientação ou pediram por suas orações. No entanto, além dessas interações mais significativas, também houve momentos em que ela foi confrontada com perguntas mais leves sobre sua ética religiosa, como quando um amigo brincou sobre ser correto ou não dividir um refil de bebida de uma famosa rede de fast food entre vários amigos. Nessas ocasiões, Rebeca foi levada a refletir sobre questões éticas pessoais e sua própria conduta como seguidora da fé cristã.

> Teve uma vez que foi engraçado, um amigo meu veio perguntado se podia pegar refil do BK[40], tipo em vez de pegar tipo pra ele só, pegar ele pra todos os amigos sabe? 'Pode fazer isso?' E eu falei, tipo, olha, você não está falando de uma questão ética, é uma questão ética pessoal sobre o refil do BK, Jesus não tinha refil de refri, muito menos BK. Mas tipo, ele distribuiu vinho pra todo mundo, tipo lá quando multiplicou vinho. Então, sei lá, um colega falou que seria errado, mas, mano, o BK é rico, não vai fazer diferença.

Apesar de, no ensino médio, Rebeca em alguma medida interagir com colegas que pensassem diferente a ela e de realidades socioeconômicas distintas a da sua família, ela fez amizades que compartilhavam dos mesmos gostos culturais e mesma fé. Ela encontrou um grupo de amigos e experenciou relacionamentos mais profundos, o que ela julgou como sendo "as melhores amizades da vida", a amizades mais profundas são com pessoas também evangélicas.

> [...] foram amizades que eu percebi que foi mais legal de fazer, porque uma galera muito diferente, sabe? Tinha tipo uma realidade, uma vida muito diferente da minha.

Em publicação do Instagram, no final de 2019, Rebeca postou foto de sua formatura e escreveu sobre os anos escolares no Bentão, destacando que se encerrava uma etapa importante e difícil de "dizer adeus". Ela descreveu suas experiências como além do aprendizado acadêmico, abrangendo lições de vida, novas experiências e momentos inesquecíveis com pessoas maravilhosas. Rebeca expressou gratidão a Deus por essa oportunidade, lembrando que entrou na escola graças a uma nota excelente no Bentão e a notas ruins em outros exames. Ela também agradeceu a todos que participaram dessa jornada, incluindo amigos e família, e guardará com carinho todas as lembranças, desde aulas e professores até amizades e atividades extracurriculares. Sentindo-se orgulhosa de ser ex-bentoniana, afirmou que assim como "R" passa, ela também passou.

**Imagem 18. Formatura de Rebeca.**

[40] Modo abreviado de uma famosa rede de fast food.

Fonte: Página pessoal do Facebook da entrevistada

Legenda: Formei. Se encerrou mais uma etapa da minha vida e com certeza foi uma das mais difíceis de dizer adeus, tudo o que vivi nesses últimos 3 anos de Bentão não consigo colocar em simples palavras, foram além de um aprendizado acadêmico, foram aprendizados para a vida, foram experiencias novas, momentos maravilhosos, pessoas fantásticas. Tenho certeza que nesses 3 anos conheci os famosos "do terceirão para a vida". Sou grata a Deus por tudo isso, sei que eu só entrei nessa escola graças a Ele (foi uma nota muito boa no Bentão e notas péssimas em outros vestibulinhos), Ele quem me capacitou pra estar lá e viver tudo o que vivi e que hoje guardo na memória e no coração com muito carinho. Obrigada todos também que participaram desse momento, amigos, família e quem quer que viveu só um pouco desses 3 anos comigo, mas foi especial com certeza. Guardarei no coração cada aula, cada professor, cada rolê cada amizade, cada apresentação de teatro, cada vergonha, cada momento do grupo cristã, cada crise como TCC (famoso Ponto&Vírgula), cada risada e cada choro. Ex-bentoniana de info com orgulho e com certeza posso afirmar que R passa e eu também passei.

### 3.5. Das primeiras experiências religiosas ao engajamento religioso entre amigos

Desde seu nascimento, Rebeca viveu em um lar evangélico. Seus pais perpetuaram a religião de seus avós, educando religiosamente as filhas na tradição protestante e levando-as a frequentar todo tipo de programação oferecida pela igreja para o público infantil.

> Aí criança, a gente ia em tudo. Nossa, sempre fui em tudo isso mesmo. Essas coisas de criança tinha muito. Escola dominical, todo domingo, minha mãe não deixava faltar. Tinha EBF[41], UCP[42]. Eu sempre tava em tudo. Eu gostava.

[41] EBF [Escola Bíblica de Férias], são atividades lúdicas e recreativas de estudos da bíblica e para lazer das crianças durante um período do recesso escolar.

[42] “UCP - União de Crianças Presbiterianas, é uma sociedade Interna da Igreja Presbiteriana do Brasil que tem a finalidade de unir as crianças de 6 a 11 anos da Igreja proporcionando os meios adequados para que elas cresçam espiritualmente, moralmente, intelectualmente e socialmente. Além disso, as

Rebeca se lembrou que, quando era criança, sua mãe chegou a ser sua professora na igreja ao atuar como voluntária nas atividades educativas direcionadas para as crianças. Desse modo, podemos afirmar que ela viveu durante a infância um "envolvimento moral" (Durkheim, 2008) em uma cultura religiosa.

Contudo, logo no início da entrevista, quando questionada desde quando ela era evangélica, ela preferiu se declarar como cristã, e explicou que havia diferenças entre ser criada em uma família cristã e, de fato, ser cristã.

> [...] eu entendi que eu nasci numa família cristã, mas não significava que eu sabia bem o que era ser cristão. Era uma coisa tipo assim, sabe quando você fica: "Ah, beleza estou aqui, acredito que Deus existe e tipo ok", pra mim ser cristão era só colocar um checklist na minha cabeça: "acredita em Deus".

Nesse sentido, apesar de valorizar muito o aprendizado religioso recebido pela família e toda a história de envolvimento com a igreja de seu avô, ela considerava que ser cristão era uma decisão individual relacionada a uma escolha consciente. "É, tipo assim, Deus não tem netos, ter a família cristã é uma coisa, eu preciso ter minhas próprias experiências de filho de Deus. Isso é se converter".

Desse modo, ela considerava ter se convertido apenas no início de 2017, quando chegou a esse entendimento e percebeu que não bastava seguir o pertencimento religioso de sua família, mas deveria buscar viver experiências religiosas individuais. A partir disso, ela passou a se considerar verdadeiramente "convertida". Sua conversão estava relacionada com as crises de ansiedade vividas no final de 2016, desencadeadas pelo estresse do final do ensino fundamental e pelas provas dos vestibulinhos dos colégios técnicos. Nos momentos de crise, ela recorria às orações.

> [...] comecei passar por uma pressão muito forte e isso acabou com a minha saúde mental na época. E aí eu fui buscando várias vezes orando a Deus. Tipo era uma coisa que eu não entendia o que que eu estava fazendo e aí eu me lembro que eu pedia muito pra Deus: 'oh, fala comigo, mostra realmente que você está aí pra mim'.

O ingresso na Etec e o encontro com o GC foram decisivos para sua conversão. Ao encontrar o grupo na escola ela passou a conviver com outros jovens evangélicos que estavam engajados religiosamente, inclusive passando por problemas semelhantes aos dela. O convite para que ela participasse do GC foi feito ainda no primeiro semestre na Etec. Ela lembrou que quando o Grupo passou em sala convidando todos a participar, ela não ficou entusiasmada.

---

atividades promovidas na UCP têm a finalidade maior de promover o ensino do serviço cristão no que tange ao desenvolvimento da liderança nos moldes do governo da igreja." In: https://ipb.org.br/secretarias-trabalho-da-infancia.php acesso em 29 de junho de 2023.

Passado um tempo, um colega, ao saber que ela também era cristã, começou a insistir que ela fosse.

> Aqui tem a rádio do Grêmio que toca música no almoço. E aí uma vez tocou uma música cristã. Aí eu ouvi e disse 'Oi? É essa música mesmo que eu tô ouvindo?'. Aí um amigo meu me chamou e falou 'É, Rebeca! Você é cristã? Eu não sabia disso'. Aí ele perguntou 'Você vai no GC? Eu estou indo.Vamo?'. Aí ele ficou tipo 'Vai, vai sim! Vai sim!'. Ele começou a me arrastar pra cá. Então por causa que ele me arrastou eu comecei a vim aqui mais. Comecei a gostar mais de vim pra cá por causa dele ter me chamado, ter me arrastado pra cá.

Após conhecer o GC, ela se sentiu estimulada se engajar religiosamente, se inteirar mais dos conhecimentos bíblicos e tudo o que se relacionava às vivências religiosas daquele Grupo. Ela fez amizades com a liderança do Grupo e conheceu seu namorado, que era seu veterano e um dos líderes do GC.

> Aí eu comecei a ficar bem mais próxima de tudo isso de igreja, tudo, de Deus e eu via muito nos meninos do grupo aqui da época um amor sobre aquilo, como se aquilo fosse a coisa mais importante da vida deles. E eu ficava tipo eu quero isso aí. Isso daí que eles tem é uma coisa que eu não tinha no passado. E eu quero isso. Eu comecei a me aproximar deles, se aproximar mais do grupo, me aproximar mais da igreja, parar pra ter mais conversa sobre isso, participar de estudo, participar de tudo que eu podia participar pra entender melhor e aí eu acho que dois mil e dezessete foi assim o ano que mudou tudo na minha cabeça, passei a entender realmente o que que é andar com Deus de verdade, sabe?

Ela começou a frequentar a igreja Leme, que na época tinha uma inserção na Etec, pois vários de seus membros eram estudantes e atuavam no GC. Além disso, aos sábados, a igreja mantinha um grupo de teatro na escola com membros que não eram estudantes. Quando completaria um ano que Rebeca participava na Leme, a igreja se desfez por causa de problemas com a liderança. Rebeca começou a frequentar outra igreja na companhia dos amigos e namorado – Igreja Chácara Primavera.

> Ele [grupo de teatro] era tipo vinculado com uma igreja. Um aluno trouxe pra cá porque na igreja dele tinha. Aí ele trouxe pra cá o curso de teatro com a equipe da igreja. Então, tinha muita gente que é da igreja que vinha pra cá. A primeira vez que eu fui nessa igreja foi depois que o pessoal do grupo me chamou pra ir. E aí eu fui porque tinha muita galera daqui que eu convivia que ía lá.

A jovem se tornou mais atuante nos espaços religiosos que transitava. Durante as entrevistas, suas atuações conciliavam agradar sua família, estar com os amigos e namorado e *servir a Deus*. Embora as duas igrejas que ela frequentava fossem presbiterianas, Rebeca destacou diferenças significativas entre elas. A Igreja 1, a qual ela sempre foi membra na

companhia dos pais, era mais tradicional e tinha um público mais antigo, formado por pessoas idosas. A Igreja 2, pelo que ela descreveu, era claramente uma igreja reformada, com linguagem e público jovens.

> A que eu vou com meus pais ela é pequenininha, tipo uma igrejinha de bairro mesmo, sabe? Aham. Todo mundo lá se conhece, é uma igreja bem pequena, não tem toda aquela produção, tudo mais. Já a Chácara Primavera é uma igreja muito grande. Tanto é que ela tem vários campos por falta de espaço assim. Então, eu não conheço muita gente lá. Então, ela é grande, uma igreja que tem tipo, até que eu falo com o pessoal que lá tudo tem uma megaprodução. Vão fazer algum culto? Tem uma megaprodução dos slides, os vídeos, tem até tipo antes do culto, tem tipo um Chácara News, que eles passam tipo as notícias da igreja durante a semana, né? Então assim, é bem diferente assim.

Na Igreja 1, ela estava envolvida na liderança do grupo de adolescentes, no qual ela desempenhou um papel importante para iniciar um grupo destinado à essa faixa etária na igreja. A liderança era composta por ela, uma amiga e sua irmã e, ainda, contava com alguns adultos, sua mãe e dois membros do conselho da igreja para garantir a supervisão adequada. A faixa etária dos adolescentes envolvidos no grupo variava de doze a dezoito anos. Chamou a atenção que, anteriormente, não havia um grupo específico para adolescentes na igreja, o que resultava em uma lacuna entre os grupos infantis e os grupos de jovens adultos e reconhecendo essa lacuna, Rebeca foi questionar a liderança da igreja no sentido de reivindicar que houvesse um o grupo de adolescentes. Ao fazer isso, ela foi encorajada a desenvolver esse grupo. Desde então, o grupo tem crescido gradualmente, com atividades regulares, incluindo reuniões quinzenais e passeios ao ar livre.

> Eu fui perguntar uma vez porque é que não tinha um grupo de adolescente. A gente saia das crianças tipo com 10 anos e não tinha mais nada até sei lá, uns 20. Porque os jovens [Grupo de Jovens] na minha igreja são tudo mais velhos, casados. Os interesses bem diferentes. Aí, essa líder falou assim, 'mas você sabia que vocês podem começar? Não precisa ser um adulto pra isso'. Aí a gente começou. Fazemos as reuniões a cada 15 dias e algumas vezes já fomos no bosque, fizemos picnic no Taquaral, essas coisas.

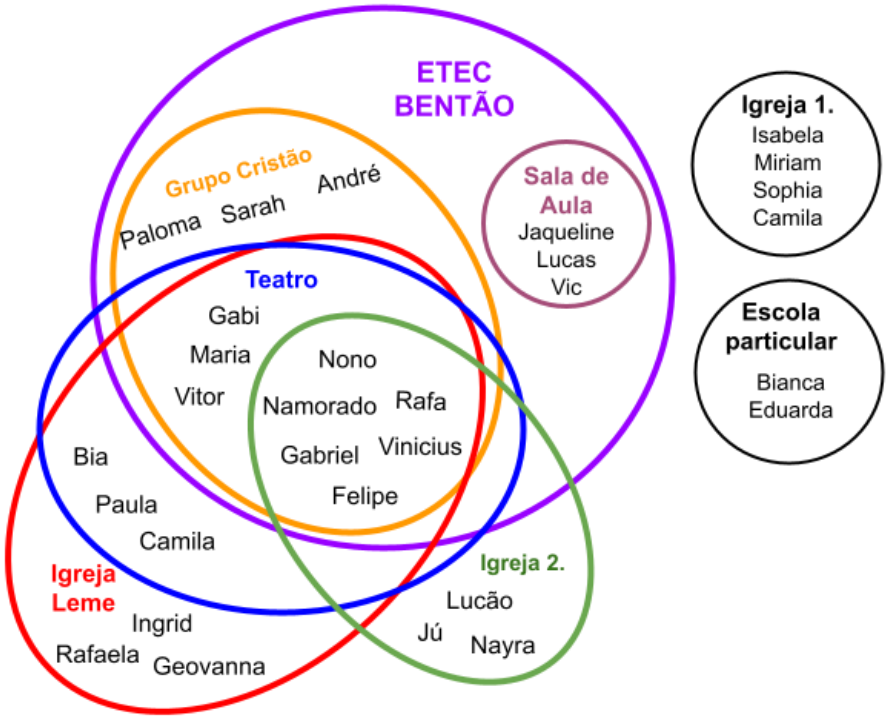
Desse modo, na Igreja 1, ela assumiu um compromisso quinzenalmente, aos sábados à tarde, de liderar um grupo de adolescentes; aos domingos de manhã, assistia ao culto na companhia dos pais e, ao menos uma vez ao mês, dava aula para crianças na Escola Dominical. Na Igreja 2, Rebeca não ocupava nenhuma posição de liderança, mas estava sempre envolvida nas organizações de eventos, tais como evangelismos, relógios de oração[43], acampamentos e

[43] O relógio de oração é uma atividade comum nas igrejas evangélicas. No GC pude presenciar algumas realizações dessa natureza, baseada no que os jovens vivenciam em suas igrejas. Os propósitos pelo qual oravam nessas ocasiões eram: os evangelismos e as sorvetadas. No relógio de oração é

retiros. Nas noites do final de semana, Rebeca participava da Igreja 2, ia ao grupo de jovens no sábado e culto destinado para toda comunidade no domingo à noite.

A partir dessas vivências religiosas, Rebeca passou a construir seus círculos de amizade. Eram raros os amigos que ela convivia que não eram evangélicos e não estivessem compartilhando dos mesmos princípios religiosos.

**Imagem 19. Mapas de amizades - Rebeca**




Fonte: Arquivo da autora.

O *namoro de corte* que ela e o namorado assumiram, desde o segundo ano no Bentão (mais precisamente em março de 2018), refletia bem o modo de vida que ela passou a adotar

organizado um cronograma que dentro de 24 horas os envolvidos estarão orando para um mesmo propósito (muitas vezes envolve a organização de eventos da igreja). As orações devem acontecer de forma ininterrupta, assim, a cada uma hora ou meia hora, uma pessoa é responsável por dar sequência a oração. É comum que os envolvidos façam jejum durante sua execução, algumas vezes o grupo se encontra fisicamente ao menos na primeira e última hora de oração, mas nas demais horas cada envolvido cumpre seu momento de oração onde puder. Caderno de campo (27/06/2019): Várias atividades estão sendo organizadas pelo GC. Haverá um evangelismo no centro da cidade com outras escolas e a Sorvetada antes das férias de julho. Os líderes pedem para que todos estejam em oração. É sugerido que seja feito um relógio de oração. Os líderes alegam que haverá um específico para o evangelismo envolvendo também os estudantes das outras escolas. [...] Os estudantes falam com naturalidade e familiaridade de participações em relógios de oração que acontecem em suas igrejas. [...] A estudante V. relata que durante a participação de um relógio de oração, assumiu um horário do relógio de oração que ocupava uma aula vaga, como não tinha onde ficar, passou meia hora trancada no banheiro da escola orando; o estudante P. relata que fez algo semelhante, mas utilizou a biblioteca da escola, ele fingia dormir na mesa mas estava orando.

após sua conversão. Essa forma de namoro foi iniciada por eles quando ainda estavam na igreja que iam anteriormente e contou com a orientação de pastores que apoiavam o casal. Rebeca e seu parceiro participaram de um tipo de atividade na igreja que envolvia momentos de oração e discussões sobre relacionamentos, especialmente para aqueles que estavam em um estágio que chamavam de pré-namoro. No entanto, em fevereiro daquele ano, diante das dificuldades enfrentadas pela igreja, Rebeca e seu parceiro buscaram orientação externa e encontraram em um vídeo do canal 'Dois dedos de Teologia' uma abordagem que apresentava princípios bíblicos sobre o namoro e explicava o "namoro de corte".

Após assistir ao vídeo e refletir sobre o conteúdo apresentado, eles decidiram que seria prudente seguir essa abordagem diferente de namoro. Buscaram conselhos com pessoas próximas, as quais, embora reconhecendo as dificuldades que poderiam surgir, apoiaram a decisão do casal. Levando ainda em consideração as experiências anteriores que tiveram como namorados e que não foram bem-sucedidas, Rebeca e seu parceiro optaram por oficializar o relacionamento, mantendo algumas adaptações nas dinâmicas do namoro.

Rebeca descreveu a dinâmica de seu relacionamento, destacando as diferenças entre seu namoro e os padrões convencionais. Ela explicou que no modelo de namoro de corte o compromisso existia, porém, o contato físico era limitado, alinhado com princípios cristãos que valorizavam a moderação e a preservação da pureza. Ela enfatizou a importância de evitar situações que poderiam levar a comportamentos inadequados, como beijos ou proximidade física excessiva. Além disso, mencionou a prática de evitar momentos de intimidade, como permanecer sozinhos em casa, como medida preventiva para manter a integridade moral até o casamento.

Essa abordagem era uma expressão dos valores cristãos que ela e seu parceiro compartilhavam, mas que não necessariamente era seguida por todos de sua igreja. Rebeca reconheceu que essa escolha implicava em desafios, mas ressaltou a importância de tais precauções para preservar a integridade do relacionamento. Ela salientou que, embora essa fosse a opção do casal, cada relacionamento poderia seguir diferentes direções, dependendo dos valores e convicções de cada indivíduo.

### 3.6. Recapitulação dos pontos de análise

- As origens familiares de Rebeca revelam a importância da socialização familiar na construção de suas disposições religiosas e escolares. O protestantismo, transmitido

como uma herança familiar desde os avós, desempenhou um papel fundamental na formação de seus valores e práticas.

- A trajetória de sua família, marcada pela migração, desafios socioeconômicos e forte engajamento religioso, moldou profundamente as disposições de Rebeca, que, ao longo de sua vida, incorporou e reinterpretou essas influências, mantendo a tradição religiosa enquanto buscava sua própria identidade dentro desse legado.
- Essa continuidade de valores entre gerações destaca a interdependência entre educação, religião e ascensão social, elementos que continuam a nortear as escolhas e experiências de Rebeca na juventude.
- Socializada em um ambiente de classe média com estabilidade financeira, teve uma infância cercada por conforto e proteção familiar. Ao ingressar na escola pública, ela se deparou com colegas de diferentes realidades socioeconômicas. Essa convivência foi enriquecedora para seu desenvolvimento pessoal, embora tenha gerado certo desconforto devido à sua posição privilegiada. Rebeca busca equilibrar esse contraste ressaltando as origens humildes de sua família e a busca de sua mãe por alternativas econômicas, evidenciando o valor dado às conexões e solidariedade no contexto religioso em que estavam inseridos.
- A relação com seus pais é marcada por uma mistura de admiração, divergências e negociações. Embora tenha herdado interesses do pai, a proximidade emocional com ele é limitada, especialmente em momentos de vulnerabilidade. Por outro lado, a relação com a mãe, apesar de mais próxima e confiável, é permeada por conflitos, principalmente em questões relacionadas à aparência, corpo e escolhas profissionais.
- Rebeca desenvolveu sua trajetória acadêmica em um ambiente de forte apoio familiar, onde a leitura e a educação sempre foram incentivadas. Apesar de enfrentar desafios como a falta de pertencimento na escola de ensino fundamental, ela encontrou nos livros e na matemática uma paixão que influenciou suas escolhas futuras.
- O ingresso em uma escola técnica foi uma experiência decisiva, não apenas para sua formação acadêmica, mas também para o fortalecimento de seus valores pessoais e religiosos.
- Na Etec, ela encontrou um ambiente que, embora contrastante com sua experiência anterior em escola particular, lhe ofereceu oportunidades para se envolver em

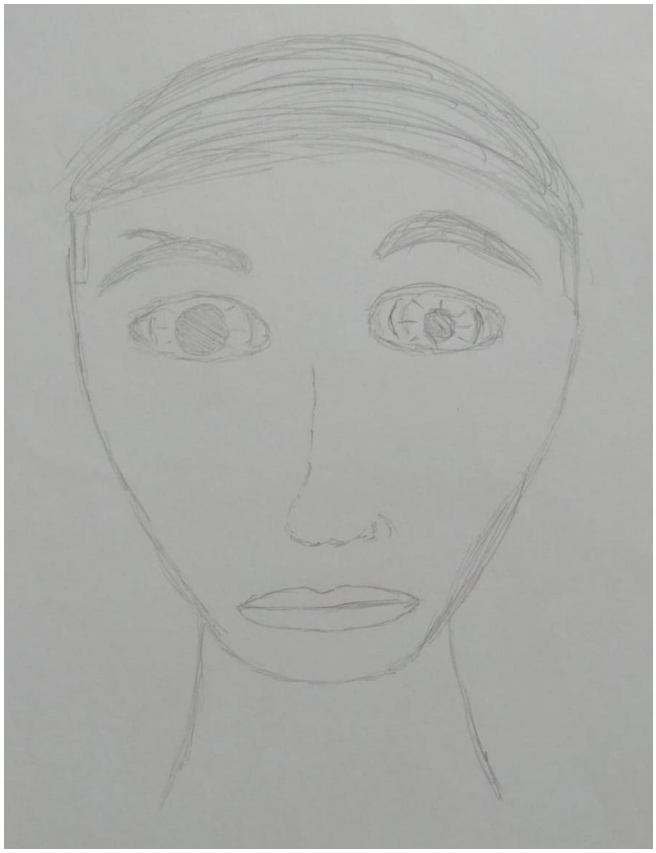
atividades diversas, estabelecer amizades significativas e explorar novas perspectivas de leitura. Ao final dessa etapa, ela reconheceu o aprendizado além do acadêmico, levando consigo experiências que influenciaram profundamente sua visão de mundo.

- Desde sua infância, Rebeca foi imersa em uma cultura religiosa evangélica, com forte envolvimento em atividades e ensinamentos da igreja. No entanto, à medida que crescia, percebeu que simplesmente seguir os passos da fé de sua família não era suficiente para ela.
- Sua conversão pessoal em 2017 foi um ponto de virada, catalisada por crises de ansiedade e estresse durante a transição escolar e vestibulinho, e aprofundada por seu envolvimento com o GC na Etec. O Grupo proporcionou a ela um espaço para compartilhar experiências e fortalecer sua fé ao lado de outros jovens que enfrentavam desafios semelhantes. A convivência com esses jovens e o encontro com seu namorado, um líder do GC, contribuíram significativamente para sua decisão de se engajar de forma mais profunda em sua fé.
- Rebeca também encontrou um papel de liderança em sua igreja de origem, onde identificou a falta de um grupo para adolescentes e tomou a iniciativa de criar um.
- O estilo de relacionamento que Rebeca adotou com seu namorado – namoro de corte – também reflete seus valores e modo de viver sua religiosidade, construídos no âmbito da igreja e em interação com mídias cristãs evangélicas.
- Rebeca equilibra seu compromisso com duas igrejas: a igreja tradicional de sua família e outra, que é mais moderna e voltada para os jovens. Esse equilíbrio entre o tradicional e o contemporâneo também reflete a dualidade de sua jornada religiosa, na qual ela honra suas raízes, mas busca um caminho que ressoe com sua própria compreensão e experiência de fé.

## 4. O JOVEM KALEB MANOEL

> Eu tenho esse nome porque minha mãe, quando ela estava grávida, ela gostava de ouvir dois radialistas, se não me engano, era Kaleb e Joabe. É nome bíblico também, meus pais são cristãos. Então ela optou por uns três naquela época. Assim, desde aquela época, eles já tinham se convertido. Se casaram, daí ela ouvia essa rádio, a princípio não pra ser Kaleb. Era pra ser só Manoel. Mas a minha família gosta de dar apelido, então antes de nascer já ia ser Mano, né, ou se fosse menina e ser Manoela, eles calculam que ia ser Mano ou Manu, daí minha mãe não gostou.

**Imagem 20. Autorretrato de Kaleb**



Fonte: Arquivo da autora.

Kaleb, estudante do curso técnico em eletrônica integrado ao ensino médio da Etec Bento Quirino. Declara-se evangélico, é membro da Igreja do Evangelho Quadrangular[44] desde seu nascimento. Reside em Campinas - SP com seus pais e seu irmão mais novo, em uma casa alugada nos fundos do terreno da igreja onde seu pai é pastor interino há 2 anos. Na igreja,

[44] Segundo Paul Freston (2001), a Igreja do Evangelho Quadrangular pertence à linha do pentecostalismo clássico. O pentecostalismo clássico refere-se ao movimento pentecostal que surgiu no início do século XX e é caracterizado por experiências espirituais como o batismo no Espírito Santo, evidenciado pelo falar em línguas (glossolalia), além de uma ênfase em curas divinas, profecias e outros dons espirituais.
A Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada em 1922 por Aimee Semple McPherson nos Estados Unidos e é conhecida por suas crenças pentecostais fundamentais, incluindo a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo e uma forte ênfase na evangelização e missões. Freston (2001) classifica essa denominação dentro do pentecostalismo clássico devido à sua origem histórica e suas práticas teológicas que seguem as características típicas desse movimento.

Kaleb atua como líder da célula de jovens e ministro de louvor. Na Etec, nos anos 2018 e 2019, compôs a liderança do grêmio estudantil e, em 2019, atuou na liderança do GC. Sempre se dedicou exclusivamente à escola, suas experiências de trabalho aconteceram durante as férias escolares e aos finais de semana como servente de pedreiro do seu próprio pai, que além de pastor é mestre de obras.

### 4.1. Primeiros contatos com Kaleb

As entrevistas com Kaleb aconteceram durante o ano de 2019. Nesse período, ele fazia parte da liderança do GC junto com Rebeca e na maioria das vezes era responsável por tocar violão. No ano anterior, seu segundo ano na Etec, ele teve pouca frequência no grupo. Seus compromissos com o grêmio estudantil acabavam por ocupá-lo nos horários de algumas reuniões. Em seu último ano de curso, ele assumiu a liderança do grupo a convite de Rebeca, que insistiu que ele participasse com ela para que ele contribuísse, principalmente, com a parte da música nas reuniões. Além disso, ele estava começando a se interessar pela elaboração das mensagens, uma vez que em sua igreja ele estreava como líder de célula de jovens.

Nas reuniões do GC, eu observava Kaleb entusiasmado em participar, sobretudo, quando eram discutidas propostas de atividades com o grupo, como o evangelismo e a *sorvetada*[45]. Ao mesmo tempo, me chamava a atenção que ele estava sempre atrasado nas reuniões, e muitas vezes elas só começavam quando ele chegava. A bola de futebol debaixo do braço e a camisa de time suada justificavam o atraso, o violão nas costas explicava o porquê de esperá-lo.

Fomos apresentados durante a *sorvetada* de 2019 que aconteceu no parque no encerramento do primeiro semestre. No retorno das férias o convidei para participar da pesquisa. O clima descontraído da *sorvetada* e a minha participação nos jogos junto com os jovens favoreceu para que eu pudesse conversar mais com os meninos do grupo, entre eles, Kaleb.

Iniciamos as entrevistas no segundo semestre de 2019. O local combinado foi o pátio da escola, no horário de almoço. Neste período realizamos 3 entrevistas, com duração média de 1 hora cada e com intervalo de 1 mês entre elas. Não sendo possível finalizar toda a grade de entrevista no período letivo, fui à casa do entrevistado no final de janeiro de 2020 para sua conclusão. Fui recepcionada pela família com café e bolo, conheci os pais e o irmão de Kaleb. Esta última entrevista teve uma duração de aproximadamente 2 horas.

[45] Definição de sorvetada: ver nota 24 na página 44.

**4.2. Contexto familiar**

Quando Kaleb nasceu (ano 2002, em Campinas - SP), seu pai era servente de pedreiro e sua mãe trabalhava na linha de produção industrial, no setor de montagem de uma grande empresa de aparelhos eletrônicos. Nessa época, moravam em um bairro vizinho ao que viviam no momento das entrevistas, o bairro Vila Padre Anchieta, que por muito tempo foi considerado periférico e dos mais violentos de Campinas. Seus pais eram recém-formados no ensino médio, casados há 3 anos – o mesmo tempo que tinham de convertidos à religião evangélica – e eram bastante dedicados às atividades da igreja.

Quando entrevistei Kaleb, seu pai havia se tornado pastor interino de uma igreja que ele fundou 2 anos antes. Ao longo das entrevistas, ele se referia a essa igreja como Igreja nova (assim, irei chamá-la dessa forma em alguns momentos no texto).

A família de Kaleb se fixou em 4 ou 5 igrejas diferentes ao longo do tempo, todas igrejas de mesma denominação – IEQ (Igreja do Evangelho Quadrangular) –. localizadas em bairros da mesma região da cidade. O pai sempre esteve na função de *obreiro* nas igrejas. Antes da última mudança, ele foi "elevado à pastor". Nessa igreja, a família frequentou até por volta dos 13 anos de idade do Kaleb, quando foram para a Igreja nova. Essa trajetória, segundo Kaleb, proporcionou ao pai um certo reconhecimento no meio "quadrangular", ao qual Kaleb demonstrou ter muito orgulho ("ele é bem conhecido, pessoal convida ele pra pregar, quando a gente vai em congresso grande muita gente conhece ele").

Com os membros da igreja, eles formavam um círculo popular solidário. Quando fui à casa de Kaleb para última entrevista, a mãe estava fazendo artesanatos de E.V.A para decoração da festa que teria na igreja, juntamente com duas "irmãs da igreja". Já, aproveitando a produção, faziam lembrancinhas para festa de aniversário da neta de uma das irmãs, sobre o qual ele comentou rindo: "Aqui em casa é sempre assim, o tempo todo, o bom é que sempre tem um café com bolo", e com isso seguiu contando sobre o convívio com as "irmãs" e os "irmãos". Ao longo das entrevistas, com frequência, Kaleb citou amigos de seus pais que de alguma forma conviviam cotidianamente e se ajudavam, com alguns pequenos favores ou trocando informações. Ele citou uma irmã da igreja que, durante a infância, aos sábados ela o levava para fazer aulas de atletismo em um projeto da prefeitura municipal em frente ao local de trabalho dela; contou que, no trajeto para o Bentão pelas manhãs ele contava com a "carona a pé" de um irmão da igreja; e ainda relatou que quando estava cursando inglês teve desconto porque se matriculou com a indicação de um irmão da igreja. Demonstrando, assim que há uma rede de apoio entre os "irmãos da fé".

A família de origem de Kaleb era numerosa, pertencente às camadas populares e grande parte vivia geograficamente próxima. Os pais de Kaleb, sua mãe em particular, tiveram uma trajetória peculiar. Sua mãe nasceu em Goiânia - GO, pois seus avós fugiram para se casar e seguiram viajando. Ao longo da viagem tiveram 16 filhos, cada um nascido em uma cidade diferente ("daí minha mãe nasceu em Goiânia, tem uns que nasceram em Minas Gerais, outros em São Paulo, eu sei que cada um nasceu num lugar"). Por outro lado, seu pai nasceu na divisa do Paraguai com o Paraná ("eu sei que ele só nasceu e já veio"), seus avós paternos também se mudaram para algumas cidades antes de se fixar em Campinas. O pai tinha 6 irmãos, nem todos nascidos nas mesmas cidades; mas nesse caso, não foi fugido da família.

Ambas as famílias tiveram como o itinerário final a cidade de Campinas-SP, mais especificamente a Região do Campo Grande[46], onde está localizado o bairro que Kaleb morava até o momento das entrevistas.

**Imagem 21. Localização de moradia de Kaleb e distância da Etec.**

Fonte: Arquivo da autora.

Na entrevista em que estive no domicílio da família, fui recebida com muito afeto pelos pais de Kaleb. Era um dia chuvoso, então, mesmo sendo dia de semana o pai voltou mais cedo do trabalho e pude conhecê-lo ("Essa chuva tá uma benção, glória à Deus. Mas, hoje, não deu pra continuar na obra não. Que bom que você tá aqui na nossa casa." – Pai de Kaleb). Antes da

[46] Por meio de plebiscito, em 2015, o Campo Grande se tornou um distrito. É segundo distrito mais populoso de Campinas, depois do Ouro Verde. Tem em torno de 190 mil habitantes, distribuídos em 90 bairros espalhados principalmente ao longo de uma extensa avenida, a Avenida John Boyd Dunlop.

entrevista, me apresentei e expliquei brevemente a pesquisa para a família. A mãe, estava envolvida com as amigas e conversou menos, mas quis garantir que eu fosse bem recebida, mandou que Kaleb me oferecesse café e bolo. O pai, bastante comunicativo, logo manifestou interesse por eu ser vinculada à Unicamp. Fez perguntas sobre minha trajetória acadêmica, elogiou o meu "esforço" de ir até lá e enfatizou que espera que seus filhos também cursem o ensino superior ainda jovens e cheguem aonde ele gostaria de ter chegado.

> Eu sempre falo pros meus meninos, aproveitem as oportunidades que vocês estão tendo, faz as coisas direito que está sendo mais fácil pra vocês, então, vocês podem ir mais longe, é só fazer as coisas direito (Pai de Kaleb)

A residência ficava nos fundos da igreja. Antes de ser igreja, o galpão era loja de materiais de construção, o pai fez as devidas reformas para transformar o espaço alugado. O terreno era em declive, a igreja ficava ao nível da rua, na lateral tinha portão de ferro que dava passagem para a garagem que descia em direção à casa. O pai fez adaptações na casa para que a família pudesse se mudar.

A casa era humilde e bem organizada, com acabamentos e mobílias igualmente simples. Ainda não estava acabada, faltava reboco nas paredes externas e a cozinha, segundo Kaleb, ainda não estava do agrado da mãe.

> Meu pai ainda tá mexendo aqui em casa, falta bastante coisa, a cozinha ainda não tá terminada, tem as coisas que a minha mãe quer que ele faça e mais a parte de fora também. Meu pai arrumou o que precisava mais e a gente mudou.

Kaleb contou que a casa que moravam anteriormente era menor, e que ele e o irmão sempre dividiram quarto. Nessa casa, um cômodo a mais foi construído pelo pai para que cada um dos filhos tivesse seu próprio quarto ("a gente dividia quarto. Sempre dividiu o quarto, aquela bagunça que ele deixava, bagunceira danada. Eu sou organizado. Daí agora a gente, como a gente mora na casa da igreja, a gente tem um quarto separado, daí ele tinha um quarto dele, tem uma bagunça dele lá, eu tenho meu quarto. Eles [os pais] sempre acharam importante que cada um tivesse seu lugar, mas não tinha essa condição"). Esta era a terceira casa que os pais de Kaleb moravam desde que se casaram.

Os pais de Kaleb se conheceram e desenvolveram um relacionamento desde tenra idade. Moravam no mesmo bairro e suas famílias tinham alguma conexão anterior envolvendo a compra e venda de casa entre as famílias. Estudaram juntos todo o ensino fundamental e, nessa época, começaram a namorar. Foram sete anos de namoro que antecederam o momento em que decidiram se casar, ainda enquanto cursavam o ensino médio.

> Daí eles meio que se conheceram desde pequeno já porque eles moravam no mesmo bairro e se eu não me engano, o pai da minha mãe, ou pai do meu pai, vendeu uma casa para o pai da minha mãe, ou para o pai do meu pai, então, eles meio que se conheciam, mas se conheciam também da escola que eles estudavam na escola, que é a que eu estudei quando eu estava no fundamental, estudaram lá e lá eles começaram a ficar. Depois começaram a namorar.

No ensino médio, eles estudaram em escolas diferentes no centro da cidade. O pai de Kaleb cursou o ensino médio integrado ao técnico em mecânica no Bentão, enquanto a mãe estudou em uma escola estadual tradicional do centro da cidade que ofertava apenas o ensino médio. Kaleb mencionou que o pai sempre foi "esforçado" e mais estudioso que a mãe, isso porque a família dele era mais rígida em relação aos estudos, enquanto a mãe só passou a valorizar a educação após sua conversão à religião evangélica e atuações no âmbito da igreja.

> Minha mãe fala que meu pai, ele sempre foi estudioso. Minha mãe me falou que meu pai, sempre foi esforçado, sempre tirou tipo só dez, e na faculdade também manteve notas boas. Até pelos pais dele, que era assim bem mais rigorosos que os pais da minha mãe. Se eu não me engano, minha mãe não, minha mãe já era mais relaxada assim na escola tudo, uma vez ou outra tirava nota baixa, mas ela mantinha aquela média e meu pai ele sempre foi um bom aluno. Minha mãe fala que aprendeu a estudar de verdade depois que se converteu e aí no ministério dela volta e meia ela leva uma palavra, aconselha, aí ela tem que estudar bastante.

Com frequência, Kaleb mencionou nas entrevistas sobre ser "esforçado" e "correr atrás", inúmeras vezes ele citou os conselhos do pai sobre aproveitar as oportunidades e comentou, sobre pessoas próximas a ele que considera "esforçadas", como por exemplo o único tio que cursou o ensino superior ("tenho um tio meu que é bem esforçado, ele é o irmão mais novo do meu pai, fez faculdade de turismo, trabalhando e estudando, ele é muito esforçado. Hoje, ele tá muito bem, trabalha numa agência de viagem, ele tá bem-sucedido"). Contudo, é o pai a sua principal referência de pessoa laboriosa e estudiosa.

Os pais começaram a trabalhar enquanto cursavam o ensino médio para colaborar no sustento de suas famílias de origem, mas logo resolveram sair da casa dos pais e ir morar juntos. Nessa época, assim como os tios, o pai de Kaleb trabalhava como servente de pedreiro do avô durante o dia e à noite estudava. Após concluir os estudos, atuou por seis meses na área do técnico, mas logo retornou ao emprego anterior, mas inserindo-se no "mercado autônomo". Focado em melhorar a vida da família que estava constituindo, começou a assumir trabalhos como mestre de obras. No início, fazia dupla jornada, auxiliando o pai e trabalhando "por conta" ("Nesse comecinho, ele [o pai] fala que era bem puxado, ele ia cedinho como meu vô e depois ainda pegava serviço por conta"). Com isso, a continuidade aos estudos acabou por não ser um plano imediato.

O pai ingressou no ensino superior anos mais tarde, quando Kaleb tinha por volta de dez anos de idade, e seu irmão seis. Ele prestou ENEM e cursou Administração de Empresas em uma faculdade privada com financiamento do Prouni. Kaleb se recordou que nessa época, que durou em torno de 4 anos, pouco via o pai, que chegava do trabalho e rapidamente saia para ir para faculdade. Aos finais de semana o pai estudava em casa ao mesmo tempo em que os filhos faziam lição de casa ("eu lembro assim que foi bem puxado pra ele, a gente mal via ele. De sábado às vezes a gente, mais eu que meu irmão, tinha uma tarefa ou outra e aí sentava na mesa da cozinha pra fazer, e ele sentava junto pra estudar as coisas da faculdade").

Depois que concluiu a graduação, o pai prestou alguns concursos públicos, buscando se inserir em uma outra profissão, mas não teve sucesso. Mesmo assim, Kaleb considerou que os estudos do pai colaboravam em sua função de pastor, uma vez que ele administrava inclusive a parte financeira da igreja.

> Faz uns anos atrás, não faz tanto tempo também. Agora, depois de mais velho, ele fez faculdade de administração. Ele voltou a estudar, prestou Enem tudo, fez faculdade. Mas ele não trabalha na área ainda. Ele até prestou um concurso, se eu não me engano, ele ia prestar, não lembro, mas ele não trabalha na área. Mas ele tem a faculdade de administração e agora que ele está a frente da igreja, tipo, casou bem se for ver essa questão, porque querendo ou não, ele que administra a parte financeira da igreja toda, né? Então, nesse caso deu certinho, ele ter feito a faculdade assim.

Apesar do pai ter ampliado seu nível de escolaridade, sua profissão não se alterou. Ao longo dos anos, a família melhorou suas condições de vida, devido à disposição para o trabalho duro incorporada pelo pai que permitiu que ele se dedicasse longas jornadas de trabalho ("Graças à Deus, e ao meu pai, que sempre foi assim muito esforçado, ele pega o trabalho tipo às 7 da manhã e vai até 7 da noite, nunca faltou nada assim pra gente."). Kaleb recordou que em outros tempos o pai foi melhor sucedido financeiramente, pois assumia obras maiores ("um tempo atrás a gente tava melhor, meu pai pegava obras maiores") e, nesse período, a família conseguiu financiar um carro mais novo, o pai cursou faculdade, realizaram viagem de férias em família ao Paraná para visitar parentes, a mãe parou de trabalhar para se dedicar exclusivamente ao lar e se mudaram para um bairro considerado melhor em relação ao anterior.

Kaleb relatou que o emprego do pai sempre garantiu certa estabilidade financeira à família, no sentido de nunca ter vivido falta material concreta ("nunca faltou trabalho pra ele"), contudo, se tratava de um trabalho sem garantias trabalhistas e benefícios sociais. Ciente das condições precárias da profissão, que se agravam por se tratar de um trabalho braçal que exige muito fisicamente, o pai de Kaleb se tornou pastor, em alguma medida também como um plano de aposentaria.

> Ele sempre deve esse desejo de ser pastor de uma igreja, aí surgiu a oportunidade e, também porque ele não sabe até quando ele vai conseguir continuar sendo pedreiro, porque querendo ou não é um serviço bem pesado, ele não sabe até quando ele vai ter saúde mesmo.

Depois que o pai começou a "trabalhar por conta", se distanciou da família de origem e os encontros com os parentes ficaram mais raros ("antes meu pai era mais próximo da família dele, porque trabalhavam junto, né, hoje, é mais cada um na sua, a gente se encontra tipo quando vai comemorar um aniversário, ou às vezes uma festa de natal, páscoa, mais pra essas coisas"). Ele passou a se concentrar mais em sua família nuclear e nas atividades da igreja.

Era com a família materna que Kaleb tinha maior ligação. Antes do nascimento do irmão, quando a mãe trabalhava fora, ele frequentava a creche meio período; no outro período, ficava na casa da avó materno ou de uma das tias irmã da mãe. Depois, a mãe passou a se dedicar exclusivamente ao lar, mas ela de alguma forma sempre estava com os filhos na casa da mãe dela ("a gente sempre morou perto e minha mãe faz questão de sempre ir lá na minha vó, hoje eu já não vou tanto mais").

Na infância, Kaleb sempre teve uma relação mais próxima com a mãe e com o irmão. Suas tardes eram sempre na companhia dos dois. ("Eu nunca fui muito de sair para a rua, nada. Minha mãe sempre gostou, tipo, de ficar em casa e colocar a gente no mesmo período [da escola] pra gente ficar junto."). Como os pais não permitiam que os filhos brincassem na rua, como era comum no bairro onde moravam, eles se ocupavam primeiramente das tarefas escolares e depois assistiam televisão e brincavam, na companhia da mãe.

> Então à tarde a gente passava com a minha mãe, fazia a tarefa primeiro e então a gente sempre assistia sessão da tarde, comia pipoca, a gente ficava brincando junto com a minha mãe, sempre mais junto os 3.

Com isso, Kaleb relatou que sempre foi muito próximo do irmão e da mãe por permanecerem muito tempo juntos. Contudo, com o passar do tempo, essa proximidade ao irmão diminuiu ("hoje em dia não são mais tão próximos [...] não converso muito mais com ele"). As atividades cotidianas e os horários diferentes contribuíram para essa mudança. Kaleb mencionou que chegava cansado e que eles não tinham mais tanto tempo para interagir. A separação física dos quartos também pareceu simbolizar e reforçar essa distância. O que os unia, à época das entrevistas, eram as atividades relacionadas à igreja, onde ambos tocavam instrumentos juntos ("na hora que a gente vai tocar, é quando a gente tá mais envolvido").

Na infância, o horário de convívio com o pai se restringia entre o jantar e a hora de dormir. Mesmo assim, ele se lembrou que o pai sempre foi muito de brincar. O tempo reduzido que tinham juntos, era preenchido por brincadeiras, como jogar bola no quintal, mesmo que ele

estivesse cansado (“então com ele, na minha infância, que eu me lembro mesmo assim, de situação da gente estar brincando mesmo”).

Conforme foi crescendo, as brincadeiras foram sendo substituídas pelos momentos de conversas. Kaleb relatou que, com a mãe, ele sempre foi mais próximo (“Eu sempre fui muito grudado com ela”) e tinha mais intimidade para conversar com ela sobre qualquer assunto, uma relação que ele caracterizou como “muito aberta e de falar sobre tudo”. Já com o pai, ele disse que as conversas aconteciam durante o jantar, mais relacionadas ao que se passava durante o dia.

Kaleb destacou que seus pais atribuíam um lugar essencial à atenção e ao diálogo, além de se posicionarem contrários aos castigos físicos. Ele se lembrou que a única vez que ele e o irmão receberam um castigo físico do pai foi voltando da igreja, ainda dentro do carro. Ele não se recordou exatamente o motivo e a idade, mas supôs que fosse por ter brigado com o irmão e não aconteceu novamente.

> Meu pai bateu na gente uma vez, eu não lembro porque, mas foi só essa vez, depois nunca mais também. A gente deve ter feito brigado. Eu devo ter brigado com ele, não lembro. Meu pai não é nem de gritar com a gente. Minha mãe às vezes dá uns berros, mais com o meu irmão. Mas bate, não. Ele sempre fala que grita não serve pra nada e bate muito menos. [...] Acho que é mesmo, isso. Quando meu pai chama a atenção, vixi, é loco.

Após a mudança de igreja, as conversas em família passaram a ter como pauta central questões relacionadas aos cultos e demais atividades religiosas, demonstrando o quanto a rotina de toda a família se mobilizava em torno da igreja.

> A gente conversa mais agora sobre o dia a dia, tipo como foi o dia ou conversa sobre os assuntos da igreja, sobre, por exemplo, ah, tá acontecendo isso, como vai ser? Por exemplo, tem culto? Já decidiu as músicas? Meu pai, vai perguntando aí a gente vai falando sobre essas coisas, mais da igreja mesmo.

Como a família sempre esteve em alguma medida dedicada às atividades ministeriais, o tempo de lazer exclusivamente em família, durante a infância de Kaleb, sempre foi escasso no dia a dia. No entanto, conseguiam ter períodos de férias e viajar em família para casa de parentes, o que se tornou mais difícil após iniciarem as atividades na igreja nova.

> A gente tinha o costume de viajar antigamente, viajar umas 2 ou 3 vezes para o Paraná numa casa de uma tia minha. A gente viajava pra lá, a gente saía mais nessa época porque não tinha tanta responsabilidade com a igreja. Com as coisas lá, a gente tinha mais liberdade, não que a gente não tenha liberdade, né? Mas, assim, a gente ficava mais tranquilo com essa questão de poder sair tudo, a gente saía mais. Mas sempre essas atividades assim, de sair pra passear ou ir no shopping era menos.

Nessa época, a família costumava sair junto apenas em ocasiões especiais, como em dia de aniversário ou durante as férias escolares. Outros passeios que faziam, normalmente, envolviam outras pessoas da igreja junto.

> A gente sempre teve o costume de ir, por exemplo, aniversário, a gente saia junto em algum lugar ou uma vez ou outra nas férias ao mesmo, assim, quando tava mais tranquilo de tempo. Sempre foram mais ou menos essas atividades assim, que nem, se tem alguma demanda da rotina da igreja ou, se não, uma atividade de sair com o pessoal da igreja, todo mundo vai junto. Era mais isso do que a gente sair sozinho. Aí ainda, tem esses tipos de compromisso também, assim, de sair com as crianças da igreja, aí ia todo mundo junto pra passear com o grupo. Não sei, acho que meio que era isso, daí sempre foi todo mundo junto, mas sempre assim vai com todo mundo junto que é da igreja.

Em função das atividades ministeriais na igreja nova, que demandavam o final de semana inteiro de toda a família, eles passaram a sair juntos durante a semana com o intuito de terem um momento dedicado a estarem juntos ("de semana a gente sai, vai no cinema ou vai no shopping andar um pouco, tomar um sorvete, comer alguma coisa. Acho que mais isso mesmo. É que agora tá bem correria, né? Aí, a gente tira um tempo só nosso"). Os passeios, na maioria das vezes eram para ir ao shopping e ao cinema, quando havia alguma exibição cinematográfica cristã ou filmes da Marvel em cartaz ("A gente vai toda vez que tem algum filme cristão e Marvel, porque meu irmão gosta muito"). Mesmo sendo bastante exaustivo para Kaleb passar o dia na escola e depois estar com a família, ele se esforçava para comparecer, com isso agradar os pais e não frustrar as expectativas deles de reunir a família.

> Eu cheguei correndo, tipo tarde já, tava com medo de não dar tempo e ter que falar 'acho que não dá tempo'. Eu falei, não, se a gente falou que a gente vai, a gente vai. Aí, eu consegui chegar, tomei banho, tudo. Corri. A gente foi e ainda deu tempo de ir no cinema, eu não lembro mais que filme era, não faz tanto tempo assim, mas eu dormi no meio do filme, mas fui. Mas eles têm essa prática, às vezes de sair pra não ficar também, só isso, a coisa cansativa de sempre, a mesma rotina, mesma rotina sempre.

### 4.2.1. O início do envolvimento da família com a religião evangélica: a conversão dos pais

Kaleb designou seus pais como "bem certinhos" mesmo antes de se tornarem evangélicos ("eles sempre foram bem certinhos, mesmo eles tendo se juntado, não era de beber, sair pra festa, essas coisas. Ia assim numa coisa ou outra mais tranquila"). Segundo ele, os pais já tinham comportamentos e valores semelhantes aos que são pregados no âmbito da igreja evangélica. O lazer do casal acontecia em família, não frequentavam muitas festas e não bebiam. Após se batizarem, começaram a desenvolver uma série de atividades na igreja ("eles

falam que já começaram assim fazendo um monte de coisa. Sempre, diáconos[47], os dois e aí meu pai se formou pastor no ITQ[48]").

O casamento religioso dos pais de Kaleb aconteceu no mesmo final de semana em que se batizaram na igreja evangélica, como forma de regularizar a relação dentro dos princípios da nova adesão religiosa e iniciar o ministério[49]. As famílias de ambos eram católicas não-praticantes, as idas ao templo eram em ocasiões de celebrações e ritos como batizados, casamentos e funerais ("tem os que são católicos, mas não praticam, acredito eu, mas, tipo, porque tem essa coisa de tem que batizar a criança pra poder casar, e as festas que tem na igreja, ou sei lá, casamento, velório, só isso que eles participam"). A mãe tem uma irmã que se converteu à religião evangélica, pouco tempo depois que ela. Mais recentemente, o tio (irmão da mãe) e a esposa também se converteram e levam as filhas pequenas para frequentar a igreja. Por parte do pai, a tia dele se converteu, embora não se lembre se foi através do pai, mas ela também passou a frequentar a igreja evangélica.

Kaleb não soube precisar detalhes sobre o envolvimento que os pais tiveram com a Renovação Carismática na juventude, mas diferente das famílias de origem, eles frequentavam a missa e chegaram a participar de grupos de jovens dessa vertente do catolicismo. A mãe foi a primeira da família a se converter, depois aos poucos levou o então namorado, pai de Kaleb. A conversão dela aconteceu após ter contato com a mensagem cristã-evangélica em seu local de trabalho. Kaleb contou que a mãe tinha muitos problemas em casa e uma colega de trabalho, que era evangélica, escreveu uma oração em um papel para que ela lesse todas as vezes que as brigas em sua casa começassem. A partir disso ela começou a se interessar pela religião evangélica.

Ela encontrou acolhimento na Igreja do Evangelho Quadrangular e desde então se fixou nessa denominação. Alguns membros dessa igreja fizeram reuniões na casa dos pais dela e

---

[47] Os diáconos e as diaconisas são responsáveis por auxiliar na administração de vários aspectos do culto e da vida da igreja. Eles podem ajudar na preparação e distribuição da Santa Ceia, na recepção e acolhimento dos membros e visitantes, e na organização de eventos e atividades da igreja. Colaboram com o pastor e outros líderes da igreja, oferecendo suporte em questões pastorais e administrativas, podem ajudar na visitação de enfermos, no aconselhamento e na oração pelos membros da congregação.

[48] O ITQ, ou Instituto Teológico Quadrangular, é a instituição oficial de ensino teológico da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) no Brasil. O ITQ tem como objetivo principal a formação e capacitação de líderes, pastores, missionários e membros da igreja, oferecendo cursos teológicos e ministeriais que abrangem diversas áreas do conhecimento bíblico e teológico.

[49] Para a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), o "ministério" refere-se ao serviço cristão e às funções desempenhadas por indivíduos chamados e capacitados para liderar e servir dentro da igreja. Esse conceito abrange uma ampla gama de atividades e responsabilidades, todas focadas na promoção do evangelho e no cuidado espiritual e físico dos membros da congregação e da comunidade em geral. In: https://quadrangular.com.br/ Acesso em 02 de maio de 2024.

oraram por sua família, e isso a impactou profundamente (“ela falou que o pessoal foi fazer umas reuniões na casa dela, tipo as células que têm hoje, mas não chamava célula e ela foi muito tocada com isso e começou a ir na igreja”). Na mesma época, ela saiu da casa dos pais e foi morar com o pai de Kaleb, que aos poucos, notando o envolvimento da companheira com a igreja, começou a acompanhá-la nos cultos. Passado pouco tempo, o casal participou de um acampamento religioso e decidiram se batizar. E se casaram no mesmo final de semana.

> Sempre ficaram juntos e foi nesse período entre ensino médio e minha mãe veio para a igreja, que ela se converteu e meu pai também. Logo em seguida que daí faz, vai fazer 22 ou 21 anos que eles se converteram, já que estão na igreja, que é o tempo de casado deles também. Tipo eles casaram, batizaram, casaram num dia e batizaram no outro.

Assim, quando Kaleb nasceu, os pais já eram convertidos e estavam vinculados à religião evangélica, sempre atuantes nas igrejas em serviços de apoio aos pastores. Ele precocemente foi socializado no meio evangélico e suas experiências religiosas sempre estiveram imbricadas ao convívio do seu núcleo familiar. Na juventude, quando o pai optou por se tornar pastor interino e iniciar uma igreja, novos sentidos foram dados a essas experiências familiares-religiosas, como veremos a seguir.

### 4.3. Experiência religiosa em família à “Top 10 mais cristão da sala”

> Sou evangélico mesmo, assim, que eu acredito bastante desde sei lá. Desde sempre. Meus pais, eles namoravam, se converteram, se casaram, batizaram e estão na igreja. Então, desde que eu nasci, eu vou à igreja. Fui apresentado acho que não tinha nem um mês. Tipo, sempre fui, como eu sempre frequentei, eu já prestava atenção, tudo, participava de todas as atividades, então já fui entendendo as coisas.

Kaleb viveu sua infância e início da juventude (até o momento das entrevistas), em um universo popular com fortes vínculos religiosos em que os pais acompanhavam de perto o comportamento do filho e as relações eram cuidadosamente escolhidas por eles. Ele designou a si mesmo como cristão de berço e não soube precisar o momento de sua conversão.

Considerou-se convertido desde sempre, por não ter efetivamente vivido a conversão no sentido de ruptura com um passado de pecados. Para exemplificar a socialização religiosa precoce, a qual foi submetido, ele contou que foi a*presentado*[50] na igreja no seu primeiro mês de vida e, tão logo, inserido nas diversas atividades oferecidas para as crianças no âmbito das igrejas evangélicas.

[50] Na Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), a apresentação de bebês é uma prática comum que tem como objetivo dedicar a criança a Deus e pedir as bênçãos divinas sobre sua vida. Esse ato não é considerado um sacramento ou um batismo, mas sim uma cerimônia de consagração e bênção.

Nessas atividades, ele “sempre participava certinho”, com bom comportamento, respeitando as normas, correspondendo às expectativas dos adultos. Com isso, ele se destacava entre as demais crianças, era sempre o escolhido para ir à frente da congregação e representar o grupo infantil.

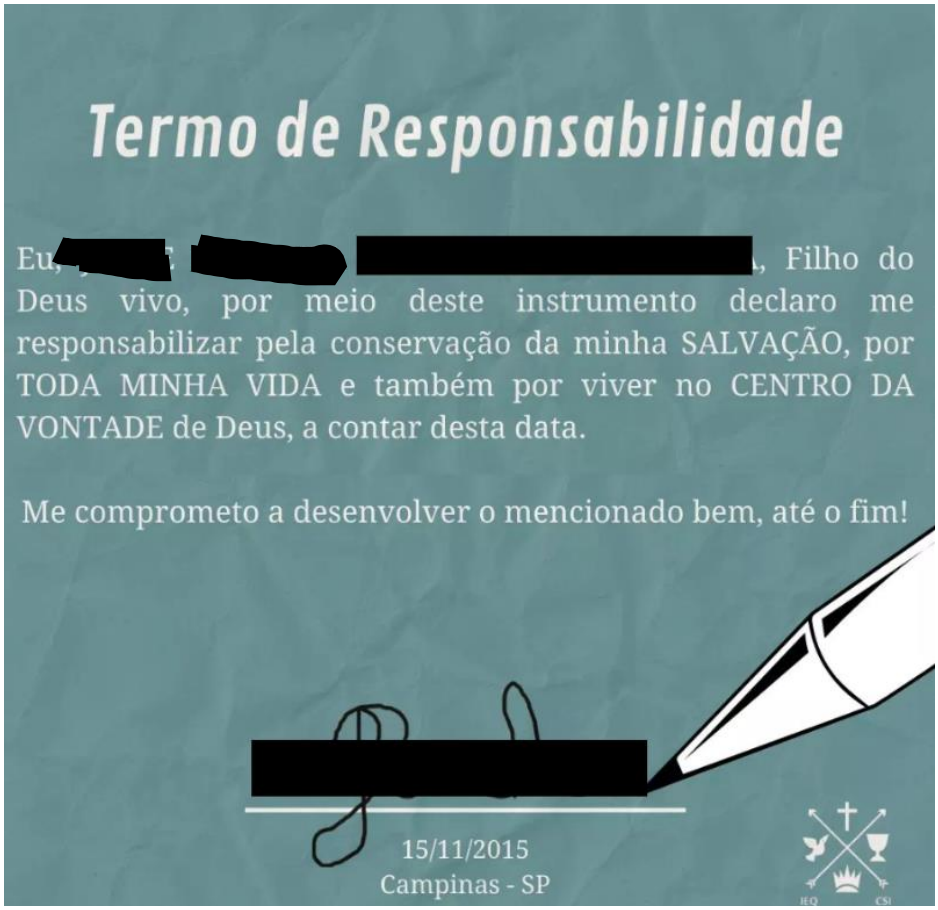
> Eu sempre participava certinho no grupo de crianças, não ficava fazendo bagunça, aí sempre me colocavam pra fazer alguma coisa. Essas coisas bobinhas quando escolhem uma criança pra ir na frente, assim, tipo, ler um versículo, cantar lá frente, e eu ia.

Ao mesmo tempo, em que se considerou convertido desde tenra idade, afirmou que foi por volta dos 10 ou 11 anos de idade que passou a ter mais consciência da religião que pretendia seguir, demonstrando sua crença na conversão como escolha individual (“Mas que eu comecei a ter noção das coisas. Foi por aí, nos 10 ou 11 anos, mas só que como é a criança, não tem aquele entendimento”). Isso porque, para a religião evangélica, como dito antes, a conversão tem um sentido de “novo nascimento” e está relacionada ao batismo, que requer ser escolha individual. Nessa fase da vida de Kaleb, foi marcante para ele as participações em acampamentos voltados ao público de sua idade – denominado de *juniores*, no âmbito da IEQ, além dos primeiros contatos com o *louvor* e interesse pela música.

> Daí quando eu tava mais ou menos nessa idade, 10 ou 11 anos, comecei a ter mais entendimento, prestar mais atenção e daí participar dos acampamentos, as coisas, e foi quando realmente eu, pra mim, eu considero, né, que eu, não que eu me converti, mas que eu passei a realmente acreditar certinho nas coisas.

Kaleb foi batizado aos 13 anos, quando atingiu a idade mínima adequada para o batismo, segundo as normas da igreja local que frequentava. Em postagem feita no ano de 2023, ele resgatou a imagem do *Termo de Responsabilidade* que assinou na ocasião de seu batismo.

**Imagem 22. Termo de responsabilidade pela Salvação assinado por Kaleb em 2015.**




Fonte: Página pessoal do Instagram de Kaleb.

Foi o interesse pela música que consolidou o envolvimento de Kaleb com a igreja. Para que ele participasse do grupo de louvor no culto principal – o de domingo à noite – ele passou por um processo entre aprender um instrumento, se batizar e se aproximar dos membros do grupo.

Aos 10 anos, pediu ao pai para iniciar aulas de bateria (“eu ficava vendo a bateria e achava muito legal”). O pai logo encontrou um professor também evangélico para dar aulas ao filho (“aí eu fui fazer na quadrangular do Via Norte, que tinha um rapaz da igreja que dava aula pro pessoal lá, na bateria da igreja. Depois, ele montou o estúdio dele na casa dele, e aí eu ia lá”). Após, três anos de aulas e, já batizado, ele começou a se envolver no grupo de louvor da igreja, algumas vezes cantando em apresentações.

Aos poucos, ele foi construindo um vínculo maior com o corpo de membros do louvor. Por meio de brincadeiras ao final dos cultos, ele interagia e mostrava que sabia tocar, portanto, estava apto a fazer parte do grupo. Até que, então, foi chamado para tocar bateria no ministério de louvor. Contudo, pouco tempo depois, sua família mudou de igreja, mas o *louvor* continuou sendo o seu principal *ministério* de atuação, até o momento das entrevistas.

> Tanto é que eles começaram a me colocar para cantar junto com o pessoal, tipo, às vezes, uma apresentação na igreja colocou para cantar junto com todo mundo, só que só estava lá, e aos pouquinhos, como eu sabia tocar um pouco bateria, às vezes eu ia lá no final, tipo, terminava o culto, aí eu ia lá e brincava com eles um pouco. Daí aos pouquinhos eles foram colocando. Eu comecei a me envolver no louvor no grupo de jovens. Depois que passou isso, a líder do louvor mesmo, da igreja, ela chamou pra tocar, e foi quando eu comecei a tocar no louvor da igreja, só que daí já tava perto da gente sair. Daí a gente veio pra igreja nova, aqui eu comecei a tocar violão, cantar e fazer outras coisas.

Com a mudança para a igreja nova, Kaleb começou a experimentar outras formas de participação. Ele desempenhava diversas funções, demonstrando um alto nível de envolvimento e responsabilidade em diferentes áreas. Como inicialmente o corpo de membros era a sua e outras duas famílias que foram transferidas da igreja anterior para auxiliar na liderança, o pai delegou funções extras aos filhos.

Por ter a música um papel crucial na liturgia e na vida comunitária das igrejas evangélicas, a participação de Kaleb nesse ministério indicava sua multifuncionalidade e disposição para servir em diversas áreas. Seu irmão assumiu a bateria e ele começou a tocar violão, cantar e ministrar o louvor, ocupando assim a posição principal, chamada de *ministro de louvor*[51]. Kaleb assumia também novas responsabilidades, sendo desafiado a expandir suas capacidades.

Ele mencionou que seu pai, como pastor, testava suas habilidades ao atribuir-lhe mais tarefas. Um exemplo concreto dessa expansão de responsabilidades foi a preparação que ele estava fazendo por volta dos dias da entrevista para conduzir um culto e levar a palavra em um evento que aconteceria na igreja nova, o qual reuniria os jovens locais e os jovens de uma outra IEQ. Este envolvimento incluía a pesquisa e a organização da mensagem que ele iria apresentar, atividades que exigiam habilidades de comunicação e organização do tempo de fala.

> Olha, eu fico mais no campo da música na minha igreja, ela é pequena e a nova meu pai assinou com o pastor lá eu ajudo mais nessa questão. Só que agora ele tá colocando como eu falei que eu estou liberando a célula, eu tô. Ele tá colocando a gente fazer mais coisas. Tá me testando, né?
>
> Por exemplo, dia 26, agora vai ter um evento, vai ter um culto lá e provavelmente eu vou levar a palavra, meu culto, então acho que essa questão de pesquisar e colocar a escrever ajuda bastante que eu consigo, que eu gosto

[51] O ministro de louvor lidera a congregação em canções de adoração e louvor durante os serviços religiosos. Isso inclui selecionar músicas, organizar a ordem do culto e conduzir a congregação em momentos de adoração. Ele coordena e ensaia com a equipe de louvor, que pode incluir vocalistas, músicos e técnicos de som. O ministro de louvor garante que todos estejam preparados e que a música seja executada de maneira harmoniosa e inspiradora. Seleciona canções que se alinham com a mensagem do sermão ou o tema do culto. A seleção de músicas é feita com sensibilidade para o contexto da igreja e a cultura da congregação.

> de pesquisar, daí apresentei uma palavra que eu não sei o que que é, eu vou atrás, eu gosto de usar essas coisas pra explicar. Fazer uma organização assim, da fala, eu acho bem legal.

**Imagem 23. Kaleb durante a pregação em evento que reuniu jovens na igreja nova.**

Fonte: Página pessoal do Instagram de Kaleb.

Durante o ensino médio, ele relatou que não era um bom leitor como foi no ensino fundamental (“Eu sou um péssimo leitor, antes eu lia mais, agora no médio, não peguei quase nada pra ler. Eu li mesmo inteiro. Aí teve o Cortiço e o Quarto de Despejo, pra fazer um trabalho em grupo”). Raramente ele lia os livros completos indicados pela professora de literatura, algumas vezes só pegava os resumos para poder participar dos debates. (“Agora mesmo semana que vem ela vai começa um debate sobre um livro, “Minha vida de menina”, uma coisa assim. Eu nem relei a mão nesse livro, eu vou ter que correr atrás agora esse final de semana.”). Quando se tratava de livros cristãos, ele lia mais, contudo, também eram leitura condicionadas à quando ele precisava preparar uma mensagem, ou um estudo para a célula.

> Eu tô preparando o estudo para poder trazer lá no daí eu tenho que ler, eu tenho que procurar porque eu não posso falar sem saber exatamente isso, acaba incentivando a ler mais, a procurar mais

Kaleb participava ativamente, ainda, de células de jovens e adultos. Havia uma célula de jovens que ele liderava, aos sábados, e também participava de uma célula de adultos, que se reunia nas quartas-feiras. Esta estrutura de células, ou pequenos grupos, como dito antes, é uma característica comum em muitas igrejas evangélicas, facilitando a comunhão e o crescimento espiritual entre os membros. Na igreja nova, Kaleb explicou que a atuação em célula estava sendo fundamental para que a igreja ampliasse seu número de membros.

> Tem uma célula de jovens em casa e às vezes tem uns eventos da igreja por regional. As coisas assim, daí eu acabo participando de jovens e adolescentes também. Fora isso não tem nenhuma outra atividade que eu faço assim eu tenho a célula na sua casa, tenho a de jovens. Já adultos que eu também participo, que hoje, por exemplo, vai ter, quarta-feira, e tem a de jovens que é de sábado, que eu sou líder. Daí eu participo, na célula de jovens que começou faz mais ou menos um mês, então como a gente tá em poucas pessoas, a gente se reúne na célula, por enquanto.

Na sala de aula, seus colegas sabiam que seu pai era pastor, que ele morava nos fundos da igreja e, que acumulava funções diversas na igreja. Ocasionalmente, isso era motivo para ele dispensar algum convite de programações com os colegas no final de semana, virando alvo de *zoeira* entre os amigos. Quando o questionei sobre ter vivido algum tipo de discriminação na escola, ele disse que não. Se lembrou apenas da brincadeira dos colegas que lhe rendeu o topo da lista de mais cristão da sala e, a partir disso foi apelido de *Top 10 cristão*.

> Não, não me senti discriminado, mas tem aquelas brincadeiras. Que nem essa semana? Não faz muito tempo. O pessoal lá da sala começou a fazer, tipo, umas listinhas de quem era mais não sei o que. Daí, sei lá, eles não tinham mais o que inventar. Aí começou, o mais sei lá o que, sei lá, o mais nerd, o mais alguma coisa. Tudo vira zoeira, aí eles deram pra mim o mais cristão. Fiquei no topo da lista. Daqui um pouco tavam me chamando de Top 10 cristão. Mas, assim, de brincadeira, essas coisas, mas foram bem na esportiva, então não ficaram tipo, toda hora falando. E, também, porque eu brinco muito com todo mundo.

### 4.4. Experiências escolares: Um aluno bom quando se "esforça"

Com frequência nas entrevistas, Kaleb ressaltava que quando ele se esforçava, era um bom aluno e alcançava prestígio escolar. Ao longo de sua trajetória, ele foi considerado um estudante de destaque em notas, entre outros aspectos valorizados pelas escolas que estudou. Kaleb afirmou que teve um desempenho acadêmico melhor em anos anteriores ao último do ensino médio. Quando as entrevistas foram realizadas, ele reconheceu que estava mais *relaxado* – para não dizer desleixado – o que afetou seu rendimento. Ele avaliou que seu desempenho estava diretamente relacionado ao seu esforço: quando se dedicava, considerava-se um bom

aluno, mas quando *relaxava*, sua performance tendia a diminuir. Demostrando ter incorporado a valorização do mérito pessoal.

> Ah eu já fui melhor, esse ano também tô mais relaxado, mas eu me considero um bom aluno quando eu me esforço, eu sou um bom aluno, mas quando estou relaxado, não. Nas outras escolas era um bom aluno, agora eu tô bem mais ou menos.

Nascido na região do Vila Padre Anchieta, Kaleb frequentou a creche e a pré-escola (antiga educação infantil) em uma escola desse bairro. Na pré-escola, que correspondia ao que atualmente é o primeiro ano do ensino fundamental, ele aprendeu a ler e fazer as primeiras contas de matemática. No ano seguinte, Kaleb iniciou o ensino fundamental em uma outra escola perto de sua residência.

Devido às mudanças curriculares da época, Kaleb iniciou direto no segundo ano, na transição para o ensino fundamental. Ele contou que a mãe não gostou da escola (“minha mãe não gostava muito de lá, a qualidade não era boa por causa do ambiente do bairro”), e então o transferiu para outra instituição localizada no bairro vizinho (Jardim Ipaussurama), bairro em que os pais de Kaleb cresceram e onde vivia a maior parte da família. A mudança de escola para um outro bairro, assim como a sanção da mãe em relação aos filhos brincarem na rua com a vizinhança, demonstram o cuidado e controle da mãe em relação às amizades do filho.

A escola em que ele estudou era a mesma que os pais estudaram. Ele permaneceu do terceiro ao nono ano, completando todo o ensino fundamental. Além das famílias materna e paterna viverem próximos à escola, a igreja que eles frequentavam pertencia ao mesmo bairro. Com isso, apesar de não morar no bairro da escola, todos os convívios dele durante a infância aconteciam nesse território. Ele relatou que, ao ingressar no terceiro ano nessa escola, teve muita facilidade em fazer amizades por conhecer vários colegas de sala que eram da mesma igreja.

> Eu lembro quando eu fui para a escola do Ipaussurama, que quando eu mudei do segundo pro terceiro ano, eu lembro que porque como eu e meus pais íamos na igreja de lá, eu já conhecia algumas crianças da igreja que frequentava e tavam na escola, então, quando eu mudei para lá, coincidentemente tinha algumas na minha sala, então já conhecia o pessoal. Daí acabei me enturmando com o pessoal lá. O pessoal também era bem amigável assim, né? Então, acabei fazendo amizade fácil com o pessoal.

Os amigos que Kaleb fez ao ingressar no terceiro ano permaneceram, em sua maioria, unidos até o nono ano do ensino fundamental. Nos três primeiros anos, a turma da sala de aula permaneceu a mesma. Ele relatou que a turma, no início do terceiro ano, foi identificada como sendo uma turma de baixo rendimento escolar e com dificuldades de aprendizagem e, diante

disso, a escola optou por destinar uma professora que acompanharia a turma nos três anos seguintes (“minha sala foi meio considerado uma sala que não era uma sala tão boa, tipo, os alunos tinham bastante dificuldade e teve uma professora que ela pegou na sua sala pra ficar com 3 anos seguidos com nossa sala.”). Assim, a turma ficou quase inalterada até o quinto ano. Isso contribuiu para que eles constituíssem fortes laços de amizade e mesmo depois as amizades persistiram (“quando a gente foi para séries seguintes, a sala acabou, tipo, perdeu um pra cá, mas nas outras salas a gente nunca deixou de se ver, porque como ficou esse tempo todo junto, então o pessoal lá foi crescendo junto, sempre foi bem amigo”).

Ao longo de sua trajetória escolar, Kaleb sempre foi reconhecido como um aluno competente e comprometido. Desde os anos iniciais, estava entre os alunos que se destacavam na turma (“eu era um dos alunos que sempre estava entre os que se destacavam da sala na época. Sempre fui um dos bons alunos assim da sala.”). Ele se lembrou que as reclamações dos professores sempre foram relacionadas exclusivamente às conversas em sala de aula, que podiam atrapalhar mais o andamento da turma do que a ele próprio (“isso eu sempre fui mesmo de conversar demais, mas nunca reclamaram de mais nada de mim assim, só de conversa mesmo”). Ele se destacou ainda em modalidades esportivas.

As posições de destaque que Kaleb ocupou colaboraram para que ele fosse considerado entre os melhores estudantes da escola. Com isso, foi escolhido para visitar a Unicamp e participar do CAFin - Ciência e Arte nas Férias de Inverno. Oportunidade que o levou a uma experiência de descoberta de um outro mundo social e reflexão sobre seus projetos para o futuro.

Kaleb relatou que no ensino fundamental “gostava muito de ler, mais do que no ensino médio”. Na escola, a professora que permaneceu com a turma por três anos seguidos construiu junto aos alunos o hábito de um momento de leitura diária em sala.

> Quando era mais novo, eu gostava bastante de ler. Hoje em dia eu não sou mais tão bom leitor. Assim, ah, mas eu sempre gostei mesmo de fazer conta. Essa parte de exatas sempre me chamou mais atenção. Eu gostava de ler gibi, gibi da Mônica, sempre da Mônica. [...] Que eu me lembro mesmo é dessa professora minha, dos 3 anos que ela pegou. Ela tinha costume de ler, eu lembro até hoje que ela lia Diário de um Banana pra gente na sala. Então, tipo, eu sempre tinha um momento de manhã, que a gente lia uma meia hora, assim ela lia e dava esse tempo de a gente ler.

Kaleb não se lembrava de ter livros infantis em sua casa durante a infância, apenas a bíblia (“A gente tinha bíblia em casa, hoje em dia que a gente tem mais livros”). Raras vezes compraram revistinhas de colorir que eram vendidas no supermercado em uma seção próxima aos caixas (“Eu pegava gibi na biblioteca, eles nunca foram de comprar. Só compraram uma

vez ou outra daquela [revista] Picolé, que tem atividade de colorir, que eu pedia"). As revistas em quadrinhos que Kaleb tinha acesso eram empréstimos da biblioteca da escola. Incentivado pela escola, ele levava para casa livros todas as semanas e a mãe lia junto o que ele levava.

> A escola sempre incentivou a gente ir na biblioteca e levar para casa. Tinha biblioteca, eu gostava de ir lá. Aí em casa eu lia com a minha mãe. Ela acabava lendo junto. Até hoje, eles fazem isso, meu irmão ainda tá lá e é assim. Eles fazem bastante disso. Daí eu pegava bastante gibi na biblioteca para ler. Livros também, mas era mais gibi.

A mãe costumava ainda verificar os cadernos e ajudar com as tarefas escolares ("sempre foi bem assim de olhar caderno, ajudava a fazer as coisas"). Exigia que o filho fizesse toda a tarefa antes de assistir televisão ou ir brincar. Manter o filho ocupado nos períodos em que não estava na escola e longe da vizinhança era uma preocupação da família.

> Acho que o oitavo ou sétimo ano eu fazia escolinha de futebol. Eu jogava quase todo dia de manhã, porque eu estava à tarde. Então de manhã eu tinha treino e sábado eu jogava campeonato e teve uma época um pouquinho antes de eu fazer escolinha de futebol. Eu fiz atletismo do projeto da prefeitura numa praça que tinha no centro, daí eu ia. Era uma mulher da igreja que trabalhava na prefeitura que conhecia. Então ela passava perto de casa, então, acaba indo com ela, participava dos treinos de atletismo. Tudo pra mim não ficar em casa à toa.

Para manter o filho ocupado nos períodos em que não estava na escola, dos 10 aos 15 anos, Kaleb fez escolinha de futebol e de atletismo fora da escola, em projetos da prefeitura municipal de Campinas. Kaleb chegou a participar de provas de atletismo, mas o futebol, era a prática que ele se destacava e se sentia mais motivado, por também estar vinculado ao time da escola ("Ah, do futebol, eu sempre gostei mais, né. Porque eu acabava jogando na escola também"). Nos últimos anos do ensino fundamental e no ensino médio, ele jogou pelos times que representavam as escolas.

Sua família não costumava acompanhar os campeonatos de futebol televisionados e davam pouca importância para essa prática do filho. Kaleb também afirmou nunca ter sido um "grande torcedor", porque sua família também não era. Ao mesmo tempo, ele emprestava parcialmente o estilo e alguns adereços de identificação de futebolista, sob influência do seu grupo de amigos do time da escola. Ele usava camisetas de time futebol, gostava de ter um "tênis bacana", ou usava chuteira mesmo fora da hora de jogo e adotou um estilo de sobrancelha que estava em alta entre grandes jogadores internacionais.

No último ano do ensino fundamental, o time da escola foi campeão nos Jogos Interescolares Municipais (JIM) de 2016, com Kaleb jogando na posição de zagueiro. Individualmente, ele foi muito elogiado por sua atuação, segundo seu próprio relato, chegando

a ser entrevistado pela emissora de TV local. De fato, os comentários entre os amigos do GC confirmavam suas habilidades no esporte.

**Imagem 24. Kaleb com troféu de campeão do JIM 2016.**

Fonte: Página pessoal do Instagram de Kaleb.

Além do destaque no futebol, Kaleb se destacava por ser um aluno com facilidade para aprender, interessado e, principalmente, bem relacionado com os professores e com a turma. Isso porque ele era um aluno participativo e se interessava em participar das aulas, ainda mais quando se tratava de propostas mais interativas ou que exigisse "pôr a mão da massa" ("me elogiavam por ser bem participativo, mas é que eu acho mais fácil aprender quando faço isso, sabe. Eu aprendo melhor assim."). Ele contou que a professora do terceiro ano do ensino fundamental estimulava muito a participação dos alunos nesse sentido. Kaleb relatou que ela utilizava uma dinâmica em que o professor e os estudantes interagiam entre si, construindo uma relação menos verticalizada e em interação com os objetos de conhecimentos, destacando os seus sentidos mais práticos.

> Ela era uma professora que ela era bem em cima com as coisas, mas ela explicava muito bem, tipo que nem essa questão que eu falei que a gente lia e

> ela chamava a atenção pra gente falar, ela tinha bastante disso, porque eu lembro um pouco assim, mas lembro que eu gostava das aulas dela, porque como era fundamental, ela acabava passando todas as matérias assim, então, tipo, ela tinha isso de saber prender a atenção da gente. Colocando a gente sempre pra participar, comentar, essas coisas.

Chamou a atenção que essa forma de aprender se manifestou em outras situações que ele lembrou e que foram momentos de aprendizagem significativa para ele ao longo de sua escolarização. Demonstrando que as relações interpessoais construídas com os professores e com a turma mobilizavam sua participação em sala. Professores como a Daisy de ciências no nono ano, a Carol de filosofia e história, e o professor de geografia, os dois últimos do ensino médio, foram citados como exemplos de docentes que adotaram esse método mais interativo.

> Depois, quando tava no nono ano, tinha uma que ela também era bem assim, uma professora de ciências, a Daisy, ela acabava fazendo bastante isso. A gente interagir bastante com ela também durante a aula. É algo que eu acho bastante legal, tipo, gosto bastante porque chama atenção da gente pra participar, falar, e aqui tem um dos professores que são assim, tipo a Carol de filosofia, de história, ela é meio assim e também de chamar atenção da gente para participar das aulas, eu acho assim bem melhor do que ir lá encher a louça ou ficar só falando. [...]Tem um professor que ele dava pra gente ano passado Geografia e esse ano ele não pegou a gente. Esse ano, é o Leandro, ele é um professor bem tranquilo assim, mas eu gostava mais do outro. Eu gostava dele dando aula, porque ele é bem extrovertido. Assim com o pessoal, tudo, conversava com a gente e eu gostava bastante da aula dele.

Contudo, ele deu destaque maior a professora Lígia de artes, do primeiro ano do ensino médio. Ele a intitulo como sua favorita, pois “artes é um negócio que eu gosto também, é um assunto que eu gosto”, revelando sua afinidade pelas artes que se iniciou no ensino fundamental. Esse interesse se baseava na produção de algo (“eu gosto dessa coisa de produzir também”). Desenhar, em particular, era uma atividade que ele sempre gostou. As situações apresentadas revelaram ainda disposições para criatividade e para produção prática.

> A professora, a tia Lígia também, né? Aliás, era pra mim a melhor, eu gostava bastante dela, gostava bastante da aula dela também, ela só deu no meu primeiro ano, artes era só no primeiro ano. Porque artes é um negócio que eu gosto também, é um assunto que eu gosto, então gostava. Artes, assim, eu gostava muito porque eu gosto dessa coisa de produzir também. Porque que nem eu falei, eu gosto muito de ficar falando, falo muito, muito. Mas tem outra coisa que eu gosto muito, eu gosto de pôr a mão na massa. Fazer desenho era demais. Sempre gostei de desenhar bastante. Tipo, todo o tempo livre que tinha eu desenhava, quando era mais novo, hoje em dia não tem mais isso. Mas eu sempre tinha um caderno de desenho na bolsa, eu sempre desenhava muito em casa, na escola. Tanto é que as vezes eu não prestava atenção que eu ficava desenhando na aula.

Pode ser observada a atualização dessas disposições em outras situações escolares, como quando em seu TCC no ensino médio. Ele participou de todo o processo, mas afirmou

que sua contribuição com o grupo foi principalmente “colocando a mão na massa” para a execução da construção do protótipo que realizaram.

> Ela [amiga do grupo do TCC] veio com a ideia desde o primeiro ano da e ano passado a gente conseguiu executar. Eu ajudei principalmente na execução toda porque é uma coisa que eu gosto muito. Daí a gente desenhou como seria, pesquisou tudo e a gente montou um protótipozinho, pequeno. É um sistema para economizar água na hora do banho, economizar água e energia. Daí gente, montou um protótipo pequenininho nas nossas limitações. Aí esse ano, como a gente já teve experiência, sabia como ia ser a gente no começo do ano a gente embasou mais a pesquisa, pesquisamos mais a fundo, algumas coisas e o protótipo, depois a gente já sabia da dificuldade que ia ter algumas coisas a gente sabia como fazer.
>
> Então ficou bem melhor, né? A gente conseguiu desenvolver melhor o protótipo bem mais bonito esse ano do que ano passado, deixamos melhor, e a questão da funcionalidade também, funcionou melhor.
>
> Daí a gente concorreu na categoria da indústria, a gente ganhou primeiro lugar de indústria.

### 4.4.1. Ensino médio no Bentão

No nono ano do ensino fundamental, os professores da escola de Kaleb incentivaram os alunos a prestar os vestibulinhos para as escolas técnicas. Ele se lembrou que, não era comum, mas os egressos do ano anterior ao seu que passaram nos vestibulinhos tiveram suas fotos expostas em um banner. Essa iniciativa da escola ele considerou como uma forma de incentivar os estudantes também, mas destacou que os professores eram que mais chamavam a atenção para isso.

> A escola nem tanto, depois que esses entraram no ano anterior ao meu, eles começaram a incentivar. Eles fizeram o cartaz do pessoal que passou tudo, mas eram mais alguns professores que falavam que era legal tentar, mas a escola, a escola em si não era tanto. Depois que esse pessoal passou, o pessoal que era antes do meu ano, daí no ano seguinte, a gente passou aqui também, daí eles fizeram um cartaz, era um banner com foto da gente.

Com isso, somado aos incentivos do pai, que também foi aluno no Bentão, ele prestou o vestibulinho na Etec e no Cotuca, com o foco principal em cursar um ensino médio público de qualidade diferenciada em relação às outras escolas públicas estaduais. A escolha do curso pelo curso de eletrotécnica foi sugestão do pai.

> Meu pai, ele estudou aqui, ele fez técnico aqui também, ele não trabalha na área do técnico ele chegou a trabalhar 6 meses só, mas ele indicou aqui por ele ter estudado e era uma escola boa, porque como eu vim de escola pública, ele falou pra prestar o Vestibulinho aqui e do Cotuca e de outras escolas, porque se não eu ia acabar numa escola estadual perto de casa, daí lá eu cheguei a fazer matricula na escola, que chama Orozimbo Maia. Só que daí

> como eu passei aqui, a gente mudou. Porque lá na minha escola só ia até o nono ano. Eles mandam para essas escolas mais próximas lá.
>
> Foi mais porque ele indicou. Ele falou que era uma área que tava crescendo tudo e dentre os cursos eu parei pra olhar também. Acho que eu não teria afinidade assim. Os outros cursos, máximo eletrotécnica, que é quase a mesma área do de eletrônica, os outros cursos não me chamou tanta atenção também.

O ingresso ao ensino médio marcou a vida de Kaleb como o princípio de maior liberdade e independência, ainda que permanecesse sob a forte tutela da família. Na escola, sob menor influência familiar, ele experienciou a sociabilidade e o envolvimento no movimento estudantil, no time de futebol e no GC. Apesar da convivência com os evangélicos no GC, foi quando pela primeira vez ele teve maior desprendimento da família e da igreja para se relacionar com pessoas que não fossem evangélicas e, ainda, viviam o mesmo processo de se dedicarem exclusivamente à escola.

Ele destacou que o que mais gostava no Bentão era a liberdade e as oportunidades de se envolver em atividades extracurriculares.

> Eu gosto bastante porque eles dão bastante liberdade pra gente, pra gente poder assistir aulas ou não assistir aulas. Se a gente não quiser, a gente tem bastante liberdade pra isso aqui. E pra fazer bastante coisa, tipo no grêmio, no GC.

Dois aspectos contribuíram para a integração de Kaleb ao GC. A amizade com Maria, que fazia parte do GC desde o início que ingressou no Bentão, foi um fator importante para sua entrada no Grupo. Eles se conheceram no CAFin/Unicamp quando ainda estavam no nono ano do ensino fundamental e se reencontraram na Etec. Ela cobrava insistentemente que ele fosse ao GC, no início ele relutava porque nos intervalos de almoço era o momento que ele jogava futebol (“Ela ficava cobrando pra eu começar a ir. Até que eu comecei de quinta-feira também. Daí eu não parei de ir”). Outro fator significativo foi que, coincidentemente, pouco tempo antes da matrícula na Etec, seu pai foi pregar na IEQ frequentada pelo guarda da escola que orientou o pai incentivar o filho a participar do grupo (“Ele foi na quadrangular desse guarda, meu pai foi pregar lá e, então, quando a gente veio fazer a matrícula aqui, ele falou pro meu pai que tem o grupo cristão aqui na escola, tudo. Aí meu pai falava, vai lá, participa”).

Assim, desde o primeiro ano no Bentão, Kaleb participava esporadicamente no GC. No último, na companhia de Maria e Rebeca, ele assumiu como um dos líderes, mas suas funções estavam na maioria das vezes relacionadas com a música. Durante todo o ano, uma única vez ele levou a mensagem e conduziu uma dinâmica.

Quando ele estava no segundo ano, antes das eleições, Kaleb foi convidado a integrar uma chapa no Grêmio. Sua inclusão na chapa se deu após um processo de seleção no qual os

interessados eram avaliados e os melhores escolhidos. Ele foi selecionado e a chapa venceu. Kaleb viu nessa oportunidade uma forma de contribuir com sua comunidade escolar, especialmente porque já tinha afinidade com alguns membros da chapa.

> Ai eu sempre gostei assim, de ajudar o pessoal e estar envolvido nas coisas, daí eu vi uma oportunidade de estar ajudando ali e como era da minha sala, tudo conversei, ela achou que seria legal também ajudar como ela já me conhecia foi legal.

No Grêmio Estudantil, eu o vi participar mais vezes que no GC. Como membro da chapa eleita em 2019, ele auxiliava nos sarais. Ele desempenhava um papel organizacional e estava sempre presente nos eventos, embora, tenha dito que suas contribuições fossem frequentemente suplantadas pelos demais membros ("Às vezes eu ajudo alguma coisa, é bem pouco, até porque o pessoal eles acabavam fazendo mais"). Chamou a atenção que nessa posição que ele ocupava, ele participava e promovia festas.

Me interessei em saber sobre como as relações dele e sua família com as festas que normalmente acontecem na escola. Ele contou que ao longo da escolarização sempre participou de tudo que era promovido na escola, sem restrições. As festas juninas representavam para ele a época do ano que ele mais gostava, pois era também próxima ao seu aniversário ("já foi até tema várias vezes do meu aniversário"). Depois que ingressou no ensino médio, ele retornou nas festas juninas da antiga escola para rever os antigos professores e participar da festa com o irmão mais novo que ainda estudava lá.

> Eu sempre participei, mas sem grilo assim, tipo, eu acho que eu tenho a consciência do que eu estou indo fazer lá. E não tem nada a ver, eu vou ali comer um pastel, por exemplo, vou comprar um cachorro-quente? Se tiver dança, danço também. Gosto. Sei que por trás da Festa Junina tem várias coisas, tudo, mas eu não tô indo ali com aquele intuito. Então também a escola nem está fazendo tipo a escola pra oferecer pra santo, essas coisas, tá fazendo pra promover a escola, pra divulgar, pra ver o pessoal tudo, pra juntar dinheiro, principalmente. Então, eu vou sem nenhum problema.

Kaleb relatou que os pais não cerceavam participações dele em festa por conta da religião. Apenas no primeiro ano do ensino médio o pai não autorizou por se tratar de festas promovidas por colegas da sala de aula, não pela escola. Nas festas da escola eles sempre o estimularam a participar e discernir o que era coerente ele fazer ("Meus sempre falaram, você pode ir, mas toma cuidado com o que você vai fazer, pensa bem").

> Festa na casa da Larissa, eles não liberavam, pela confiança que eles não tinham ainda e pelo como ia ser a festa toda, essas coisas, mas não é nem pela questão da religião mesmo, mas por que essa coisa de pai mesmo, né? De não liberar por causa da bagunça.

Nos anos seguintes, ele participou das festas. Contou que ia, não bebia, mas sua diversão com outros colegas, que também não bebiam, era zoar quem ficava bêbado. A zoeira acontecia durante a festa e se estendia até os dias pós-festa na escola. Kaleb não gostava de ficar de fora.

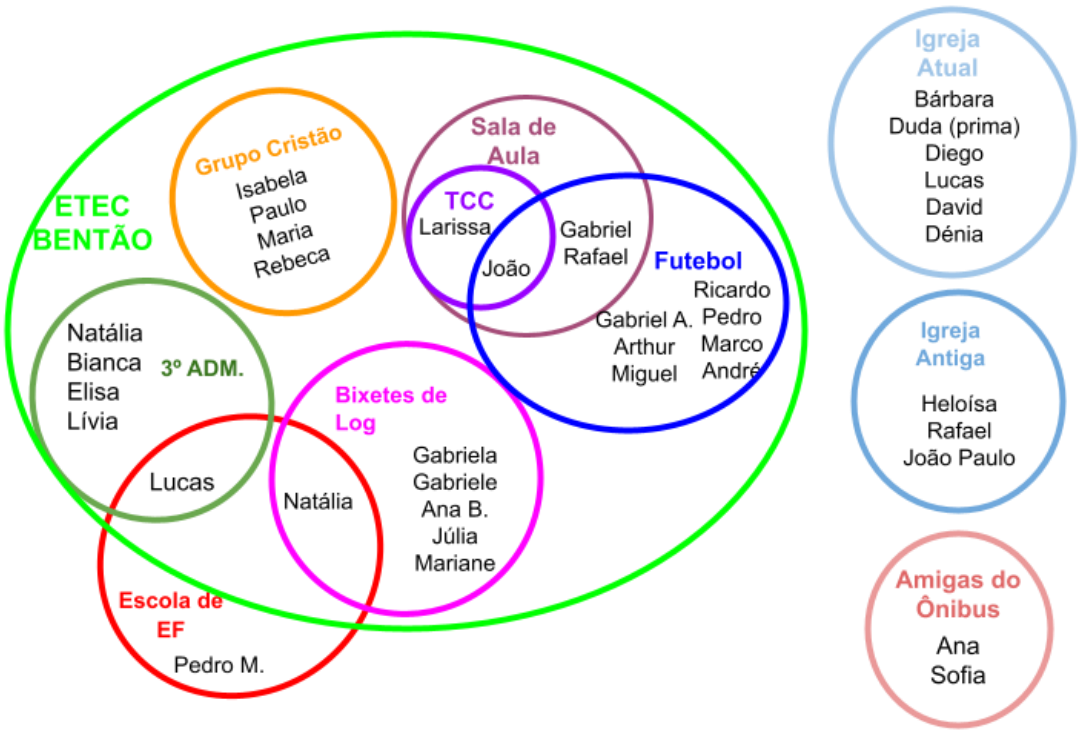
> Eu vou, é de boas. A pessoal, fica doido lá. Sem noção. A gente dá risada deles. Sempre tem bastante comida que eles não comem, só bebem. E vai os outros que não bebem que a gente se identifica conversando, comendo, dando risada dos outros. E o melhor é a zoeira depois na escola com a galera bêbada que não lembra o que fez.

Atuando no Grêmio ele ajudou na organização de um baile e dos sarais que aconteciam uma vez ao mês. Ele ficou muito satisfeito em colocar a "mão na massa" e trabalhar exaustivamente para fazer acontecer o baile na companhia dos colegas.

> Eu lembro que esse dia foi correria, a gente veio de manhã. Já fui embora há umas 2 horas, voltei para casa, tomei um banho, me troquei e já vim de novo. Meu pai me trouxe pro baile. Então foi bem corrido, mas eu vim. Participei com o pessoal, claro, tem a bagunça que sempre tem festa, né? Principalmente aqui promovido pelos alunos, mas. Eu vim participei, foi bem da hora. Eu gosto muito disso.

O mapa de amizades de Kaleb retratou a facilidade que ele tinha em fazer amizades e circular por diferentes grupos. Ele tinha um grupo de amigas do ônibus, mantinha amizade com o pessoal da igreja antiga e, ainda fazia amizade com amigos de amigos.

**Imagem 25. Mapa de amizades - Kaleb**



Fonte: Construção da autora.

Apesar das zoeiras com os amigos da escola, Kaleb considerava esse círculo de amizades importante para o seu crescimento acadêmico (“Tem muita zoeira, tem. Mas também tem muita responsabilidade”). Ele considerava que a maioria dos seus amigos da escola eram muito dedicados. Esse clima em torno dos projetos acadêmicos futuros, ele considerava que o impulsionava a também desejar se envolver mais na preparação para os vestibulares e para o ENEM.

> Meio que tá todo mundo nesse ritmo e aí é até gostoso, porque a gente conversa bastante sobre isso. Tem bastante gente dedicada, que entrou aqui por esforço, tudo mais, mas tem bastante gente que também não tá nem aí pra muita coisa bem. Cada sala tem um pouquinho na minha sala, tem um pouquinho em algumas outras salas, tem um pouquinho tipo vem, mas só veio, sabe, tá aqui por tá aqui, mas tem aqueles que realmente se dedica, a maioria é dedicado, tudo está se forçando. Agora, o pessoal do terceiro ano eu vejo bastante pessoal se esforçando para se dar bem no vestibular, correndo atrás, a grande maioria.

Após a formatura do ensino médio, ele fez uma postagem na qual publicou uma foto com a turma. Ele está bem ao centro da foto e escreveu: “Só gratidão por essas pessoas, por esse momento e por todos aqueles que colaboraram para que nós pudéssemos chegar até aqui! Obrigado por todos os momentos juntos, por todas as risadas, por todos os “futs” que pudemos jogar kkk, por todos os capacitores estourados kkk. Obrigado por serem essa família incrível que vocês são! Amo muito todos vocês!”

**Imagem 26. Formatura de Kaleb – Despedida e agradecimento.**

Fonte: Página pessoal do Facebook do entrevistado.

Diferentemente, no âmbito do grupo de amizades da igreja, ele relatou conviver com pessoas com trajetórias escolares diversas e não lineares. Como líder de célula, ele afirmou que se sentia impelido a ser exemplo nesse aspecto também e influenciá-los a “correr atrás”. Kaleb explicou que na igreja, no final de cada ano eles costumavam fazer um *projeto de vida* para o ano seguinte. Com isso, ele era levado a traçar algumas metas e refletir sobre o que iria fazer.

> Por exemplo, esse ano a gente fez um projeto de vida, projeto de vida que a gente fala, da gente e consagrou tudo e ali a gente escreveu as nossas metas, por exemplo, pra esse ano, o que a gente queria para esse ano. Quais são os planos para esse ano que a gente quer. Então, foi mais assim que esse ano. A gente acaba como é assim no final do ano, ele [o pastor/pai] fala que a gente vai consagrar, que a gente vai estar sempre orando, né, pedindo, buscando sobre aquilo lá. Daí a gente escreve, coloca no envelope lá e durante todos os cultos a gente ora, né? Daí a gente vai orando em casa até o culto da virada. Na virada a gente sempre faz o culto e aí consagra os pedidos.

Para aquele ano, 2020, seu projeto de vida era:

> O principal é a faculdade. Emprego mesmo eu coloquei porque eu quero esse ano. Acho que foi basicamente isso, né? E a questão tipo as coisas na igreja também, que eu quero continuar envolvido, aprender mais, principalmente a parte da música, essas coisas. Assim não tem muito.

É interessante notar que, por mais que ele falasse em *projeto de vida*, os planos traçados eram imediatos, relacionados às necessidades do agora. No curto prazo, não perder as oportunidades era a meta principal, o que ele demonstrou que era enfatizado pelo pai e que ele

queria percorrer. Havia, ainda, uma ênfase sobre a necessidade de emprego em função da idade e fim do ensino médio que demonstravam que a exclusividade de tempo dedicado aos estudos estava terminando.

> É que nem falei agora o plano para frente que eu quero é consegui entrar em alguma universidade. E, posteriormente, também conseguir um emprego para conseguir ajudar em casa ou para mim ter minhas coisas também, né? Os planos são basicamente esses, por enquanto, não tem muita coisa que eu penso assim na frente lá, tipo, que vou fazer tal coisa. Eu acho que por enquanto é isso no momento, tipo, a necessidade é essa, né? Que eu, por exemplo, pra mim não ficar parado, aproveitar que eu ainda estou com 17, para mim, começar a correr atrás dessas coisas já para não deixar para depois, né? Meu pai sempre fala para não deixar para depois essas coisas, que tipo a gente está tendo a oportunidade tem que aproveitar. Então acho que meus planos principais agora é esse.

Na última entrevista, Kaleb relatou que naqueles dias estava fazendo importantes escolhas sobre sua carreira profissional, tudo sendo analisado por ele e seu pai. Ficou bastante evidente que o pai ansiava muito que o filho cursasse engenharia e que Kaleb gostaria muito de realizar esse sonho do pai.

A sua primeira opção no Sisu e no vestibular da Unicamp era engenharia de controle e automação, a segunda opção era matemática. Na primeira, ele não foi aprovado em nenhum dos dois. Pelo Sisu, ele conseguiu uma aprovação na segunda opção no IFSP de Hortolândia. Ele aguardava, naquele momento, o resultado do Enem-Unicamp, que utilizaria sua nota do Enem para ingresso na universidade, isso lhe daria uma chance de ser aprovado, ainda que na sua segunda opção de curso. Outra opção que estavam considerando era o ingresso em uma faculdade particular pelo Prouni, que teria seu resultado divulgado no mesmo dia do da Unicamp.

> Então eu tô vendo com meu pai, ele queria que eu fizesse engenharia. Daí eu estou vendo ainda. Daí ele queria que eu fizesse engenharia, que era minha primeira opção no Sisu, que eu não passei lá. Daí a gente está vendo uma particular pelo Prouni. Vamos ver se eu consigo, daí, só que as notas de corte estão muito alta pelo Prouni pras engenharias e minha nota não foi alta. Aí a gente viu que não ia dar, daí ele falou então tenta matemática numa pública, também, se for o caso, você faz matemática que é o que tem agora e depois você tenta o Sisu esse próximo ano, depois ou antes quando você terminar. Porque quem faz Prouni pode fazer Sisu depois, mas se eu fizer o Sisu, eu não posso fazer o Prouni depois, porque o Prouni é sempre a primeira faculdade. Só que o Prouni é só para particular, né? Daí agora a gente está esperando. Esperando o resultado da Unicamp também. Eu fiz o vestibular, eu não passei da primeira fase, mas eu me escrevi naquela modalidade nova do Enem-Unicamp. Daí eu tenho chance de passar nossa na segunda opção de curso, que era matemática também. Tô esperando, só sai dia 10. Agora, enquanto não sai lá eu vou provavelmente eu vou fazer a matrícula na federal primeiro, né? Porque a matrícula fecha dia 4 e o resultado do Prouni sai dia 4, então tipo,

> tem que ter um lugar pelo menos como segurança, então vou fazer lá. Se sair o Prouni eu me matriculo no Prouni e se sair na Unicamp eu já falei pro meu pai que eu quero ir pra Unicamp. Se sair lá, eu não vou deixar de estudar lá.

Por fim, Kaleb optou pela engenharia elétrica na faculdade particular com bolsa do Prouni. Durante a graduação trabalha como eletricista residencial. No final de 2023 ele se casou.

### 4.5. Recapitulação dos pontos de análise

- A trajetória de vida de Kaleb e sua família combina esforço contínuo, dedicação ao trabalho e uma profunda inserção em uma comunidade religiosa. Apesar das dificuldades financeiras e das limitações impostas pela origem social, a família conseguiu melhorar suas condições de vida através do trabalho duro do pai, que, além de pedreiro, tornou-se pastor.
- A igreja desempenha um papel central na vida da família, funcionando como um espaço de apoio social e religioso, onde as relações de solidariedade se estendem para além dos laços familiares. Ao mesmo tempo, o pai de Kaleb se esforça para proporcionar oportunidades educacionais melhores para seus filhos, na esperança de que possam alcançar níveis mais altos de realização pessoal e profissional.
- A conversão dos pais de Kaleb ao evangelismo foi marcada por uma transição que se alinhou a comportamentos e valores já presentes em suas vidas antes da adesão religiosa formal.
- A socialização religiosa intensa desde o nascimento, fez com que Kaleb se identificasse como cristão desde sempre, sem a vivência de uma conversão dramática típica de uma ruptura com o passado.
- A sua participação na igreja foi precoce e contínua, o que reforçou seu envolvimento e compreensão das práticas e valores religiosos desde a infância. Por volta dos 10 anos, ele passou a ter mais consciência da fé que seguiria, consolidando essa escolha através do batismo aos 13 anos e de seu crescente envolvimento no ministério de louvor.
- A música teve um papel central em seu vínculo com a igreja, e sua atuação foi expandida para outras áreas, refletindo uma multifuncionalidade e responsabilidade dentro da comunidade religiosa.
- Mesmo no ambiente escolar, Kaleb manteve sua identidade cristã de forma leve, lidando com as brincadeiras dos colegas com bom humor e sem sentir discriminação.

- Desde cedo, ele foi considerado um aluno de destaque, tanto em termos de notas quanto em participação nas atividades escolares. Sua facilidade para aprender, interesse pelas aulas interativas e envolvimento nas disciplinas práticas, como artes, revelaram sua disposição para a criatividade e a produção prática.
- Mesmo com altos e baixos em sua trajetória escolar, Kaleb manteve uma relação positiva com os professores e colegas, construindo laços significativos que contribuíram para seu desenvolvimento pessoal e acadêmico.
- Kaleb tomou decisões significativas sobre sua trajetória acadêmica e profissional influenciado tanto pelos incentivos de sua família quanto pelas oportunidades e experiências vivenciadas durante sua formação escolar. Sua escolha de curso, participação em atividades extracurriculares e os planos traçados para o futuro refletem suas próprias aspirações e o desejo de realizar o sonho de seu pai, evidenciando a importância que ele atribui ao apoio familiar e à busca por aproveitar as oportunidades disponíveis.

## 5. A JOVEM VITÓRIA SARAH

> Me chamam muito de velha, eles me chamam de velha mesmo. Tem gente que me chama de vó tanto pelo meu segundo nome, tanto pelas minhas atitudes. Eu sou uma pessoa. Eu sou uma adolescente que tem coisas que 'não', sabe?! Não! Eu não gosto muito de festa, não, não gosto, não gosto muito quanto os adolescentes falam e 'vamos fazer isso, ou aquilo'. Não, não gosto disso. Eles me chamam de velha porque eles falam que as minhas atitudes não condizem com ser com um adolescente e eu fico feliz porque, querendo ou não, tipo, eu não tô fazendo o que o mundo faz. Mas, de certa forma, é meio difícil. Às vezes a gente se sente deslocado, mas é um deslocado bom porque querendo, ou não, são coisas que eu não gostaria de fazer e eu não faço. Mas eu não julgo quem faz, porque, tipo assim, a gente tem que entender que a gente é gente, o outro é o outro. Aí, por isso. Aí, tipo, antes e me incomodava muito 'aí velha, velha, velha, velha, velha'. Hoje é só, tipo assim: 'tá bom, sou velha mesmo'.

Sarah é estudante do curso técnico em administração integrado ao ensino médio da Etec Bento Quirino. Desde seu nascimento, reside em Valinhos - SP com seus pais, em uma residência cedida nos fundos da casa de sua avó paterna. Declara-se evangélica e frequenta a mesma igreja desde sua conversão aos 12 anos de idade. Anteriormente, ela e sua família eram espíritas praticantes e frequentavam um terreiro. Na igreja, ela atua como colaboradora em diversas atividades destinadas às crianças (professora de escola bíblica dominical, líder de célula infantil, etc.), auxilia na organização de retiros e na mordomia ("que são aquelas pessoas que ficam na porta, recepcionando, levam as coisas para o pastor"). Durante os anos de 2019 e 2020, foi líder do GC. Ainda não teve experiências no mundo do trabalho, dedicando-se exclusivamente à escola. Contudo, ela relata que desde os sete anos de idade é responsável por grande parte das atividades domésticas. Eventualmente, ela faz faxina na casa de sua avó e é babá de sua prima, o que lhe rende uma pequena mesada.

### 5.1. Primeiros contatos com Sarah

Conheci a Sarah nas reuniões em que participei do GC em 2019. No ano anterior, seu primeiro ano na Etec, ela participou poucas vezes do grupo. Mas ao longo do seu segundo ano, ela passou a se envolver mais, ao ponto de no ano seguinte, em seu último ano de curso, assumir como líder. No mesmo ano, a partir do segundo semestre, ela assumiu a responsabilidade de conduzir algumas reuniões do GC e levar a mensagem. Sua participação, independente de desempenhar esse papel ou não, era sempre bastante engajada, fazendo comentários e compartilhando experiências e exemplos relacionados ao tema que estava sendo ministrado. Nestas ocasiões, pude observar em Sarah uma postura séria, comportamento e modo de falar que demonstravam uma disposição ao formalismo. Isto me intrigava, sobretudo por se tratar de uma jovem de 16/17 anos.

No final do primeiro semestre de 2019, aconteceu a *sorvetada* do GC fora da escola, no parque do Taquaral. Conversamos pela primeira vez, com mais descontração e menos formalidade e combinamos o início das entrevistas no retorno das aulas, nos horários de suas aulas vagas às sextas-feiras à tarde.

Conforme o combinado, iniciamos as entrevistas no segundo semestre, com o intervalo médio de um mês entre elas, todas no pátio da escola. Neste período realizamos três entrevistas, com duração média de 2h30min cada. Mas, ainda assim, não foi possível finalizar toda a grade de entrevista.

No retorno das aulas em 2020, pretendíamos encerrar a grade, mas diante da pandemia acabamos por postergar sua realização. Mantivemos o contato através das atividades virtuais do GC e redes sociais. No início de 2021, após a conclusão do curso, optamos por finalizar as entrevistas via Google Meet. Em dois encontros online, um com duração em torno de 2h30min e outro de 40 minutos, cumprimos com toda a grade. Por terem acontecido virtualmente, Sarah não fez o autorretrato dela. Foram realizadas, portanto, um total de 5 entrevistas, somando aproximadamente 10 horas e meia de entrevista.

O fato de Sarah já ter participado como sujeito de outra pesquisa, desenvolvida por uma professora sua quando estava no ensino fundamental, somado ao fato dela buscar usar vocabulário mais formal e evitar gírias, colaboraram de certo modo para o volumoso material coletado para a construção de seu retrato. Por isso, ela também demonstrou familiaridade com o TCLE e TALE e com o uso do gravador.

Nas entrevistas, ela era minuciosa em narrar os detalhes das situações por ela vividas, expressando com clareza suas opiniões e, ainda, procurando falar compassadamente. Ela explicou que, desde sua conversão, ela se policia muito para "falar corretamente": "Essa é uma coisa que eu tento mudar em mim. Antes eu falava muito palavrão. Meu Deus do céu, a cada 10 palavras, acho que 7 eram desnecessárias. Às vezes sai uns sem querer. E não é só palavrão, gíria também. Hoje, eu tento falar o mais correto possível pra tudo". Em alguns momentos ela se preocupava em saber se suas respostas eram inteligíveis, dizendo: "olha eu falando rápido de novo. Calma. Vou falar mais devagar, se não depois você não vai entender nada."; "era sobre isso que você queria saber? Se eu estiver indo pra outro caminho você me fala que eu respondo de novo". Ao final das entrevistas, ela comentava que tinha gostado muito de participar por relembrar vivências das quais não se recordava mais, mas que as consideram importantes por formarem quem ela é hoje.

## 5.2. Contexto familiar

"Complicada", "confusa" e "de fases", foram as palavras que Sarah escolheu para definir a sua família. As narrativas sobre as origens familiares da entrevistada eram histórias repletas de problemas graves com alcoolismo, abusos de todos os tipos e violência entre pais e filhos.

> Pesquisadora: Se você pudesse mudar alguma coisa na sua família, o que você mudaria?
>
> Sarah: Eu acho que eu tiraria uma coisa só. Eu acho que eu tiraria todo esse histórico de tipo de agressão. E eu também mudaria o relacionamento entre pai e filho, que, tipo assim, mesmo o meu pai, o pai do meu pai, nunca teve um relacionamento bom com meu pai. A minha mãe, ela já chegou apanhar do meu avô, tipo de tamanca na cara quando era criança, porque ele bebia. Então, eu mudaria essa relação, porque eu acho que se isso começasse diferente lá nos meus avós, não estaria do jeito que está hoje, sabe?

Apesar disso, ela afirmou ter uma boa relação e uma convivência muito próxima com grande parte da família. Ela ponderou que sempre viveram "altos e baixos" e, no momento da entrevista, estavam em uma fase mais harmônica.

Sarah viveu a infância, e vivia a juventude, em um universo popular. O convívio entre familiares – irmãos mais velhos, avô materno, avós, tios, tias, padrinho, madrinha, primo e prima – sempre fez parte de seu cotidiano, convencionado pela proximidade geográfica. Toda a família morava na RMC, em Valinhos ou em Vinhedo, em bairros que estão na divisa entre esses dois municípios.

Valinhos[52] era o município que a entrevistada residia. Ela caracterizou a região de moradia como periferia do município. Os deslocamentos para Etec levavam em torno de 1h15min no transporte escolar custeado pela família. Ela utilizava o transporte pois a família não tinha carro e preferia que ela não utilizasse o transporte público por segurança.

> A gente não tem carro, foi roubado tem um tempo e nunca mais conseguimos comprar outro. Tem o [ônibus] intermunicipal de Valinhos é direto e para bem perto da minha casa. Só que o horário dele não ia dar certo, eu ia ter que acordar umas 4 horas [da manhã]. E pela segurança também que meu pai é muito apegado a mim, ele não deixa.

[52] Valinhos é um município brasileiro do estado de São Paulo. Localizado na Região Metropolitana de Campinas. Sua população, conforme estimativas do IBGE de 2019, era de 129.193 habitantes e sua área territorial é de 148,538 km². É a 12ª cidade com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) medido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD da ONU (Organização das Nações Unidas). Ocupa a 5ª posição de destaque no ranking das cinco melhores cidades do interior em qualidade de vida. É pólo de desenvolvimento econômico, destinado a empresas nas múltiplas atividades nas áreas da indústria, comércio e serviço. Conta com atividades produtivas de alta tecnologia em diversas áreas de atuação, como plásticos, embalagens de papel e papelão, metalúrgia, informática, microeletrônica. In: https://www.valinhos.sp.gov.br/. Acesso em 25 de abril de 2024.

**Imagem 27. Localização de moradia de Sarah e distância da Etec**

Fonte: Adaptado do Google Maps.

Na última entrevista, quando nos encontramos via *Google Meet,* Sarah mostrou por vídeo, espontaneamente, a sua residência e o local onde estudava. A casa era a mesma que sempre morou com os pais, desde seu nascimento. No entanto, como veremos adiante, houve alguns períodos que o irmão mais velho também morou com eles, e ainda levou sua esposa e filha bebê para morar junto. Uma casa nos fundos do terreno da avó, pequena e com acabamentos simples, dois quartos, um banheiro, sala e cozinha no mesmo ambiente. Ela tinha seu próprio quarto, bem pequeno e com pouca iluminação, que não comportava um espaço para estudos. Então, transformou um canto da cozinha em seu "escritorinho", como ela chamou, organizado com uma mesa e uma cadeira que fazia parte do jogo de mesa de jantar, com alguns livros e uma luminária.

Ainda sobre o convívio com a família, segundo a entrevistada, o fato de estar sempre próxima, em suas palavras, é "para o bem e para o mal", pois surgiam mais intrigas, mas também favorecia que todos se ajudassem ("surgem muito briga, mas a gente se ajuda muito").

Quando Sarah nasceu, a mãe era técnica de enfermagem no hospital universitário da Unicamp. Com poucas semanas após o retorno da licença maternidade, sofreu um acidente de trabalho e quebrou os dois punhos, o que a levou ao afastamento e posterior abandono do

emprego público. O acidente a impediu de segurar a filha bebê no colo no primeiro ano de vida, mas prolongou o tempo de dedicação exclusiva à filha.

A partir disso, a família, que já vivia nos fundos da casa da avó paterna, passou a ter que contar ainda mais com a ajuda das avós (materna e paterna) para cuidar da filha. Depois de aproximadamente dois anos do acidente, quando a mãe precisou voltar a trabalhar por necessidade financeira – atuando como cuidadora de idosos – Sarah passou a ficar na casa da avó materna e sua tia (irmã da mãe) era a principal cuidadora dela nesse momento.

Devido ao trabalho dos pais durante a infância – mãe cuidadora de idosos e pai produtor musical – aos finais de semana, era comum que ela ficasse na casa de seus padrinhos (tio irmão da mãe, e esposa do tio). Dessa forma, Sarah teve durante a infância a presença constante dos familiares no seu dia a dia, sobretudo a família do lado materno, cuidando dela para que seus pais pudessem trabalhar.

Ao longo das entrevistas, Sarah comentou inúmeras vezes sobre ter vivido em universo familiar majoritariamente de pessoas adultas e idosas, sem crianças da sua idade, e que isso contribuiu para que ela fosse alguém com "nome [Sarah] de velha e alma de velha". Na infância, foi apenas aos 4 anos de idade, quando começou a frequentar a escola, que ela teve contato com outras crianças. Em função disso, ela diz que sempre foi considerada madura para sua idade, aprendeu a não "dar trabalho". Eu não era "essas crianças birrentas", ou muito "agitada".

> Eu sempre fui uma criança muito tranquila. Tanto que quarta eu fui na UPA [Unidade de Pronto Atendimento] com a minha mãe porque eu tava passando mal e ela falou pra mim, 'nossa Sarah' – eu lembro um pouco disso também –, tinha umas crianças berrando lá na espera na UPA. Tanto que eu fui lá e a minha mãe falou assim, 'nossa Sarah, você era tão calminha'. Ela falava assim, que nem tinha celular pra me distrair, eu só sentava e ficava, então, tipo, eu cresci nesse ritmo de tipo assim, ficar tranquila, calma, então sempre fui assim.

No convívio com as pessoas mais velhas, ela aprendeu desde nova a tratar as pessoas com certa formalidade ("Eu fui criada nessa de 'senhor', 'senhora', peço a 'Bença, pai!', 'Bença, tio!', 'Bença, todo mundo', se você fosse um pouco mais velha, eu ia estar te tratando como senhora também. Porque sempre fui muito criada nesse ritmo"), bem como assumir responsabilidades de cuidado com seus familiares e colaborar na divisão das tarefas domésticas.

> Quando eu vou na casa da minha vó, eu tipo, ajudo a lavar louça. Sempre foi assim, desde pequenininha, não tinha dessa de só porque é criança não faz nada. Sempre ajudei de alguma forma. Eu tinha uns 4, 5 anos, eu não lavava a louça ainda, mas eu raspava os restos de comida pros cachorros e dava os pratos pra minha tia lavar. Aí eu cresci com isso de ser útil. Tem dias que a minha tia ela me convida barra me leva pra ajudar, tipo organizar guarda-

> roupa, coisas desse tipo, porque meus avós são idosos, né? Então tipo, minha tia sozinha, não dá conta. Então eu vou e ajudo ela.

Veremos adiante que, em outros momentos da biografia de Sarah, ela se ocupou de outros trabalhos de cuidados e de afazeres domésticos para "ajudar" a família. Vale ressaltar que o que ela chamou de ajuda são, na verdade, sacrifícios individuais em favor do grupo familiar. Por serem as ocupações dos pais de Sarah trabalhos autônomos, desprovidos de direitos trabalhistas, nota-se que as relações familiares desempenham papel crucial para a garantia de que eles sobrevivam como classe trabalhadora, se mantendo produtivos e vendendo suas forças de trabalho. Tais características nos levam a identificar a família de Sarah como pertencente à nova classe média, ou ao grupo social dos batalhadores (SOUZA, 2013).

Nesse contexto, Sarah gradualmente incorporou disposições que a insere no *circuito de reciprocidade* (SOUZA, 2013) vivido pela família. Segundo o autor, o circuito de reciprocidade funciona como uma espécie de "moeda social", na qual os membros de um grupo oferecem apoio mútuo e solidariedade uns aos outros, criando laços de confiança e interdependência. Essa troca de favores não ocorre de maneira altruísta, mas sim como uma estratégia de sobrevivência e manutenção de prestígio dentro do grupo. Assim, ela colabora com os demais e teme ser um "peso".

Com isso, ela demonstrou ter incorporada disposições ascéticas, disciplinada e rígida consigo mesma e muito colaborativa dentro da sua família. Ao mesmo tempo, ela levava à sério os estudos, para agradar os pais e valorizar o que eles lhe proporcionavam. Após convertida, Sarah diz que "fortificou" isso nela. Isto é, ela atualizou a disposição ao formalismo e à hipercorreção de si e ressignificou as competências aos cuidados ("Depois que eu converti eu fortifiquei muito mais isso em mim, eu passei a cuidar mais do meu linguajar. E essa coisa de respeitar os mais velhos também, porque eu tenho mais consciência que eu tenho que honrar meus pais e ser benção dentro da minha família").

Nesse sentido, é fundamental olharmos para algumas situações vividas pelo núcleo familiar de Sarah para compreendermos os processos que, inclusive, incidiram em sua conversão e de sua família.

### 5.2.1. O núcleo familiar

Filha única por parte de mãe e caçula por parte de pai, os dois irmãos mais velhos eram frutos do primeiro casamento de seu pai. Um era 15 e o outro 11 anos mais velhos do que ela. Sarah designou a si mesma como "a filha mulher tão sonhada". Seu segundo nome – Sarah – lhe foi dado como forma de seu pai realizar o desejo antigo de homenagear sua avó e que só

poderia ser realizado com a filha mulher. O primeiro nome – Vitória – foi dado pela mãe por considerar a gestação e o parto da filha "verdadeiros milagres".

> [...] Quando ela ficou grávida de mim, ela ficou com medo. Ela teve que ter bastante cuidado. Teve, aí eu nasci, só que ela não teve nenhum tipo de contração, dor de parto, sabe? Pra ela, tipo, a gestação foi super tranquila, mas não era pra ter sido. Porque ela não teve dilatação, então eu tive que nascer de cesárea e eu quase morri porque quando eu fui nascer eu vim de São Paulo até a Unicamp. Minha mãe veio de São Paulo até aqui comigo na barriga, porque estourou a bolsa dela em São Paulo e ela pegou o ônibus e veio e ela ficou em abre aspas, de trabalho de parto, ou sei lá, eu acho que umas 6 horas, só que ela não teve o trabalho de parto porque não teve dilatação. Aí o médico abriu a barriga dela mesmo. Então, ela considera que foi um milagre mesmo.

A mãe engravidou de Sarah aos 35 anos, depois de 3 anos de casada com seu pai. Em 2020, os pais de Sarah completaram 20 anos de casados, mas nunca chegaram a oficializar o matrimônio. Isso nunca fora algo relevante para a família, até a mãe se converter à religião evangélica, em 2014.

> Eles não são casados até hoje, é uma luta que a minha mãe passa porque ela quer casar e meu pai está no enrolation. Porque ele foi casado com essa mãe dos meus irmãos, só que não separaram até hoje porque eles nunca deram muita importância pra isso, Tem 20 anos. Só que agora a minha mãe, a gente começou a ir na igreja há um tempo atrás e ela viu que é muito importante essa parte do casamento, então ela tá na oração e meu pai falou que ano que vem o casamento sai, Glória a Deus, vamos só esperar, ele vai ter que se divorciar para casar de novo, e o que falta é o benedito.

Os pais de Sarah se conheceram após a separação do pai com a mãe dos irmãos, um casamento que durou 12 anos. O término do relacionamento foi na mesma época em que o avô paterno de Sarah faleceu. Depois da perda do pai, ele e o tio começaram a seguir o espiritismo.

> Eles [pai e tio] começaram a procurar tipo, saída, sabe? Tipo um jeito de se ficar bem. E meu pai começou a ir no centro espírita, levou meu tio, meu tio começou a namorar a minha tia, que é minha madrinha. Começaram a ir. Aí meu pai conheceu meu tio, irmão da minha mãe, que era do centro espírita e conheceu a minha mãe.

Sem ter onde morar após o divórcio, o pai de Sarah foi acolhido na casa de um amigo que conheceu no centro espírita. Esse amigo era o tio de Sarah, que ainda morava com os pais, e as duas irmãs (a mais velha é a mãe de Sarah). Um ano depois de estarem morando na mesma casa, o pai e a mãe começaram a se aproximar principalmente por conta dos interesses religiosos em comum.

Sarah apresentou a mãe como uma mulher religiosa, sofrida e que queria muito ser mãe ("ela sempre foi muito sedenta de Deus, ela já era assim bem firme no que ela acreditava, talvez porque ela sofreu muito na vida"). Depois de alguns abortos, ela já não acreditava que seria

possível viver a maternidade (“Depois de casada com meu pai, ela quis muito engravidar, ela tentava e perdia, tentava e perdia. Ela sofria muito com isso.”). Sarah explicou que a saúde reprodutiva de sua mãe foi prejudicada devido às violências sofridas. As situações que ela relatou escancaram parte das vulnerabilidades vividas pelas mulheres das camadas populares.

> Quando ela tinha 15 anos, ela ficou grávida. O homem que estava com ela, o marido, abre aspas, a pessoa que estava lá com ela, tipo namorado, ficou com ela. E aí ela lembra que ela estava dopada, porque a mãe dele falou para doparem ela lá. E a minha mãe, ela disse que ela tava dormindo deitada lá na cama com ele na casa dele, e ela acordou num numa sala toda branca de hospital, tinham feito um aborto nela, tipo, meio que a força e aí depois ela teve algumas complicações. Essa família era rica. É rica, tem grana. São gente que tem grana na cidade. Minha mãe, uma pobre coitada nem tinha pra onde recorrer.

Não obstante, a trajetória escolar da mãe foi bastante conturbada, com algumas reprovações e abandono dos estudos ainda no ensino fundamental. Começou a trabalhar aos 14 anos como faxineira. Depois de adulta retomou os estudos, cursou o Ensino de Jovens e Adultos para concluir a educação básica e profissionalizou-se na área da enfermagem. Por mais de 20 anos atuou como técnica de enfermagem, primeiro em instituições públicas e, depois, por conta própria como cuidadora de idosos. Devido às doenças articulares ocasionadas pelo trabalho e o início da pandemia da Covid-19, em 2020, ela deixou a profissão e foi trabalhar como porteira na empresa recém-aberta pelo esposo.

A empresa do pai de Sarah era prestadora de serviços na área de controle de acesso, que agencia e terceiriza porteiros para empresas. O pai abriu essa empresa depois de trabalhar como porteiro para outra firma semelhante. No momento da última entrevista, a empresa estava completando quatro anos, e nela foi empregado o irmão mais jovem de Sarah, o Daniel. Era desejo do pai que o mais velho, Ângelo , também se mantivesse nesse emprego.

A profissão da mãe, como cuidadora, sempre exigiu que ela estivesse ocupada por longa jornada de trabalho, inclusive no período noturno. Aos finais de semanas, ela fazia plantões para aumentar sua renda. De tal modo, os horários com a filha sempre foram escassos. Apesar disso, mãe e filha conciliavam os horários e construíram uma relação de muito diálogo.

> Eu acho que eu considero ela minha melhor amiga, assim, sem ser tipo, ‘amiguinha’. Não. Somos amigas mesmo. Porque a gente conversa muito sobre tudo. Não, não tem essa de ‘ai, porque é a minha mãe não posso falar isso com a minha mãe’, eu falo tudo o que acontece na escola, falo o que acontece em qualquer outro lugar, eu falo de tudo com a minha mãe. Se eu chego em casa um pouco diferente, a minha mãe, ela já sabe. Espera meu pai dormir, porque ele é mais assim ‘que que foi?’, porque meu pai é assim, meio grosso, ‘que foi o quê?’ E aí já começa. A minha mãe, não, ela vem, fala ‘que

> que foi?', vamos sentar, vamos conversar. Só que ela sempre trabalhou muito, então tipo, eu nunca fui de ficar muito em casa com ela.

Sarah demonstrou ter se habituado à escassez de tempo com a mãe. Por volta dos dez anos de idade, para que pudesse ter a mãe presente por mais tempo, ela tomava para si a responsabilidade com os afazeres domésticos.

> [...] não que ela me cobrasse ou pedisse pra eu fazer. Eu tinha esse senso de já fazer tudo. Eu limpava, eu cozinhava, eu chegava em casa às 5 e fazia a janta. Tudo. Eu já deixava almoço do outro dia pronto pro meu pai que ia vir almoçar do trabalho. Porque minha mãe trabalhava de segunda a segunda, então meu pai ficava mais em casa, aí eu já fazia o almoço pra ele. Aí ela chegava e a gente podia conversar mais e ela descansar.

Ela se lembrou que quando acordava a mãe já havia saído para o trabalho, e o pai era quem sempre a levava e buscava, seja para passar o dia na casa da avó ou para ir para a escola. Os trajetos eram sempre a pé e faziam juntos longas caminhadas, conversando pelas ruas. Portanto, era com o pai que Sarah sempre ficou mais tempo junto ("só que a minha mãe, por ela trabalhar todos os dias, eu sempre fui muito próximo do meu pai. E tudo ele fazia comigo. Nossa, eu sou xodozinho dele. A gente é muito grudado").

O pai de Sarah tinha a mesma idade que a mãe e viveu um contexto semelhante ao dela. Presenciou a avó e a mãe serem violentadas pelos homens da família, o que lhe causou muitas revoltas com o pai e avô ("ele cresceu muito revoltado, ele viu muito a vó dele, a Sarah, apanhar do vô dele. Ele humilhava muito ela. O pai dele a mesma coisa. Ele humilhava minha vó, chamava ela de inválida"). Sarah caracterizou a família do pai como sendo "sangue quente", "muito estourados" e o pai, em especial, herdou esse modo de ser do avô ("ele puxou a ignorância do meu vô"). Ela afirmou que era muito parecida com o pai nesse aspecto, mas buscava o autocontrole e resolver tudo conversando pacificamente e franca. Desse modo, ela dialogava com respeito, mas em pé de igualdade com o pai, se fazia ouvida e ele a escutava. Ela considerava muito boa a relação dos dois.

> Por que se ele falar ‘A’ pra minha mãe, pode ser que ela não concorda, mas pra minha mãe ‘A’ está bom. Se ele falar ‘A’ pra mim, eu não concordo, eu já falo ‘B’. Então, ele fala que eu sou muito “[sobrenome da família paterna]”. Mas ele me escuta, ele conversa comigo. Tanto que esses dias teve uma briga aí dele e da minha mãe. Cheguei em casa, minha mãe estava super triste, fui conversar com ele quando eu fui conversar com ele, ele começou ‘ai que eu não quero falar disso’. Ah, não! Vai falar, sim. ‘O senhor vai falar sim, a gente vai sentar e vai conversar’. Tanto que a gente sentou e a gente conversou, aí depois ele foi lá falar com a minha mãe, ele falou assim, ‘eu sei que eu errei, eu sei que eu não devia ter ficado bravo com você por causa disso, disso, disso’. E eu falo, ‘eu não quero saber disso mais aqui’, porque quando eu falo, quando eu sento para conversar com ele, não importa se ele está bravo, se ele vira o olho, ou que ele está cansado, ele vai me ouvir. Mas eu falo, você vai ficar aí, você vai ouvir, a gente vai conversar pacificamente e a gente vai e conversa pacificamente. Mas no geral, uma relação muito boa.

Assim como a mãe, o pai abandonou os estudos ainda muito jovem, mas não chegou a concluir o ensino fundamental (“Pelo que ele conta, ele era uma criança meio largada, então, não tinha essa coisa de ir pra escola.”). Com 14 anos já trabalhava. Casou-se pela primeira vez aos 18 anos, após engravidar a mãe dos irmãos de Sarah. Fez curso de bombeiro, porém não seguiu na profissão. Por um período, serviu o exército, mas abandonou a carreira militar. Na época em que conheceu a mãe de Sarah e durante parte significativa da infância de Sarah, ele trabalhou como produtor musical em uma emissora de televisão.

Na função de produtor musical, foi traído por um parceiro de trabalho, o que lhe gerou um processo e o levou à prisão por um período de pouco mais de um ano (“o cara [amigo do pai] tinha dinheiro, meu pai era pobre, meu pai ficou preso um ano”). Nessa época, Sarah tinha 10 anos de idade, toda a família foi desestabilizada e escola foi importante suporte emocional para ela, sobretudo porque a mãe também não tinha condições emocionais para gerir a situação e explicar para a filha o que estava acontecendo.

Depois de preso, ele ficou um período desempregado, teve muita dificuldade em encontrar emprego até recomeçar em outra profissão. Trabalhou como entregador de panfletos nas ruas. Contudo, o fato de passar horas caminhando embaixo de sol alarmou um problema cardíaco anterior e o fez procurar uma outra profissão. Foi, então, que se tornou porteiro. Dois anos mais tarde, abriu sua empresa na área de controle de acesso/portaria.

Os pais de Sarah sempre trabalharam duro tentando sobreviver e dar algo melhor à filha e aos filhos, almejando a estabilidade futura deles. Eles sacrificavam o próprio lazer, e os programas familiares se resumiam aos encontros nos almoços aos finais de semana na casa dos parentes. Algumas vezes Sarah ia com a avó e a mãe ao shopping, ou saiam para comer um lanche (“as vezes eu arrasto a mulherada, aí vai eu minha mãe e minha vó, mas é bem difícil.

O pessoal aqui de casa gosta de ir num lanchão, mas é bem raro"). As viagens que Sarah fez foram na companhia de parentes e amigos, sem os pais.

> A gente foi para Descalvado, eu tinha 6 aninhos de idade, mais ou menos. Aí depois a gente não viajou mais, só rotina de trabalho, trabalho, trabalho, trabalho, trabalho, trabalho, trabalho, então a gente só saia tipo assim, pra passear nos lugares pra comer, outro dia assim, a gente foi num lanchão aqui perto de casa. Eu viajei bastante com a minha madrinha, que é casado com o irmão do meu pai. Viajei com a Jaque também, já fui com a família dela para Minas, já fui com ela para a praia. Com a minha madrinha, já fui pra praia também. Eu gostei bastante de quando eu passei a minha primeira virada de ano sem minha família, que foi quando eu fui para praia. Com a Jaque, que assim que eu passei a primeira virada de ano sem a minha família, né? Sem meu pai, sem minha mãe, assim. Para mim foi marcante porque eu me sentia adulta, né? Meu Deus, eu sou velha e crescida. Foi na virada de 2018 para 2019, foi também quando minha família tava um pouquinho melhor de grana e aí deu pra eu ir.

Sarah reconhecia o esforço familiar e a condição financeira instável que a família vivia. Ao longo das entrevistas, mais de uma vez ela comentou que gostaria muito de ter começado a trabalhar para ajudar em casa, mas os pais insistiam que ela se dedicasse exclusivamente à escola.

> Eu querendo, ou não, eu estava meio preocupado, em estudar no ensino médio o dia inteiro porque eu queria trabalhar para começar a ajudar em casa, tudo. Só que meu pai ele falou para mim que estudo é a coisa mais importante. E ele falou pra mim que ele parou de estudar muito cedo para trabalhar, minha mãe também. Aí eles comentaram comigo isso e eu queria trabalhar e queria estudar à noite, para poder ajudar. Só que meu pai não deixou, então nunca trabalhei.

Ao final das entrevistas, já tendo concluído o ensino médio, ela começou a trabalhar na área de sua formação técnica e conciliava com os estudos em um cursinho popular.

> Ai fiquei toda feliz que vai dar certinho com meus horários de estudo, não vai atrapalhar nada para a Glória a Deus. E ainda eu vou trabalhar na área de qualidade da empresa que eles mexem com vários produtos, né. E eu vou trabalhar na área de qualidade de sabonete e desodorante. No começo eu vou trabalhar em casa, né? Tipo Home Office. Aí depois eu vou pra fábrica lá, mas tem a ver com essa parte de administração e tudo mais. Aí fiquei tão feliz. Tá complicado, viu? Eu fiz um monte de entrevista, mas Deus, ele tem um cuidado imenso, né? Porque a primeira entrevista que eu fiz era de telemarketing, meu pai já barrou. Ele falou assim, ó, você vai passar muito nervoso, eu te conheço. Aí eu ia trabalhar, tipo assim, de segunda à quase que segunda, sabe? Aí meu pai falou, ó, vai atrapalhar seus estudos, eu não quero. Aí a segunda que eu fiz era para trabalhar no shopping, numa loja, assim também de depilação a laser, só que eu ia trabalhar também de segunda a segunda. Aí, meu pai falou, ó seus estudos, você vai ter que pegar 2 ônibus, não. E meu pai e minha mãe é muito assim. Se vai atrapalhar seus estudos, eu não quero. Aí a terceira era uma aqui perto de casa, em Vinhedo, era das 7:30 da manhã às 5:30 da tarde, ia ficar bem apertado porque eu tenho que sair de

> casa cedo, ia chegar bem no horário da aula. Mas até que eu gostei, assim, é um serviço bacana, mas não deu certo. Aí, olha o cuidado de Deus, esse eu vou entrar agora, das 9 às 3 e é pertinho de casa, não demoro nem 1 hora para chegar, e se eu quiser ir à pé, dá pra mim ir tranquilamente. Vou conseguir chegar em casa a tempo dos plantões [do cursinho] que tem durante a semana. Eu falei, Deus é maravilhoso, demais demais. No começo vai ser home Office. Olha que beleza. Então, agora que eu consegui um emprego, eu ainda estou avaliando as minhas opções, mas ainda por hora. Ano que vem, eu vejo. Porque assim, a minha opção é, eu trabalhar esse ano e eu ver se eu consigo entrar na Unicamp para fazer engenharia de controle e automação que é noturno, porque daí eu consigo colocar junto com o serviço, né? Só que o meu verdadeiro sonho assim é fazer engenheiro aeronáutica, só que pra isso eu teria que mudar de cidade e é integral. Ainda estou ponderando isso, sabe? Mas como a minha vontade mesmo é engenharia aeronáutica, por ora eu estou orando. Eu estou deixando ir devagarzinho, vendo os planos de Deus para minha vida, vendo como é que vai, né? Mas agora eu quero só começar a trabalhar, né? E vou continuar estudando à noite, fazer de tudo para passar na Unicamp ou uma outra faculdade pública.

Nesse momento, ela manifestou ainda imensa satisfação porque poderia arcar com suas despesas pessoais e realizar alguns desejos antigos, como o tratamento ortodôntico que iniciou para correção de um diastema[53], algo que a incomodava esteticamente, mas que a família não podia pagar. Além do mais, iria continuar estudando.

#### 5.2.1.1. Relacionamento com os irmãos: convívio e distinção

Quando Sarah nasceu, seus irmãos Ângelo e Daniel tinham 15 e 11 anos, respectivamente. Filhos do primeiro casamento do pai, e embora ela sempre tenha convivido com eles e construído uma relação fraterna – ainda que nem sempre compartilhassem a mesma residência – Sarah relatou buscar se distinguir deles para agradar ao pai no que diz respeito à formação escolar ("e eu acho que o meu pai, ele ficou tão triste com os meus irmãos não terem levado [os estudos] à frente. Porque ele fala tanto de estudo pra mim que eu só quero agradar ele"). Contudo, ao longo das entrevistas, ficou evidente que a distinção de Sarah em relação aos irmãos vai além.

O irmão mais velho abandonou a escola ainda no ensino fundamental. Na época da entrevista, Sarah contou que ele estava cursando a EJA e logo concluiria o ensino médio ("a gente se fala pelo WhatsApp e eu pergunto se ele está estudando, eu pego no pé dele pra ele estudar"). Ele sempre foi mais distante da família, e aos catorzes anos começou a usar drogas. A dependência química o levou a colocar a Sarah e sua família em situações graves e que causaram muito pavor à jovem. Ele chegou a roubar coisas da família para vender em troca de drogas ("tanto que de casa sumiu tanta coisa que ele deu em boca de fumo. Celular que eu

[53] Diastema é uma lacuna ou espaço entre dois dentes incisivos superiores.

ganhei, câmera fotográfica, um monte de coisa") e o pai foi procurado em casa por traficantes cobrando dívidas que o irmão havia feito ("eu morri de medo quando isso aconteceu por que eles sabiam nosso endereço"). No ano em que o pai foi preso, o irmão contraiu uma dívida e a mãe de Sarah, com a avó, se responsabilizaram. Sarah acompanhou toda a negociação com os traficantes na boca de fumo.

> O meu irmão ele arranjou uma dívida de 1000 reais. E tinha que pagar em dinheiro. Aí, fui eu, minha mãe e a minha avó na boca de fumo. Foi muito sério, porque, tipo, a minha mãe chegou lá e a minha mãe, ela sempre foi muito estável. Então tipo ela, foi lá e eles começaram a tipo falar, e ela foi muito direta e reta, 'fala, o que você quer?'. Pagou lá o que tinha que pagar. [...] E meu pai, ele sempre foi muito rígido. Sabe, não gosta dessas coisas de maneira alguma. Quando meu pai descobriu, o meu pai, ele começou a ter uma precaução de procurar clínica pra ele.

Quando o pai de Sarah saiu da prisão, encontrou uma clínica de reabilitação para o filho. Ao sair da clínica, ficou morando na casa do pai. Desse período, ela se lembrou que eles ficaram muito próximos. Para exemplificar o quanto ela amava a companhia do irmão e queria que ele estivesse bem, ela se recordou de uma vez que, sabendo que a comida era escassa em casa devido aos problemas financeiros que a família estava passando na época, ela ofereceu a parte dela para alimentá-lo.

> [...] quando a gente era mais novo, no geral, a gente sempre foi muito próximo também. Mesmo com os problemas que o meu irmão tinha, então, tipo, eu lembro que uma vez a gente estava muito apertado de grana e meu pai, ele fez ovo pra todo mundo comer e o meu irmão mais velho ele precisava ir pro serviço. E eu tinha, acho que uns 10 ou 11 anos e ele tinha uns 25, ele comeu lá, só que tipo, não sustentou ele, sabe. Ele é grandão, meu irmão, ele é alto. Aí eu peguei o meu prato, eu dei pra ele, falei assim, 'come, come a minha comida, porque você precisa sair para trabalhar' e tipo, eu lembro que foi muito engraçado que ele olhou pra mim e começou a chorar e, tipo assim, e aí, meu pai, ele ficou muito comovido, sabe? Ele lembra até hoje desse dia que eu peguei meu prato, dei pro meu irmão, falei assim 'come que você precisa trabalhar, eu não'. Então, tipo, sempre foi uma relação muito boa.

No momento da entrevista, eles haviam se distanciado ("deu uma distanciada, agora, uns tempos pra cá"). Passado um dado período, ele deixou a casa do pai, conheceu uma namorada e a engravidou. Depois, se envolveu novamente com drogas e voltou para a clínica de recuperação. Quando retornou novamente para a casa do pai, levou a esposa e a filha bebê ("casa já era pequena, ficou 6 pessoas dentro da casa"), com o combinado de que ele e esposa trabalhariam e que quando estivessem estáveis em seus empregos, se mudariam.

Sarah assumiu a responsabilidade de cuidados com a sobrinha bebê à tarde para que a cunhada pudesse trabalhar, e os pais de Sarah mantinham a casa. Porém, passado um tempo, o

irmão e a cunhada pouco colaboravam e não trabalhavam, com isso a convivência foi ficando insustentável. Em seguida, eles foram embora da casa de Sarah para morar com a mãe dos irmãos. Todavia, Sarah manteve contato com ele ("Eu sempre tô falando com ele [Ângelo ] no WhatsApp").

> Só que ela [cunhada] era uma pessoa muito folgada. Ela não limpava, ela deixava a criança para eu cuidar. Ela ficou sem trabalhar uns 9 meses. Quando ela foi começar a trabalhar, e eu sempre cuidava da minha sobrinha à tarde. Então, tipo ela, quando ela foi começar a trabalhar, quem sustentava em casa era o meu pai, abre aspas, meu irmão, porque ele mais faltava do que ia, e a minha mãe. E meu pai, ele começou a ficar bravo porque ele falou assim, 'vocês não mexe um dedo', ele falou assim, 'a neta é minha, mas a filha é de vocês'. Aí meu irmão foi morar com a mãe dele. Mas ela [cunhada] bateu na mãe do meu irmão, aí ela saiu, foi pagar aluguel. E o meu irmão saiu, voltou a usar drogas, voltou para a clínica e saiu agora, só que a esposa dele. Não é esposa mais, ela largou ele e ele está morando na clínica, trabalha, visita minha sobrinha. Só que eu mesmo, minha família, não vê minha sobrinha há 1 ano e 6 meses.

Diferente do irmão mais velho, Sarah sempre teve uma relação mais tranquila e afetuosa com o irmão do meio, Daniel. Com ele, ela afirmou ter uma relação que definiu como sendo "de irmão mesmo", por compartilharem muitos momentos do cotidiano juntos e trocarem confidencias, como quando ela começou a namorar e ele foi o primeiro a saber, depois de seus pais.

> A gente sempre brincou junto, conversava e a gente tipo sempre foi muito próximo, e quando eu comecei a namorar. Jesus. Uns 2 anos atrás, 2 ou 3 anos, eu tinha 14 anos lá. Aí eu comecei a namorar, meu irmão, tipo ele foi um dos primeiros, minha mãe, meu pai já sabia por que eu já ia na igreja, então pra mim, tipo, era imprescindível. E eu conversei muito com meu irmão, então, tipo, ele sempre foi muito dessa de apoiar e ele sempre me apoiou em tudo. Tanto que tem final de semana que ele chega, tipo lá, eu estou fazendo lição, ele senta do meu lado, ficou mexendo o celular comigo, conversando.

Ele estudou e trabalhou durante todo o ensino médio e, ao concluir, não tinha a pretensão de cursar o ensino superior, o que deixou o pai bastante aborrecido ("meu pai ficou triste porque o meu irmão Daniel é muito inteligente e é novo, mas ele não quer saber de estudar, fazer uma faculdade"). No momento das entrevistas, ele trabalhava como porteiro na empresa do pai, além de trabalhar como vendedor em uma loja de cosméticos. Diferente do pai, Sarah não via como um problema a escolha do irmão em não seguir com os estudos, ainda que – como dito antes – ela queria muito fazer diferente dos irmãos e estudar para agradar o pai. Ela expressou ter muito carinho e admiração pelo irmão, independentemente do grau de formação escolar que ele tem, a profissão que ele escolheu ou sua orientação sexual.

> Ele é uma pessoa muito boa, tipo, eu gosto muito do meu irmão Daniel. E ele é uma pessoa muito integra, muito sincera, trabalhadora. Ele é responsável no trabalho dele, muito educado, faz tudo certinho.

Daniel, sempre morou com a mãe e passava os finais de semana com a família do pai. Sarah explicou que foi assim desde o início do relacionamento do pai com a mãe, quando ele tinha 9 anos de idade. Ele e a mãe de Sarah construíram um forte vínculo afetivo. Para exemplificar a profundidade da relação da mãe com esse irmão, ela contou que a pessoa com quem ele primeiro se sentiu à vontade em compartilhar sobre a sua orientação sexual foi a madrasta.

> Assim para você vê, ele é gay. Para você vê o quanto ele e a minha mãe, ela sempre foi muito presente na vida desse meu irmão. A primeira pessoa da família que ficou sabendo que o meu irmão era homossexual mesmo, tipo, ele foi conversar e falar, porque minha mãe já sabia, fazia tempo, né? Tipo, porque quem é próximo sabe. Mas a primeira pessoa que ele contou, mesmo que ele era homossexual, foi para minha mãe, porque ele não sentia seguro nem falar pra mãe dele ou pro meu pai. Então ele foi conversar com a minha mãe, então, meio que ele e a minha mãe tem uma relação muito próxima. Tipo, mesmo que agora a gente seja evangélico, tudo ele ainda chega. 'Nossa, tia', chega assim na minha mãe, ele sempre chamou de tia, 'nossa tia, eu conheci um rapaz'. Ela conversa de tudo com ele, tranquilo, sabe? Ele é muito próximo, é meio que uma tia mesmo para ele. Todo sábado e domingo ele tá lá em casa.

A experiência da convivência com o irmão, de certo modo, é um referencial balizador importante que fazia com que Sarah e sua mãe relativizassem as prescrições de sua igreja relacionadas à homossexualidade.

> Eu amo muito meu irmão, ele é homossexual, por isso, para mim e pra minha mãe isso nunca foi um problema. Porque eu acho que, assim, sabe, é assim, o amor é acima de todas as coisas, nenhuma outra característica ultrapassa o amor. Eu amo meu irmão do jeito que ele é, não acho que ele seja errado por isso ou precise ser diferente do que ele é.

A partir do exemplo do irmão, quis saber mais a fundo como ela e a igreja dela lidavam com o tema da homossexualidade. Ela marcou sua posição contrária à visão da igreja que pregava de certo modo a "cura" da homossexualidade e demonstrou ter aderido a uma postura mais progressista em relação a religião evangélica, que pregava a contextualização da bíblia e não sua leitura literal.

> Assim, tem algumas coisas que eu sou mesmo meio radical. Essa uma delas, eu não aceito de forma alguma que digam que amar alguém é pecado. 'Ah, porque duas pessoas do mesmo sexo não podem ficar juntas', é um absurdo isso. Não entra na minha cabeça, por que uma forma de amor pode e a outra não, sabe? Por que que não é família. Não tem sentido. A igreja ainda pega um versículo e coloca nos dias de hoje como se o contexto fosse o mesmo e não é assim.

### 5.3. Das primeiras experiências religiosas em família à conversão

A família de Sarah era plurirreligiosa. Ela relatou a diversidade religiosa em sua família, com influências principalmente do catolicismo e do espiritismo. Ela era a entrevistada que mais presenciou processos de conversão, conviveu e se relacionou desde muito nova com pessoas de variadas crenças e formas diversas de expressão da religiosidade. Em diversas situações por ela narradas, existiam o 'antes' e o 'depois' da conversão pessoal e da conversão de sua família nuclear.

Sobre o lado materno, Sarah caracterizou como sendo mais religiosa ("sempre deram mais importância pra isso, de ir mesmo no lugar"). Seus bisavôs tradicionalmente seguiram a religião católica ("como é descendente português. Então essa tradição católica veio de muito tempo atrás, e meu vô tem lá os santinhos que era do pai dele"), os avós herdaram a religião e são praticantes do catolicismo muito devotos, ("ele é católico roxo mesmo. Bebeu por muito tempo, aí parou e mudou de vida. Ele foi daqui até Nossa Senhora Aparecida, assim que fala? De a pé. Com 63 anos de idade."). A mãe e o tio, cresceram com os costumes religiosos católicos. Mesmo quando começaram a seguir o espiritismo, aos domingos, frequentavam a missa à noite e o centro espírita pela manhã, até se converteram à religião evangélica.

Sobre a família do lado paterno, ela caracterizou como sempre católica não praticante. No entanto, a avó paterna tem uma forma bastante peculiar de viver a religiosidade. Apesar de não frequentar nenhum templo, ela segue práticas religiosas em casa por meio da mídia televisiva, e o que chama a atenção é ter se tornado seguidora da seicho-no-ie ("a minha vó, ela nunca foi tão firme assim, sabe? Até hoje ela vê tudo pela televisão porque ela não gosta de ir no lugar mesmo. Mas ela ora todo dia, mesmo ela sendo um pouco mais assim, estressada e tal, mas ela ora lá, ela faz as orações e ela também começou a seguir a seicho-no-ie").

Com dois anos de idade, Sarah foi batizada na igreja católica e pela primeira vez levada ao centro espírita, pelos pais e padrinhos (tio irmão da mãe e esposa). Na igreja católica, ela frequentava missa e a catequese, e fez a Crisma aos 10 anos de idade[54]. Mas seu envolvimento

[54] Crisma e a Catequese são práticas e ritos da Igreja Católica relacionados à confirmação da fé e ao ensino religioso, respectivamente. A Crisma é um sacramento da Igreja Católica em que os fiéis confirmam publicamente sua fé e recebem os dons do Espírito Santo. Geralmente, é administrado por um bispo, que unge o crismando com óleo sagrado e impõe as mãos, simbolizando a efusão do Espírito Santo sobre ele. Esse sacramento é considerado uma etapa importante no desenvolvimento da vida espiritual do fiel, marcando sua maturidade religiosa e compromisso com a comunidade cristã. A Catequese é o processo de ensino e formação religiosa da fé católica, destinado principalmente a crianças e jovens, embora também possa ser voltado para adultos que desejam ingressar na Igreja. Durante a catequese, os participantes são instruídos nos ensinamentos fundamentais da doutrina católica, nos sacramentos, na moralidade e na prática da oração. O objetivo é promover o crescimento espiritual e o entendimento dos fiéis, preparando-os para receber os sacramentos da Eucaristia e da

maior naquela época era com o espiritismo. Ela e sua mãe participavam ativamente das atividades do terreiro, mas o pai não era tão frequente. No terreiro, elas iam às festas e, semanalmente, tomavam o passe e se consultavam com os guias espirituais.

> Chama terreiro. É lá em Valinhos tem um lugar, é numa chácara, aí a gente chegava lá, sentava. Aí formava uma fila com o pessoal lá. Qual o nome? Os pais de Santo? Não é pai de Santo que fala? Não lembro. São as pessoas que recebiam o espírito lá, tem um nome específico. Os guias. Aí a gente sentava e de um em um eles iam chamando, aí tinha festa. Festa de São Gomes e Damião, e tinha doce, eu ia. Tinha outras festas. Tinha o passe, eu tomava. Chegava lá, eu sentava na frente, tipo, assim que nem a gente tá, sabe. Só que você estava sentada aqui e eu sentava na sua frente. Aí ele tava lá com espírito, aí a gente conversava aí, tipo, se você estava com problema você contava e ele te ajudava.

O ambiente socializador familiar que Sarah conheceu foi marcado pelos conflitos conjugais e pela instabilidade nas relações. Durante a infância, Sarah conviveu com diversas brigas dos pais, ela contabilizou que, antes da família começar a ir para a igreja evangélica, os pais se separaram e reataram ao menos 4 vezes. O clima de instabilidade vivido dentro de casa de certo modo favorecia para que ela desenvolvesse a crença em uma espiritualidade que direcionava algumas soluções para seus problemas. Contudo, ela enfatizou que o fim das brigas dos pais só aconteceu após a conversão à religião evangélica, quando parece ter havido também uma mudança de comportamento do casal.

> Inúmeras vezes eu levei, tipo trancinha, sabe? Pra casa porque meus pais brigavam muito, nossa demais. Então é que assim, a minha família era um pouco desestruturada porque, meu pai, ele é muito preocupado com a situação financeira. E quando eu era menor lá pros meus 9 anos de idade, meu pai, minha mãe, eles discutiam muito, tipo e eles separaram 4 vezes e voltaram 4 vezes. Hoje, Glória a Deus. Eles não brigam tanto. Na verdade eles não brigam mais, tipo, agora são coisas que eles perdem a paciência um com o outro, mas por coisas necessárias não são coisas tipo que você fica ai meu Deus. E eu cheguei lá uma vez eu falei assim, minha família estava brigando, meus pais tava brigando, brigando, brigando. Aí essa trancinha é uma família de 3 pessoas que moram comigo. Meus irmãos não moram comigo, tinha uma fitinha, tinha um negócio rosa, um azul e um amarelo. Um amarelo. Era a minha mãe. O azul era meu pai, rosinha era eu. Aí ele trançou que era pra fortificar o laço da família. E eu não entendia nada, só ia, né? Tipo, vamos que vamos. Eu guardava no meio das minhas roupas e super participava. Participava super, tipo sentava, recebia o passe, eu acreditava demais.

Por mais que o pai de Sarah não tivesse uma frequência ativa no terreiro, ele praticava intensamente a religião em casa. A família se reunia e juntos experimentavam práticas espíritas.

---

Crisma e para uma vida de compromisso com os ensinamentos de Cristo e a comunidade da Igreja. Essas práticas desempenham um papel importante na vida espiritual dos católicos, proporcionando educação religiosa e fortalecendo sua fé e vínculos com a comunidade cristã.

Ela se lembrou que durante a infância conviveu com o pai recebendo espíritos cotidianamente, a tal ponto de ela desenvolver um certo carinho e respeito pelo espírito que estava incorporava em seu pai, como se fosse um familiar seu.

> Porque assim o meu pai ele também, ele não ia nos terreiros, mas ele recebia. Eu não sei o que que ele recebia, mas tipo assim, e não era uma só coisa, tipo o espírito e uma dessas pessoas que ele recebia era o nosso suposto tataravô. [...] Vinha esse tataravô que ele chamava Tenório. Tanto é que meu pai fala tipo, o meu pai, falava que quando eu estava na barriga ele já sabia que eu era menina antes mesmo da minha mãe fazer ultrassom. [...] Tem várias coisas ligadas a ele e eu acreditava demais, sabe? Eu realmente dava Bença como se fosse uma pessoa viva mesmo, eu perguntava se estava bem, eu abraçava, beijava e falava eu te amo, tipo tudo. E eu achava realmente sabe?

Embora Sarah tenha utilizado o termo "receber espírito" para descrever esses encontros, ela enfatizou que após se tornar evangélica ela não compreendia mais “espíritos” da mesma forma, mas tinha dificuldades para encontrar uma outra palavra e outra forma para descrever essas experiências (“Como eu posso explicar? Não sei se é receber, e se é espírito mesmo, porque o que eu falo que era receber espírito, mas era outra coisa, porque eu acredito, o que a nossa religião acredita é que o espírito não fica aqui, ele vai.”). Ela demonstrou certo incômodo em lidar com essas lembranças e atribuir outros significados às experiências que eram tão intensas e eram parte importante de sua vida.

Ela contou que certa vez, por volta dos 10 anos de idade, ela “recebeu espírito”. O pai ficou muito preocupado e não dormiu até que a filha saísse do estado de transe. Pela manhã, ele relatou a ela o ocorrido. Ela não se lembrava de nada, mas recebeu a notícia com muito entusiasmo (“Aquilo na época foi o máximo, meu Deus, que demais!”). No momento das entrevistas, ao mesmo tempo em que ela narrava as memórias daquela época com certa euforia, em seguida, ela já recriminava e julgava as práticas vividas em família, ressaltando aspectos que ela identificou como prejudiciais.

> Não misericórdia, tá repreendido aí, tipo, e o meu pai, ele tinha vícios por causa desse espírito, tipo assim. Esse espírito vinha, ele queria fumar, mas é um cigarro cachimbo mesmo, coisa de velho mesmo. Aí meu pai tinha muito esse vício e bebida também. Se preto velho, ele gostava de café sem açúcar. A criança gostava de doce, então, tipo, era sempre assim.

A mãe, por mais que fosse espírita e frequentasse as missas católicas, esporadicamente, também visitava igreja evangélicas e passou a procurar mais intensamente uma igreja após ter passado por uma situação ruim em casa ao “receber um espírito” (“ela ficou tão mal que a pressão dela subiu muito, ela passou mal, ela desmaiou aí tipo, ela falou que não queria mais

aquilo"). O primeiro contato que Sarah teve com a igreja evangélica foi aos nove anos de idade. Ela se lembrou de não ter gostado por preferir o centro espírita.

> Eu entrei e não fez diferença para mim, tipo era aquela igreja que tem que usar saia etc. Eu achava aquilo super chato. Então eu falava assim, 'ai mãe, não, mãe, não'. Eu com 9 anos de idade, super chato o culto, ia na escolinha para criança, mas eu achava tudo muito criança e eu ficava tipo, 'não!', aí depois a gente voltou para aquela vida de espiritismo barra catolicismo.

Gradualmente, após a experiência ruim que a mãe de Sarah teve durante a sessão espírita em família, os pais passaram a não praticar o espiritismo em casa ou no centro espírita. Nessa época, com 10 anos de idade, ela continuou frequentando com os padrinhos aos domingos de manhã, quando dormia na casa deles. Ela disse que "permanecia firme" seguindo o espiritismo ao mesmo tempo em que fazia catequese e cumpria com o ritual católico da primeira comunhão[55] ("Enquanto eu tava com um pé na primeira eucaristia, no domingo de manhã eu tava lá no centro espirituais").

Aos 12 anos de idade, alguns meses após o pai de Sarah sair da prisão, sua família começou frequentar a igreja evangélica. Ela não soube explicar ao certo as circunstâncias em que um amigo do pai fez o convite, mas eles foram, gostaram e continuaram a ir. Logo aconteceu um retiro chamado Encontro com Deus, ela explicou que nesse encontro eram tratados temas sensíveis, com profundidade, relacionados à libertação e cura interior, principalmente. Durante o final de semana de retiro, seus pais participaram e ela não pode ir por ser ainda muito jovem. Mas, após o encontro, ela disse que muita coisa em sua família mudou. As relações familiares se pacificaram e o pai se livrou dos vícios que tinha adquirido, segundo ela, em função do consumo de drogas lícitas que fazia parte dos rituais espíritas.

> Aí meu pai foi e ele saiu de lá, ele jogou o cachimbo dele fora, ele jogou tipo trevo, como era o nome daquele negócio? É fumo, fumo. Ele jogou fora e, tipo, ele parou de beber por um tempo, depois ele voltou, mas não a ponto de ficar alcoolizado, sabe? Bebe na esportiva. Mas eu não gosto nem assim, em nome de Jesus, Ele vai livrar isso dele. Aí, tipo, isso, trazia muito malefício pro meu pai.

Por ter sido muito marcante para a família de Sarah, a liderança da igreja disse que sua mãe poderia autorizar a ida da filha, se achasse apropriado ("falaram para minha mãe ir para ver se ela achava muito pesado para mim"). A mãe de Sarah decidiu que ela estava preparada, e ela foi ao encontro. Achou a experiência "maravilhosa", embora fosse muito jovem. Ela

[55] A Primeira Comunhão é um rito sacramental de iniciação na fé cristã da Igreja Católica que marca a primeira vez que um indivíduo recebe a Eucaristia, que é o sacramento central da fé cristã. A Eucaristia, também conhecida como Comunhão, é a celebração da Última Ceia de Jesus Cristo, onde o pão e o vinho consagrados se tornam, de acordo com a doutrina católica, o Corpo e o Sangue de Cristo.

descreveu o retiro como um fim de semana especial e "para levar para a vida toda", mas confessou que, na sua idade, "aquilo lá estava sendo mais divertido do que deveria ter sido mesmo". Durante o retiro, ela se emocionou profundamente, dizendo "chorei horrores e me entreguei mesmo".

A partir dessa experiência, Sarah ressignificou seu engajamento religioso, agora na gramática cristã-evangélica. Ela deixou de frequentar o espiritismo, para se dedicar à igreja evangélica e se engajar assumindo posições que acreditava serem relevantes no âmbito da igreja evangélica. Durante as entrevistas, ela se sentia muito realizada em ajudar como voluntária nos encontros, servindo na função denominada de "laranjinha".

> Era meu sonho ser laranjinha, tipo, eu via aquelas meninas com colete laranja e eu ficava, assim, gente, que lindo trabalhar para Deus. Aí esse ano. Tipo, esse domingo passado, não, esse final de semana que passou, eu fui no meu segundo Encontro com Deus de adulto que eu trabalhei, e eu trabalho com o encontro com Deus de criança também, já foi uns quatro acho. dou uma célula para criança na igreja, eu sou do Ministério infantil, trabalho com as crianças, tenho a célula por fora do Ministério infantil. Também sou da mordomia. O que são aquelas pessoas que ficam na porta, recepcionando, levam as coisas para o pastor

Além dos trabalhos voluntários nos encontros, ela passou depois a dar aula para as crianças no chamado "ministério infantil" e atuar ainda auxiliando em uma célula que também era direcionada às crianças. Durante os cultos, ela também atuava na mordomia ("que são aquelas pessoas que ficam na porta, recepcionando, levam as coisas para o pastor"). Chamou a atenção que Sarah não participava de atividades direcionadas aos jovens da igreja e disse que não tinha convívio com eles. Em um primeiro momento, ela disse que não participava porque como o pai não tinha carro, ficava inviável participar nas reuniões no sábado à noite.

Quando o tema foi o seu primeiro contato com o GC, o motivo de sua não participação no grupo de jovens da igreja revelou-se outro. Ela disse que inicialmente não queria participar do Grupo temendo ser mais um grupo de "crentes que agem como se fossem mais que alguém só porque é crente". Dito isso, perguntei qual grupo ela participou que era assim e ela revelou que se deparou com pessoas assim no grupo de jovens da igreja. Disse que o grupo era bastante fechado entre os jovens mais antigos na igreja, revelando que ela vivia um sentimento de intimidação diante de pessoas que ocupavam aquele espaço há mais tempo. Decerto, essa fosse uma das razões de ela preferir ocupar posições na igreja que a mantinha em contato com pessoas 'novas na fé' – crianças e encontristas do Encontro com Deus, que era maioria novato.

Com frequência, nas entrevistas, Sarah dizia que antes mesmo de sua conversão ela era "muito correta", devido à educação familiar recebida ("eu não nasci em berço cristão. Eu me

converti aos 12 anos. Querendo ou não, não passei tipo uma vida ‘no mundo, meu Deus, que vida errada’, porque meus pais sempre tiveram rédea comigo”). Indicando com isso que havia certa complementariedade entre o universo familiar e o novo universo religioso cristão-evangélico que ela aderiu, ambos exigentes em relação a interiorização de normas, boas condutas e moralidade. Dessa forma, disposições ao moralismo foram atualizadas (“fortifiquei isso depois que foi para igreja”). Assim, ela afirmou que mudou o seu palavreado e se cobrava muito em ter atitudes coerentes ao que era pregado.

> Palavreado, palavreado, puxa muito, porque com 12 anos as crianças falam e eu falava. Às vezes ainda, tipo num momento de nervoso, a gente solta um tipo um, ‘meu Deus, caramba’, sabe tipo solta uns desse, mas eu fico, não, não pode, não pode, não, não pode, porque aí o que os outros vão pensar de mim? Eu penso assim, tipo, se a gente tem que ser imagem e semelhança de Cristo, Cristo, não falaria um negócio desse, então eu puxo muito por essa parte de me cobrar pra eu não ser um testemunho errado. Eu acho que quando a gente quer falar sobre algo, a gente tem que ter domínio sobre aquilo. E não adianta eu falar de alguma coisa que eu não vivo. Então eu me puxo muito nessa parte de ser aquilo que eu falo, sabe? Se eu falo pra alguém, ‘gente, não vamos brigar’, porque eu tô xingando um amigo? Então eu puxo muito nessa parte, tipo me cobrar nessa parte de ser um bom testemunho para as pessoas, sabe?

### 5.4. Primeiras experiências escolares

A maior parte dos familiares de Sarah não concluiu o ensino médio, apenas os tios caçulas (irmãos mais novos do pai e da mãe) tinham nível de escolaridade mais alto e eram para ela exemplos próximos de ascensão social pela escola.

> [...] da minha família por parte de mãe, só o meu tio tem faculdade em jornalismo e por parte de pai o meu tio também tem faculdade em engenharia mecânica, então o estudo pra ele [o pai] sempre foi uma coisa muito tipo, que mudou a vida deles e assim eles sonham muito que eu estude que eu continue estudando que eu tenha uma vida bem tranquila mesmo.

Investimentos eram feitos pela família para que Sarah avançasse nos estudos, seguindo uma trajetória semelhante à dos tios. Ao longo das entrevistas ela relatou inúmeras vezes como os pais sempre falavam para ela que ‘os estudos são tudo’. Eles não permitiam que ela trabalhasse e investiam ainda recursos financeiros para que a filha se dedicasse exclusivamente aos estudos e fizesse cursos extras que poderiam colaborar com a formação futura dela.

Sarah ingressou na escola de educação infantil aos 4 anos de idade. Depois, aos 6 anos, foi para escola localizada ao lado, onde estudou até os 15 anos, quando completou o ensino fundamental. As escolas eram vizinhas uma da outra e os professores do infantil acompanhavam de perto a passagem dos alunos para o fundamental. Isso contribuiu para que ela construísse um vínculo muito forte com essas escolas que eram separadas por um muro (“Foram duas escolas,

mas era como se fosse uma com um muro no meio literalmente. Então virou a segunda família mesmo, dos 4 aos 15 lá. Até eu sair, eu ainda via as tias de quando e entrei lá e era impressionante que elas se lembravam de todo mundo") e considerada uma das melhores na região ("Todo mundo falava que lá era uma das melhores"). Um dos parâmetros para ser referenciada dessa forma era o fato de encaminhar estudantes para as escolas técnicas da região todos os anos ("Era conhecida por ser boa, sempre tinha aluno que era aprovado aqui, no Cotuca, na Etecap, todo ano tinha pelo menos meia dúzia. Não era, 'nossa, quanta gente', mas sempre tinha").

Ao ingressar no ensino fundamental, Sarah já sabia ler e reconhecia os números. Ela se lembrou que quando estava aprendendo a ler na educação infantil, ela queria muito ler e escrever porque via a mãe ler e achava aquilo uma "coisa muito adulta, madura", ela pegava um papel e ficava riscando como estivesse escrevendo. No entanto, chamou a atenção que a mãe não lia como uma prática pessoal, em contrapartida lia muito para a filha e permitia que ela brincasse com os livros e outros materiais que tinham acumulados em casa e que, de certo modo, não davam muito valor.

> Minha mãe não lia muito pra ela. Ela lia muito pra mim. Eu chegava da escola e pedia pra gente ler. E ela lia muito pra mim. Não tinha muitos livros, tipo, tinha uns pequenininhos, de criança mesmo, tinha alguns de religião que a minha mãe tinha, romance espírita, só que ela não lia e tinha alguns no meu pai que era tipo de serviço do meu pai, de quando ele fez o curso de bombeiro, essas coisas, tipo, tinha livros mais didáticos também. Que ficavam lá e aí eu pedia pra eles ler,

No entanto, Sarah compartilhou que era muito difícil para ela conseguir estudar. Ela contou que foi uma "peleja" para aprender a ler e fazer tabuada. Apesar de querer muito aprender ela tinha dificuldade para estudar, seus pais pouco conseguiam ajudar por conta de suas rotinas de trabalho, como dito antes.

> Eu nunca fui uma aluna assim, de me importar com estudar. Nunca fui não, né? Eu não era, quando era pequena. Eu sofria muito para estudar. Nossa era um sacrifício da alma. Eu tirar uma nota boa em matemática, nossa, e para aprender a ler, escrever. Foi uma peleja, não fosse a professora do pré que chamava Soledade que eu amo ela do fundo do meu coração, perdi o contato com ela, mas eu amava ela do fundo do coração.

Em matemática, inicialmente, ela teve muita dificuldade, se lembrou que chorava muito para aprender e "odiava a matéria com todas as forças". Sua mãe algumas vezes a ajudava, sentando-se com ela até que entendesse o conteúdo, mas Sarah ainda não conseguia. Em uma ocasião, ela colou em uma prova de tabuada e acertou todas as respostas. Quando a professora percebeu, ela começou a chorar e confessou o que tinha feito. A professora manteve a nota, mas

se sentou com ela para conversar. Essa experiência marcou Sarah profundamente, e ela acabou se apaixonando pela matéria. Depois passou a amar matemática, física e química.

> Eu chorava demais nas aulas dela, porque eu odiava matemática com todas as forças do meu ser e ela tipo, nossa, eu odiava tabela, eu odiava fazer tabuada. Minha mãe sentava, fazia comigo até entrar na cabeça e eu chorava nas aulas, eu chorava. Nossa chorava que enm uma condenada. Hoje eu amo matemática, física, química, mas na época eu chorava que nem uma condenada e eu agradeço a Deus que foi essa professora, que tipo, me apoiou, sabe? Ela nunca foi assim, braço mole. Ela falou assim, ó Sarah, tem que parar, sentar e estudar. Teve uma vez que eu colei na prova, eu colei na prova de tabuada dela. Aí ela falou assim, nossa, você acertou tudo. Cara de pau eu era. Aí eu comecei a chorar que nem uma condenada eu contei para ela. Me dá uma nota vermelha, tudo bem. Mas ela manteve a nota porque ela falou assim, ela sentou comigo e tudo mais, fez junto, explicou e falou, você é capaz e você vai ficar com nota boa. Nossa eu me apaixonei por isso.

Ao longo das entrevistas, Sarah refletiu sobre sua jornada como estudante e reconheceu o impacto transformador que seus professores tiveram em sua vida. Ela compartilhou como, durante sua infância, estudar se mostrou uma tarefa árdua e desafiadora, marcada por um esforço intenso e, muitas vezes, frustrante. Contudo, ao longo de sua trajetória escolar, ela encontrou apoio e encorajamento em cada uma de suas professoras, que a auxiliaram a superar suas dificuldades e a desenvolver “um gosto pelo estudo”.

Ela relembrou como, a partir do sexto e sétimo ano, começou a perceber a importância de se esforçar para alcançar seu melhor, não apenas por si mesma, ou por sua família, mas em reconhecimento ao compromisso dedicado de seus professores. Sarah enfatizou a influência positiva de figuras educacionais em sua formação, destacando nomes como Soledade, Cláudia, Carla e Susana, entre outros. Ela expressou gratidão pela dedicação e pelo apoio incansável de seus professores, que contribuíram significativamente para sua compreensão do valor do estudo e para o desenvolvimento de seu pensamento crítico e habilidades acadêmicas.

> Eu me dedico muito a estudar e tudo mais, porque são professores que acreditam, sabe? [...] e tipo todas as professoras, elas construíram os a estudante que eu sou hoje, sabe, adulta que eu estou me tornando. Porque tudo o que elas falaram para mim, tudo o que elas faziam de me apoiar, de sentar, de me ajudar, de pegar no meu pé mesmo, fez com que no sexto sétimo ano eu criasse este gosto por estudar, sabe? De querer ser alguém melhor, porque eu pensava assim no começo, aí tirou lá uma nota média. E quando elas começaram a falar tipo assim, a gente tem que ser mais, mais e mais não com esse intuito de cobrar mais, conheci tudo assim, de eu dar o meu melhor. Eu comecei a ver que, tipo assim eu tenho que fazer o melhor, não só por mim, pela minha família, mas tipo assim, porque os professores dão o melhor, o melhor deles para a gente que é aluno, não é? Então, essas professoras elas, nossa, elas foram essenciais na formação de quem eu sou hoje, porque eu posso falar o nome de cada uma delas desde o começo a Soledade, a Cláudia. Quem mais? A Cláudia, a Carla, a Susana, nossa, todas elas são, tipo assim,

> essenciais, porque cada uma delas fez com que hoje eu consiga ver que o estudo ele é essencial, não só o estudo, mas também para a formação do aluno, do pensamento do aluno.

Nessa época, Sarah também vivenciou a experiência de participação no Grêmio Estudantil, incentivada por uma professora que fazia uma pesquisa de mestrado e acompanhou o processo de criação do Grêmio mobilizado pelos alunos. Vitoria foi a vice-presidente.

> Eu fui vice-presidente do Grêmio na minha antiga escola, a gente deu início ao Grêmio com amigo meu que estuda aqui no Bento agora, a gente que deu início, fez toda aquela, aquele processo de começar o Grêmio aí eu fui vice-presidente, e dava muito trabalho, porque a gente teve que montar todo o processo. A gente montou uma chapa e teve chapa concorrente, mas era uma coisa bem, sabe, pequena.

Quando o pai foi preso Sarah cursava o sexto ano do ensino fundamental e o impacto desse momento em sua relação com a escola e sua trajetória escolar, felizmente, foi positivo, haja vista que ela encontrou o amparo de uma professora que a ajudou a superar e entender a complexidade do momento que a família estava passando. A professora foi quem explicou a ela que o pai havia sido preso e conversava com ela e a preparava para cada visita que ela faria ao pai na prisão. Segundo ela, foi nesse momento que ela passou a ver sentido na escola e, além disso, começou a "ter esse gosto por fazer algo que colabore com a sociedade".

Chamou a atenção que ao narrar sobre as angústias e o sofrimento familiar – da época da prisão do pai até a dificuldade de ele conseguir se inserir novamente no mercado de trabalho – ela espiritualizou o desfecho da situação ("Graças a Deus, Deus proveu") e analisou do ponto de vista religioso ("Foi resposta de oração"), mas ela também expôs pontos de vista muito críticos, situando o problema familiar, não de forma individualizada, mas como um problema social brasileiro.

> E foi uma loucura, porque eu estava na escola, a minha avó, por parte de mãe foi me buscar e eu não entendi nada. 10 anos nas costas, não sabe de nada que está acontecendo, cheguei em casa, a minha mãe estava muito mal, estava chorando tudo mais. E não tinha entendido nada que estava acontecendo porque de manhã eu saí pra ir pra escola. Meu pai me levou na escola, sabe? Era ele que sempre me levava e buscava. Aí, até ela me explicar. No começo ela falou que ele tinha ido viajar e tudo mais. Aí, depois ela não conseguiu esconder porque como eles já tinham se separado e voltado, eu achei que tinha acontecido de novo. Aí eu queria ver meu pai, eu ver meu pai, eu queria falar com ele. Quando eu comecei a entender, essa professora da escola, ela conversou comigo e tudo mais e ela me dava muito esse apoio, tipo de conversar comigo, de sentar e de me explicar as coisas. O que a minha mãe não conseguia falar. E eu ia visitar ele e tudo mais. E o lugar assim é um lugar muito estranho de você ir, sabe? Por isso que eu fico pensando assim, né? Em como a sociedade Brasileira, ela trata as pessoas, sabe porque assim você vai lá e assim. Era uma loucura. Tipo assim, meu pai, ele não fez por merecer, e descobriram isso, era para ficar 6 anos, ficou um porque não era erro dele.

> Assim, tem gente lá que, sabe, você vê que a pessoa, gente de cadeira de roda, gente sofrendo, sendo maltratada, e eu, com 10 anos de idade, vendo tudo aquilo. Não tinha aquele impacto para mim. Mas hoje eu paro pra pensar naquilo tudo que eu vi, naquilo tudo que eu presenciei, quando eu ia lá para, assim, todo aquele sofrimento, o descaso com quem é visitante, sabe? Porque é uma coisa de louco. Você vê o jeito que eles tratam as pessoas, sabe? E aí, quando eu vi tudo aquilo lá, aquilo. Todo mundo tratado como um criminoso independente se foi julgado ou não. Independente do que foi o que fez o que não fez. Tem famílias. É uma coisa, tipo, o sistema penal brasileiro é uma lástima para não falar coisa pior. E isso que nessa situação, essa professora, ela me dava muito apoio. Ela conversava comigo, ela me abraçava, ela sentava, ela me ajudava e foi mais ou menos nessas situações que eu comecei a ter esse gosto por fazer algo que colabore com a sociedade, sabe? Tipo assim, alguma coisa. Porque lá dentro as pessoas, assim. Tem gente que está culpada? Sim, com certeza. Todo mundo tem seus erros aí. E não estou passando a mão na cabeça de quem tem que pagar pelas coisas. Misericórdia. Só que assim eu acho que o sistema penal brasileiro ele devia muito mais ser uma reabilitação do que um sistema de exclusão. Meu pai demorou muito para achar um emprego depois. Ele chorava. Ele chorava. Minha mãe trabalhava. Ele ficava muito triste em ver ela ter que trabalhar em dobro pra bancar tudo. Na mesma época morreu a senhora que ela cuidava e aí ela ficou desempregada também, rapidinho ela conseguiu outro trabalho. Nunca ela ficou muito tempo sem nada. Mas foi muito difícil. Mas graças a Deus, Deus proveu, entendeu? Ele tem hoje emprego, até hoje. Ele está empregado depois de tanto tempo assim, está empregado, mas tipo assim, eu vejo que essa oportunidade não é todo mundo que recebe e para mim foi uma benção. Meu pai, a minha mãe. Eles abriram uma empresa. Que segundo o meu tio, que ele é missionário, foi resposta de oração minha e a gente está aqui e eu sempre falo com meu pai, eu falo assim, 'pai, quando você for contratar alguém, não olha isso, sabe porque alguém um dia te deu essa oportunidade? Olha, dá essa oportunidade para alguém, porque é muito triste ver pai de família'. Tá certo que a pessoa pode ter feito por merecer por tá lá dentro e não está errada. As pessoas têm que saber, mas tipo assim, pai de família, em vez deles terem lá um momento de pensamento, de reabilitação, eles saem sem mais sem zero menos zero, menos cem. Com menos oportunidades do que entraram e assim isso vira um ciclo vicioso de cada dia. Mais violência, violência e eles só colocam a culpa nas pessoas que estão lá dentro, não no sistema. Então isso despertou em mim um negócio muito, sabe de querer ver coisas que possam ajudar essas pessoas, porque quando a gente passa por isso, quando a gente vê pessoas passando por isso tão próximas, a gente, a gente vê que isso não é só aquilo que a mídia mostra, aquilo que as pessoas passam é, nossa, é um buraco tão fundo, mas tão fundo. Porque quando você para para ver gente, é louco demais, sabe?

Por meio de suas experiências educacionais, Sarah aprendeu a valorizar o estudo não apenas como um meio de adquirir conhecimento, mas também como uma ferramenta essencial para o crescimento pessoal e a formação do indivíduo. Ela reconheceu que seus professores desempenharam um papel fundamental nesse processo, capacitando-a a alcançar seu potencial máximo e a se tornar a pessoa que é hoje.

Nos dois últimos anos do ensino fundamental, o pai ainda estava se reinserindo no mercado de trabalho e o irmão com sua família estavam morando na casa dela. Sarah ia para

escola pela manhã e no período da tarde, além das tarefas escolares e cuidados com a casa, ela cuidava da sobrinha bebê para que a cunhada pudesse trabalhar. Sarah contou com naturalidade a ocupação extra de cuidado que assumiu nesse período e afirmou que isso não impactou seus estudos. Contudo, se não fosse a insistência de algumas professoras, ela não teria se inscrito nos Vestibulinhos, demonstrando que talvez ela estivesse de fato em alguma medida sobrecarregada ou pouco focada nos estudos. Nessa época, a família passava por problemas financeiros e sabendo que ela não conseguiria pagar as inscrições nos vestibulinhos, ela quase desistiu, mas algumas professoras insistiram e financiaram suas inscrições.

> Elas são os amores da minha vida, porque assim eu tava sem dinheiro na época para pagar a minha inscrição, né? Meus pais estavam num momento assim complicado e eu não ia me inscrever em nada. Eu encontrei com ela, ela falou, já se inscreveu? Não vou me escrever, aí minha professora de português sentou, você vai e me inscreveu no Cotuca. Ela falou assim, eu confio em você, eu vou pagar, ela pagou minha inscrição no Cotuca e falou, não importa se você passar, você merece tentar.
>
> Eu lembro até hoje a data, eu acho que era tipo assim, sei lá 20 de julho, uma coisa assim era o último dia de inscrição do Bentão. E essa foi a professora de matemática. [...] Ela chama Ruth. Aí ela sentou comigo lá no último dia, e ela falou assim pra mim, você fez inscrição no Bento Quirino? Aí eu falei não, aí ela falou assim, por que não? Eu falei porque eu não quero. Ela falou assim, não, você vai fazer inscrição. Aí falei, meu senhor, não quero, entendeu? Não estou a fim, eu não tinha nem documento, eu não tinha decorado, CPF, nada. Aí ela falou assim, você vai sim, a gente estava na aula de laboratório que eles tinham comprado uns computadores pra escola lá. Aí a gente sentou lá na tela de matemática, ela sempre passava uns joguinhos de um aplicativo lá pra gente fazer. Ela falou, você vai fazer sim. Aí eu falei assim, não vou. Ela falou a mas você vai, me sentou. Falou assim, deu o celular dela pra mim, falou assim, liga pra sua mãe. Aí eu liguei pra minha mãe, falou assim, pede todos os documentos, agora faltando tipo, 10 minutos, pagar a inscrição, foi nossa, ela falou, liga pra sua mãe agora aí liguei mãe, peguei meu RG, meu CPF que não sei o que, não sei o que lá e eu comecei a escrever fazer todas as inscrições e ela falou, eu pago, pode deixar. Aí ela me deu o dinheiro, eu trouxe para casa, paguei, fui fazer a prova. De todas as escolas técnicas que eu fiz lá, a única que eu passei foi o Bentão. Ao resto eu fiquei na fila de espera.

### 5.5. Ensino médio no Bentão

No ensino médio, Sarah seguiu sendo uma aluna dedicada e com boas notas. Ela ressaltou que por ser a escola em período integral ela passou estudar muito mais, mesmo nos horários em que ela não tinha aula, mas estava na escola, ela usava o espaço da biblioteca para estudar. A escola favoreceu para que ela não se dividisse entre as funções de cuidados com a casa e a funções da escola ao longo da semana, apenas aos finais de semana ela permanecia dividindo o trabalho doméstico com a mãe.

Quando chegou à nova escola, Sarah enfrentou o desafio de se adaptar a um ambiente desconhecido, temendo não fazer amigos e se sentir deslocada. No entanto, a semana de integração permitiu que Sarah estabelecesse conexões com colegas de classe e se sentisse acolhida. Embora as atividades de integração possam ter sido um tanto *toscas*, em sua opinião, elas contribuíram para criar um ambiente onde os alunos se sentiam seguros para interagir e se conhecer.

Na escola, o ciclo social de Sarah se desenvolveu principalmente com os membros do grupo cristão. A princípio, Sarah relutou em participar do grupo, receosa de que fosse apenas mais um ambiente de julgamento e superioridade entre os participantes. No entanto, após ser convidada por uma amiga e começar a frequentar as reuniões, ela descobriu que se identificava com as atividades e os valores compartilhados pelo grupo. Embora sua amiga tenha parado de frequentar, Sarah continuou, e gradualmente se envolveu mais com o grupo, estabelecendo laços significativos com outros membros.

O grupo cristão se tornou uma parte importante da rede social de Sarah na escola, proporcionando-lhe um espaço para se conectar com colegas que compartilham de suas crenças e valores. Além disso, Sarah mencionou a existência de outros grupos na escola, como o grupo feminista, o de música e o de teatro, mas expressou pouco interesse em participar deles, principalmente devido à sua agenda e interesses pessoais.

Embora tenha sido vice-presidente do Grêmio em sua escola de ensino fundamental e tenha desempenhado um papel ativo na fundação do Grêmio lá, Sarah optou por não se envolver com o Grêmio em sua nova escola, citando questões de logística e cansaço como principais razões para sua decisão. A sobrecarga de compromissos e o fato de que as reuniões do Grêmio se estendiam até tarde tornavam essa opção inviável para ela.

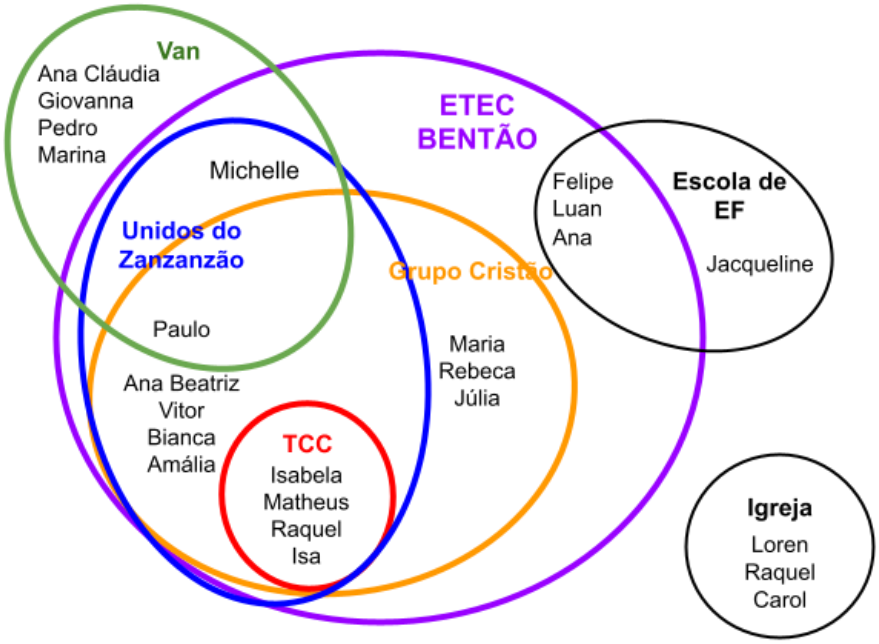
Na última entrevista, ela explicou com era o cursinho e estava muito empenhada com essa participação.

> É um cursinho popular. Ele chama Cursinho Popular Contexto, é da ONG Bom Tempo aqui de Valinhos. Tanto que 3 professores desse cursinho eles são co-vereadores na prefeitura de Valinhos agora, né? Então, é um curso popular, muito interessante, assim, ele é de esquerda, que fala, é um cursinho petista, eu não sou petista, assim. Mas é muito interessante, porque tipo, assim, eles, eles não fazem essa distinção de falar assim, ai você é do Bolsonaro, aí você é do PT, não tem nada disso, mas eles deixam claro que são PT. Eles conversam sobre política, eles explicam, eles falam tudo. Assim, eles são petistas, tudo mais. Mas eles falam também, tipo assim, dos erros do PT. Eles falam assim, a gente pode ser de tal partido, mas a gente não esconde, então, é bem gostoso, porque eles abriram bastante nossos horizontes. Assim, nós conversamos muito. Sabe, muito maduro, uma conversa muito boa para ajudar no nosso crescimento mesmo, é muito bom. Não fica naquela coisa assim,

> tipo, ai você só tem que passar no vestibular e é isso, isso, isso, né? Nossa, eles prezam bastante por isso, tipo assim, eles seguem a filosofia do Paulo Freire, né? Do conhecimento, assim que o conhecimento não é passado, ele é construído, então é uma aula muito gostosa assim, de ir. Ter aquela aula que passa, você nem vê assim, nossa uma delícia.

## 5.6. Círculos de amizades

**Imagem 28. Mapa de amizades - Sarah**




Fonte: Arquivo da autora.

Na igreja que frequentava, Sarah relatou que não tinha muita convivência com o grupo de jovens, por não frequentar as reuniões que aconteciam aos sábados à noite. Contudo, ela destacou três amigas nesse mesmo Círculo – *Círculo da Igreja* – que não se comunicavam com nenhum outro círculo. Uma amiga chamada Carol, a quem carinhosamente apelidava de "bombom". Ela era um pouco mais velha, com cerca de 27 anos, mas Sarah apreciava muito conversar com ela (“a gente conversa bastante lá na igreja, ela manda mensagem, eu converso com ela. Está sempre convidando para ir nos jovens, vira e mexe, mas eu não vou por causa do meu pai assim”). Além de Carol, Sarah mencionou outras duas amigas mais próximas, Rachel e Loren.

Embora Loren tenha se mudado, Sarah ainda a considerava parte do Círculo da igreja pois foi onde se conheceram. Ela vivia na Itália com os pais há aproximadamente dois anos.

Elas tinham a mesma idade, sendo apenas alguns meses mais velha que Sarah, na época com 18 anos. Apesar de terem perdido um pouco o contato, elas haviam retomado a comunicação na pandemia, via chamadas de vídeo, as conversas eram na maioria das vezes discussões sobre temas como leitura, livros e religião. Loren concluiu o ensino médio e no momento das entrevistas, estava buscando por oportunidades de emprego.

Outra amiga próxima também do Círculo da igreja de Sarah, era Raquel, ela era mais jovem, um ou dois anos. A proximidade dela aconteceu devido a participação em uma célula na frente da casa de Sarah e porque Loren morava no mesmo prédio que esta amiga.

No *Círculo da Escola de EF*, Sarah reuniu os amigos de infância, a quem ela deu maiores destaques foram Felipe e Jacqueline (Jaque). Durante o ensino médio, Sarah manteve contato com poucos amigos que eram da escola de ensino fundamental, exceto os que ela ainda encontrava na Etec – Felipe, Luan e Ana –. Na infância, Felipe sempre foi o melhor amigo de Sarah, desde os 5 ou 6 anos de idade. Ele ingressou com ela no Bentão, mas não permaneceram tão próximos, mesmo assim mantinham conversas frequentes, principalmente sobre questões amorosas relacionadas à namorada de Felipe, com quem ele mantinha um relacionamento até o momento.

Outra amizade mais duradoura e próxima de Sarah que faz parte do *Círculo da Escola de EF* era Jaque. Mesmo ela não ingressando no Bentão, permaneceram próximas e nunca perderam contato ao longo dos anos. Sarah recordou vividamente o momento em que conheceu Jaque, no quinto ano do ensino fundamental, quando tinham cerca de 10 anos, durante uma reunião de pais na escola, onde Sarah estava acompanhada de sua mãe e Jaqueline chegou com um pequeno atraso, e elas trocaram cumprimentos. Desde então, nunca mais pararam de conversar. Essa amizade perdurou até o período da entrevista, somando aproximadamente oito anos de convivência. Para celebrar essa amizade, elas até estabeleceram uma data especial para comemorar.

Anteriormente, Sarah já tinha uma melhor amiga, então Jaque entrou para compor o "trio" ("Aí formou aquele trio que sempre tem nas escolas, fundamental aquele triozinho"). Essa melhor amiga se casou e foi embora, e por outros motivos, Sarah já tinha se afastado dela, mas disse que sempre perguntava sobre ela para família dela que morava próxima a ela. Sarah explicou que essa amiga se desenvolveu rapidamente e mudou seus interesses.

> A gente era mais quieta, sabe? E ela começou a se desenvolver mais rápido que a gente. Então, se é que você me entende. [...] Mudaram os interesses também e teve um determinado período assim, né, que mudaram muitos interesses.

No entanto, a amizade entre Sarah e Jaque permaneceu sólida, especialmente após a conversão de Sarah ao cristianismo. Embora Jaque sempre tenha sido evangélica e Sarah antes fosse espírita, isso nunca foi uma questão para elas. Sarah relatou que elas pouco tocavam no assunto religião ("meio que vivia cada uma a sua e tava tudo certo"). Contudo, a conversão de Sarah fortaleceu ainda mais a amizade entre elas, pois passaram a compartilhar uma fé em comum, o que as aproximou ainda mais ("Hoje em dia a dia, às vezes uma tá com algum problema e aí a gente ora junto, a gente conversa sobre a bíblia ou sobre uma pregação, então tem mais isso na nossa amizade também"). Outra importante influência de Jaque era em relação às leituras ("Eu leio bastante e atualmente eu tenho lido bastante por indicação de alguns livros que eu tinha parado, né? Eu sempre fui de ler bastante e comecei a ler por influência da Jaque, especificamente.")

No interior do *Círculo do Bentão*, Sarah indicou três outros Círculos: *Círculo do Unidos do Zanzanzão*, *Círculo do TCC* e *Círculo do Grupo Cristão*. O *Círculo do Unidos do Zanzanzão* é o que estabeleceu maior conexão com os demais círculos, inclusive com o Círculo da Van que envolvia amigos externos ao Bentão. No *Círculo do Grupo Cristão,* além de estarem incluídos os amigos do TCC e maior parte do Unidos do Zanzanzão, Sarah destacou as amigas que estiveram na liderança do Grupo anterior a ela – Maria e Rebeca – e após ela – Júlia –.

O *Círculo do Unidos do Zanzanzão* envolvia o maior número de amigos, todos da mesma sala de aula. O grupo se formou através de interesses compartilhados primeiramente em torno de práticas esportivas nas aulas de educação física ("toda aula a gente meio que escolhia o que ia jogar e a gente começou sempre jogar junto, no nosso pessoal ninguém jogava muito sério, era sempre esse clima assim bem de brincadeira mesmo"). Sarah contou que aos poucos o grupo foi agregando mais pessoas e estendeu o interesse para os outros trabalhos escolares coletivos. Como forma de solidificar a identidade do grupo, deram-lhe um nome: "Unidos do Zanzanzão", essa denominação ajudou a fortalecer o sentimento de pertencimento e camaradagem entre os membros, criando uma identidade coletiva para o grupo. Zanzanzão surgiu a partir de uma piada interno do grupo de amigos que após assistirem um vídeo que estava viralizando no TikTok, repetidas reproduziam o que era falado no vídeo: "Zanzanzão" ("aí pela zoeira ficou, era Zanzanzão pra cá, Zanzanzão pra lá, aí um dia alguém falou a gente pode ser o Unidos do Zanzanzão e ficou"). Sarah recordou, já com saudades, do tempo que passava como os amigos na escola e dividiam o cotidiano desse Círculo:

> A gente começou a andar todo mundo junto. Então, a gente sentava junto na mesa. Era um sacrifício para achar mesa para todo mundo, mas nós achava a gente sentava, comia. Aí da hora do almoço, quem levava marmita ia reservar

> lugar, colocava a mochila nos bancos e a gente ia pra fila, os que não levavam. Aí a gente sentava, comia, conversando. Orava, né? A gente começou a ter esse hábito, né? A gente orava de manhã, quando chegava e na hora do almoço, a gente orava para almoçar também, todo mundo junto. Depois a gente terminava e decidia na mesa. Não sem escovar o dente. O que a gente ia fazer? Aí a gente decidia se a gente ia caminhar, que às vezes a gente saía para andar, ia pra 'uns confins da Terra' lá no Cambuí, ou se a gente ia ficar tipo ia passando o tempo. Se ia ficar na escola, a gente sentava no chão pra conversar. Às vezes a gente pegava e começava a brincar, tipo de 'mestre mandou', nossa, bem as coisas assim, né? Quando chovia, vira e mexe a gente ficava na sala brincando de pega-pega, umas coisas bem assim. A gente tem 17 anos, mas a mentalidade de 5, né? Aí depois da aula, à tarde, quando tinha aula vaga, a gente ficava estudando junto, fazendo exercício junto, tudo mais. E depois, quando era hora de ir embora, a gente ficava conversando na porta da van até da hora de embora, né? Eu levava mochila, falava com o tio da van e a gente se reunia na porta de alguma van específica e ficava conversando até da hora da gente embora. Daí a gente entrava na van, vinha embora. Chagava em casa, às vezes ainda alguém mandava alguma coisa no grupo do WhatsApp, algum meme, essas coisas, e no outro dia tava lá nós de novo.

Exceto Michelle não era participante do GC e evangélica e se tornou uma influência importante para que juntas vivenciassem o cursinho popular, passasse a ter mais práticas de leitura e tivesse contato com outras produções culturais legítimas. Elas passavam muitas horas juntas. Fazia parte dos amigos do Bentão, da van, do Zanzanzão ("eu via ela o dia inteiro, era de manhã de manhã, indo para a escola, na escola e à noite no cursinho. Então era 24 horas por dia, passava mais tempo com ela do que com meus pais.")

### 5.7. Recapitulação dos pontos de análise

- A história de Sarah reflete as complexidades de viver em uma família marcada por desigualdades, violência, alcoolismo e relacionamentos conturbados. Apesar disso, ela mantém um vínculo forte e próximo com seus familiares, vivendo em um ambiente onde o apoio mútuo é essencial para a sobrevivência coletiva.
- A experiência de Sarah ilustra como nas relações familiares são construídas disposições fortes como o senso de responsabilidade, disciplina e respeito pelos mais velhos. A conversão religiosa, por sua vez, reforçou essas disposições, levando-a a adotar ainda mais rigor em suas ações e atitudes, especialmente no que diz respeito aos cuidados com a família e a busca por agradar os pais.
- Sarah construiu relações complexas e marcantes com seus irmãos Ângelo e Daniel, que impactaram profundamente sua visão de mundo e suas atitudes. A convivência com Ângelo, marcada por episódios de dependência química e dificuldades familiares, fez com que Sarah desenvolvesse um senso de responsabilidade e

empatia, enquanto o relacionamento com Daniel, mais próximo e afetuoso, influenciou sua postura em relação à orientação sexual e às questões religiosas. Sarah se destacou pela capacidade de amar e apoiar seus irmãos, mesmo em meio a desafios, e demonstrou uma visão progressista e crítica em relação aos dogmas de sua igreja, priorizando o amor e a compreensão acima de qualquer julgamento moral.

- Sarah cresceu em uma família plurirreligiosa, com influências do catolicismo, espiritismo e, eventualmente, da religião evangélica. Ela foi exposta a uma variedade de práticas religiosas desde cedo, o que lhe proporcionou uma experiência diversificada de fé. A trajetória de Sarah foi marcada por processos de conversão e pela convivência com diferentes crenças, o que refletiu em sua própria espiritualidade.
- Durante sua infância, a instabilidade familiar e os conflitos conjugais dos pais influenciaram seu envolvimento com a espiritualidade, buscando nela respostas para os problemas enfrentados. A conversão ao cristianismo evangélico trouxe estabilidade às relações familiares e transformou o comportamento de seus pais, especialmente após a participação em um retiro espiritual. Esse evento marcou um ponto de virada na vida de Sarah, que passou a se engajar ativamente na igreja evangélica, abandonando as práticas espíritas.
- Sarah, que sempre se considerou uma pessoa correta, encontrou no ambiente evangélico uma continuidade para os valores morais que havia interiorizado desde a infância. Sua dedicação às atividades da igreja e o cuidado em ser um bom exemplo demonstram seu comprometimento com a nova fé, enquanto as memórias das práticas religiosas anteriores revelam um processo de ressignificação pessoal.
- Sarah, apesar das dificuldades enfrentadas em sua trajetória escolar, encontrou na educação apoio de seus professores. Embora sua família valorizasse a educação, a falta de recursos e as adversidades, como a prisão do pai, tornaram o caminho mais desafiador. A presença constante e encorajadora dos professores foi fundamental para que ela pudesse compreender o valor da educação como uma ferramenta essencial para o crescimento pessoal e para a construção de uma visão crítica da sociedade. Assim, Sarah se tornou uma aluna dedicada, comprometida em alcançar seu melhor, em reconhecimento ao esforço dos professores que acreditaram em seu potencial.

- A trajetória de Sarah no ensino médio foi marcada por sua dedicação acadêmica e pela construção de significativas redes sociais que influenciaram positivamente seu desenvolvimento pessoal e intelectual.
- A escola em período integral proporcionou um ambiente favorável ao estudo. Além disso, sua participação em um cursinho popular ampliou seus horizontes políticos e culturais, proporcionando uma experiência educativa enriquecedora.
- As amizades de Sarah revelam a importância dos diferentes círculos sociais em sua vida, destacando como as conexões estabelecidas em ambientes diversos como a igreja, a escola e o cursinho popular influenciaram suas experiências e perspectivas.
- Mesmo diante do distanciamento físico durante a pandemia da Covid-19, Sarah manteve laços profundos com seus amigos, fortalecidos por interesses comuns e pela prática religiosa compartilhada. As interações frequentes, seja presencialmente ou virtualmente, demonstram como essas relações foram essenciais para seu desenvolvimento pessoal e social, criando uma rede de apoio e companheirismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte da tese, a partir de uma escala de observação mais ampliada, busquei um retrato panorâmico sobre os evangélicos no contexto brasileiro. Para tanto, regulei o zoom de maneira a apreender um enquadramento amplo da situação política, cultural e econômica que se impõe a todos.

Já neste momento, foi possível notar um quadro em movimento, com cores, brilhos, luzes e sombras que variam e podem algumas vezes borrar algumas nuanças por se tratar de uma captura de um retrato em perspectiva mais panorâmica. A nitidez de um panorama quantitativo mais atualizado sobre a religião evangélica ainda está em construção, talvez longe de ser amplamente resolvido, fadado a sofrer distorções por causa da velocidade com que "o solo se move sob os nossos pés" (GEERTZ, 2001).

As mudanças no campo religioso brasileiro nas últimas décadas indicam uma maior diversificação e complexificação da pertença religiosa e da religiosidade. As traduções das gramáticas dessas modificações religiosas têm sido feitas sob a combinação de diversos métodos de pesquisa, com extensos trabalhos de campo que visitam diferentes comunidades religiosas, igrejas, e templos para observar diretamente as práticas e interações religiosas. Nesse sentido, têm sido reveladas as profundidades das dinâmicas internas das comunidades religiosas e como os indivíduos vivenciam e expressam sua religiosidade, destacando ainda como esses movimentos refletem e influenciam a cultura e a sociedade mais ampla.

Atualmente, os evangélicos ocupam lugares de destaques em diferentes instâncias. Houve um aumento exponencial de adeptos à religião evangélica nos últimos anos, mas além disso, eles expandiram suas atuações na esfera pública por esse – e em nome desse – "grupo". Quando visto de longe, sem um refinamento das lentes acadêmicas, os *evangélicos* podem ser equivocadamente entendidos como um grupo homogêneo, coeso. Contudo, os estudos sobre os evangélicos apontam para a pluralidade e diversidade que é mobilizada no âmbito dessa religião cristã.

Não obstante, os estudos que interseccionam as relações dos jovens com a religião confirmam e acentuam as diversificações e complexificações desse campo, revelando heterogeneidades. Destacam a diversidade intrínseca às diferentes experiências juvenis, evidenciando a pluralidade dos jovens em relação às suas crenças religiosas. Esses estudos revelam que a religião, de certa forma, é "um elemento integrante do mosaico da ampla diversidade da juventude brasileira" (NOVAES, 2008, p. 263). Além disso, ao buscarem compreender os modos pelos quais os jovens se vinculam às diferentes crenças, são reveladas

também as transformações nas configurações religiosas contemporâneas, contribuindo assim para o campo de estudos sobre religião. Entretanto, é notável a escassez de pesquisas que explorem as conexões entre afiliação religiosa e as formas como jovens estudantes atuam na ressignificação da escola (PORELLI; ZAN, 2020).

A partir dessa vista panorâmica, regulei as lentes para captar cenários menos gerais, em planos médios, um pouco mais restritos. Me interessava conhecer o contexto escolar vivido pelos jovens evangélicos que eu pretendia retratar. Então, me equipei com as lentes da etnografia para olhar de perto e de dentro o Grupo Cristão. Essa imersão me propiciou conhecer o Bentão e seus ritmos contraditórios, e me aproximar dos indivíduos que eu iria retratar.

Ao observar o GC, suas atuações e práticas, foi possível verificar a prevalente presença dos evangélicos e, consequentemente, os princípios e valores que estruturavam a religiosidade dos pertencentes a esse grupo. Ficou evidente que o "pontapé" inicial para a consolidação de um grupo religioso juvenil no Bentão foi dado por jovens evangélicos que ousaram manifestar publicamente sua fé no espaço escolar. Eram os evangélicos que faziam perpetuar e manter ativo o grupo, liderando e promovendo uma série de atividades, dentro e fora da escola, que expressavam a religiosidade cristã evangélica. Ademais, muitos jovens relatavam que, antes do ensino médio, não tinham vínculos religiosos fortes, e o encontro com o GC desempenhou um papel significativo em seu maior envolvimento e estabelecimento de compromissos com uma igreja.

Ao chegar aonde eu queria, e utilizar as lentes de maior aproximação para apreender o "social dobrado" (LAHIRE, 2002), me aproximei e "segui" os jovens pesquisados ao longo de quatro anos (2018 - 2024). Iniciei os contatos com eles na escola, construí vínculos de confiança antes e durante as entrevistas, para que elas não acontecessem de forma mecânica ou artificial. Ao longo de todo o período e até a finalização da escrita da tese, mantive contato com eles nas redes sociais, acompanhando os desdobramentos dos projetos que eles estavam construindo durante o ensino médio para suas vidas.

As biografias sociológicas representam um *continuum* que se estende entre disposições e contextos. Portanto, ainda que eu tenha buscado estabelecer um fio condutor nas entrevistas e, posteriormente, na escrita dos Retratos, as particularidades dos indivíduos que acabaram por ditar os contornos e formas de apresentação de cada caso. Os Retratos revelaram ainda as idiossincrasias de ser jovem evangélico e ser estudante em um dado contexto social, tempo histórico e em uma realidade escolar particular.

Vida escolar, religiosa e familiar apresentaram-se de maneira combinada nas diferentes trajetórias juvenis pesquisadas, favorecendo a construção de disposições fortes e transferíveis entre os universos que os jovens transitavam. De modo geral, os pesquisados, em alguma medida, incorporaram ao longo de suas trajetórias biográficas disposições comportamentais como a disciplina, o autocontrole, o pensamento prospectivo e a capacidade de concentração. Tais disposições ganharam corpo nesses jovens a partir da coerência e complementariedade das principais instâncias às quais eles foram socializados: família, igreja e escola.

Principalmente no âmbito familiar, foi possível observar que os jovens vivenciaram ainda experiências de classe que os levaram a incorporar disposições para crer, pensar e agir das classes sociais de origem. As famílias dos entrevistados pertenciam de modo geral aos meios populares[56] com um passado marcado por abusos de diversos tipos e por uma luta constante pelas condições de existência. Nos últimos anos, as famílias conseguiram romper o ciclo de violência e experimentaram uma relativa ascensão econômica, alcançada por meio de um esforço intenso, trabalhando em setores informais ou em ocupações que exigem alta dedicação, mas que não ofereciam estabilidade ou benefícios substanciais. Diferentemente, apenas Rebeca foi socializada em um meio social de classe média mais estabelecida. Contudo, a trajetória de sua mãe, marcada pela migração e desafios socioeconômicos, fazia com que ela combinasse disposições herdadas de diferentes origens sociais.

Os desejos de ascensão social via escola estavam presentes nos quatro casos, atribuindo sentido às experiências e justificando os investimentos familiares na educação dos filhos. Sacrifícios e investimentos eram feitos pelas famílias para dar aos filhos o que eles não tiveram. Com isso, os pesquisados vivenciavam trajetórias escolares distintas às de seus pais, mais lineares e de dedicação exclusiva aos estudos. Conjuntamente com suas famílias, esses jovens traçavam projetos educacionais, ansiando o ingresso no ensino superior, seguindo em carreiras de maior prestígio social que a de seus genitores. Ingressar na Etec era parte desse projeto. Mais do que cursar o ensino profissional, os jovens escolheram o Ensino Técnico Integrado ao Médio em busca de um ensino médio de qualidade, que os preparassem melhor para pleitear as vagas das universidades. Ademais, tendo em vista a melhor qualificação dos filhos para o mercado de trabalho produtivo no futuro, os pais custeavam cursos particulares de idiomas e/ou de informática.

[56] Classifiquei-as de acordo com a classe social de maneira flexível, utilizando indicadores como o histórico familiar, as ocupações dos pais e o estilo de vida, sem me aprofundar em uma análise detalhada da estratificação social.

Os casos retratam estudantes que ao longo da escolarização seguiram sendo sempre bons alunos, tanto em relação às notas como em comportamento disciplinar (“sempre fui boa aluna, tanto em nota como em comportamento” – Rebeca). Maria, Rebeca, Kaleb e Sarah construíram relações diferentes com a leitura, desde a infância. Contudo, na juventude, a leitura ganhou novos sentidos, a partir da conversão e do engajamento religioso. A bíblia e outros livros religiosos compunham o repertório de livros que faziam parte do cotidiano dos jovens, sobretudo, quando estavam ocupando lugares de liderança de célula, de professores de escola bíblica ou de preletores. O ato de ler e sistematizar o que se lê para ensinar, de certo modo, colaboravam para o ato de estudar os conteúdos escolares Os jovens mencionaram ainda os conselhos de seus pais (“meu pai sempre fala que estudos é tudo” – Sarah) e a vontade de agradá-los (“eu quero muito passar no vestibular para honrar meus pais” – Maria), demonstrando que levam a cabo o preceito religioso de “honrar pai e mãe”.

Observou-se ainda que a ausência de capital escolar dos pais por vezes era compensada pela presença da ordem e da moralidade nas famílias. De modo geral, nota-se que desde o início da escolarização, em alguma medida, os jovens tiveram o acompanhamento familiar para estudar e isso perdurava até o ensino médio (“meu pai até hoje vai nas reuniões, até quando não precisa, pra saber mesmo como está indo as coisas” – Kaleb). Mesmo nos momentos em que os pais já não mais acompanhavam as lições, eles demonstravam interesse na vida escolar dos filhos, aconselhando-os a valorizar o tempo destinado exclusivamente à formação, inculcando neles a crença da mobilidade social via educação escolar, o respeito às normas e às autoridades escolares (“os meus pais sempre foram bem firmes assim comigo nessa coisa de respeitar os mais velhos, os professores” – Sarah).

A escola, portanto, faz parte dos locais onde é preciso comportar-se bem, ser exemplar, cumprir a norma disciplinar religiosa de “dar bom testemunho”. Favorece, portanto, a complementariedade, atualização e transferência de disposições entre esses contextos (familiar/religioso/escolar). Dessa forma, foi possível notar que o exercício das autoridades familiar e religiosa são compatíveis com o mesmo na escola, o que pede a interiorização de normas (“é preciso agir corretamente, obedecer, não falar bobagens, não insultar, ser dócil; usar um vocabulário correto, ser disciplinado, ter autocontrole”).

Os quatro Retratos são exemplos bons para pensarmos a religião vivida pela juventude contemporânea. Eles servem como observatório das transformações da cena religiosa institucional e demonstram que a vida religiosa e os modos de engajamentos dos jovens não se limitam às instituições ou às religiões de seus pais. Os jovens pesquisados compõem a geração

que presenciou, ao longo de suas vidas, em seus contextos familiares e seus vínculos de amizades, formas distintas de conversões e desconversões, bem como de afiliação religiosa. Chama a atenção que nada há de semelhante entre as vivências religiosas das famílias dos quatro jovens, a não ser que em algum momento foram influenciadas pelo cristianismo evangélico. Assim, a partir de referências diversas eles irão construir seus próprios sistemas de crença e experimentar a religião.

Os Retratos mostraram que os jovens tinham suas religiosidades direcionados não somente pela instituição "igreja". Ainda que ela permanecesse muito importante para eles, bem como o integrar-se e filiar-se a um grupo religioso. A adesão à religião e, sobretudo, o modo como viviam a religiosidade, não necessariamente eram correspondentes aos mesmos modos de suas famílias. Parece haver um modo geracional próprio de experenciar a religiosidade e, ainda, de pertencer a uma religião. Foi marcante perceber que, para constituir um capital religioso robusto e valorizado nos grupos, os jovens investiam tempo significativo em leitura e conhecimento da bíblia. Além disso, acumulavam funções em atividades no interior da igreja, desejavam aprender tocar instrumentos musicais e exploravam um repertório vasto de mídias cristãs (vídeos, músicas, canais do YouTube e perfis de redes sociais, etc.), ressignificando formas de ser evangélico se apropriando de elementos religiosos e não religiosos.

Apesar de complementares, as experiências cotidianas na escola emergiam como importantes balizadores na (re)definição das visões de mundo e posicionamentos dos jovens evangélicos. A escola, mesmo competindo com as vivências religiosas, mantinha uma posição central na vida desses sujeitos, oferecendo um espaço para discussões e confrontações de ideias que podiam algumas vezes não ser possíveis nos outros grupos que transitavam. Este ponto foi crucial, pois demonstrou que, apesar das influências muitas vezes restritivas e normativas das famílias e igrejas evangélicas, os jovens encontraram na escola um espaço de resistência e crítica. Na escola, eles tinham a oportunidade de debater temas sensíveis e socialmente relevantes, como política, a concepção de família na contemporaneidade, sexualidade, e aborto, que são frequentemente tabus em seus ambientes religiosos. Os perfis sociológicos ilustraram de certo modo como as discussões escolares sobre esses temas desafiavam e, por vezes, ampliavam as perspectivas desses jovens, mostrando que a escola é um espaço vital de socialização crítica e formação cidadã.

Por fim, a centralidade da escola na vida dos jovens evangélicos demonstrou sua importância como um espaço de resistência e formação crítica mesmo diante de influências conservadoras familiares e religiosas. Assim, este trabalho afirma a importância de

compreender os contextos multifacetados que influenciam as trajetórias biográficas dos jovens, destacando a escola como um campo de disputa e transformação. Ao reconhecer as tensões e contradições inerentes a essas interações, futuras pesquisas poderão explorar outras dimensões das relações dos jovens evangélicos com a escola de ensino médio.

## REFERÊNCIAS


1. ASAD, T. Formations of the secular: Cristianity, Islam. Modernity, Stanford/ California, Press, 2003.

2. ALMEIDA, Jane Soares de. Missionárias norte-americanas na educação brasileira: vestígios de sua passagem nas escolas de São Paulo no século XIX. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, maio/ago. 2007.

3. ALMEIDA, Ronaldo. A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo. Cad. Pagu, Campinas, n. 50, e 175001, 2017.

4. ALMEIDA, Ronaldo. Bolsonaro presidente: Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. In ALMEIDA, Ronaldo e TONIOL, Rodrigo (orgs.). Conservadorismo, Fascismos e Fundamentalismos: Análises conjunturais. Campinas: Editora UNICAMP, 2018.

5. BEGER, Peter Ludwig. Os múltiplos altares da modernidade: Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

6. BURITY, Joanildo. A cena da religião pública: contingência, dispersão e dinâmica relaciona. Novos Estudos Cebrap, 102, jul., p.89-105, 2015.

7. BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais. Ronaldo Almeida; Rodrigo Toniol (org), Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

8. BURITY, Joanildo. Itinerário histórico-político dos evangélicos no Brasil. In:Novo ativismo político no Brasil : os evangélicos do século XXI /[organização José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza]. — Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

9. CAMURÇA, Marcelo. Religião, política e espaço público no Brasil: perspectiva histórico/sociológica e a conjuntura das eleições presidenciais de 2018. In: Estudos de Sociologia, vol.2. n. 25, p. 125-159, Recife, 2019.

10. CAMURÇA, Marcelo Ayres; TAVARES, Fátima Regina Gomes. Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais. Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 99-119, out., 2006.

11. CASANOVA, José. Public Religious in the Modern World. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

12. CARRANZA, Brenda Evangélicos: o novo ator político. In:Novo ativismo político no Brasil : os evangélicos do século XXI /[organização José Luis Pérez Guadalupe e Brenda Carranza]. — Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

13. CONNOLLY, W. Some theses on secularismo. ABC Religion & Ethics, April, https://www.abc.net.au/religion/some-theses-on-secularism/10101584, 2011.

14. COUTINHO, Raquel Zanatta; MIRANDA-RIBEIRO, Paula. Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude. Revista Brasileira de Estudos da População, Rio de Janeiro, v. 31, n.2, p. 333-365, jul./dez., 2014.

15. CUNHA, Luiz Antônio. O Sistema Nacional de Educação e o ensino religioso nas escolas públicas. Educ. Soc., Campinas , v. 34, n. 124, p. 925-941, Sept. 2013.

16. DELEUZE, Giles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: Conversações. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, p. 219-226, 1992.

17. FERREIRA, Vitor Sérgio; Alexandra, RAIMUNDO. Conversas entre jovens: o uso youth-friendly de grupos focais. In: Pesquisar jovens: caminhos e desafios metodológicos/ Org. Sérgio Vitor Ferreira. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

18. FISCHMANN, Roseli. Breve visão introdutória do tema e Ensino Religioso em escolas públicas: impactos sobre o Estado Laico. 1 ed. São Paulo: Factash, 2008.

19. FRESTON, P. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment (Tesis de doctorado). IFCH, Instituto de Filosofía y Ciencias Humanas, Universidade de Campinas, São Paulo, 1993.

20. FRIGERIO, Alejandro. O paradigma da escolha racional: mercado regulado e pluralismo religioso. Tempo social, São Paulo, v. 20, n. 2, 2008.

21. GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

22. GEERTZ, Clifford. "O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder". In: Nova luz sobre a antropologia.Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

23. GOMES, Elias. Cada vez mais educação política no Brasil: um estudo sobre o marketing e os consultores de campanhas eleitorais. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

24. GOMES, Elias. Práticas socializadoras do gosto sexual e do exercício do sexo. Etnográfica, Lisboa , v. 19, n. 1, p. 51-57, fev. 2015

25. GONZALEZ, Luciana Thais Villa; MARIZ, Cecília Loreto. Jornada Mundial da Juventude Rio 2013: ressignificando espaços da cidade e identidades religiosas. Relig. soc., Rio de Janeiro , v. 37, n. 2, p. 14-37, Dec. 2017.

26. GRACINO JUNIOR, Paulo; TARGINO, Janine; REZENDE, Gabriel Silva. Religiões públicas e demandas por reconhecimento: reflexões a partir dos dados da pesquisa com jovens participantes de movimentos religiosos de massa na cidade do Rio de Janeiro. Relig. soc., Rio de Janeiro , v. 39, n. 2, p. 122-151, Aug. 2019.

27. GROPPO, Luís Antonio; BORGES, Lívia Furtado. Grupo evangélico na universidade: práticas formativas, identidade religiosa e relações políticas. Relig. soc., Rio de Janeiro , v. 38, n. 3, p. 173-196, Dec. 2018.

28. HERVIEU-LÉGER, Daniele. O peregrino e o convertido: A religião em movimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

29. IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2010 - Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, 2013.

30. JUNGBLUT, Airton Luiz. A salvação pelo rock: sobre a "cena underground" dos jovens evangélicos no Brasil. Religião e Sociedade, v. 27, n.2, p.144-162, 2007.

31. LAHIRE, Bernard. Homem Plural. Os determinantes da ação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

32. LAHIRE, Bernard. Retratos sociológicos. Disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed. 2004.

33. LAHIRE, Bernard. A cultura dos indivíduos. Porto Alegre: Artmed. 2006.

34. LAHIRE, Bernard. Dans les plis singliers du social: individus, institutions, socialisations. Paris: La Découverte, 2013.

35. LAHIRE, Bernard. Variações de contextos nas ciências sociais: Observações epistemológicas. Para uma sociologia à escala individual. In: Dossiê Bernard Laahire / Ricerdo Visser, Lília Junqueira Organizadores. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2017a.

36. LAHIRE, Bernard. Patrimónios individuais de disposições. Para uma sociologia à escala individual. In: Dossiê Bernard Laahire / Ricerdo Visser, Lília Junqueira Organizadores. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2017b.

37. LEFEBVRE, Henri. Rhythmanalysis: space, time and everyday life. Londres/Nova Iorque: Continuum, 2004.

38. MACHADO, Maria das Dores Campos; BURITY, Joanildo. A Ascensão Política dos Pentecostais no Brasil na Avaliação de Líderes Religiosos. Dados, v. 57, n. 3, p. 601–631, set. 2014.

39. MAGNANI, José Guilherme C. O velho e bom caderno de campo. Revista Sexta Feira, n.1, p. 8-12, maio 1997.

40. MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

41. MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n.24, p.119-137, jul-dez., 2013.

42. MARIZ, Cecília L. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, São Paulo – SP, v. 17, n. 2, p. 253-273, 2005.

43. MEDEIROS, Katia Maria Cabral; MARIZ, Cecília Loreto. Toca de Assis em crise: uma análise dos discursos dos que permaneceram na comunidade. Relig. soc., Rio de Janeiro , v. 33, n. 2, p. 141-173, Dec., 2013 .

44. MIRANDA, Júlia. Convivendo com o "diferente": juventude carismática e tolerância religiosa. Relig. soc., Rio de Janeiro , v. 30, n. 1, p. 117-142, Jul., 2010.

45. MIRANDA, Ana Paula Mendes de. A força de uma expressão. Comunicações do ISER As máscaras de guerra da intolerância. Número 66, ano 31, p. 60-73, 2012.

46. MONTERO, Paula. Religião cívica, religião civil, religião pública: continuidades e descontinuidades. In: Debates do NER, Porto Alegre, ano 19, n. 33, p. 15-39, jan./jul. 2018.

47. MONTERO, Paula; SILVA, Aramis Luis; SALES, Lilian. Fazer religião em público: encenações religiosas e influência pública. Horiz. antropol., Porto Alegre , v. 24, n. 52, p. 131-164, Dec. 2018.

48. NEGRÃO, Lísias Nogueira. Trajetórias do sagrado. Tempo Social, FFLCHUSP,v. 20, n. 2, p. 115 -132, nov. 2008.

49. NOVAES, Regina Reyes. Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais. Comunicações do ISER. n. 45, p. 62-74, 1994.

50. NOVAES, Regina Reyes. Ouvir para crer: os Racionais e a fé na palavra. Religião e Sociedade, 20/1, p.65-92, 1999.

51. NOVAES, Regina Reyes. Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SANCHIS, Pierre (Org.). Fiéis & Cidadãos. Percursos de Sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: Eduerj, p.181-207, 2001.

52. NOVAES, Regina Reyes. Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares. Estud. av., São Paulo , v. 18, n. 52, p. 321-330, Dec. 2004.

53. NOVAES, Regina Reyes. Juventude, percepções e comportamentos:a religião faz diferença? In: Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional/ [org.] Helena Abramo, Pedro Paulo Martoni Branco. - São Paulo: Editora: Fundação Perseu Abramo, 2008.

54. NOVAES, Regina Reyes. Juventude, religião e espaço público: exemplos "bons para pensar" tempos e sinais. Relig. soc. , Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, pág. 184-208, 2012.

55. NOVAES, Regina Reyes. Juventude, religiosidade e redes: reflexões sobre resultados de pesquisas. In. Agenda Juventude Brasil : leituras sobre uma década de mudanças / Organizadores: Diógenes Pinheiro ... [et al] . – Rio de Janeiro : Unirio, 2016.

56. NOVAES, Regina Reyes. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 20 n. 2, p. 351-368, dez. 2018.

57. NOVAES, Regina Reyes; MELLO, Cecília Campello A. Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos. Comunicações do ISER, n. 57, 2002.

58. OLIVEIRA, Rogério Cruz de; DAOLIO, Jocimar. Pesquisa etnográfica em educação física: uma (re)leitura possível. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v. 15, n. 1, p. 137-143, mar. 2007.

59. ORO, Ari Pedro. Religião, Coesão Social e Sistema Político na América Latina. In: Coesão Social na América Latina: Bases para uma Nova Agenda Democrática: iFHC/CIEPLAN.São Paulo, Brasil, e Santiago de Chile. 2008.

60. ORO, Ari Pedro; TADVALD, Marcelo. Consideraciones sobre el campo evangélico brasilero. En: Nueva Sociedad, n. 280, p. 55-67, 2019.

61. PEREIRA, Alexandre Barbosa. Outros Ritmos em Escolas da Periferia de São Paulo. Educ. Real. , Porto Alegre, v. 41, n. 1, pág. 217-237, março de 2016.

62. PEREIRA, Réia Silvia Gonçalves. “Juventude é curtição, o problema é se Jesus voltar”: cultura funk, pentecostalismo e juventudes nas camadas populares. Relig. soc., Rio de Janeiro , v. 38, n. 3, p. 41-62, Dec. 2018.

63. PIERUCCI, Antonio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: A propósito do Censo 2010. ANUAC, v. 1, n. 2, nov. p. 87-97, 2012.

64. PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo; GARBIN, Elisabete Maria. CULTURAS JUVENIS ASSEMBLEIANAS. Educ. rev., Belo Horizonte , v. 33, e164623, 2017.

65. PORELLI, A. B. G.; CINTRA, S. B. Centro Paula Souza e suas relações com a implementação da reforma do Ensino Médio no Estado de São Paulo. A Reforma do Ensino Médio em São Paulo: A Continuidade do Projeto Neoliberal, Campinas, SP, v. 1, p. 60-81, 2022.

66. SANTOS, Giovani Carlos; FIGUEIREDO, Maria Flávia. Bola de Neve Church: A mudança no discurso evangélico do brasil. Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras, Franca – SP, v. 5, n. 5, p. 59-76, 2009.

67. SETTON, Maria da Graça Jacinto. A particularidade do processo de socialização contemporânea. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo – SP, v.17, n.2, 2005.

68. SETTON, Maria da Graça Jacinto. As religiões como agente de socialização. Cadernos CERU, v.19, n.2, p.15-25, 2008.

69. SETTON, Maria da Graça J.; VALENTE, Gabriela. Religião e educação: um estado da arte – 2003/2013. Caderno CEDES. vol. 46 no.160 São Paulo abr./jun. 2016.

70. SCHELIGA, Eva Lenita; KNOBLAUCH, Adriana; BELLOTTI, Karina Kosicki. Vínculos religiosos entre estudantes universitários: comparações entre licenciatura e bacharelado. Educar em Revista, v. 36, p. e72695, 2020.

71. SPOSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. REVISTA USP, São Paulo, n.57, p. 210-226, 2003.

72. SPOSITO, Marilia Pontes; SOUZA, Raquel; SILVA, Fernanda Arantes e. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. Educ. Pesqui., São Paulo , v. 44, e 170308, 2018.

73. TAVARES, Fátima Regina Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres. "Juventudes" e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. Numen: revista de estudos e pesquisa de religião, Juiz de Fora - MG, v. 7, n. 1, p. 11-46, 2007.

74. TAYLOR, Charles. Multiculturalism. Examining the Politics of Recognition. Edited and introduced by Amy Gutmann. Princeton: Princeton University Press, 1994.

75. TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. Religião, vida universitária e juventude. Religião & Sociedade, v. 43, n. 1, p. 235–259, jan. 2023.

76. WEBER, Max. Ensaios de sociologia. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

77. ZAN, Dirce Djanira Pacheco e Estudos sobre Juventude no Brasil dos últimos 50 anos. In: Estela, M. M. e Newton A. P. B. (Org.). Formación de Profesores, Currículum, Sujetos y Prácticas Educativas. Córdoba (Argentina): Editorial, 2013.

78. ZAN, Dirce ; POSSATO, Beatris Cristina. Espaços cerrados: as marcas da violência e do controle na arquitetura das escolas. Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 12, n. 03 p. 2176 - 2191 out./dez. 2014.

# APÊNDICE

## Guia de Entrevista

A entrevista será conduzida como uma conversa. Cada entrevista terá um tema central que respeitará a ordem do Guia de Entrevista o qual será explicitado ao entrevistado. As questões serão específicas para o tema central e sempre buscarão associar o tema à religião e à escola. Em alguns momentos as questões feitas em uma entrevista poderão ser reforçadas em outras com o intuito de que o entrevistado possa mais uma vez falar e refletir sobre situações já ditas e assim reelaborar seu pensamento e aprofundar sobre o tema. Não necessariamente será seguida a ordem das questões, contudo todas deverão ser abordadas em um momento ou outro.

Características gerais do entrevistado

Nome: _____ Idade:_____ Cor: _____
Endereço: _____ Telefone: _____
Escola: _____ Modalidade de ensino médio: _____
Qual ano do ensino médio está cursando? _____ Trabalha? ( ) sim ( ) não
Igreja que frequenta:_____ Frequenta há quantos anos? _____

1. Tema Central: Escola

a. Desde que ano você estuda na mesma escola de ensino médio?
b. Você se lembra quando entrou na escola?
c. Quando você aprendeu a ler? Você se lembra dessa época?
d. Quando tempo você passa na escola?
e. Por que você escolheu essa escola para cursar o ensino médio? Você poderia falar dessa escola? É uma boa escola?
f. Você se considera bom aluno? Você poderia descrever sua trajetória escolar e seu percurso de formação?
g. Qual/quais disciplina(s) você tem mais afinidade? Por quê? Você recorda alguma situação que o fez passar a gostar mais dessa(s) disciplina(s)?
h. Como são os professores dessa escola?
i. Como você considera sua relação com os professores?
j. Como você considera a relação dos professores com os alunos?
k. Os professores sabem que você é evangélico(a)?
l. Na escola, alguma vez alguém lhe cobrou alguma atitude ou comportamento por você ser evangélico? Você poderia dizer como foi? Como você agiu? O que você pensa sobre isso?
m. Já aconteceram situações em sala de aula em que surgiu o tema religião? Como foi? Você poderia relatar como foi abordado o tema?
n. Os professores da sua escola declaram suas religiões em sala de aula?
o. Na sua escola acontece algum tipo de atividade religiosa? De qual religião?
p. Na sua escola existem pessoas de religiões diferentes?
q. Você já teve alguma experiência, na escola, em que você se sentiu discriminado? Poderia dar um exemplo? Como foi? Como você agiu?

r. Você faz cursos extraescolares? Quais e para quais finalidades?
s. Você costuma ter práticas de leitura? O que você lê são além das leituras obrigatórias da escola? Se sim, que tipo de livro você lê? O que lhe chama a atenção nessas leituras?

2. Tema Central: Religião

a. Desde quando você é evangélico?
b. Você já pertenceu a outra religião? Você poderia falar sobre a sua conversão?
c. Qual/quais espaço(s) religioso(s) você frequenta atualmente? Você já frequentou outro(s)? Você poderia falar sobre o que o levou a frequentar este(s) espaço(s)?
d. Quais atividades você desenvolve, ou já desenvolveu, no(s) espaço(s) religioso(s) que frequenta ou frequentou?
e. Fora dos espaços religiosos, você busca ter práticas religiosas no seu cotidiano (ex. ler a bíblia, fazer orações, ler livros religiosos)? Você acredita que essas práticas interferem no seu dia-a-dia? Poderia dizer como isso acontece?
f. Como é ser evangélico(a) na sua escola?
g. Você expressa sua religião no ambiente escolar? Se sim, como isso é visto pelos professores e funcionários? Como isso é visto pelos demais alunos?
h. Você já deixou participar de alguma prática escolar por causa da sua religião? Quando foi isso? Como você justificou a não participação?
i. Você já viveu alguma experiência ou presenciou alguma situação, na escola, em que você julgou estar em desacordo com a sua crença? Poderia dar um exemplo? Como você agiu?
j. Alguma vez alguém lhe cobrou alguma atitude ou comportamento por você ser evangélico? Você poderia dizer como foi? Como você agiu? O que você pensa sobre isso?
k. Você convive com pessoas de outras religiões? Você poderia dizer como é essa convivência? Em qual/quais espaço(s) vocês convivem? Vocês conversam sobre religião? Poderia dizer como são essas conversas?
l. Você já teve alguma experiência em que se sentiu discriminado por sua religião? Poderia dizer como foi? Como você agiu?
m. Você já deixou de fazer alguma coisa por causa da sua religião? Como você sentiu sobre isso?

3. Tema Central: Família

a. Você poderia narrar a história da sua família? Quem foi o primeiro da sua família a morar na cidade onde você nasceu? Como os seus pais se conheceram? Eles vivem juntos? Você tem irmão?
b. Para você, qual é o nível/grau de importância da sua família na sua vida?
c. Quem mora com você? Seus familiares vivem na mesma cidade que você? Se não, onde vivem? Como é o seu contato com eles?
d. Como é sua relação com o seu pai? Como era na infância?
e. Como é sua relação com sua mãe? Como era na infância?
f. Como é sua relação com o seu irmão X? Como era na infância?

e. Quem em sua família é mais próximo a você? Você poderia dizer qual o motivo de haver uma afinidade maior entre vocês?
f. Em uma palavra você conseguiria descrever a sua família? Qual palavra seria?
g. Como você considera o seu relacionamento com a sua família?
h. Se você pudesse mudar alguma coisa em sua família, o que você mudaria?
i. Nos momentos em que sua família está reunida quais são os assuntos mais discutidos?
j. Você e seus familiares costumam ter práticas de lazer juntos? Poderia dizer o que vocês fazem? Como são estes momentos?
k. Você e seus familiares costumam ter práticas religiosas juntos?
l. Na sua família tem mais pessoas evangélicas? Seus familiares influenciaram na sua escolha religiosa?
m. O(s) espaço(s) religioso(s) que você frequenta também é frequentado por alguém da sua família?
n. Como é ser evangélico(a) na sua família? Sua família incentiva suas práticas religiosas?
o. Alguma vez alguém da sua família lhe cobrou alguma atitude ou comportamento por você ser evangélico? Você poderia dizer como foi? Como você agiu?
p. Sua família precisa que você ajude com as despesas domésticas? Ela cobra que você tenha uma renda própria?
q. Sua família lhe incentiva a estudar? Você saberia dizer o que eles sonham para você nesse sentido? Você sente, ou já se sentiu, de alguma forma cobrado a estudar por parte da sua família?
r. Qual a escolaridade da sua família? Você poderia falar sobre a trajetória escolar dos seus familiares?
s. Você tem algum familiar próximo que abandonou a escola? Se sim, por qual motivo? Você tem algum familiar que nem estuda e nem trabalha? Você tem algum familiar próximo que concluiu o ensino médio? Esses continuam estudando ou trabalhando?

## 4. Tema Central: Amizades

Para a resposta da primeira questão, e para facilitar a conversa, será proposto a construção de um Mapa dos Grupos de Amizades do Jovem. De forma simples construiremos um diagrama para agrupar o conjunto dos indivíduos que fazem parte dos diferentes grupos aos quais os jovens pertencem, assim poderemos visualizar o perfil dos grupos e principais interesses que os unem.

a. Você se considera uma pessoa com muitos amigos? Poderia falar sobre os seus grupos de amizade? Onde vocês se conheceram? Como o grupo se formou? Para você, qual é o nível/grau de importância dos seus amigos na sua vida?
b. Você tem um melhor amigo? Como é essa pessoa? Vocês compartilham das mesmas opiniões religiosas?
c. Você tem amigos de outras religiões? Em quais espaços você encontra essas pessoas?
d. Quais são os principais assuntos que você e seus amigos conversam? Surgem ou já surgiram opiniões divergentes? Poderia citar alguma opinião divergente que vocês têm? Como vocês agem com as opiniões divergentes?
e. Você já desfez alguma amizade por causa da religião?

f. A sua família concorda com todas as suas amizades? Eles incentivam que você esteja com os seus amigos?
g. Já aconteceu/aconteceram situação ou situações em que a sua família se opôs a alguma amizade sua? Se sim, você poderia dizer o porquê? Como você agiu? Se não, você poderia dizer alguma situação hipotética em que sua família seria contrária a alguma amizade sua? Como você agiria? Você concordaria em não ser amigo de uma pessoa com esse perfil que você imaginou?
h. Você tem amizade com pessoas com outros níveis de escolaridade? Você tem algum amigo que abandonou a escola? Vocês tem algum amigo que nem estuda e nem trabalha? Você tem amigos que concluíram o ensino médio? Os que já concluíram estão estudando ou trabalhando?
i. Você tem amizade com pessoas do sexo oposto ao seu? Se sim, como é essa amizade? Poderia dizer qual o nível de intimidade vocês têm um com o outro? Há situações que há constrangimentos entre vocês e que não haveria se vocês fossem do mesmo sexo? Se não, por que? O que você pensa sobre ter amizade com pessoas do sexo oposto?
j. Você tem amizade com pessoas de orientação sexual diferente da sua? Se sim, como é essa amizade? Poderia dizer qual o nível de intimidade vocês têm um com o outro? Há situações que há constrangimentos entre vocês e que não haveria se vocês fossem da mesma orientação sexual? Se não, por que? O que você pensa sobre ter amizade com pessoas de outra orientação sexual?

5. Tema Central: Lazer e Cultura

Esta entrevista requererá que o entrevistado já tenha construído e entregue o seu inventário de tempo, haja vista que outras questões poderão ser construídas relacionadas às atividades registradas.

a. Quais as atividades do inventário você considera como suas principais atividades de lazer?
b. Como você costuma ocupar o seu tempo livre?
c. Suas práticas de lazer estão relacionadas à sua religião? Você poderia mencionar algo que você considerar um lazer e que está vinculado à sua prática religiosa?
d. Quais fontes de informação você se utiliza para ficar informado?
e. Qual gênero musical você aprecia? Poderia citar bandas, ou grupo musicais? Você tem alguma música favorita? Por que ela te toca?
f. Você costuma assistir filmes ou séries? Com que frequência? Qual foi o último filme ou série que você assistiu? Qual filme te marcou?
g. Você costuma ir à teatros e visitar exposições? Com que frequência? Qual foi a última vez que você fez algo do gênero?
h. Você costuma ir à festas e shows? Com que frequência? Qual foi a última vez que você fez algo do gênero?
i. Você participa de festas e shows não-religiosos?
j. Você costuma ter práticas de leitura no seu tempo livre? Se sim, que tipo de livro você lê? O que lhe chama a atenção nessas leituras? Poderia citar uma obra que lhe tocou?

k. Você frequenta bares, lanchonetes, restaurantes? Estes programas normalmente são realizados na companhia de quem?
l. Você já foi convidado para ir em algum evento/espaço de lazer e por causa da sua religião você recusou o convite? Como justificou a recusa ao convite?

6. Tema Central: Corpo

Para o início dessa conversa, será proposto que o jovem faça um autorretrato e diga como ele se vê, também escreverá quais suas principais qualidades, o que acha que tem de mais bonito e o que mudaria em seu corpo.

a. Você se considera uma pessoa vaidosa? Costuma usar roupas e acessórios que estão na moda?
b. O que você considera cuidar do corpo? Como você cuida do seu corpo?
c. Você já viveu alguma experiência de ser discriminado por causa de alguma característica física? Poderia dizer como foi essa situação? Em qual espaço isso aconteceu? Como você agiu?
d. Você tem piercings ou tatuagens? Você tem vontade de colocar um piercing ou fazer uma tatuagem? Se não tem e tem vontade, por que ainda não fez? Se não tem e não tem vontade, o que pensa sobre assunto? O que você pensa sobre as pessoas que tem piercing ou fizeram tatuagens?
e. Você já teve relações sexuais? O que a sua religião pensa sobre isso? O que você pensa sobre ter relações sexuais sem ser casado(a)? Você tem amigos(as) que tem relações sexuais sem estar casado(a)? Vocês conversam sobre isso? Como são essas conversas?
f. Na escola, há espaço de conversa, discussão e/ou debates sobre sexualidade? Algum professor já abordou esse tema em aula? Você poderia dizer como esse tema foi abordado? O que você acha sobre essas discussões na escola? Você acha que em alguma medida essas discussões realizadas na escola ofenderam ou ofendem a sua religião e suas crenças? Se não houveram discussões, você acha que deveria ter ou não? Por quê?
g. Qual a sua orientação sexual? Você tem amigos(as) homossexuais? O que você pensa sobre a homossexualidade? Você é a favor que um casal homossexual se case e adote uma criança? Você poderia explicar o lhe faz pensar assim?
h. Se uma amiga engravidasse e dissesse que irá fazer um aborto, como você reagiria? Poderia explicitar o que você pensa sobre o tema?
i. Como você diria que a sua religião entende o corpo?

7. Tema Central: Trabalho e planos para o futuro

a. Você trabalha? Se sim, você trabalha com o que? Como concilia seu trabalho aos estudos? Você se imagina trabalhando nisso por muito tempo?
b. Sua família precisa que você ajude com as despesas domésticas? Sua família cobra que você tenha uma renda própria?
c. Quais são os seus planos para depois que terminar o ensino médio? Você poderia dizer o que lhe levou a planejar isso?
d. Você pensa em ter uma família? Como é essa família que você imagina?
e. Como você se imagina daqui 20 anos?

f. Você se sente apoiado para concretização do que você projeta para o seu futuro? Quem são os seus maiores apoiadores? Como você eles te apoiam? Como você nota esse apoio?
g. Nos espaços religiosos que você frequenta discute-se sobre os planos e projetos para o futuro? Você poderia dizer como isso acontece?
h. Você conversa com a sua família sobre os seus projetos para o futuro? Como acontecem essas conversas? Eles te motivam e te apoiam?
i. A sua escola contribui/contribuiu para que você pensasse sobre os seus projetos? Você poderia dizer de que modo ela promove/promoveu isso?

# ANEXO

Anexo 1.

UNICAMP - PRÓ-REITORIA DE PESQUISA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - CHS/UNICAMP

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Jovens evangélicos e a escola de ensino médio
**Pesquisador:** ana beatriz gasquez porelli
**Área Temática:**
**Versão:** 2
**CAAE:** 15634819.8.0000.8142
**Instituição Proponente:** Faculdade de Educação
**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.458.452

**Apresentação do Projeto:**
O objetivo da pesquisa é identificar e analisar possíveis relações entre a juventude e a religião evangélica, e contribuir para a compreensão dos sentidos do pertencimento religioso na relação da juventude com a escola. Nesse sentido, o trabalho propõe as perguntas: como o jovem evangélico estudante de ensino médio vive a pluralidade do mundo social, bem como sua pluralidade interna? Que disposições esse jovem investe nos diferentes universos que é levado a atravessar? Como sua atuação religiosa interfere em suas relações com a escola de ensino médio e os saberes escolares? Em busca das respostas, a proposta é entender as práticas de jovens que estão relacionadas à escola e à religião a partir de uma perspectiva sociológica do indivíduo (Lahire, 2005). Considerando a biografia dos jovens simultaneamente articulada às dimensões estruturais da sociedade, pretende-se identificar os sentidos atribuídos à escola por um grupo de jovens estudantes de ensino médio com adesão à religião evangélica. Desse modo, o estudo será norteado por referenciais próprios do campo de estudos que privilegia um olhar para os indivíduos e suas biografias à luz dos estudos sobre juventude, ensino médio e religião. Para a investigação proposta à escala do indivíduo (Lahire, 2005), será necessário situar os indivíduos estudados no espaço social e apreendê-los no quadro das instituições (familiares, escolares, religiosas, etc), de modo a encontrar a heterogeneidade incorporada do indivíduo. Nesse sentido, serão construídos 5 estudos de caso em retratos sociológicos de jovens evangélicos estudantes de uma mesma escola pública de ensino médio técnico localizada na cidade de Campinas.

**Endereço:** Av. Betrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.
**Bairro:** Cidade Universitária "Zeferino Vaz" **CEP:** 13.083-865
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS
**Telefone:** (19)3521-6836 **E-mail:** cepchs@unicamp.br

Ao final da pesquisa, os resultados permitirão afirmar ou negar as seguintes hipóteses: Há relações entre juventude, a religião evangélica e a escola; o jovem evangélico a pluralidade do mundo social e sua pluralidade interna; O jovem evangélico distribui sua energia e tempo entre diferentes universos (escola, igreja, família, grupos de pares, trabalho, ...) e investe disposições nos diferentes mundos sociais que é levado à atravessar; A religião evangélica interfere nas relações do jovem evangélico com a escola e os saberes escolares, bem como a escola e os saberes escolares interferem nas relações do jovem evangélico com a religião; o pertencimento à instituição religiosa regula e/ou influencia, e, ainda, amplia/restringe referencias e indica caminhos para "ser jovem". diferença de suas respostas" (SOUZA, 2009, p.386). Portanto, serão realizadas observações do contexto social dos jovens, sobretudo da escola, incluindo assistir aulas nas turmas dos entrevistados, frequentar os momentos de intervalo, ir aos eventos promovidos pela escola e estudantes, e conhecer os espaços religiosos os quais vinculam-se. Vale ressaltar que a escola escolhida para a pesquisa tem desde o ano 2000 um Grupo Cristão formado por iniciativa dos estudantes, com reuniões semanais e eventos recreativos semestrais divulgando os ideais religiosos cristões. O grupo é formado por uma maioria e liderança evangélica, contudo alegam que prevalecem as leituras da bíblia e evitam discutir doutrinas de igrejas para não causar divergências. Desse modo, as observações também acontecerão nos espaços ocupados por esse grupo. Contudo, os estudos de caso envolverão participantes e não participantes do Grupo Cristão. Para que tenhamos maior clareza de como o jovem distribui a sua energia e seu tempo entre os universos que é levado a atravessar utilizaremos um instrumento que estamos denominando de Inventário de Tempo do Jovem Estudante Evangélico. Esse instrumento buscará um levantamento minucioso e detalhado de como o jovem investe seu tempo em suas atividades cotidianos e será preenchido por ele mesmo ao longo de uma semana. Para validação desse instrumento, como um estudo-piloto, será proposto aos dois primeiros entrevistados que eles relatem as dúvidas que surgiram ao preencher o inventário de modo que possamos aperfeiçoar o recurso para os demais entrevistados. Durante as observações, serão feitos registros visuais (fotografia e vídeo) do contexto e dos atores enredados na pesquisa. Tais recursos serão utilizados como acréscimo na descrição do contexto social estudado.Outra ferramenta será o diário de campo, para anotar e escrever momentos como conversas informais, observações fugazes, sentimentos despertados.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Conhecer e analisar possíveis relações entre juventude, religião evangélica e escola.
Objetivo Secundário:
Investigar como o jovem evangélico vive a pluralidade do mundo social, bem como sua pluralidade interna. Averiguar quais disposições o jovem evangélico investe nos diferentes universos que é levado a atravessar (escola, igreja, família, grupos de pares, trabalho, ...) e como distribui a sua energia e seu tempo entre esses universos. Investigar como a religião do jovem evangélico interfere em suas relações com a escola de ensino médio e os saberes escolares. Compreender como o pertencimento à instituição religiosa regula e/ou influencia, e, ainda, amplia/restringe referencias e indica caminhos para “ser jovem”.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**
Segundo o(a) pesquisador(a), os riscos da pesquisa são:
"Riscos:
A probabilidade de ocorrência de um evento desfavorável é mínima, uma vez que os procedimentos utilizados na pesquisa será a coleta via observação direta e entrevista semiestruturada, ocorrendo apenas o risco de uma inferência ou julgamento subjetivo. Além do baixo risco, o sujeito da pesquisa está disponível para se retirar do estudo a qualquer momento da entrevista sem precisar apresentar uma justificativa. Benefícios: Os benefícios diretos ao participante do estudo estão relacionados ao autoconhecimento e reflexão sobre suas ações quando entrevistado. Os benefícios indiretos estão na colaboração em termos de produção do conhecimento na área da educação, que carece de estudos que discutam a relação dos jovens com a escola e com a religião."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**
Este protocolo se refere ao Projeto de Pesquisa intitulado “ Jovens evangélicos e a escola de ensino médio”, de Ana Beatriz Gasquez Porelli.Segundo as Informações Básicas do Projeto, a pesquisa tem orçamento estimado em R$ 2.450,00. O cronograma apresentado contempla a coleta de dados que se iniciará em agosto de 2019 Serão abordados, ao todo 08 participantes, todos alunos evangélicos de uma determinada instituição de ensino médio do Estado de São Paulo.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**
Foram analisados os seguintes documentos de apresentação obrigatória:
- Folha de Rosto Para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos:
Devidamente preenchida e assinada
- Projeto de Pesquisa:

Continuação do Parecer: 3.458.452

Refeito de acordo com a lista de inadequações
- Orçamento financeiro e fontes de financiamento:
Adequado
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:
Adequado, favor ver lista de recomendações para correção de 1 palavra
-Termo de Assentimento e Livre Esclarecimento
Adequado
- Currículo do pesquisador principal e demais colaboradores:
Os Currículos Lattes do pesquisador principal está anexo e disponível
- Autorização da Escola onde se realizará a pesquisa
Adequado
- Guia(protocolo) de entrevista
Adequado

**Recomendações:**

Recomenda-se no "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" substituir a expressão "Rubrica do participante" por "Rubrica do responsável"

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A Pesquisa está aprovada e pode ser realizada. Favor olhar o campo recomendações.

A partir desse momento o protocolo já possui um CAAE. Lembrar de inseri-lo no TCLE antes de iniciar a pesquisa. Do contrário, o pesquisador não terá informado dados suficientes para que os participantes possam conferir o status deste protocolo junto à Plataforma Brasil.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

- Vale lembrar que a interação com os participantes de pesquisa só pode ser iniciada a partir da aprovação desse protocolo no CEP. Os cronogramas de geração/coleta de dados deve acompanhar os relatórios parcial e final de pesquisa

- Cabe enfatizar que, segundo a Resolução CNS 510/16, Art.28 Inciso IV, o pesquisador é responsável por "(...) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu

consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável).

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa.

- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

- Caso a pesquisa seja realizada ou dependa de dados a serem observados/coletados em uma instituição (ex. empresas, escolas, ONGs, entre outros), essa aprovação não dispensa a autorização dos responsáveis. Caso não conste no protocolo no momento desta aprovação, estas autorizações devem ser submetidas ao CEP em forma de notificação antes do início da pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|---|---|---|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1306005.pdf | 09/07/2019 22:05:08 | | Aceito |
| Recurso Anexado pelo Pesquisador | CartaaoCEP.pdf | 09/07/2019 22:04:49 | ana beatriz gasquez porelli | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | projetocomitetica.pdf | 09/07/2019 22:00:30 | ana beatriz gasquez porelli | Aceito |
| Parecer Anterior | PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_3426403.pdf | 09/07/2019 21:53:45 | ana beatriz gasquez porelli | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf | 09/07/2019 21:51:25 | ana beatriz gasquez porelli | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TALE.pdf | 09/07/2019 21:51:04 | ana beatriz gasquez porelli | Aceito |
| Outros | img007.jpg | 09/06/2019 20:01:44 | ana beatriz gasquez porelli | Aceito |
| Outros | guiaentrevista.pdf | 09/06/2019 19:56:07 | ana beatriz gasquez porelli | Aceito |

Continuação do Parecer: 3.458.452

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | autorizacaoescolapesquisada.pdf | 08/06/2019 21:19:03 | ana beatriz gasquez porelli | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaderosto.pdf | 08/06/2019 21:17:33 | ana beatriz gasquez porelli | Aceito |

**Situação do Parecer:**
Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**
Não

CAMPINAS, 17 de Julho de 2019

**Assinado por:**
**Thiago Motta Sampaio**
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Betrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.
**Bairro:** Cidade Universitária "Zeferino Vaz" **CEP:** 13.083-865
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS
**Telefone:** (19)3521-6836 **E-mail:** cepchs@unicamp.br